



**Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada**

Programa de Doutoramento em História Contemporânea

Tese de Doutoramento

**Os Movimentos Religiosos Africanos e a Luta Anti-colonial  
na África Austral - O caso do Tocoísmo em  
Angola(1949-1975)**

Fernando Hélder Panzo Macaia

Orientador(es) | Helder Adegar FONSECA

Évora 2020

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada**

Programa de Doutoramento em História Contemporânea

Tese de Doutoramento

**Os Movimentos Religiosos Africanos e a Luta Anti-colonial  
na África Austral - O caso do Tocoísmo em  
Angola(1949-1975)**

Fernando Hélder Panzo Macaia

Orientador(es) | Helder Adegar FONSECA

Évora 2020

---

---

---

---



O tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | Maria de Fátima Nunes (Universidade de Évora)

Vogais | Ana Paula Ribeiro Tavares (Universidade de Lisboa)  
Fernando Manuel Tavares Martins Pimenta (Universidade de Coimbra)  
Helder Adegar FONSECA (Universidade de Évora) (Orientador)  
Josep Sanchez Cervello (Universidade Rovira i Virgili – Tarragona)

## **DEDICATÓRIA**

À minha família, em especial à minha esposa, filha e irmão.

Muito obrigado pelo amor, carinho e apoio prestados.



## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é fruto dos esforços de muitas pessoas – familiares, amigos, professores e muitos outros profissionais – a todos os meus sinceros votos de agradecimentos. De forma especial agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Helder Adegar Fonseca, Catedrático da Universidade de Évora, que com a sua sábia orientação e dedicação tornou possível a conclusão do mesmo. Agradecimento ao conjunto do corpo docente, especialmente do Departamento de História e do Centro de Investigação em Ciência Política (Universidade de Évora). Os agradecimentos são extensivos aos colegas de Doutoramento ao IIFA (UE) pelo acolhimento.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), do Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), da Biblioteca Municipal de Odivelas em Lisboa e da Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais (Lisboa).

O meu agradecimento vai também ao Instituto Superior de Ciências de Educação do Uíge, na pessoa do Director Geral Domingos Kimpolo Nzau, pela oportunidade que me deu para terminar este trabalho.

Agradeço ainda os meus colegas do ISCED (Uíge), em especial os da Área Académica pelo apoio prestado.

## RESUMO

Este é um estudo histórico sobre o Nacionalismo Religioso Africano centrado em Simão Toco e no Tocoísmo. Com base nos fundos documentais coloniais, procuramos restituir a trajectória de Simão Toco, a organização e expansão do Tocoísmo, e as suas interacções com o Nacionalismo Político Angolano e os movimentos de libertação no período compreendido entre 1949 e 1975.

Para cumprir o desiderato acima exposto, o alicerce deste trabalho tem no essencial fontes primárias, provenientes de três fundos, reunidos no âmbito do Ministério do Ultramar (Arquivo Histórico Diplomático; PIDE-ANTT e SCCIA). No seu conjunto, estes fundos proporcionaram informações diversas, proveniente de correspondência, informes, relatórios militares/policiais, administrativos, religiosos e estudos encomendados pela Administração colonial.

Mas, talvez a sua componente mais importante pela sua abundância e variedade, são os “documentos tocoístas”, num abundante e variado conjunto de peças (*correspondências, relatos, manuais de catequese...*), produzidas por membros do movimento no âmbito das atividades da Igreja, apreendidas pela PIDE ou outros serviços coloniais e que estão dispersos pelos vários fundos acima referidos. A distinção no *corpus* documental entre os documentos coloniais e os documentos tocoístas e a triangulação da informação nelas contidas proporcionou a construção de uma narrativa polifónica e mais complexa sobre a trajectória histórica de Simão Toco e do Tocoísmo na emergência, evolução expressão das formas e soluções do Nacionalismo Angolano.

Palavras Chave: Simão Toco, Tocoísmo, Igrejas Sincréticas Africanas; Nacionalismo Religioso Angolano.

## ABSTRACT

### *African Religious Movements and the Anti-Colonial Fight in Southern Africa - The Case of Tocoism in Angola (1949-1975)*

This is a historical study of the African Religious Nationalism centered on Simão Toco and Tocoism. Based on colonial documentary funds, we seek to restore the trajectory of Simão Toco, the organization and expansion of Tocoism, and his interactions with Angolan political nationalism and liberation movements in the period between 1949 and 1975.

In order to attain the above-mentioned goal, the foundation of this work has essentially primary sources, from three funds, gathered under the Ministry of Overseas Territories (Diplomatic Historical Archive; PIDE - ANTT and SCCIA). As a whole, these funds provided innumerable information, from correspondences, reports, military/police, administrative and religious reports and studies commissioned by the colonial administration.

However, perhaps the most important component, due to its abundance, the "Tocoist documents" are in a varied set of pieces such as correspondence, reports, catechetical manuals etc. produced by the members of the movement within the scope of the Church's activities, seized by the PIDE or other colonial services which are dispersed through the various funds mentioned above. The distinction in the corpus of documents between the colonial and tocoist documents and the triangulation of the information contained therein provided the construction of a more complex and polyphonic narrative on the historical trajectory of Simão Toco and Tocoism in the emergence, evolution and expression of forms and solutions of the Angolan Nationalism.

Keywords: Simão Toco, Tocoism, African Syncretic Churches; Angolan Religious Nationalism.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

ABAKO - *Alliance des Bakongo*

ALIAZO - *Aliança dos Emigrantes do Zombo*

AMANGOLA – *Amigos do Manifesto Angolano*

ANANGOLA - *Associação dos Naturais de Angola*

ANTT - *Arquivos Nacionais Torre do Tombo*

ASOMIZO - *Association Mutuelle des Ressortissants de Zombo*

ASN - *Fundo António Soares Carneiro*

BMS – *Sociedade Missionária Batista*

F.A.A. – *Forças Armadas de Angola*

FAP – *Força Aérea Portuguesa*

FNLA – *Frente Nacional de Libertação de Angola*

FLN - *Frente Nacional de Libertação (Argélia)*

FUA – *Frente Unida de Angola*

GCE-MGFA - *Gabinete do Comandante do Estado Maior General das Forças Armadas*

GRAE – *Governo Revolucionário de Angola no Exílio*

ISCED – *Instituto Superior de Ciências de Educação*

JDDA - *Junta de Defesa dos Direitos de África*

JSN - *Junta de Salvação Nacional*

JUPA - *Juventude da União das Populações de Angola*

MDIA - *Movimento de Defesa dos Interesses de Angola*

MINA - *Movimento para a Independência Nacional de Angola*

MLNA – *Movimento de Libertação Nacional de Angola*

MPLA - *Movimento Popular de Libertação de Angola*

NGWIZAKO - *Associação dos Congolezes de Expressão Portuguesa*

OSA – *Organização Socialista de Angola*

PCA - *Partido Comunista Angolano*

PCP – *Partido Comunista Português*

PCDA – *Partido Cristão Democrático Angolano*

PDA - *Partido Democrático Angolano*

PIDE/DGS – *Polícia Internacional e de Defesa do Estado/Direcção Geral de Segurança*

P.S.P – *Polícia de Segurança Pública*

SCCIA - *Serviços Centrais e de Coordenação de Informação de Angola*

SCCIM - *Serviços Centrais e de Coordenação de Informação de Moçambique*

*s.d. – Sem Data*

UNIA - *Associação Universal para o Progresso dos Negros*

UNITA – *União Nacional para a Independência Total de Angola*

UPA - *União das Populações de Angola*

UPNA - *União das Populações do Norte de Angola*

## ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Ilustração n.º 01 – Fotografia de Simão Toco (1974) .....	33
Ilustração n.º 02 – Os Céus e o Cosmos – Por Simão Toco .....	48
Ilustração n.º 03 – Ritos Tocoístas: A Cruz Tocoísta e o Cerimonial do Culto.....	56
Ilustração n.º 04 – Ritos Tocoístas: Cerimonial de Batismo .....	59
Ilustração n.º 05 – Ritos Tocoístas: Cerimonial da Santa Ceia .....	62
Ilustração n.º 06 – Ritos Tocoístas: Cerimonial de Casamento .....	64
Ilustração n.º 07 – Traje dos Tocoístas: Vale do Loge (1950?) .....	66
Ilustração n.º 08 – Simbologia Tocoísta: Evolução da Estrela – julho-agosto de 1959 .....	67
Ilustração n.º 09 - Esboço de Angola – Expansão do Tocoísmo – 1965 .....	83
Ilustração n.º 10 - Desenho de Croquis de Catete – Por Simão Toco .....	136

## ÍNDICE

<b>DEDICATÓRIA .....</b>	<b>III</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>IV</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>V</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>VI</b>
<b>SIGLAS E ABREVIATURAS.....</b>	<b>VII</b>
<b>ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES .....</b>	<b>IX</b>
<b>ÍNDICE .....</b>	<b>X</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I - O TOCOÍSMO E AS RELIGIÕES AFRICANAS COMO FENÓMENO POLÍTICO: ESTADO DA QUESTÃO E PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>16</b>
1. O ESTADO DA QUESTÃO.....	16
2. PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO: METODOLOGIA E FONTES .....	24
<b>CAPÍTULO II - A HISTÓRIA DE SIMÃO TOCO E A FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO TOCOÍSTA .</b>	<b>29</b>
1. SIMÃO TOCO: PERCURSO RELIGIOSO E POLÍTICO DO FUNDADOR DO TOCOÍSMO E UMA EXPERIÊNCIA TRANS- IMPERIAL (1918-1974) .....	30
2. A FUNDAÇÃO DA IGREJA DE “NOSSO SENHOR JESUS CRISTO NO MUNDO – O TOCOÍSMO”.....	39
3. O Credo TOCOÍSTA E AS BASES DOUTRINÁRIAS, PRECEITOS E ENSINAMENTOS .....	47
<b>CAPÍTULO III – A INSTALAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E EXPANSÃO DO TOCOÍSMO EM ANGOLA E AS RELAÇÕES COM A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL .....</b>	<b>70</b>
1. O VALE DO LOGE (BEMBE): A PRIMEIRA SEDE DA IGREJA TOCOÍSTA (1950-1952).....	70
2. A DISPERSÃO FORÇADA E A DIFUSÃO TOCOÍSTA EM ANGOLA (1950-1965): A FORMAÇÃO DE UMA “IGREJA” COM EXPRESSÃO “NACIONAL” .....	78
Os TOCOÍSTAS NO UÍGE.....	84
Os TOCOÍSTAS EM LUANDA.....	95
Os TOCOÍSTAS NO ZAIRE .....	102
Os TOCOÍSTAS NA HUÍLA .....	104
Os TOCOÍSTAS NA ZONA DE BENGUELA .....	112
Os TOCOÍSTAS NA ÁREA DE MOÇÂMEDES .....	123
Os TOCOÍSTAS EM DISPERSÃO PELO PLANALTO.....	126
3. A REORGANIZAÇÃO DA IGREJA TOCOÍSTA: A CRIAÇÃO DO CENTRO DOUTRINÁRIO DO MOVIMENTO E A “TERRA SANTA”. ORGANIZAÇÃO E HIERARQUIA.....	134
4. O LEVANTAMENTO DE 1961 E A DEPORTAÇÃO DE SIMÃO TOCO PARA OS AÇORES. O EXÍLIO COMO “EXPERIÊNCIA TRANS-IMPERIAL” (1963-1974). .....	153
<b>CAPÍTULO IV – O TOCOÍSMO, O NACIONALISMO, OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO E A QUESTÃO DA COOPERAÇÃO COLONIAL. ....</b>	<b>174</b>
1. O KONGO: ALFOBRE DO NACIONALISMO RELIGIOSO E POLÍTICO ANGOLANO.....	175
2. O TOCOÍSMO, A UPA/FNLA, A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL E A LUTA PELO CONTROLO DO NORTE DE ANGOLA (1961-1963).....	186
3. O REGRESSO DE SIMÃO TOCO EM ANGOLA (1974) E A PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA.....	201
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>217</b>

<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>222</b>
I. FONTES.....	222
A. ARQUIVO HISTÓRICO DIPLOMÁTICO .....	222
B. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (PIDE/DGS E SCCIA) .....	222
C. ADN (GCE-MGFA):.....	223
D. PUBLICAÇÕES TOCOÍSTAS .....	223
E. PERIÓDICOS .....	223
F. OUTRAS FONTES.....	223
G. REFERÊNCIAS.....	224
<b>ANEXOS.....</b>	<b>227</b>
ANEXO N.º 01: ARRÊTÉ N.º 455/U. CONT. ....	228
ANEXO N.º 02 – SÚRETÉ DO CONGO BELGA (25.11.1956).....	231
ANEXO N.º 03 – SIMÃO TOCO PREGA AMAR PORTUGAL .....	232
ANEXO N.º 04: CORRESPONDÊNCIAS TOCOÍSTAS EM KIKONGO (1973) .....	233
ANEXO N.º 05: SOBRE A PAZ ENTRE OS IRMÃOS (1974) .....	234
ANEXO N.º 06: TABELA DE DISTRITOS DE ANGOLA SOB INFLUÊNCIA TOCOÍSTA (1965) .....	235
ANEXO N.º 07: REUNIFICAR OS CRISTÃOS (1974) .....	237
ANEXO N.º 08 : AUTORIZAÇÃO DO CULTO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL (1974).....	238
ANEXO N.º 09 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....	239
NOME COMPLETO: SANSÃO CARLOS SEBASTIÃO NATURALIDADE: MAQUELA DO ZOMBO/UÍGE .....	240
NOME COMPLETO: JOÃO DANIEL[MANO JOÃO DANIEL] NATURALIDADE: MAQUELA DO ZOMBO/UÍGE....	244
NOME COMPLETO. DOMINGOS VIENGA NATURALIDADE: MAQUELA DO ZOMBO/UÍGE .....	248
NOME COMPLETO: AFONSO LUZITO NATURALIDADE: MAQUELA DO ZOMBO/UÍGE.....	254
NOME COMPLETO: ALMEIDA IMA NATURALIDADE: MAQUELA DO ZOMBO/UÍGE .....	260



## INTRODUÇÃO

O estudo histórico dos fenómenos de nacionalismo religioso ainda ocupa um lugar marginal na historiografia do nacionalismo angolano. Com o tema “*Os Movimentos Religiosos Africanos e a Luta Anti-colonial na África Austral: O Caso do Tocoísmo em Angola (1949-1975)*”, procuramos explorar e aprofundar tal matéria. O Tocoísmo, ou a Igreja Tocoísta, como se popularizou e institucionalizou, conheceu, na fase de emergência, várias designações como *Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, Estrela Vermelha (Etoile Rouge), Ebundu dia Mfumu Eto Yeso Klisto, N’zambi a Simão, N’zambi a M’Papa, N’tongo-Tsa, Kielo e M’banda*. Para este estudo ficaremos com a designação de Tocoísmo ou Igreja Tocoísta.

Não querendo entrar no debate sobre as designações atribuídas a Igreja, importa dizer que entre as várias acima apresentadas, o termo *M’papa* é aquele que oferece maior polissemia. Alguns investigadores reconhecem o sentido que lhe é atribuído por membros daquele movimento identificando-os pelo uso de chinelas (*ma-m’papa*, e no singular *m’papa*, em kikongo). Para outros, o termo significa *espírito novo*, entendendo-se como algo que voa. Para esta corrente, *N’zambi a M’papu* passaria a ser entendido ou significaria *Deus Novo*. Para melhor compreensão das várias denominações que a Igreja possui, é necessário sublinharmos que ao próprio líder são associadas várias formas de tratamento, como *Simão Gonçalves Toco, Mayamona, Senhor Professor, Dirigente, Profeta, Pastor e Papá*<sup>1</sup>. Este último termo pode ter derivado não só de *M’papa*, mas também de *pai* (SANTOS, 1972, 25).

Todavia, parece-nos que o significado mais próximo da intenção dos Tocoístas deve ser o de considerar “*M’papa*” como *espírito novo: N’zambi a M’papa – Deus Novo*, porque atendendo ao tipo de pregação que foi possível estudar, acabamos por entender que os Tocoístas sempre esperaram a vinda de um “*Deus Novo/Jesus*” negro africano, que substituiria a ordem antiga por uma ordem nova, que viria salvar a raça negra do jugo colonial (SANTOS, 1972, 25).

---

<sup>1</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: fls. 669-680: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

Uma questão que interessa aprofundar é o da religião do Tocoísmo como religião africana (angolana), quer na sua hipotética expressão de um emergente nacionalismo religioso quer na relação com o nacionalismo político angolano. Os estudos até hoje realizados a nível do processo de luta de emancipação de Angola, enfatizaram muito mais o papel dos movimentos de libertação de natureza política revolucionária e marginalizaram o papel do nacionalismo religioso e das outras forças da sociedade que ao mesmo tempo em que se desenvolvia o nacionalismo político, também elas se mostraram como elementos chave, naquilo a que vamos denominar como subversão às leis das autoridades coloniais (PIMENTA, 2008, 33-37).

Como notou a antropóloga Margarida Paredes, “*o papel da cultura religiosa na Luta de Libertação em Angola foi um campo de estudo marginal no âmbito do movimento independentista MPLA, conotado com a ideologia socialista e marxista até autores como Pélissier, Marcum, Messiant, Péclard e Schubert revelarem o papel das igrejas durante o colonialismo*” (PAREDES, 2011, 11-26). Todavia, alguns estudiosos enfatizaram em particular o papel das igrejas cristãs, como escreveu o cientista político Didier Péclard “*The history of Angolan nationalism, like that of nationalism in many African countries, is closely tied to the history of Christian churches and missions*” (PECLARD, 1998, 160-186).

Mas em outras regiões de África já se desenvolviam estes estudos como foi o caso da Escola Historiográfica da Tanzânia, que abordou a questão “*concern ed with messianic movements, witchcraft and the history often African churches. Primary resistance (and particularly post-pacification resistance) was often expressed in messianic movements; and religious upheavals often marked the first adjustment to colonial authority. Later on, church groups including breakaway and independent African churches often became the centres for new philosophies concerning the African’s place in the new world. These churches also provided new institutions in which people could exercise leadership*” (DENOON & KUPER, 1970, 332).

A possibilidade que aqui exploramos é a de que, ao mesmo tempo que se desenvolvia o nacionalismo político, emergiu também um nacionalismo religioso de que o Tocoísmo terá sido talvez a expressão mais forte em Angola, ainda que, orientado mais para uma revolução pacifista

do que uma revolução armada.

Para o efeito, o angolano para os Tocoístas não deveria ser apenas o negro ou nativo, mas todo aquele que mesmo de tez diferente tivesse nascido em Angola e, sobretudo, demonstrasse amor por Angola e aceitasse o seu conjunto de povos e as culturas diferenciadas que cada um representava. No ideário de Simão Toco, existiu a ideia de criar uma Angola multirracial, por isso em alguns momentos assistimos a presença de gente de cor branca a frequentar a Igreja Tocoísta.

Assim, queremos compreender a partir desta investigação, de que forma Simão Toco e o Tocoísmo constituíram a sua identidade religioso-política e se fizeram parte do movimento nacionalista, da luta anti-colonial e independentista. Exploramos a possibilidade de os Tocoístas terem adquirido identidade suficiente para promover e levar a cabo ideias para a descolonização/independência, fruto do tratamento que lhes foi dado pelas autoridades coloniais desde o ano de 1950, quando chegaram em Angola, expulsos pelas autoridades belgas acusados de obstruírem a ordem e a tranquilidade social.

O estudo centrou-se na figura de Simão Gonçalves Toco, no Tocoísmo, nos Movimentos anticoloniais e no nacionalismo no espaço colonial português. Isto porque a emergência das Igrejas Profético-messiânicas está ligada à colonização europeia do continente negro.

O estudo organiza-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo fizemos uma revisão da literatura dedicada a Simão Toco e ao Tocoísmo e apresentamos o guião desta investigação e as suas fontes. O segundo capítulo é dedicado à emergência de Simão Toco como Profeta e a formação da Igreja Tocoísta e as suas bases doutrinárias e ideológicas. No terceiro capítulo reconstituimos a expansão e organização desta Igreja em Angola no período compreendido entre 1950 a 1975. O quarto capítulo trata das relações de Simão Toco e do Tocoísmo com os movimentos nacionalistas e a Administração Colonial no mesmo período.

Mais do que antecipar uma interpretação ou tese essencialista, o estudo tem um caráter exploratório e construtivista, mostrando a evolução de Simão Toco e do Tocoísmo quer do ponto de vista do líder religioso, da sua Igreja e das suas relações no contexto da sua longa era de libertação nacional.

# CAPÍTULO I - O TOCOÍSMO E AS RELIGIÕES AFRICANAS COMO FENÓMENO POLÍTICO: ESTADO DA QUESTÃO E PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO

## 1. O Estado da Questão

Os estudos e o interesse pelo conhecimento do movimento Tocoísta são bastante precoces. O primeiro autor a fazer menção expressa da actividade de Simão Toco como um dos chefes dos movimentos messiânicos do Kongo<sup>2</sup>, foi talvez Jean Comhaire, num artigo dedicado às *Sociétés Secrètes et Mouvements Prophétiques au Congo Belge*, publicado em 1955: na conclusão o autor referiu serem “*les deux grandes sectes d’inspiration chrétienne, le kimbanguisme et le kitamala, qui semblent se maintenir le plus solidement. L’afflux constant à Léopoldville d’éléments frais émoulus de la brousse y renouvelle sans cesse le problème de l’évolution, situation exploitée par des prophètes Bola Managa, interné comme aliéné pendant la guerre, Goma Alasa, qui en 1950, prétendit être Kimbangu ressuscité, et Toco Simon, noir d’Angola expulsé la même année*”. O autor estabelece uma conexão mais directa entre Simon Kimbangu, o Tocoísmo e Simão Toco. No que diz respeito aos elementos da *Kitamala* ficamos, a saber, que mais tarde Simão Toco cortou todas as relações com aquele movimento (COMHAIRE, 1955, 58) (ESTERMANN, 1965, 4-8).

Também os estudos coloniais portugueses interessaram-se pelo Profeta e o trabalho pioneiro foi provavelmente o de António da Silva Cunha, publicado em 1959, e realizado no contexto das Ciências Políticas e Sociais Ultramarinas. Em *Aspectos dos Movimentos Associativos da África Negra*, Cunha classificou o Tocoísmo como sendo “*claramente xenófobo. Tinha por fim subtrair os negros ao governo estrangeiro quer civil, quer religioso. Simão Toco é inimigo do Estado e dos seus funcionários, dos médicos, dos missionários católicos e protestantes e de todos aqueles que trabalham com eles*” (CUNHA,

---

<sup>2</sup> A terminologia Kongo, foi adotada para designar o conjunto do território que corresponde ao antigo espaço que em outras literaturas é designado de Reino do Kongo, do qual faziam parte os territórios que hoje dizem respeito a República Congo (Brazzaville), República Democrática do Congo e Angola (zona Norte).

1959, 29).

Das contribuições da “escola colonial” merece também referência o estudo que o Padre António da Silva Rego<sup>3</sup>, dedicou aos movimentos sincréticos angolanos. Neste estudo o autor examinou o conjunto dos movimentos messiânicos, que tiveram influência em Angola, desde os anos 20/30 do século XX, nomeadamente os liderados por Simon Kimbangu, Simon M’padi, Simão Toco, Simon Lassy e Andrew G. Matswa, todos eles sendo profetas bakongu que emergiram nos Kongo Belga, Francês e Português, e que constituíram a base da “*major African religious sect*” da região, partilhando tanto a ambição de construir uma “*black African Church*” como a condução no sentido de restabelecer as “*national borders of the old Kongo Kingdom*”, ou seja, de um certo nacionalismo congolês (REGO, 1970, 43).

No plano ideológico, a “doutrina” de Simão Toco pareceu-lhe “meio política e meio religiosa”, razão pela qual ficou a partir de 1950 sobre a vigilância permanente das autoridades portuguesas, que lhe foram fixando residência, a partir de 10 de janeiro de 1950 no Bembe (Carmona), Caconda (1950-1952), Jau e Cassinga (Huíla 1952-55), Ponta Albina e Porto Alexandre (1955) (REGO, 1970, 30-31).

O ensaio que Eduardo dos Santos dedicou aos *Movimentos Proféticos e Mágicos em Angola* está focado nas religiões cristãs. No seu estudo começou por abordar, primeiro as origens ou causas do surgimento daqueles movimentos em África, assinalando, para os movimentos sincréticos vários factores. Para Santos, tal emergência, deve-se ao “*facto do sofrimento de grupo social, em segundo, ao mito ou à crença messiânica, em terceiro, e por fim ao aparecimento de um líder carismático e à actividade do grupo sob o comando do líder, praticando as técnicas sagradas em ordem à mudança das condições penosas da vida*”. Na perspetiva deste autor, a crença e o movimento transformaram-se em seita e esta é “*caracterizada pela rutura com o resto do mundo e pelo imobilismo, fazendo com que o profetismo passe da*

---

<sup>3</sup> Professor da Escola Superior Colonial, onde regeu as cadeiras de “Colonização Moderna” e “Missionação” Posteriormente, foi o Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (ISEU – 1954); depois Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina (ISCSPU 1962) e, finalmente, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (1976).

*revolução à conservação*” (SANTOS, 1972, 18).

Na primeira geração de historiadores que se interessou por Simão Toco e o Tocoísmo destacou-se René Pélissier que, em *La Colonie du Minotaure, Nationalismes et Révoltes en Angola, 1926/1961*, dedicou parte substancial de um capítulo à história de Simão Toco e do Tocoísmo. Passando em revista a literatura dedicada aos movimentos religiosos angolanos, “*diversement qualifiés de prophétiques, messianiques, millénaristes, nativistes, syncrétiques, séparatistes, etc*”, o autor notou a tendência para apresentar o Tocoísmo como um fenómeno religioso e sociológico importante com “*un potentiel subversif considérable. Dé la à voir en eux les auxiliaires ou les instigateurs des révoltes de 1961, la marge est faible*” (PÉLISSIER, 1978, 159-190).

Pélissier distanciou-se desta perspectiva com base as fontes da administração colonial, sobretudo, através dos dados obtidos do 3º recenseamento geral da população de 1960 e procurou mostrar que Angola nas vésperas de 1961, longe de ser uma “*terre de schismatiques influents*”, era, pelo contrário, “*étrangement calme ou indifférent sur le plan de la contestation spirituelle*”, e, em geral, os novos movimentos religiosos como o “*Lassismo*”, Seita “*Nzambi Kungulu*”, “*Dieudonné*” “*Grupo Espírito Santo*”, não só tinham uma implantação e audiência muito restritas (Lassismo e o Dieudonné), ou nem sequer tinham bases sólidas ou visíveis (Grupo Espírito Santo) como também, no plano político, tiveram uma posição e conduta muito ambíguas (PÉLISSIER, 1978, 160).

Para Pélissier, os tocoístas eram “*des Africains exceptionnellement travailleurs, mais des hérétiques*” e o Tocoísmo, sendo a “*première église nationale créé par et pour des Angolais, avant de devenir le bouc émissaire de gens mal informés*”, nunca ultrapassou os 20.000 membros em 10 anos (1950-61), o que era pouco para uma “*église se voulant nationale*”. Além disso, em matéria de nacionalismo, a seita tinha uma posição ambígua, e sobre o seu papel político concreto, o autor classificou-o de “*double*” e “*controversée*”. Sendo provável que alguns tocoístas se tenham juntado à acção política nacionalista antes de 1961, tê-lo-ão feito a título individual, enquanto o profeta Toco leu o

levantamento da UPA, em março de 1961, como um acto terrorista, considerou a UPA como uma “escola de terroristas”. E em 1962, colaborou com as autoridades coloniais portuguesas no sentido de fazer regressar as populações refugiadas no Congo Léopoldville. Todavia, com a sua posterior deportação para os Açores, a elite tocoísta (os quadros da igreja) permaneceu inquieta e foi “*abusivement*” considerada como “terrorista” (pelo poder colonial), perseguida e sujeita a deportação. Por isso, e “*en conclusion, malgré toutes les restrictions apportées, le tocoïsme occupé une place central dans la révolte métaphysique, car il maintient contre le temps, les persécutions et les déviations, une certaine résilience et une spécificité angolaise que n’offre aucun autre mouvement syncretique connu avant 1961*” (PÉLISSIER, 1978, 180).

Em “*Simão Toco: An Angolan Prophet*” o investigador e Pastor Protestante Grenfeel, oferece uma narrativa total sobre o trajeto de Simão Toco e do Tocoísmo e sem explicitar as fontes sugeriu que “*during de war of Independence, the Toco people see to have remained uninvolved*”, reclamando sempre a sua orientação pacifista e recusando as várias tentativas “*the part of the nationalist to force them to support the war*”. O autor traça o trajeto de Simão Toco, desde a aldeia do seu nascimento, destacando a sua condição de aluno brilhante, a integração na Sociedade Missionária Baptista e a sua seguinte partida para o Congo Léopoldville, onde, em 1944, organizou uma associação voluntária, principalmente formada por pessoas Zombo expatriadas em Kinshasa, a qual foi conhecida com o nome de *N’kentu N’simbani* (solidariedade) (GRENFEEL, 1998, 220) que se dedicou a prestar apoios as diversidades atividades em prol de Angola.

Em outra vertente, Joaquim Albino Kisela em “*Simão Toco: A Trajectória de um Homem de Paz*”, explorou biograficamente Simão Toco como Profeta numa perspetiva mais religiosa e cultural fazendo uma análise mais focada na Luz Divina de que tanto carecia África, que era o principal pressuposto para que os povos do continente negro pudessem exprimir-se e fazer ouvir as suas vozes na batalha espiritual iniciada por profetas que antecederam Simão. Nesta



abordagem culturalista, Toco é apresentado como o grande organizador desta corrente espiritual africana, seja no método, na imagem, na estrutura e na missão; como o homem iluminado, dirigente, mestre e profeta que se propôs, ao longo de décadas, ensinar pelo ministério, a Bíblia aos seus fiéis (KISELA, 2004, 65).

Para Blanes, Simão Toco e o Tocoísmo, para além dos seus laços ao profetismo africano (bakongu) e ao cristianismo, das particularidades do seu desenvolvimento ideológico como igreja ou movimento religioso, e das suas práticas, eles transcenderam a barreira étnica e transformaram-se num “fenómeno angolano”, associado ao movimento nacionalista e ao processo de libertação e independência. A mensagem de emancipação político-espiritual de Simão Toco revestiu-se de um conceito reformista de “relembança”, que rejeitou a versão “branca”, “colonial” e “europeia” do cristianismo e procurou regressar a uma versão “original” (portanto não hierarquizada e opressora) da fé cristã. O resultado, tal como na Igreja Kimbanguista, foi o de um movimento religioso ideologicamente conservador, que rejeitou tanto o cristianismo colonial como a tradição africana de bruxaria e apelou a uma ação contra o *status quo* (BLANES, 2009, 117) (BLANES, , 2010, 10).

Os primeiros estudos tornados públicos tiveram como bases as investigações levadas a cabo pela Junta do Ultramar, trabalhos etnográficos e entrevistas a pessoas ligadas ou não ao Tocoísmo. Numa segunda fase, os estudiosos passaram a fazer uma interpretação daqueles estudos, ou seja, usaram aquelas publicações, trabalhos de campo e algumas vezes usaram relatórios das autoridades administrativas e religiosas do Congo Léopoldville<sup>4</sup> e puderam assim fazer uma releitura da história de Simão Toco e do Tocoísmo. Os documentos base de muitos destes trabalhos de campo não os conhecemos e muitos menos tivemos acesso aos mesmos.

Dois outros estudos mais recentemente são claramente alicerçados em fontes primárias,

---

<sup>4</sup> Refere-se a atual República do Congo Democrático, que já teve várias designações ao longo dos tempos. Desde Congo Léopoldville, Congo Belga, Congo Kinshasa, República do Zaire, etc. Neste estudo iremos adotar o termo Congo Léopoldville e outros momentos apenas Congo, para nos referirmos ao território que hoje corresponde a República Democrática do Congo.

nomeadamente do Arquivo da PIDE (ANTI), como a da Cléria de Lourdes Ferreira, escreveu que em Angola, a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo (INSJCM), intitulada como Tocoísta, foi criada por Simão Gonçalves Toco a partir da concepção religiosa que compreendeu das missões protestantes da Igreja Baptista, onde esta, com sua catequese baseada nas Leituras Sagradas, facultou aos angolanos o conhecimento da máxima do cristianismo: “Levai o Evangelho a toda criatura para que tenham vida em abundância”. A literacia bíblica despertou nos novos cristãos, a consciência da não obrigatoriedade de serem sacrificados pelos rigores coloniais como também de não carregarem o fardo do trabalho forçado como predestinação. Tal como a Igreja Tocoísta compreende-se que a essência dos “movimentos” religiosos contemporâneos, foram, conforme descreve Terence O. Ranger, de “mudança espiritual e social, criadores de comunidades novas capazes de enfrentar os desafios do mundo moderno”, sem, contudo, perderem os valores da cultura da qual faziam parte (FERREIRA, 2012, 20).

Em “o papel da Igreja Africana” mostrou-se que o Tocoísmo emergiu como parte integrante das Igrejas Africanas sincréticas, definidas como aquelas que nos seus ritos e crenças incorporam elementos do cristianismo e também elementos da religião africana e fundam-se na crença da vinda de um messias anunciado por um profeta para restaurar a ordem que superaria a experiência de sofrimento dos povos.

Simão Toco e os membros do Tocoísmo propagaram a revolução pacifista em Angola, porque acreditavam que tinha chegado o profeta que anunciava mudanças sociais e o sonho de outro mundo possível, onde tanto a religião como a política do branco ficariam sob o domínio dos negros. Esta convicção ficou patente desde a oração que o próprio Simão Toco proferiu em 1946 na Conferência Protestante de Leopoldville onde pediu a presença do Espírito Santo em África. De igual modo, as canções, as orações e os trechos bíblicos usados durante o culto transmitiam a crença no fim do poder dos brancos em África. Assim, argumentou que a doutrina Tocoísta tinha um conteúdo religioso-político no seio do qual se articulava a construção de uma

igreja negro-africana com uma crítica à legislação colonial, que oprimia os africanos, e uma ideia nacionalista (autonomista), e tinha uma perspectiva para ação claramente orientada pelo princípio do pacifismo ou da mudança pacífica. Por ter uma mensagem em benefício da melhoria das condições sociais e de vida para os angolanos de origem africana e também, diga-se, por não ser entendido o objetivo dos seus ensinamentos pelas autoridades coloniais, estas o colocaram, desde cedo, sob apertada vigilância (MACAIA, 2014, 94).

Num balanço sobre o recente recrudescimento do interesse por este tópico de investigação transdisciplinar, o sociólogo americano Rogers Brubakers em “*Religion and Nationalism: four approaches*” identificou quatro formas distintas de estudar as conexões entre a religião e o nacionalismo: “*the first is to treat religion and nationalism, along with ethnicity and race, as analogous phenomena. The second is to specify ways in which religion helps explain things about nationalism – its origin, its power or its distinctive character in particular cases. The third is to treat religion as part of nationalism, and to specify modes of interpenetration and intertwining. The fourth is to posit a distinctively religious form of nationalism*” (BRUBAKERS, 2012, 3).

Neste estudo exploramos a terceira via, da religião como parte do nacionalismo, porque nacionalismo e religião podem designar um mundo inteiro de coisas que se relacionam entre si. Inspiramo-nos nesta perspectiva de Brubakers que aproxima o nacionalismo naquilo que é uma religião quase secular. O nacionalismo mobiliza uma emoção profunda e constrangedora que é essencialmente religiosa. Como nas religiões, o nacionalismo envolve fé em algum poder externo, sentimentos de temor e reverência, ritos e cerimónias, localizados em uma bandeira. Anthony Smith apresentou o nacionalismo como uma “religião nova” que ligou e entusiasmou colectivamente as pessoas. Para o autor, o “*nationalism is a religion both in a substantive sense, in so far as it entails a quest for a kind of this-worldly collective salvation*’, and in a functional sense, in so far as it involves a ‘*system of beliefs and practices that distinguishes the sacred from the profane and unites its adherents in a single moral community of the faithful*’. In this new religion – which both ‘parallels and

*competes with traditional religions' – authenticity is the functional equivalent of sanctity; patriotic heroes and national geniuses, who embody and exemplify such authenticity and sacrifice themselves for the community, are the equivalent of prophets and messiah-saviours; and posterity, in which their legendary deeds live on, is the equivalent of the afterlife” (SMITH, 1986, 123).*

Para a melhor compreensão do estudo que levamos a cabo, identificamos duas fases que se revelaram bastante importantes para esta pesquisa. A primeira fase corresponde aos anos de 1949-1963, período em que se fundou o movimento Tocoísta no Congo Léopoldville e posterior integração de Toco e dos membros do seu movimento em Angola, onde mesmo o líder fundador estando presente, dirigiu quase sempre o movimento através de mensagens escritas que enviava para os diversos cantos da província, uma vez que esteve sujeito a constantes transferências de residência; a segunda fase é aquela que compreende os anos de 1963-1975, período de desterro de Simão Toco para a Ilha dos Açores que termina com o seu regresso a Angola depois dos acontecimentos do 25 abril de 1974 em Portugal e que levaram a independência de Angola.

Este último período foi definido por Blanes de “liderança postal”, quando ele escreveu que *“in those years, given the limitations in terms of mobility and communication, “Papa” Toko started to exchange letters with his followers, where he gave and received news from family and friends and recommended biblical passages for inspiration, in what was to become, throughout the following decades of exile, a “postal leadership”. After a few years in Southern Angola, the Portuguese government acknowledged that its strategy was not working and decided to send the prophet into a second period of exile that was to last eleven years (from 1963 to 1974), this time in the distant Azores Islands, where again he was appointed as assistant to lighthouse keeper. Nevertheless, during this period this postal exchange grew exponentially into the thousands of letters, and was to become a fundamental historical source for the church. In those letters, Toko offered biblical lessons and recommendations regarding church organization that progressively became a corpus of Tokoist knowledge and memory” (BLANES, 2011, 104).*

Desta forma, a problemática do nacionalismo religioso constituiu-se como um grande

desafio de investigação, porque até recentemente os historiadores tendiam a ignorar a importância das igrejas no que toca ao seu papel na história da luta anti-colonial em África/Angola.

## **2. Perspetivas de Investigação: Metodologia e Fontes**

Este estudo vai mais no sentido de aprofundar a perspetiva do Tocoísmo como uma expressão do nacionalismo religioso. Neste trabalho definimos um arco temporal que vai de 1949-1975. Dentro deste marco, redefinimos duas outras fases, a primeira que se enquadra nos anos de 1949-1963, tendo como ponto de partida o ano que se deu a fundação do movimento Tocoísta e posterior expulsão de Simão Toco e dos Tocoístas do Congo Léopoldville para Angola, dando início a fase de expansão no território da antiga província ultramarina e que veio a coincidir também com a presença do líder religioso. A segunda fase que nós identificamos é a que vai do ano de 1963-1975, que abriu com a deportação de Simão Toco para a Ilha dos Açores dando início ao que Blanes definiu como período de “liderança postal”, pois que, em Angola, o Tocoísmo continuou a caminhar sem a presença do líder fundador. O ano de 1975 remete para o início de descolonização política efetiva e marca o período em que se deu a independência de Angola. Pretendemos assim, reconstituir a trajectória de Simão Toco e do Tocoísmo em Angola e nesta óptica, vamos dar um enfoque essencial ao período compreendido entre a emergência do Tocoísmo (1949) e o fim da luta de libertação em Angola, contra o poder colonial (1975), ano da proclamação da independência.

Como escreveu Blanes, *“in this respect, in this church, as a prophetic movement, there is an obvious structuration around the prophet’s life, whose biography and legacy becomes, in many ways, a moral guideline for the believers. However, as I quickly understood, this prophetic biography was also object of multiple strategies of configuration and subject to diverse and conflicting interpretations. In other words, many of the disputes going on*

*in the church to this day were connected to particular understanding of the role of collective memory within the church and, of the prophet's life and personality*” (BLANES, 2011, 94-95).

O nosso estudo cobre a biografia de Simão Toco e a análise histórica dos aspectos relacionados com a fundação da Igreja, no tocante à sua doutrina, aos ritos religiosos, preceitos e mandamentos; estudaremos também a maneira como a Igreja em si se expandiu e organizou e por fim, analisaremos a relação que Simão Toco e o Tocoísmo mantiveram, quer com a Administração Colonial bem como com os Movimentos de Libertação, particularmente com a UPA/FNLA a partir de 1960.

Do ponto de vista metodológico a presente tese resulta de um trabalho de investigação cuja recolha de informação foi concretizada em três fases principais: na primeira fase foi feito um estudo bibliográfico sobre a temática em questão; na segunda fase foi feita a pesquisa documental específica em arquivos; e na terceira fase foram realizados inquéritos, por entrevistas e, em alguns casos, aplicação de questionários abertos, a personalidades de reconhecido relacionamento com o tema em apreço. O alicerce do estudo é constituído essencialmente por fontes primárias, provenientes de três (3) fundos, reunidos no âmbito do Ministério do Ultramar (Arquivo Histórico Diplomático; PIDE-ANTT e SCCIA). Faremos o uso destas fontes arquivísticas, que entendemos que só muito recentemente começaram a ser utilizadas por Joaquim Alberto Kisela, Cléria Ferreira, Patrício Batsikama e pelo autor. Aqui fizemos um cruzamento de fontes distribuídas pelo núcleo do Ministério do Ultramar (AHD) e pelo núcleo da PIDE/DGS (ANTT), nomeadamente os Fundos da PIDE-DGS/Delegação de Angola e dos Serviços de Centralização e Coordenação de Informação de Angola (SCCIA). No seu conjunto, as fontes proporcionaram informações diversas, provenientes de relatórios militares/policiais, administrativos, documentação original tocoísta.

Outros documentos que mereceram a nossa atenção foram os Relatórios de Situação elaborados pelos “SCCIA” com base nas notícias e informações processadas durante o período

de 1962 a 1974, através de informações do Comando-Chefe F.A.A. (*Aspecto Militar*) e da PIDE (*Aspecto político interno*). Os relatórios de natureza secreta destinavam-se a dar a determinadas entidades uma ideia da situação corrente em diversos planos (político e social, administrativo e militar), quer no plano internacional, regional (África), imperial e local (Angola).

Os Relatórios de Situação (SCCIA), iniciados em janeiro de 1962, possibilitaram um retrato da evolução do Tocoísmo, em particular a sua “nova” ou mais ampla geografia no Norte com o uso dos refugiados recuperados; o confinamento do Tocoísmo em aldeias e regiões controladas pela administração colonial, mas também a sua presença e ativismo noutros pontos do país em particular ao longo do Caminho de Ferro de Benguela. Particular interesse e atenção dada à crise do Tocoísmo depois da deportação de Simão Toco - uma crise que parece foi-se arrastando até 1965 e com várias dimensões: conflito geracional (oposição entre a nova e velha gerações); questões doutrinárias, normativas e organizacionais -, a eventual “clandestinização” do grupo depois de 1965-1967 e a sua reemergência depois do 25 de abril ligado a movimentos pró-independência de matriz pacifista, incluindo o MDIA, PCDA etc, sujeitando-se assim, Simão Toco a ataques muito contundentes do MPLA (início em outubro de 1974).

Mas, talvez a sua componente mais importante pela sua abundância e variedade, são os “documentos tocoístas”, dispersos por vários fundos. Assim designamos o conjunto de peças (*cartas, correspondências, relatos, manuais de catequese...*), produzidas por membros do movimento no âmbito das atividades da Igreja, apreendidas pela PIDE ou outros serviços coloniais e que estão dispersos em vários fundos dos arquivos coloniais. A triangulação dos documentos destes diversos fundos permitiu a formação de um “*corpus documental*”, complexo, polifónico e sólido.

A polifonia é possibilitada pelo acesso a várias correspondências e textos Tocoístas que foram produzidos por membros do movimento no âmbito da actividade da Igreja (comunicação, relatos e diretrizes), assim como a narrativa da PIDE, da administração colonial e dos missionários, que em vários momentos produziram uma narrativa crítica ou negativa sobre a

história de Simão Toco e do Tocoísmo, sobretudo, quando tiveram o intuito de mitigar o seu crescimento.

Num roteiro sumário sobre as principais fontes usadas para desenvolver este estudo, destacamos, para a História de Simão Toco e a Fundação do Movimento Tocoísta, em particular do Processo de Informação 90218: *Informação Sobre Tocoísmo: Simão Toco e o Tocoísmo e PI* 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, que cruzamos com o *dossier* GNP/0448/06555/SR.20; D. 5.10: *Simão Toco 1949-1960* (AHD).

Para a Expansão e Organização do Tocoísmo em Angola e as Relações com a Administração Colonial, as fontes essenciais foram os fundos da PIDE (ANTT), central e Delegação de Angola, nomeadamente os processos N.º 36/66-SR-2ª Sec.: Proc. n.º 6462: *Informação Sobre Tocoísmo: Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*; GNP01/RNP: UI013357: *Seitas Religiosas: Informações sobre o Tocoísmo no Bembe* e GNP/RNP/0022/07029: *Informação Sobre Regras do Tocoísmo* (AHD) e também fizemos o uso dos Relatórios de Situação de 1962 a 1974.

E para o quarto e último capítulo que trata das relações do Tocoísmo, com o Nacionalismo Angolano, os Movimentos de Libertação e com a Questão da Cooperação Colonial, as bases passaram pela análise dos arquivos GNP/RNP/0022/07029: *Transferência de Simão Toco para os Açores* e NT 90215: *Diário de Luanda: Chegada a Luanda de Simão Toco* e Relatórios de Situação (SCCIA).

O facto de termos observado restrições relacionadas com a acessibilidade às fontes documentais em algumas instituições governamentais e religiosas angolanas e as limitações apresentadas pelas fontes documentais obtidas levou-nos a realizar, na terceira fase, algumas entrevistas semi-dirigidas, inquéritos e recolha de informação oral junto de uma população, cuidadosamente seleccionada e com reconhecido conhecimento, constituída por 10 entidades/elementos ligadas à Igreja Tocoísta, explorando as respostas no que toca aos anos 1960s: os tocoístas nas matas, o regresso (apresentação) e a crise de liderança. Também foram



colhidas informações de entrevistas e de debates radiofônicos e televisivos, bem como de outras fontes de imprensa.

## **CAPÍTULO II - A HISTÓRIA DE SIMÃO TOCO E A FUNDAÇÃO DO MOVIMENTO TOCOÍSTA**

Sendo a consciência religiosa um facto marcante e dominante em África, assim, qualquer investigação que pretenda estudar os aspectos da vida social dos povos africanos terá necessariamente de considerar o papel e a importância da religião. A sua secundarização poderá conduzir a uma compreensão deficiente e deturpada das realidades africanas e a erros de interpretações políticas e culturais inevitáveis (GROMIKO, 1987, 5).

Muitas igrejas africanas e também cristãs tiveram ligações com Simão Toco, tendo influenciado o seu pensamento bem como o desenvolvimento religioso da doutrina que fundou ao longo da sua história. Neste contexto, destacamos os contactos que teve com as Testemunhas de Jeová, a Sociedade Missionária Baptista e a Igreja Kimbanguista, entre 1933 e 1949.

Mas para isso há que situar o tempo e o espaço que testemunharam o nascimento e a vida do líder religioso. Para o efeito, traçar uma espécie de biografia do seu percurso religioso e político, ajudou-nos a compreender as várias nuances que concorreram para a realização do sonho de Simão Gonçalves Toco.

Este percurso a ser traçado vai começar com uma breve biografia, ou seja, desde 1918, ano do nascimento do carismático líder religioso até 1949, ano que Simão Toco considerou da descida do Espírito Santo em África e também o momento em que se deu a fundação do movimento no território do Congo Léopoldville e seguir-se-á o período da expulsão de todos os aderentes da nova religião para o território de Angola em 1950 e concluiremos a biografia com o exílio do líder religioso para os Açores de 1963 até 1974. Sabe-se que esta ocorrência defendida por Simão Toco aconteceu depois de ter ganho uma experiência religiosa a partir das missões baptistas e também ter ouvido das façanhas de Simão Kimbangu.

## 1. Simão Toco: Percurso Religioso e Político do Fundador do Tocoísmo e Uma Experiência Trans-imperial (1918-1974)

A literatura disponível não tem deixado de dar atenção à biografia de Simão Toco, especialmente até ao seu regresso a Angola, em 1974 (BLANES, 2014; MATUMONA, 2008; KISELA, 2004; HENDERSON, 1990; AGOSTINHO, s/d;). Nela encontramos, todavia, poucos avanços cognitivos que não tenham sido registados na literatura dos anos 1960-70. De um modo geral, para o arco temporal aqui em análise (1918-1974), têm sido definidas, de forma implícita, as seguintes fases biográficas: nascimento e formação nos centros da Igreja Baptista; viagem ao Congo Léopoldville e fundação da Igreja; expulsão do Congo e exílio para os Açores. O critério que vamos adotar, baseado em literatura recente sobre biografias coloniais (Fonseca, 2018), organiza a biografia de Toco até 1974, em torno da sua experiência Transcolonial: a 1ª fase angolana, desde o ano de nascimento até 1943; a fase congoleza de 1943 até 1950; a 2ª fase angolana (1950-1963) e a fase da Deportação nos Açores (1963-1974).

Sobre a 1ª fase angolana, dizer que Simão Gonçalves Toco nasceu a 24 de fevereiro de 1918, no povo *M'banza Zulumongo*, sobado do *M'banza M'pambo Sady*. *Sady* era a povoação onde vivia o soba grande que se chamou de *M'bala N'ze M'beba* e *Zulumongo* ou *M'banza M'pambo Sady*, onde vivia o soba pequeno que era o seu pai, *Ndombele Luvumbu Ditopo* ou *Toco*, casado com *Ndundu N'simba Toco*, ambos agricultores. Pertenciam a clã de *Nampemba*, tribo dos zombo do grupo bakongu (SANTOS, 1972, 25; HENDERSON, 1990, 147; AGOSTINHO P. S., s/d, 35)<sup>5</sup>.

Em declarações prestadas às autoridades coloniais durante um processo interrogatório levado a cabo pela PIDE em 1957, Simão Toco informou ter ido para Luanda, a fim de continuar os seus estudos no liceu, que frequentou até ao segundo ano; que abandonou este estabelecimento escolar em virtude de seu pai ter falecido e terem acabado os recursos

---

<sup>5</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 24.10.1971, fls. 282-285; Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

monetários, regressando à Missão de Kibocolo onde em miúdo tinha sido catequisado. Ali, ocupou o lugar de auxiliar de catequista. Por motivos que não explicitou foi para Leopoldville, para a companhia de seu tio N'gombo, o qual era comerciante e dono de camionetas de transporte de passageiros<sup>6</sup>.

No Arquivo da RTP de outubro de 1961, ficou registada uma primeira versão autobiográfica de Simão Toco, quando a partir de Ponta Albina (Namíbe) concedeu uma entrevista para aquela emissora de Rádio e Televisão portuguesa, mais precisamente no programa do Telejornal. Naquele momento, o líder tocoísta apresentou-se como Simão Gonçalves Toco, natural de Maquela do Zombo, Distrito do Congo Português. Referiu que nascera em 1918, dia 24 de fevereiro e que em 1926 começou a estudar numa Missão Protestante em Kibocolo e depois disto, o missionário Arthur Guest, mandou-o para Luanda para continuar os estudos por 4 anos e prosseguiu dizendo: *“estudei o Ensino Primário na Escola Evangélica de Luanda e depois matriculei-me no Liceu, onde fiz o segundo ano. Regressei para a minha terra natal, Maquela do Zombo e continuei a trabalhar na Missão de Kibocolo. Em 1938 fui transferido pelos missionários para a Missão do Bembe, onde fiquei quatro anos e em 1942 fui para o Congo belga, em Léopoldville e continuei a prestar serviço na Missão Protestante, onde fiz sete anos”*.<sup>7</sup>

Numa segunda versão biográfica feita pelo mesmo em 1974, na Ilha dos Açores (Portugal), encontramos muitos pontos comuns aos da primeira, divergindo na data em que foi transferido para o Bembe, e foram enunciados os motivos que o levaram para o Congo Léopoldville. Eis a segunda versão:

*“Em 1937 fui transferido para a Missão do Bembe onde estive cinco anos e meio. Depois houve um desentendimento com os missionários porque eu ganhava muito pouco e aquele dinheiro não chegava para a minha vida e pedi licença para ir ao Congo belga, em Léopoldville para ir lá trabalhar e ganhar qualquer coisa. Deram-me*

---

<sup>6</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Relatório de Viagem a Ponta Albina*, 19.07.1957, fls. 113.

<sup>7</sup> Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, consultado em 13.07.2017.

*a licença*”<sup>8</sup>.

De facto, Simão Toco iniciou os seus estudos na Missão Baptista de Kibocolo e durante a sua formação terá revelado boas qualidades e foi considerado ser um bom aluno. Reunindo estes requisitos, a Missão decidiu enviá-lo para Luanda, em 1933, a fim de frequentar o Liceu Salvador Correia, onde concluiu o 1º Ciclo. Neste período prosseguiu os estudos da Bíblia na Missão Metodista Episcopal de Luanda. Regressado a Kibocolo em 1937, aí exerceu interinamente, o magistério durante um ano, em substituição do professor efetivo, Bruno de Sousa, que entrara em licença. Regressado este, Simão Toco foi transferido para a filial do Bembe, a fim de exercer idênticas funções. Nesta Missão ensinou de 1939 a 1943 (SANTOS, 1972, 25).

Foi na Missão do Bembe que se quebrou o vínculo tão amigável que existia entre os Missionários Batistas de Angola e Simão Toco. Segundo os relatórios da PIDE de 1956, centrado nas *Seitas Indígenas*, foi nesta localidade que Toco contraiu matrimónio com uma educanda da Missão de Kibocolo, de nome Moni, filha de um catequista, missão de que se afastou quando lhe foi negado um pedido de aumento de salário. No entanto, o relatório acima referenciado sugere que a posição de Simão Toco foi também um protesto, contra o fato de as autoridades missionárias terem recusado a admissão de algumas crianças da sua região para as quais ele havia solicitado a frequência dos estudos bíblicos na Missão Metodista Episcopal de Luanda. Ter-lhe-iam respondido que seria inútil fazer estudos da Bíblia aos pretos, e assim, como aos outros, pois que de resto ele não tinha recursos bastantes para os seus estudos. Decidiu então abandonar a função de monitor e partir para Léopoldville. Nesta localidade trabalhou por sua conta, começando a organizar a seita em 1949, a que deu seu próprio nome: N’zambi a Simon<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIIE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.

<sup>9</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

Ilustração n.º 01 – Fotografia de Simão Toco (1980):



Fonte: Cf. Retirada do Arquivo de João Daniel, Foto da Fotocom, Bairro da Terra Nova, Luanda, 1980.

É seguro que no Congo, Simão Toco dedicou-se à profissão de relojoeiro e de escrivão público, ocupando-se também de uma associação de socorros mútuos intitulada *N'kutu N'simbani*, associação que mais tarde passou para o controlo de alguns empresários, de acordo com a informação baseada em fontes belgas (SANTOS, 1972, 368). Associação que estaria voltada em conseguir fundos e começar a praticar a independência económica entre os angolanos, passando na construção de escolas, hospitais e etc.

No território do Congo Léopoldville, do ponto de vista religioso, Simão Toco continuou a ser um membro ativo no seio da Igreja Baptista, tendo sido mesmo convidado a organizar uma aula de catecismo e a formar um coro em 1943 com o grande número de angolanos de Maquela do Zombo que se encontravam aí como migrantes (HENDERSON, 1990, 147). Estes elementos ficaram na versão feita por si, ao afirmar: “quando cheguei no Congo belga, em Léopoldville, como a Sociedade é a mesma, a Sociedade Baptista, os missionários de lá não deixaram que eu saísse

*e continuei a ajudar os missionários. Foi entre 1943 a 1949, em que houve o desentendimento com os missionários de Léopoldville”<sup>10</sup>.*

A iniciativa dos missionários baptistas de Léopoldville de convidarem Simão Toco para a organização daquele coro visou superar uma lacuna. Os batistas organizaram coros dos povos das várias regiões com a exceção dos naturais de Angola, mais especificamente daqueles que eram provenientes da área de Maquela do Zombo por não terem quem os dirigisse. Assim, com a chegada de Simão Toco, os diáconos e os crentes pediram-lhe para que dirigisse os ensaios aos quais ele terá acedido com muito gosto e vontade (SANTOS, 1972, 355).

Foi por causa da prontidão que demonstrou para o ensino catequético que os dirigentes da Missão solicitaram a Simão Toco a organização e direcção do grupo coral composto pelos seus. O Coro de Kibocolo, denominação atribuída ao grupo, foi fundado a 5 de abril de 1943<sup>11</sup>. No princípio, o grupo era apenas constituído de doze discípulos (comparação com os primeiros doze discípulos de Cristo), mas depois aumentou significativamente em termos numéricos. A solicitação e também o aumento exponencial de tantos membros sugere que Simão Toco tornou-se num membro credível na comunidade (SANTOS, 1972, 368)<sup>12</sup>. E como notou Blanes “*in 1946, a second prophetic event triggered what is considered today as a foundational moment in the history of this church. Simão Toko, along with two other Angolan believers, was invited to pray before an audience in an international Protestant missionary conference held in Léopoldville. When he took the word, he summoned the Holy Spirit to give power to the Africans, and thus “save them from darkness.”* (BLANES, 2011, 102).

Simão Toco, já antes de 1946, elaborou e divulgou alguns folhetos como “*Mensagem do Reino*” textos que levou de Angola para o Congo e, a partir da interpretação daqueles, passou a ensinar os alunos, que liam os folhetos que eram traduzidos do português para o kikongo. Os

---

<sup>10</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.

<sup>11</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Criação do Coro de Kibocolo em Leopoldville*, 05.04.1955, fl. 85.

<sup>12</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Criação do Coro de Kibocolo em Leopoldville*, 05.04.1955, fl. 85.

folhetos eram da *Watch Tower* e juntamente com a Bíblia foram os textos que deram a Toco a sua base doutrinal. As reuniões em que fazia a leitura daqueles folhetos foram ganhando uma audiência crescente, pois as pessoas julgavam “*que havia qualquer coisa relacionada com o Simon Kimbangu*”, que então havia incendiado os espíritos no baixo Kongo com as suas pregações da vinda de um Novo Cristo. Nestas sessões, Toco referia que mandaria vir mais livros da *Watch Tower* (SANTOS, 1972, 368-369).

Quanto às leituras, Toco declara que, em 1949, passados três anos sem receber os livros que pedira da América (1946), escreveu uma carta para os responsáveis da *Watch Tower*, onde solicitava o cumprimento da promessa que lhe haviam feito da remessa dos textos explicativos da Bíblia. A resposta foi de que os livros estavam a ser publicados, e em troca procederam o envio de textos em francês e em português, publicados<sup>13</sup>.

Nas sessões bíblicas e leituras que fazia, Simão Toco ensinava e dava alguns preceitos, mas não se alongava muito em explicações. Por exemplo, dizia que antes de rezar “*tinham que abrir bem os olhos*”, mas não explicava o motivo. Os que o ouviam tudo aceitavam e acreditavam nele por ter os livros e julgarem que o que ele dizia estava escrito nos textos ou na Bíblia. Além do mais, os que ouviam Toco perdiam o hábito de perguntar ou pedir explicações porque, fazendo uso das suas próprias palavras, “*perguntar muito é ser suspeito e diz-se não ser bom*”<sup>14</sup>.

Sobre a conferência, a participação de pastores angolanos e de Simão Toco, existem alguns testemunhos: “*1946, houve um Congresso Missionário Protestante de todas as Missões do mundo inteiro em Léopoldville, onde se reuniu muito povo de diversas raças, tais como: branca, mestiça, negra, de todas as partes do mundo. Muita coisa se tratou sobre a educação geral dos africanos, o aumento da civilização, o direito, e, finalmente, o aumento da Luz do Evangelho de Cristo no período de poucos anos*”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, consultado em 13.07.2017.

<sup>14</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Criação do Coro de Kibocolo em Leopoldville*, 05.04.1955, fl. 85.

<sup>15</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.



Como muitos dos primeiros aderentes à nova causa eram trabalhadores, o emergente líder religioso procurou conciliar a sua pregação ao horário dos mesmos adotando a metodologia das igrejas cristãs. Assim, os futuros tocoístas começaram a realizar os ofícios religiosos durante o dia e à noite. Os atos diurnos ocorriam na aldeia, no interior da habitação ou no exterior, quando a abundância de convidados assim o exigia. As sessões noturnas faziam-se durante a maior parte do tempo fora da aldeia e no mato, retirados da aldeia ao abrigo de olhares indiscretos (SANTOS, 1972, 369).

Simão Toco, o líder religioso de quem temos vindo a descrever, depois de ter fundado o Coro de Kibocolo e, sobretudo, depois da participação na reunião das Igrejas Protestantes em 1946, onde foi um dos membros indicados para dirigir uma prece a pedir o Espírito Santo elemento que concorreu para a fundação da Igreja.

É a fundação do movimento Tocoísta que nos leva a abordar a 2ª fase angolana que aconteceu quando Simão Toco e um grupo de seguidores pisou o solo de Angola em 1950 mercê dos acontecimentos defendidos por ele no ano de 1949 e a partir daquele momento, acusados de perturbarem a ordem e a estabilidade sociais, foram expulsos todos os seguidores daquele líder pelas autoridades coloniais belgas. Sobre a saída do Congo Simão Toco havia se pronunciado nos seguintes termos: *“depois de a gente evangelizar durante três meses, fomos presos em 22 de outubro de 1949 e postos nas duas cadeias de N’dolo e Filtra, onde permanecemos dois meses, aguardando pela determinação daquele governo. Fomos presos primeiramente cem pretos portugueses de Angola, mas o número total de tocoístas presos era de três mil”* (SANTOS, 1972, 374-375)<sup>16</sup>. E lhe fixaram residência no Vale do Loge, atual município do Bembe (Uíge).

Na primeira fase, apesar de o Tocoísmo ter ganho protagonismo a nível de alguns territórios angolanos, foi mais precisamente na região Norte onde o movimento se proliferou em larga escala. Esta expansão contou com a “ajuda” das autoridades coloniais, que procuraram fixar

---

<sup>16</sup> Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, consultado em 13.07.2017.

residência a Simão em diversos cantos. E quando no Bembe e em outras partes do Uíge se verificaram casos de insubordinação por parte das populações nativas que trabalhavam no colonato, supondo-se que sob a direcção de Simão Toco, as autoridades locais enviaram-no para Luanda, donde posteriormente foi mandado para Caconda, no mês de novembro de 1950 e os seus adeptos foram dispersos por várias localidades da província (Angola)<sup>17</sup>.

Para o líder religioso a transferência foi motivada por outros fatores e aludiu-se a continuação da oração: *“as autoridades mudaram-me do Bembe para Caconda. De Caconda é a mesma coisa continuamos a orar e tiraram-me de Caconda para Jau, Sá Bandeira. Dali tiraram-me e fui para Cassinga e daqui fui para o Farol de Ponta Albina, Porto Alexandre, a 300 Km da cidade de Moçamedes (Namibe) e onde estive durante cinco anos e meio”*<sup>18</sup>. Em Caconda Simão Toco desempenhou as funções de tratadorista da fazenda<sup>19</sup>.

Depois de Caconda, Simão Toco foi para Moçâmedes, actual província do Namibe. Como resultado das sucessivas transferências a que Simão Toco, seus familiares e membros do seu movimento estavam sujeitos, fez por exemplo, com que o Tocoísmo se implantasse no Namibe e mais precisamente na Ponta Albina, um dos locais onde Simão Toco trabalhou como faroleiro. E foi a partir deste ponto que Simão Toco se colocou ao serviço das autoridades coloniais portuguesas, para fazer face ao avanço da UPA, sendo usado para facilitar o regresso das populações fugidas das suas aldeias por causa das acções daquele movimento perpetrados em março de 1961.

A última fase do percurso biográfico de Simão Toco prendeu-se com a Deportação para os Açores (1963-1974), onde seguiu viagem em 1963. O líder religioso se referiu sobre a transferência nos seguintes termos: *“vim cá parar por causa das perseguições do estado, tudo porque os*

---

<sup>17</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

<sup>18</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.

<sup>19</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Relatório Confidencial Sobre Tocoísmo em Caconda, Informação Sobre Tocoísmo*: 09.04.1951, fl. 600; Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toko (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE&t=110s>, acessado em 13.07.2017.

*padres não queriam que eu ensinasse a doutrina deles e cheguei aqui e entrei logo nos serviços de Farol para ganhar dinheiro e comecei a ganhar 49\$80 (quarenta escudos e oitenta centavos), não chegava para a minha vida. Pedi e pedi aumento e nunca me deram aumento e vivi com dificuldades. Ultimamente a situação ficou aliviada porque começaram a dar bolsas de estudos para as minhas filhas, mas mesmo assim, sempre vivi muito mal porque a minha vida era muito arriscada. Vivia dentro lá do Farol com os meus colegas. Vivia sozinho em minha casa, porque minha filha não podia viver comigo e estive na cidade (Açores) para aproveitar os estudos. A minha mulher anda doente no hospital há 11 anos que se encontra nesta situação*<sup>20</sup>.

E regressou em Angola em 1974 e a partir daquele ano empreendeu muitas viagens no território nacional e destacou-se também em reuniões que manteve com os líderes dos movimentos de libertação, nomeadamente da FNLA, MPLA e UNITA. Nesta sua missão de pacificação de Angola, Simão Toco chegou mesmo a viajar até a Kinshasa para se reunir com Holden Roberto e Jonas Savimbi e “*visitou a Igreja de Nosso Senhor Jesus no Mundo, em Kinshasa, Igreja Central do bairro de Cabinda, para a grande satisfação dos seus membros que o receberam e o saudaram vislumbrados e felizes*”<sup>21</sup>.

Foi a posição de Simão Toco na Missão Baptista de Léopoldville, que lhe conferiu maior prestígio e liderança junto da comunidade Baptista, em particular no seio do povo de Maquela e de outros angolanos que se encontravam naquele país vizinho, onde veio a recrutar muitos dos primeiros seguidores do seu novo plano religioso.

Na inicial retórica proselitista Simão Toco, o *Novo Messias* viria para restabelecer uma *Nova Ordem*, na qual os papéis entre o colonizado e o colonizador, se inverteriam, uma vez que aquele que se encontrava oprimido passaria a ser um homem livre e estabelecer posterior domínio sobre aquele que outrora o oprimiu. Simão Toco seria o seu Profeta em Angola/África. Enquadramos aqui os profetismos e messianismos africanos, e mais precisamente os do Kongo,

---

<sup>20</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIIE>, acessado em 13.07.2017.

<sup>21</sup> O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA>, acessado em 21.11.2017.

que tomaram como bandeira o combate ao colonialismo, mobilizaram as primeiras manifestações de protestos, que foram, sobretudo, reveladas no campo religioso e que tiveram à cabeça os profetas negros, ou seja, os enviados de Deus (SANTOS, 1972, 423-431; SMITH, 1986, 123).

Simão Gonçalves Toco, como um futuro líder religioso procurou superar o seu lado individual e passar a olhar não só para os membros seguidores do seu movimento, mas também, em todo o africano que sentia os ardores da colonização. Por esta razão, pregou a palavra bíblica em todos os locais para onde foi enviado. Anunciava o fim do colonialismo em África e conseqüente fim da escravatura. Para além disso, quando lemos o nome oficial da Igreja, vimos que ela se tornou universal: “Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo”. Toco preconizava um movimento que pudesse a qualquer momento superar a barreira de cor, raça, região, país e tornar-se uma igreja que chegaria aos diversos cantos do mundo, porque no seu entender o Tocoísmo estava para além dele.

Assim, tendo uma formação liceal, ensinamentos bíblicos básicos e sabendo fazer uso das aptidões que tinha, nomeadamente em ensinar, leitura e interpretação da Bíblia e se ter tornado num grande dirigente, através da direção do Coro de Kibocolo, do *N’kutu N’simbani* e com a posterior participação positiva na Conferência das Missões Protestantes em 1946, eis que Simão Gonçalves Toco vem fundar uma Igreja.

## **2. A Fundação da Igreja de “Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo – O Tocoísmo”.**

O termo Tocoísta e Tocoísmo foi arranjado por pessoas ligadas ao anterior regime (autoridades coloniais), como que a identificar um pensamento religioso com a pessoa que divulgava uma interpretação da Bíblia. Mas a partir de 1974 Simão Toco deixou a entender que *“não existia o Tocoísmo. O que existia era uma Igreja Africana, com base da Bíblia, igual a todas as outras, pois*

*a verdade de Deus é única*<sup>22</sup>. Simão Toco fez um enquadramento do movimento na linha de todas as religiões cristãs que têm a sua base na Bíblia Sagrada.

Para Redinha o movimento do Tocoísmo teve como fundador Simão Toco que viveu no Congo Léopoldville durante alguns anos, onde esteve algum tempo numa missão Baptista, e que, em 1950, foi expulso para Angola pelas autoridades belgas, acusado de chefiar um movimento que teria muitas afinidades com a “*Watch Tower*”, à margem de contactos com o kimbanguismo e outras seitas de cariz africano<sup>23</sup>. Com efeito, a ideia da Igreja de Simão Toco apresentava desde o seu início características da religião africana e também profético-messiânicas, como foi o caso da Igreja Kimbanguista que surgiu no Congo Léopoldville e que, em 1924, se estendeu ao norte de Angola, conduzida pela convicção de romper com o Cristianismo ensinado pelos missionários provenientes dos países colonizadores.

Dela decorreram a formação dos Movimentos Profético-messiânicos ou ainda de movimentos separatistas segundo alguns investigadores. Balandier definiu-os como sendo agrupamentos religiosos formados por secessão a partir das missões cristãs, ou criadas por imitação daquelas e cujo elemento central é uma personalidade profética que anuncia uma espécie de idade de ouro. Para o mesmo autor, *“tais agrupamentos que exercem um grande poder de atração parecem instáveis enquanto igrejas organizadas, mas duradoiras quanto às necessidades que satisfazem e aos fins que prosseguem. O fenómeno tem simultaneamente significado cultural e representa uma reacção contra a introdução, em grande parte coerciva, de elementos culturais estranhos e sociológicos, pois revela um tomar de iniciativa da sociedade dominada e manifesta uma tentativa de reorganização social”* (BALANDIER G. , 1995, 420-421).

As Igrejas africanas foram enriquecidas com as crenças e manifestações necessárias para serem consideradas como autêntica religião, pois que nelas encontramos a noção clara de Deus,

---

<sup>22</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: *Diário de Luanda: Chegada a Luanda de Simão Toco*, 31.08.1974, fl. 18.

<sup>23</sup> REDINHA, J., Análise Etnológica dos Mitos e do Messianismo na Subversão em Angola, in *Ciclo de Conferências: A Actividade de Angola. Panorâmica Etnológica e Problemas de Defesa*. Museu de Angola, ADN. EMGFA, GC, CX. 32, Proc. N.º 2492, 31.07.1971, fl. 12.

do cosmo e da natureza, da finalidade e destino do homem e um “*sistema de representações e uma ética derivada das crenças, que cuida da realização do homem e da estruturação da sociedade segundo um plano previsto e com finalidade clara; com um conjunto de ritos-culto por meio dos quais o homem e a comunidade exteriorizam e celebram suas crenças; e com uma fé atuante ou sensibilidade-espiritualismo que vivenciam esse corpo doutrinal e cútico, dão sentido à existência da pessoa e harmoniza e dão coesão à sociedade*” (ALTUNA, 2006, 367).

É bem provável que Simão Toco tenha sido influenciado pela Watch Tower, porque anteriormente a 1946, já fazia uso de alguns folhetos que levou de Angola e, a partir da interpretação daqueles, começou a ensinar aos antigos alunos. Até aqui seria lícito sublinhar que foi influenciado por vários movimentos e organizações, como por exemplo, a doutrina baptista, o profetismo kimbanguista, e a organização do Exército da Salvação (HENDERSON, 1990, 147).

Elemento que pode ser entendido por causa de alguns cânticos que envolveram os tocoístas e kimbanguistas. Na influência do Kimbanguismo evocada por Redinha e outros investigadores, pode ser estabelecida uma relação com o Tocoísmo através da correspondência de Makumbanzi Manuel, Léopoldville (14.07.1956), com Bala Dongala, membro tocoísta na Baía dos Tigres, Angola. Em carta de meados de 1956, Manuel escreveu: “*Yisu Kristu utukidi, uma moyo mvu ya mvu. Wuna moyo, wuna moyo. O yeno akundi tusambila, tuakala moyo mvu ya mvu. Kimbangu intinu Áfrika, kakala moyo mvu ya mvu. Ensambu zandi tutambula. Tuakala moyo, mvu ya mvu*”<sup>24</sup>. Que em português pode significar “*Jesus Cristo nasceu, está vivo pelos séculos dos séculos. Está vivo, está vivo. Vós irmãos, rezemos, estejamos vivos de geração em geração. Kimbangu é o rei de África, que esteja vivo de geração em geração. Recebamos a sua bênção. Estejamos vivos, pelos séculos dos séculos*”.

Foram as passagens e as convivências nas missões religiosas que ajudaram Simão Toco a enriquecer o seu pensamento e a ganhar mais confiança quanto a sua pretensão de ser dirigente religioso, uma vez que aprendeu deles a interpretação livre da Bíblia. Foram estas e outras experiências que fizeram dele participante da Conferência Missionária Protestante.

---

<sup>24</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Correspondência de Makumbanzi Manuel, 14.06.1956, fl. 70.*

A separação entre Simão Toco e as missões baptistas ocorreu na Conferência Missionária, entre os dias 15 a 21 de julho do ano de 1946, em Kaliná, cidade de Léopoldville, atualmente Kinshasa, onde participaram cerca de quarenta e nove (49) delegações de Missões protestantes de quase todas as partes do mundo, das quais dezanove (19) eram constituídas por africanos, foi denominada de Conferência Protestante de Léopoldville<sup>25</sup>. Este “Congresso Geral das Missões Protestantes” organizado pelo Conselho Missionário Internacional, contou com a participação de Simão Toco e foi um momento relevante para a realização do pensamento tocoísta.

Sobre a conferência e para maior ilustração do que sucedeu naquele momento, eis alguns trechos das orações dirigidas por alguns africanos escolhidos entre os diversos participantes durante os trabalhos. É referido que, o primeiro indicado foi Reverendo Gaspar de Almeida, da Missão Episcopal Evangélica de Luanda, então Diretor do Jornal Protestante “O Estandarte”, que orou a Deus para aumentar a instrução, educação, progresso, direitos e unificação entre os brancos e pretos. O segundo participante - o Pastor Jesse Chiula Chipenda - orou a Deus para o aumento das condições sociais dos pretos e para que esses ganhassem dinheiro como os brancos. E ao terceiro indicado foi-lhe dito pelos “*missionários Dr. Tucker da Missão de Dondi, no Huambo, já falecido, o Dr. Bréchet da Missão Filafricana de Kaluquembe, para que não repetisse muita coisa na oração, mas sim pedisse apenas o Espírito Santo, a fim de converter o povo africano que se encontrava nas trevas do pecado. Visto que sem a força do Espírito Santo, a África continuaria na mesma. Esse preto chama-se Simão Toco*”<sup>26</sup>. O Reverendo Gaspar de Almeida refere ainda o culto de 14 de julho de 1946 e faz menção ao conjunto de grupos corais que entoaram hinos e num destes grupos pertencentes à Igreja do Exército da Salvação, inclui como participante Simão Toco, seu amigo e

---

<sup>25</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 680-690.

<sup>26</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta. Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 13.12.1971, fls. 263-265.

irmão, que viveu em Luanda durante dois anos, quando estava no Liceu<sup>27</sup>.

A conferência dedicou a sua atenção a variados assuntos e a agenda comportou os seguintes Painéis: O Cristão em África; A Igreja de Cristo em África; Condições para mudanças; Responsabilidades do Cristão na Saúde, Educação e Literatura. Os mais importantes centraram-se na educação, no “aumento da civilização” (entenda-se como aumento técnico científico, que passava pela escolarização de boa parte dos nativos) e, como não deveria deixar de ser, a questão primordial foi a problemática da Evangelização do “africano”. Na óptica do Reverendo Gaspar de Almeida, *“muita coisa se tratou na Conferência, mas o que devia interessar mais ao africano era o ponto da difusão da doutrina de Cristo sem barreiras em todos os centros populacionais nativos, a abertura das escolas desde as primárias até as superiores, nas quais os africanos, sem excepção de sexo, teriam largo acesso para evoluir as suas mentalidades”*<sup>28</sup>.

Simão Toco depois da participação na reunião das Igrejas Protestantes em 1946 e da fundação do Coro de Kibocolo, volvidos quase três anos, reuniu os membros deste em 25 de julho de 1949. Esta reunião está na origem do movimento que contempla a designação de Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo, que na língua de origem seria *“Ebundu dya Mfumweto Yezo Klisto”*. Na narrativa Tocoísta, o momento fundamental da Igreja ocorreu naquela reunião de 25 de julho em que o Espírito Santo desceu em África, constituindo os participantes em primeiros membros da Igreja em formação. O episódio é frequentemente evocado na literatura sobre o Tocoísmo: *“quando Toco rezava na Missão de Léopoldville, com os componentes do seu coro, de repente sentiram um vento e começaram todos a tremer, alguns falando línguas estranhas e citando passagens da Bíblia, principalmente os capítulos 2 e 4 do livro dos Atos dos Apóstolos”* (SANTOS, 1972, 370).

Toco também deixou o seu testemunho sobre o evento, profusamente referenciado: *“na noite de 25 julho de 1949, reuni um grupo de 3x12 = 36 pessoas em Léopoldville, a fim de perguntarmos a*

---

<sup>27</sup> Gaspar de Almeida, 1948, Congresso Evangélico Missionário da África Ocidental, in *Diário de Uma Viagem*, Edição do “O Estandarte”, Luanda, pp. 28-32.

<sup>28</sup> Gaspar de Almeida, 1948, Congresso Evangélico Missionário da África Ocidental, in *Diário de Uma Viagem*, Edição do “O Estandarte”, Luanda, pp. 28-32.



*Deus se ouviu ou não a oração de pedido do Espírito Santo, dirigida em 1946. Ao chegarmos a meia-noite, ouvimos um grande ruído e vimos uma luz que encheu toda a sala. Muitos tremiam, e alguns falavam línguas estranhas e citavam passagens bíblicas. Uma coisa estranha e admirável, era de alguns verem coisas maravilhosas que os outros não viam. Muita gente atacada pelo Espírito Santo ia às corridas para as suas casas, buscar muita variedade de feitiços e outras coisas de origem mágica, com que dominavam outras pessoas, vendendo-as para outras terras, ou matavam pessoas por meios misteriosos, para se enriquecerem, etc.”<sup>29</sup>.*

E Simão Toco, manterá no seu epistolário com os discípulos, o essencial desta narrativa. Numa extensa e variada epístola, de 1971, dirigida aos membros da Igreja de Luanda e de outros núcleos de Angola, referiu: *“eu sabia qualquer coisa da bíblia o que não foi suficiente, mas graças a Deus comecei a compreender um pouco a mesma depois de o nosso Deus ter dado o Espírito Santo e dei louvores e agradei aos dois Doutores Tucker da Missão de Dondi e Doutor Bréchet da Missão de Caluquembe, mas ainda tinha as minhas dúvidas de, se verdadeiramente o Espírito Santo nos ajudava e em minha casa em Mayenge n.º 159, em Kinshasa, ex-Léopoldville, desceu o Espírito Santo no meio de 36 pessoas que oravam naquela noite de 25 de julho de 1949, dia que Deus deu a resposta da oração”<sup>30</sup>.*

Tendo em conta o ocorrido naquela noite fundacional, muitos membros procuraram saber junto de Simão Toco o que se passava, e foi em resposta que mandou abrir a Bíblia em Joel: 2, 28: *“E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões”* (SANTOS, 1972, 370-373), mensagem que Toco interpretou como a confirmação da epifania: o Espírito havia descido.

Simão Toco ficou convicto de que vivera algo de especial, isto no Congo Léopoldville, em 1949, um momento que ele considerou de virada a nível da história da Igreja em África, e interpretou como revelação divina os acontecimentos daquela noite: *“se o Espírito fosse satânico que gosta de maldade, os feiticeiros não iriam à minha casa deixar os seus feitiços, confessando todo o mal que*

---

<sup>29</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 13.12.1971, fls. 263-265.

<sup>30</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 13.12.1971, fls. 263-265.

*praticavam; mas está claro que o Bom Espírito se confundiu com o mau espírito que se misturou, metendo a confusão porque, onde está o Bom Espírito de Deus, ali o Satanás faz a sua confusão, lançando a má semente”<sup>31</sup>.*

Na primeira versão da sua autobiografia os depoimentos de Simão Toco fizeram referência as leituras e ensinamentos bíblicos e esclareceu: *“naquelas reuniões bíblicas, começaram a participar mais gente, porque eu explicava a minha classe naquela Missão e também algumas pessoas da Igreja e achando aquilo muito interessante começaram a avisar os seus amigos. O número aumentou entre os três mil membros”<sup>32</sup>.*

Já na segunda versão de sua autobiografia, Simão Toco aludiu que os missionários o tentaram persuadir a não prosseguir naquela via, pois que ele era auxiliar da Missão. O que recusou e acrescentou que no Congresso havia pedido alguns livros que explicassem a Bíblia. Simão Toco mostrou os livros e disseram-lhe que os livros não eram daquela Igreja e que não poderiam continuar a ensinar com os mesmos. Os pastores lhe orientaram: *“podes ler esses livros dentro da tua casa, mas não ensina aos outros, porque o Estado não gosta destes livros. E perguntei o porquê de o Estado não gostar destes livros? Se os livros dão explicação da Bíblia? Eles responderam, que enfim, esses livros dizem coisas de Deus e coisas de política. Portanto, abandona esses livros ou então vai ser acusado pelas autoridades belgas. Concordei. Mas o povo já tinha sabido da mensagem da bíblia e já liam os livros e não queriam mais deixar. Os missionários vendo aquele movimento expulsaram-me da sua Igreja e tanto aqueles membros da minha classe e depois queixaram-se de nós ao Estado belga e nos prenderam e ficamos na cadeia durante 2 meses. Depois do segundo mês fomos entregues as nossas autoridades portuguesas, na fronteira em Matadi”<sup>33</sup>.*

O facto é que esta cadeia de eventos constituiu o momento fundamental na história da Igreja Tocoísta. E também ficou associado ao início da "memória de sofrimento" composta pela

---

<sup>31</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo em Luanda e Outras Localidades*, 13.12.1971, fls. 263-265.

<sup>32</sup> Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, <https://www.youtube.com/watch?v=wkzYkSzLVpw>, consultado em 13.07.2017.

<sup>33</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE>, acessado em 13.07.2017.

invocação dos distintos episódios de prisão, tortura, perseguição, exílio e tentativa de homicídio que o profeta experienciou ao longo da sua vida e na qualidade de líder (BLANES, 2009, 267).

Assim, para Simão Toco e os membros do seu Coro, com a reunião de julho de 1949, tinha chegado o momento de pôr em prática o mandato de Deus que passava pela fundação de uma Igreja negro-cristã de caráter Universal, que promoveria a igualdade social e o perdão entre os irmãos desavindos em Cristo, conforme referenciou nos anos de 1974 sobre a questão da independência de Angola.

Tendo em conta os pressupostos enumerados por Altuna sobre os elementos que constituem as igrejas de cariz africano, passamos a abordar o aspecto doutrinal do Tocoísmo, onde os principais fundamentos advieram quase todos eles a partir da interpretação que fez da Bíblia, cruzando textos do Antigo e do Novo Testamento, que guiariam a nova Igreja.

Simão Toco utilizava a via epistolar para dar orientações à sua Igreja. Na sua correspondência dos anos 1970 foram frequentes as referências sobre a ligação do Tocoísmo com a Igreja Protestante e como ele próprio notou numa das cartas escritas em 1972: *“os protestantes e tocoístas em relação à religião, somos todos irmãos, a diferença é que o nosso Espírito Santo trabalha visivelmente, e o deles invisivelmente, mas nós somos ramo do protestantismo porque os livros e a bíblia e a pregação é a mesma coisa”*<sup>34</sup>.

E ainda reforçou esta ideia no ano de 1974, quando abordou os aspectos fundacionais da sua religião e da relação existente com a Igreja Protestante, afirmando: *“O Tocoísmo começou desde que os missionários Protestantes nos expulsaram das suas igrejas, mas os homens que estavam habituados a adorar Deus dentro das missões protestantes viram-se todos tristes. Bem, agora nos expulsaram dentro da sua Igreja, mas Deus não está só dentro das igrejas, está em toda a parte. Já que nós fomos ensinados, vamos continuar a adorar o nosso Deus dentro das nossas casas. Não há diferença nenhuma entre o Protestantismo e o Tocoísmo. A diferença que há entre o Tocoísmo e Protestantismo, é que nós temos “vates”, parecem profetas, mas não são*

---

<sup>34</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para Todos os irmãos do Sul e Norte*, 03.02.1972, fls. 193.

*profetas. Um homem inspirado por Deus, então, quando inspirado começa a explicar a Bíblia*”<sup>35</sup>.

Esta conexão pareceu também visível ao Padre Ferreira Leite, sacerdote católico que conviveu com Simão Toco durante a deportação deste nos Açores. No seu depoimento o padre refere que era Sacerdote na Freguesia de Ginetes desde 15 de agosto de 1958, que o “senhor Simão” chegara a freguesia há cerca de 12 anos, tendo entrado em contacto com ele. Destes contactos que tiveram, alguns terão sido muito particulares. Um dia Toco terá enviado uma carta onde referiu que se queria encontrar com ele como Cristo com Nicodemos “pela calada da noite”. E sobre estes contactos, refere o Padre Ferreira Leite: *“tívemos diversos encontros não chegamos a acordo precisamente porque a religião dele que eu já tinha alguns conhecimentos através de uma Revista Militar que era secreta ou reservada, como se costuma dizer, notei que realmente a religião dele era uma religião estruturada, tinha a sua parte dogmática, sua parte moral. A dogmática desta religião fundamentava-se no Protestantismo e Antigo Testamento”*<sup>36</sup>.

Sobre a sua doutrina podemos dizer que Simão Toco teve a influência diversas missões baptistas de Angola e do Congo, ajudando-o a amadurecer o ensino da Bíblia.

### **3. O Credo Tocoísta e as Bases Doutrinárias, Preceitos e Ensinamentos**

Quanto ao seu credo, os Tocoístas aceitavam a Bíblia Sagrada e acreditavam em Deus Pai, em Seu Filho e no Espírito Santo. Acreditavam na Igreja de Cristo que Ele mesmo edificou quando esteve neste mundo com os discípulos. Acreditavam na ressurreição dos mortos e na criação de um novo Céu e de uma nova Terra. Tinham como base o Credo Nicénico (SANTOS, 1972, 418-422; ESTERMANN, 1965, 336; GONÇALVES J. , 1967, 684). Simão Toco tinha um

---

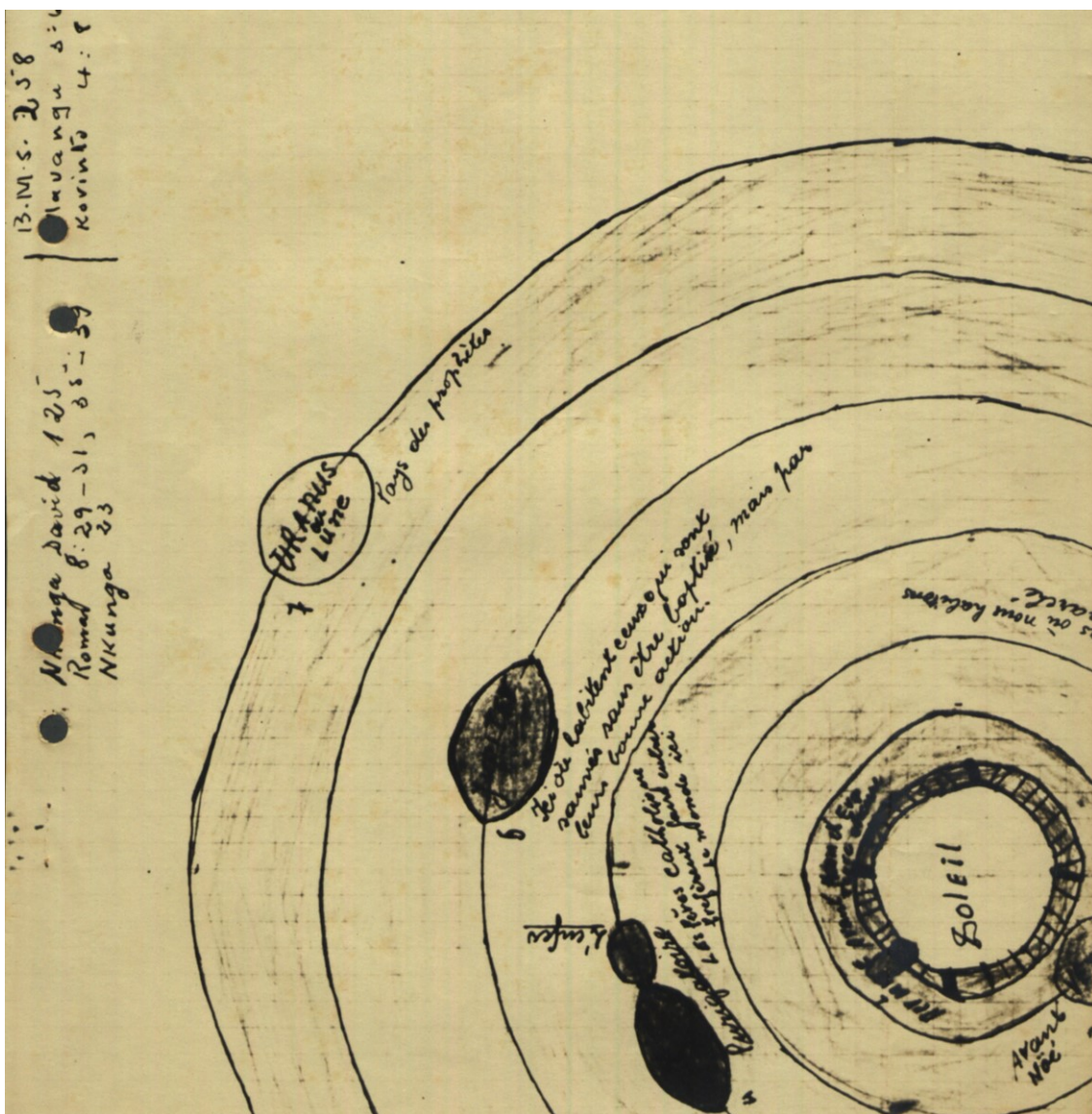
<sup>35</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE>, acessado em 13.07.2017.

<sup>36</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE>, acessado em 13.07.2017.

livro, da sua autoria, que mandou para todas as partes e que era uma espécie de “alcorão tocoísta”<sup>37</sup>.

Simão Toco tinha uma noção sobre o mundo, sobre os céus, mas tivemos dificuldades em interpretar o que desenhou, uma vez que não criou nenhuma legenda. Mas com base naquelas ilustrações, ficamos, a saber, das noções do mesmo. Deprendemos através das imagens que tivemos acesso, sobre um segundo Céu, mas infelizmente, não conseguimos decifrar mais informações e o mesmo se aplica ao ordenamento do mundo e outros astros. As imagens que abaixo se seguem definem o que Simão Toco pensava.

Ilustração n.º 02 – Os Céus e o Cosmos – Por Simão Toco:



<sup>37</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Diversos*, 05.04.1955, fls. 90-91.





Fica bastante difícil descodificar o que Simão Toco pretendeu dizer com as imagens que acima expusemos, mas supomos que foi a forma de entendimento que teve do Mundo; do Universo e dos Céus.

Através das correspondências tocoístas, ficamos a ter uma mínima noção do que pensavam os tocoístas quanto aos céus. Na carta de Manuel Diazzi Ramalenzi, Léopoldville, de 04 de agosto de 1956, para Donzalo Ramalenzi, em Kimpangu: *“peço-te que levantes os teus olhos ao céu para veres e admirares as belezas que Deus guardou para nós se formos amigo d’Ele e cumprirmos o que ele nos recomendou, pois todas as riquezas terrestres ficarão e nada levaremos, mas o que está já no céu, essa é a verdadeira riqueza que devemos lá encontrar e gozaremos esse privilégio pelos séculos dos séculos”*<sup>38</sup>.

Acreditavam numa vida pós-morte. Entre as epístolas que circularam entre os membros do Tocoísmo, a de João Gomes (Quibala, Kwanza Sul), datada de 25 de dezembro de 1956, dirigida a outro membro tocoísta, António Quinama (Bungo, Uíge) e dá indicações sobre a leitura dos capítulos e alguns livros da Bíblia<sup>39</sup>, onde tal convicção se enumerava: Efésios, 6, 10: *“No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder”* e *“Digo-vos a vós, Meus amigos: não temais os que matam o corpo e, depois, nada mais podem fazer”* S. Lucas, 12, 4<sup>40</sup>.

Servindo-nos de um dos principais meios de comunicação entre os tocoístas, as epístolas, no tocante ao uso da Bíblia como elemento base da sua doutrina, e se referindo nos aspectos puramente salvíficos, extraímos da carta de N’zandi Emanuel (02.08.1957), Quitoma (Damba, Uíge), dirigida a Pedro N’taya (Maquela do Zombo): *“o Nosso Senhor parece-nos que está mais perto de nós que dantes, pois que agora cada vez que o evocamos ou lhe deploramos auxílio vem logo, não só nos ouve, mas também nos auxilia, ao que estamos cada vez mais firmes e crentes. Peço-te a ti que não apartes nem sequer um pé no caminho da salvação, lê sem cessar as escrituras, pois é a luz que nos ensina e nos encaminha no caminho que conduz aos céus, nunca por nunca poderemos deixar de orar e pedir a proteção de Deus, pois*

---

<sup>38</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Manuel Diazzi Ramalenzi, 04.08.1956, fl. 70.

<sup>39</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de João Gomes, 25.12.1956, fls. 87-88.

<sup>40</sup> Bíblia Sagrada, Edição Especial para a Diocese do Uíje, Difusora Bíblica, Lisboa, 1967.

*sobretudo, a nós que nos cabe a responsabilidade de guiar os outros no caminho da salvação*<sup>41</sup>.

No respeitante a salvação, numa carta escrita pelos diáconos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo – África/Angola, Luanda (19.11.1958), para a Igreja de Matadi e Noqui (região do Baixo Zaire), se orientava: *“preservai antes na oração. O próprio Senhor porá fim a tudo isto pois que ele terá que vir para escolher os bons que afastará dos maus; no que respeita à confirmação da doutrina, sabemos que o próprio Deus saberá agir quando lhe aprouver e Nosso Senhor Jesus Cristo com o seu Reino Novo é a esperança de todos nós brancos e negros, de todos os que guardam a sua lei; confiai na vinda do Senhor Salvador, rezai com fé porque os pacientes vencem sempre e chegam até ao fim*”<sup>42</sup>.

Em relação à oração, quando eles rezam, o fazem de olhos abertos, virados para o céu, porque socorrendo-se da Bíblia alertam que a mesma diz no versículo 1º até ao 2º do Salmo 121: *“levantarei os meus olhos aos montes, donde vem o meu socorro*”<sup>43</sup>.

Um dos mais importantes preceitos foi sem dúvida, a leitura da Bíblia. Na sua correspondência dos anos 1950 são frequentes as referências nesse sentido, vendo-a como um instrumento de proselitismo e educação, atribuindo-lhe um papel essencial como guia dos africanos.

Sobre a Bíblia como o elemento principal para a doutrina do movimento religioso Tocoísta, ficamos, a saber, mais sobre o assunto no ano de 1957, através de uma circular saída naquele ano, a partir de Luanda, onde Luvualo David, um influente membro daquele movimento revelou que por várias vezes foi interrogado pelas autoridades europeias sobre a origem verdadeira do movimento ou doutrina, a sua origem, isto é, *“como começou a doutrina do Pai Simão Gonçalves Toco*”. A todas as perguntas que lhe foram feitas terá respondido com passagens da Bíblia que o próprio citava concluiu: *“peçamos todos a Deus que o nosso trabalho nesta cidade de Luanda tenha um bom incremento, tome um rumo consolador, tanto para o nosso Fundador e Guia*

---

<sup>41</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Nzandi Emanuel, 02.08.1957, fls. 87-88.

<sup>42</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência dos Diáconos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo – África/Angola-Luanda, 19.11.1958, fls. 87-88.

<sup>43</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/0448/06555: SR.20, D. 5.10, *Simão Toco 1949-1960*, 03.01.1960, fls 108-112



*como para todos nós e para quantos poderão ainda, no futuro, vir a ser adepto*<sup>44</sup>.

Em 1958, um dos seus discípulos, João Lupini, notou e agradeceu “*o conselho de Simão Toco que lhe lembrava de ler sempre a Bíblia que é o livro da vida, onde Deus, ensinava como ser pastor das ovelhas, sem o qual, estariam perdidos, os órfãos de África que não eram tidos como intelectuais. Que o Senhor os protegesse com a força do Espírito Santo, pois, que o sofrimento e a orfandade de Simão Toco marcavam o símbolo para a oração a Jesus*”<sup>45</sup>. Existe um amplo epistolário deste tipo que esteve presente em toda a evolução do movimento Tocoísta. A comunicação entre o líder e seus seguidores foi quase sempre feita através de cartas e muitas delas escritas em kikongo, por causa das sucessivas transferências territoriais a que o líder religioso foi submetido. As cartas retratavam assuntos vários, desde os aspectos organizacionais do movimento, no campo da doutrina, hierarquia, credo e aqueles denominados pelas autoridades de caráter subversivo.

Duas delas são um bom exemplo. Uma dirigida a Simão Toco e outra escrita pelo líder religioso a partir dos Açores. O foco da correspondência para Simão Toco foi o núcleo Tocoísta de Luanda considerado como centro do movimento, mas também outras localidades procuraram manter contactos com Simão Toco através da via postal, nomeadamente, os de Catumbela, Lobito, Vale do Loge, Caconda, Nova Lisboa (Huambo), N'taya e outras localidades. A carta de João da Costa, datada de 14 de junho de 1965 e endereçada ao líder religioso, sugere os vários aspectos abordados durante a fase em que esteve no exílio: “*Meu querido pai na fé em Cristo Jesus, Simão Gonçalves Toco. Pai as suas cartas que tem mandado pela igreja, tenho enviado as suas palavras de conforto. Pai, é verdade conforme as suas palavras numa das últimas cartas que o pai mandou há dias em que diz que tudo quanto está escrito na Bíblia será cumprido. Conforme as suas pregações quando esteve connosco, elas estão sendo cumpridas. Especialmente no capítulo que o pai nos deixou, nos teus dias de embarque. O Acto dos Apóstolos, 20,28 [...]. Mas estou convencido que o bom pastor sabe como salvar as suas ovelhas, conforme diz o*

---

<sup>44</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Circular Para as Povoações de Mfuemfue, Sadi, Ngando e a todas outras áreas do Zombo, 00.09.1957, fls. 160-167.

<sup>45</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-I-1825 (2), P. 7133-7140: carta de João Lupini a Simão Toco de 12.02.1958; Correspondência Respeitante a Simão Toco, 03.07.1973, fl. 3.

*hino<sup>46</sup> fundado pelo nosso irmão mestre do coro oeste. Para mim, este hino é muito importante<sup>47</sup>.*

Como foi dito em linhas anteriores que o principal ensinamento dos Tocoístas tinha como fonte a Bíblia, e por isso Simão Toco apelava a todos os membros que frequentassem os estudos bíblicos, para que quando alguém fosse chamado a assumir uma determinada responsabilidade tivesse conhecimentos aceitáveis no que a Bíblia diz respeito. Simão Toco não querendo desviar-se do seu ideal doutrinário, no período compreendido entre os anos de 1970 a 1973, reforçou ainda mais as mensagens de cariz bíblico e incentivou os seus membros a fazerem os estudos da mesma, que no seu entender constituía a única via ou forma para o conhecimento da palavra de Deus, porque na sua lógica, sem aquele livro, continuariam a ser “tolos”.

Quando questionado em 1973 por um dos seus membros sobre o porquê do estudo da bíblia entre os Tocoístas visto ser um livro dos brancos, Simão Toco respondeu e aproveitou demarcar-se do Kimbanguismo que Redinha e outros investigadores haviam associado como sendo um movimento que influenciou o Tocoísmo. Em abril de 1973, Toco questionava sobre quem alegava que o estudo bíblico que ele “avisou” tinha sido obrigado pelos brancos, e sobre o “mal” de ler o livro sagrado e fez referência ao “antigamente” aos irmãos do Kimbangu que não gostavam da bíblia e diziam que a bíblia era para os brancos, mas depois de os tocoístas começarem a explicar a bíblia começaram eles também a gostar da bíblia. Por isso, no seu entender, o que eles gostavam era de espiritismo. Defendeu: *“a nossa doutrina baseia-se na bíblia por isso os mancebis devem estudar a bíblia. Quem vos ensinou a palavra de Deus? Não são os brancos? Os tolos que estão falando mal da bíblia são ignorantes, a palavra de Deus não está bem assente nos seus corações são ao mesmo tempo hipócritas ou ateus, mas nós os tocoístas servimos a Deus. Não somos espiritistas, mas espiritualistas. Os espiritistas creem em espíritos imundos e nós os Tocoístas cremos no Espírito Santo de Deus. Graças a Deus muitos Kimbanguistas converteram-se e estão se humilhando com o Espírito manso<sup>48</sup>”*.

---

<sup>46</sup> Ignora-se qual seja hino fundado pelo mestre do coro do Oeste.

<sup>47</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Ofício Secreto n.º 2595-CI(2), Secção Central: *Tocoísmo: Carta de João da Costa para Simão Toco*, 10.07.1964, fl. 395.

<sup>48</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Carta aos Membros Tocoístas de Angola*, 03.04.1973, fls. 16-17.

Tendo um cariz religioso, Simão Toco adotou progressivamente um conjunto de normas e preceitos retirados, sobretudo, do texto bíblico.

No que respeita aos mandamentos e ensinamentos, Daniel Mfinda, primo de Simão Toco e tocoísta responsável pelo grupo situado no Vale de Loge, depois da saída do líder, afirmou no início dos anos de 1960, que o Coro que Simão Toco ensinara em Léopoldville era igual ao Protestante. A única diferença que se podia notar em relação aquela Igreja é que os adeptos de Simão Toco não fechavam os olhos quando rezavam. As mulheres poderiam usar cabelo comprido e amarrá-lo com linhas; e para assistirem à missa e aos trabalhos religiosos tinham de usar lenço na cabeça. Todos os primo-discípulos (fundadores) eram “*mestres*” no que respeitava à missa e aos ensinamentos da Bíblia, porque todos tinham sido ensinados por Simão Toco em Léopoldville. Deviam ensinar a existência de um Salvador, Jesus Cristo, sendo Simão para os seus adeptos, apenas o professor<sup>49</sup>.

Simão Toco não se considerava inimigo dos católicos e protestantes e por esta razão, era normal encontrar pessoas que professavam outro culto cristão ou animista fazerem parte dos encontros entre os Tocoístas, evitando assim barreiras raciais e religiosas dentro do seu movimento que ele sempre aspirou ganhar a dimensão universal.

Numa das cartas dedicada ao “Culto aos Pastores”, Simão Toco exortava que para orar não era preciso edificar templos ou casas de oração. Cremos que esta atitude foi tomada por causa da vigilância exercida pelas autoridades as actividades Tocoístas. Sendo um templo um lugar de fácil reconhecimento, o profeta pretendia, por certo, com esta recomendação, que o culto e as reuniões continuassem, mesmo em qualquer local. Com tudo isto, o movimento tocoísta assumiu um carácter semiclandestino, pois que todos os recintos poderiam servir como espaços de rito e serviço religioso.

Em 1957, escreveu para os seus membros: “*quando estiverdes a fazer as vossas orações e algum dentre vós se sentir sobrenaturalmente inspirado, procurai afastá-lo do meio de vós e ponde-o num compartimento à*

---

<sup>49</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/0448/06555: SR.20, D. 5.10, *Simão Toco 1949-1960*, 03.01.1960, fls. 108-112.

*parte. Enquanto não repor as leis da nossa Seita como elas eram prescritas aquando da sua fundação, nada poderemos fazer por ora. É preciso vos lembrardes que deveis marcar sensivelmente com os pés o local onde, no quarto, fazeis as vossas orações, ou mesmo dentro de vossas casas. No momento da oração apenas 3 coisas vos devem acompanhar: a Bíblia, o Livro de cânticos e um vaso de flores por cima da mesa, isto no caso de possuídes flores”<sup>50</sup>.*

Assim, nem sempre os Tocoístas precisaram de uma igreja “física”, muitas vezes era uma casa quer de pau a pique, quer de adobe, ou um recinto vedado, coberto ou não, de forma aproximadamente quadrangular. Em ambos os casos, não faltava o espaço mais nobre do lugar sagrado, o Santo dos Santos, terminologia afeta ao Templo de Salomão, ou a Casa Santa, como lhe chamavam os tocoístas e onde eram guardados os objetos do culto e se realizavam as cerimónias. Inicialmente o culto tocoísta impunha aos crentes/membros um preceito de práticas diárias. Assim, no curso da semana, os sábados e domingos destinavam-se ao culto e os restantes dias eram dedicados ao estudo da doutrina (SANTOS, 1972, 416).

As ilustrações que abaixo se seguem fazem uma referência da organização do Cerimonial de uma Missa entre os Tocoístas e nos dão uma imagem aproximada de como decorria o mesmo ao longo da evolução do movimento religioso. Podemos ver a Cruz adotada pelos Tocoístas, o altar e outros símbolos que se apresentaram como essenciais no culto.

Nas paredes das Igrejas Tocoístas vê-se a cruz normal das igrejas cristãs, envolvida por um “S” e acrescido de alguns complementos de formato idêntico ao do desenho. Esta cruz, envolvida pelo “S”, significa simultaneamente a Cruz de Cristo e a inicial de “Simão”, primeiro nome do criador do Tocoísmo. E nas figuras em paralelo com a cruz, temos os catequistas João Jorge Capitão, Bila Sebastião e Miguel Marzungo Francisco, presidindo a Sessão de Missa Tocoísta, em Luanda no ano de 1957. E nas duas últimas imagens temos o Maestro Pedro Dembos, regendo o corpo coral dos tocoístas de Luanda, durante a sessão da missa e por fim,

---

<sup>50</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Simão Gonçalves Toco, 17.10.1955, fl. 70.

tocoístas de Luanda assistindo a uma sessão de culto noturno.

Ilustração n.º 03 – Ritos Tocoístas: A Cruz da Igreja Tocoísta e Cerimonial de Missa:



Fonte: Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Ritos e Cerimónias dos Tocoístas*, 14.03.1972, fls. 224-239 (Nosso Recorte).

O Tocoísmo incorporou todo um conjunto de actos solenes ou sacramentais e normas pastorais e litúrgicas a eles associadas. Numa carta de 1972 Simão Toco explicita-os, embora não referia o momento em que os introduziu na Igreja. O primeiro acto solene, e não um sacramento em si, entre os tocoístas é a dedicação da criança ao Senhor, rito inspirado no Levítico (12, 6-8) e

em São Lucas (2, 22-24), elemento que consiste em apresentar o recém-nascido entre a comunidade num dos dias solenes de celebração do culto. Ficamos, a saber, da posição de Simão sobre este assunto, na carta de 1972 onde se pode ler que as “*crianças nascidas em adultério seriam também dedicadas ou consagradas na Igreja, mas as mães e os pais que adulteraram que fossem punidos pela Igreja*”<sup>51</sup>.

O segundo momento solene é o batismo, que se constitui no primeiro sacramento e é considerado como o rito de agregação ao Tocoísmo. Desde cedo foi incorporado e era administrado a partir dos 10 ou 11 anos. Foram adotados dois sistemas de batismo: por imersão e por aspersão. Mas tanto num como no outro, a cerimónia era precedida por uma confissão pública, que muitas vezes criava estados de transe, fenómeno que era tido como sinal da presença do Espírito Santo<sup>52</sup>. Em seguida era lida uma oração da Bíblia, sendo-lhe depois mergulhada a cabeça na água, mas puxada para trás. Seguidamente era retirado da água por dois Tocoístas, que davam a ideia de servirem de padrinhos, sendo levado para a sua residência, onde lhe era tirado o pano branco e se vestia. Esta cerimónia era realizada, geralmente ao domingo, havendo à noite cânticos, tendo o batizado de beber, por um pequeno copo, um líquido que dava ideia de limonada<sup>53</sup>.

No processo cerimonial, o batismo começava pelos meninos e depois passava para as meninas. As mulheres no ritual tocoísta não estavam autorizadas a realizarem cerimónias batismais sendo esta tarefa reservada exclusivamente aos homens. Ficou também interdito o batismo a uma senhora, no estado de gestação. Diferentemente da Igreja Católica que autoriza o batismo até aos recém-nascidos, os membros daquele movimento justificavam a exclusão destes por não terem a capacidade de discernir e acrescentavam que, muitos quando atingissem a fase

---

<sup>51</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco Sobre as Reformas na Igreja*, 20.11.1972, fl. 102.

<sup>52</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco Sobre as Reformas na Igreja*, 20.11.1972, fl. 102.

<sup>53</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Viagem ao Norte da Província e Acontecimentos em São Salvador*, 03.12.1956, fls. 493-507.

adulta acabavam deixando a Igreja pela qual foram batizados por em alguns casos não concordarem com a crença pela qual tinham sido consagrados, pois que quando o fizeram, eram apenas “inocentes”.

O estabelecimento deste sacramento e das suas normas começou quando Simão Toco em Léopoldville e em sua casa, batizou Pululo José (*Joseph*). O catecúmeno ajoelhado em frente a Simão Toco, estando a sua direita uma mesa coberta com uma toalha branca, com flores e bíblias, uma garrafa de água e um copo de vidro. Entre Simão Toco, que se encontrava de pé, e o Pululo, estava desenhada no chão uma cruz, a cal branca, tendo nos intervalos quatro velas e três copos com flores brancas e vermelhas. Toco cobri-o com um pano branco, tendo cosida uma cruz romana a vermelho. O rito iniciou-se com a leitura da Bíblia e dos seguintes mandamentos: “*não matar, não roubar, não beber álcool (vinho e cerveja), não fumar, não comer carne de porco, não tirar as mulheres dos outros, respeitar todas as pessoas e especialmente as autoridades, não andar à pancada, não podendo ficar com duas mulheres*” e foi seguido por uma “*confissão de Pululo onde expôs todos os seus pecados*”<sup>54</sup>. De seguida, segundo Pedro Agostinho, membro da Igreja Tocoísta e autor de uma obra/brochura sobre Simão Toco e os Tocoístas no Mundo, que apareceram como primeiras publicações Tocoístas, que a este acto se referiu em depoimento de 1957, Toco deitou a água no copo, despejada da garrafa, e pondo um pouco na palma da mão direita, aspergiu três vezes, sobre a cabeça de Pululo e dando a água a beber ao batizado, do mesmo copo, proferiu as seguintes palavras: “*em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo eu te abenço*” e dando a mão direita a Pululo, o ajudou a levantar-se (Pedro Agostinho, s/d, 80). O batismo passou a ser o elemento principal entre os sacramentos do movimento.

Ao considerar o batismo como ritual de introdução (integração) na doutrina do Tocoísmo, o seu fundador posicionou-se ao lado das igrejas cristãs e acabou por reconhecer a figura de Jesus Cristo como elemento principal dentro do seu movimento.

---

<sup>54</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Pululo José ou Joseph*, 15.05.1957, fls. 96-98.



As imagens que seguem, deixam a entender o processo de realização do batismo entre os Tocoístas. Estas imagens referem-se aos anos de 1950, depois de terem sido expulsos do Congo Léopoldville. Vimos um grupo de Tocoístas a caminharem para o curso de água a fim de iniciarem as cerimónias de batismo; a seguir os catequistas entram na represa, onde a água foi dias antes preparada (...), um deles lê um texto bíblico; cumpridos os primeiros momentos introdutórios, os catequistas e os restantes adeptos tocoístas entoam um cântico próprio e este momento é seguido por uma curta oração feita pelos catequistas com o acompanhamento da assistência; naquilo que podemos considerar como quinto momento, depois dos primeiros mergulhos batismais, os neófitos sobem para a margem do ribeiro; no outro momento, batizando são mergulhados individual e simultaneamente, pelos catequistas que dirigem a cerimónia e só depois tem início os mergulhos batismais femininos, diferindo com os meninos pela posição dos catequistas e das batizadas. Outro aspecto da cerimónia do batismo, vendo-se em primeiro plano, um homem com um cobertor para enxugar os companheiros acabados de batizar. Outro aspecto no decurso desta cerimónia, todos os presentes entoam, entusiasticamente, parte de um trecho de um hino religioso.

Ilustração n.º 04 – Ritos Tocoístas: Cerimonial de Batismo – 1950.







3 - Preparação para os baptizandos. Os catequistas e os restantes adeptos "tocoístas" entoam um cântico próprio.



4 - Os catequistas rezam agora, com a assistência, uma curta oração.



5 - Depois dos primeiros mergulhos baptismais, os neófitos sobem para a margem do ribeiro.



6 - Outros baptizandos são mergulhados, individual e simultaneamente, pelos catequistas que dirigem a cerimónia.



6 - Outros baptizandos são mergulhados, individual e simultaneamente, pelos catequistas que dirigem a cerimónia.



7 - Mergulhos baptismais femininos. De anotar a posição das mãos das catequistas e das baptizandas.

Fonte: Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Ritos e Cerimónias dos Tocoístas*, 14.03.1972, fls. 225-229 (Nosso Recorte).

Bebendo das práticas ensinadas pelo cristianismo, Simão Toco acomodou no seu movimento (Igreja) outro elemento sacramental que foi a comunhão. Diferentemente dos católicos, que usam o pão ázimo e o vinho da missa, para os tocoístas o pão é substituído por bolacha, biscoito, pedaços de banana e até mandioca, e o vinho trocado pelo “líquido”, ou seja, por chá, café ou laranjada/limonada. A comunhão ocorria, sobretudo, no dia 25 de julho, cerimónia que se celebrava tendo em atenção o dia da fundação da própria Igreja (SANTOS, 1972, 405-410).

A Santa Ceia, que recordava a morte e ressurreição de Jesus Cristo (S. João 6, 54-56; S. Marcos 14, 22-24; I Coríntios 11, 23-30) tornou-se também um momento de celebração no Tocoísmo. Os Tocoístas deviam apresentar-se na Santa Ceia do Senhor devidamente ataviados com vestes brancas. Só era permitida a participação da Santa Ceia as pessoas batizadas. Todos os tocoístas em situação normal eram obrigados a participar na mesa do Senhor. Se algum Tocoísta faltasse à Santa Ceia três vezes consecutivas sem uma justificação aceitável, deveria ser convocado pelos Anciãos da sua Tribo ou Classe, a fim de se justificar e caso isto não acontecesse, o mesmo seria punido e regressaria ao convívio só depois de realizar a sua confissão<sup>55</sup>. As ilustrações que seguem, demonstram alguns momentos vividos pelos Tocoístas no que a comunhão diz respeito.

Nas duas primeiras imagens, no interior da Igreja Tocoísta, por detrás de uma mesa, servindo de altar, o catequista entoava hinos protestantes com o acompanhamento da assistência, constituída só por indígenas adultos, de ambos os sexos. No segundo momento, um catequista envergando a farda do tipo de “*L’armé du Salut*” distribuiu pelos comungantes pequenos bocados de pão. A esta cerimónia, segue-se a distribuição de copos de chá ou de sumo de laranja. Nas últimas imagens, o catequista ora antes de fazer a distribuição dos copos contendo o líquido da comunhão. Esta cerimónia é feita a porta fechada, apenas iluminado com candeeiros a petróleo. A seguir o catequista distribuiu pelos presentes pequenos copos contendo sumo de laranja ou chá.

---

<sup>55</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Ritos e Cerimónias dos Tocoístas*, 14.03.1972, fls. 242-243.



O líquido, assim como o pão distribuído anteriormente, são ingeridos simultaneamente pela assistência, a um sinal do catequista. Todo este cerimonial decorre no meio do maior recolhimento, encontrando-se a assistência separada por sexo.

Ilustração n.º 05 – Ritos Tocoístas: Cerimonial da Comunhão:



Fonte: Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Ritos e Cerimónias dos Tocoístas*, 14.03.1972, fls. 242-243 (Nosso Recorte).

Outro elemento importante da consagração tocoísta é o casamento. Simão Toco defendia que as meninas tocoístas passavam da flor da idade depois de completarem 17 anos, idade a partir da qual poderiam realizar o acto de casamento. Caso uma menina tocoísta se casasse antes daquela idade seria punida, mas superando-a, os pais poderiam fazer o que quisessem com a filha. Todavia, os pais nunca poderiam organizar secretamente um casamento para as suas filhas, sem primeiramente avisar a Igreja, porque as meninas pertenciam a Deus e não deviam ser entregues aos maridos sem o conhecimento da Igreja. A menina poderia casar com o homem que ela gostasse, católico, protestante ou tocoísta, uma vez que as coisas fossem bem organizadas pelos pais e pela Igreja<sup>56</sup>.

As mulheres constituíam, pelo menos na fase inicial, a maioria do povo tocoísta e era plausível serem muitas delas casadas com homens não filiados na nova Igreja. A tal circunstância Simão Toco esteve atento. Numa carta de Tunga Daniel (um dos representantes máximo da Igreja em Luanda), dirigida a Pedro Muica, alto dirigente da Igreja (Maquela do Zombo, 3.1.07.1957), é referido: “*as mulheres cujos maridos não querem acreditar na nossa religião não devem desanimar. É um sacrifício sem importância. O bem há de vir para o futuro. As mulheres devem gravar bem no coração estas palavras e amar bem os seus maridos porque assim estando eles satisfeitos com elas, virão à nossa religião*”. E pelo menos até 1957 o adultério era punido com a expulsão da Igreja. Esta expulsão atingia a mulher adúltera e o homem envolvido, caso este fosse casado e crente daquela Igreja (SANTOS, 1972, 401).

As imagens que abaixo apresentamos nos demonstram o processo do cerimonial do casamento entre Tocoístas e também daqueles que já haviam contraído matrimónio em outras igrejas.

---

<sup>56</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta. Carta de Simão Toco Sobre as Reformas na Igreja*, 20.11.1972, fl. 102.



Ilustração n.º 06 – Ritos Tocoístas: Cerimonial do Casamento.



Fonte: Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Ritos e Cerimónias dos Tocoístas*, 14.03.1972, fls. 232-239 (Nosso Recorte).

A constituição de uma normativa foi um processo progressivo. E tais normas apareceram pela primeira vez consubstanciadas nas “Recomendações aos Nossos Pastores”, tornadas públicas entre 1949 e 1950, onde Simão Toco explicitou um conjunto de “leis” reguladoras das práticas tocoístas.

Nestas recomendações o líder religioso escreveu: *“as mulheres não deviam amarrar os cabelos com as linhas, a não ser com a ligação do próprio cabelo: isto só podia ser feito nos dias de trabalho. Aos domingos só se usa um risco no meio da cabeça para os homens e não deixar crescer o cabelo, quando cortar o cabelo deixar o suficiente para abrir um risco. Qualquer revelação espiritual que eu tiver feito nunca se pode duvidar. Os filhos que nascem agora devem usar nomes portugueses. É necessário que a língua portuguesa seja bem estudada. Nos oratórios não devem rezar com as velas, nem nas casas de habitação. Nas casas de orações, os homens devem estar de pé com um pano branco embrulhado, este pano não pode servir de outro uso. Não se devem untar mais com óleo, o que já untei é suficiente. Todas as pessoas, em sua casa, quando rezam não devem faltar flores”*<sup>57</sup>.

Em 1950, um dos membros mais ativos e relevantes da época, N’ti da Silva, em carta dirigida ao povo de Sadi (27.07.1950) procurou anunciar as “Ordens Permanentes de Jesus Cristo em África”. Nelas se enumeram alguns elementos que podem enquadrar-se no conjunto de orientações e outros mandamentos: *“se alguém for castigado por um branco ou pessoa qualquer deve pedir perdão e não revoltar-se, para dar respeito ao nosso serviço; O homem deve trabalhar os seus trabalhos sem enfraquecer; Se alguém da terra o desprezar ou descompor, não ligar nada, nem responder, somente rezar por Deus; Se alguém quiser escrever em qualquer lado as suas cartas, têm que ser vistas por toda a gente da religião; Todos têm a sua roupa e não podem andar sujos, nem descalço quando saem para o passeio; Quando pretender sair um grupo para ir fazer compras nas lojas, nunca podem entrar todos juntos, entre de cada vez três pessoas; Têm direito os dirigentes de Conferenciar uns com os outros”* na mesma carta também foram estabelecidas algumas normas de boa convivência e ao papel das mulheres no seu lar e se pode ler: *“As mulheres não podem faltar lenços na cabeça a todas as horas; As casas de habitação têm de ter sempre a limpeza necessária,*

---

<sup>57</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Tradução da Carta do indígena da Religião Protestante Simão Toco*, 27.07.1950, fls. 594-595.

*principalmente nas sextas-feiras, têm de ser lavadas com água e tirem todas as coisas para o sol; antes de entrarem na reza devem primeiro lavar a boca ou tomar banho; Os pecadores devem ser punidos com a pena de usarem pano preto (para os distinguir no meio dos outros crentes); as mulheres devem cumprir as ordens dos seus maridos na vida particular; Todos os crentes da religião devem usar tecidos brancos com feitiços<sup>58</sup>.*

As ilustrações que se seguem, servem para demonstrar o princípio organizacional da Igreja desde 1949, quando Simão Toco, ainda no Congo começou a consolidar aquele projecto. As imagens do livro sobre os mandamentos, do cartão de batismo e de casamento.

Em termos de simbologia Tocoísta, para além do uso das vestes brancas, que foram adotadas em 1950, já antes aparecera a estrela por volta de 1949. Eram feitos em casa de Simão Toco e inicialmente era um simples quadrado de pano encarnado e até aquela data não se sabia o significado<sup>59</sup>. A estrela que no princípio tinha a forma de uma meia-lua por baixo e que mais tarde evoluiu para uma estrela completa. Para Simão Toco, a estrela simbolizava ou mostrava que a África também tinha recebido a luz de Deus<sup>60</sup>.

Eis alguns exemplos de Tocoístas trajados a rigor, de acordo com as orientações saídas no ano de 1950.

Ilustração n.º 07 – Traje dos Tocoístas: Vale do Loge (1950?):



Fonte: Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Ritos e Cerimónias dos Tocoístas*, 14.03.1972, fls. 316-318, (Nosso Recorte).

<sup>58</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Tradução da Carta do indígena da Religião Protestante Simão Toco*, 27.07.1950, fls. 594-595.

<sup>59</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Correspondências de Simão*, 05.04.1955, fl. 22.

<sup>60</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Criação do Coro de Kibocolo em Léopoldville*, 05.04.1955, fls. 85-89.



Quanto a estrela, outros a reconhecem como se fosse uma ligação à bandeira do Congo Léopoldville, que continha aquele símbolo. Destacar o uso das vestes brancas, como um elemento identitário coletivo. Na tradição africana, o branco é a cor dos mortos e dos espíritos; o vermelho é a cor do sangue; o preto é a cor do sofrimento, da dor, da provação e do mistério (ALTUNA, 2006, 67).

Ilustração n.º 08 – Simbologia Tocoísta: Evolução da Estrela: julho ou agosto de 1949.



Fonte: Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Documentos Iniciais Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens e Organização do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 19, 38.

As normas estabelecidas através dos preceitos procuram fazer respeitar a doutrina ensinada por Toco, e operacionalizar e disciplinar a doutrina estabelecida e desta forma evitar influência exterior e competição na liderança.

No tocante a Igreja em si, Simão Toco deixou entender que não se tratava do Tocoísmo, mas sim que se tratava de uma Igreja Universal e que a mesma estaria aberta para toda e qualquer pessoa, daí a designação de Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo. No pensamento que Simão Toco tinha em criar uma Igreja de âmbito universal, fomos encontrar entre os Tocoístas um hino muito famoso cantado em kikongo, que nos ajuda a perceber esse ideal: “*mabundu twa yikana twa tunga dybundu dya Se*”, que pode ser entendido como “igrejas unámo-nos para construir uma Igreja do Pai”. Este hino surgido por volta dos anos de 1958 a 1960, nos leva a entender o esforço de Simão Toco na construção de uma Igreja que tivesse a dimensão de uma Igreja Universal.



Eis a letra do hino: “*O yeno mabundu twa yikana, mabundu twa yikana twa tunga dybundu dya Se; o yeni milongi twa yikana, milongi twa yikana twa tunga dybundu dya Se; o yeno yiselo twa yikana yiselo twa yikana twa tunga dybundu dya Se; y wa bydy Zola, ezola wimana ko, e tio Mayamona ukalongele*”; que em português se pode traduzir: “*Vós igrejas, unámo-nos para construirmos a igreja do Senhor. Vós pastores, unámo-nos para construirmos a igreja do Senhor. Vós os leigos, unámo-nos para construirmos a igreja do Senhor. É isto que é amor, o amor que não dispersa, assim disse o tio Mayamona*”. Quanto a pretensa ideia de fundar uma Igreja Universal, aquele líder fez várias referências no sentido dos seus membros usarem a bíblia como o único meio para o alcance da salvação, sustentando a sua ideia de que todos seriam resgatados com a última vinda de Cristo, que viria como preto e em África.

Haverá, sim, pontos de vistas diferentes de interpretação entre os vários intervenientes que se posicionam em frente das igrejas, interpretação esta que também será diferente por causa da doutrina de cada uma delas. Os tocoístas interpretavam a Bíblia de acordo com os ensinamentos protestantes e no contexto das realidades africanas. Para o fundador e líder o Tocoísmo em si, não existia, existindo, isto sim, uma Igreja Cristã africana de origem angolana<sup>61</sup>. A partir deste momento Simão Toco tinha lançado as bases para que o Tocoísmo concorresse no âmbito das grandes religiões de África e também de carácter universal.

Numa epístola de 1972 o líder religioso enfatizou a ideia de criar uma Igreja Universal, através da qual exortava os seus seguidores a orarem para a salvação do mundo, isto é, para quem quisesse ser salvo, branco ou negro. Defendia que a perseguição que era movida contra os tocoístas não devia preocupar nem intimidar os membros da Igreja, mesmo que as autoridades chegassem ao ponto de matarem os confessos daquela religião. E comparava a trajetória de perseguição da sua Igreja, com a experimentada por Jesus Cristo e seus seguidores, de Jerusalém até aos “confins da terra”, para Toco era a “África”. Também nos “confins da terra” a perseguição aos Tocoístas estava inscrita na profecia. Sustentou ainda que a Igreja estava dada aos confins da terra e quem não a abraçasse era tolo e nada mais. O que era necessário para manter a

---

<sup>61</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: *Diário de Luanda: Chegada a Luanda de Simão Toco*, 31.08.1974, fls. 18-19.

Igreja nos confins da terra era o aprendizado da Bíblia. Segundo as suas afirmações, o mundo não queria que Jesus Cristo retornasse e daí a razão da perseguição movida contra os tocoístas<sup>62</sup>.

Já em 1974, o líder teve a convicção de que a sua Igreja nunca iria desaparecer, porque em primeiro lugar estava acima dele e em segundo, porque o *“Tocoísmo era composto dos velhos, velhas, homens, mulheres, jovens, crianças. O Tocoísmo não pode acabar, porque vai ser encontrado pelo próprio Cristo quando vier [...] o serviço religioso para mim é muito grande e tenho adeptos e todos querem que continuemos com o mesmo serviço. Portanto, mesmo que houver serviço do Estado para ganhar o meu pão, eu continuarei a ajudar os meus irmãos, a ensinar e estudar a palavra de Deus”*<sup>63</sup>.

Depois de ter organizado o movimento e ganho contornos de uma Igreja em 1950, eis que Simão Toco, que por influência dos missionários batistas junto das autoridades coloniais belgas, é expulso do Congo e entregue às autoridades coloniais portuguesas em Angola. É com base esta expulsão, contacto e política adotada pelas autoridades angolanas que a nova Igreja se expandirá em boa parte do território.

---

<sup>62</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta. Carta de Simão Toco Sobre o Serviço dos Tocoístas*, 08.08.1972, fls. 115-116.

<sup>63</sup> Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE>, acessado em 13.07.2017.

### **CAPÍTULO III – A INSTALAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E EXPANSÃO DO TOCOÍSMO EM ANGOLA E AS RELAÇÕES COM A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL**

Depois da formação do Coro de Kibocolo e ter tido uma participação ativa e bem-sucedida na Conferência Protestante em 1946, Simão Toco e seus discípulos fizeram um caminho que os conduziu à rutura com a Missão Batista de Léopoldville e com as autoridades coloniais congolezas e expulsão administrativa do Congo Léopoldville. O processo de expulsão ou repatriamento para Angola foi tratado com a administração colonial portuguesa que preparou o acolhimento do grupo na região do Bembe, onde todos os pioneiros tocoístas foram inicialmente concentrados (1950).

Este capítulo cobre o período de 1950-1974. As primeiras seções centram-se na instalação, organização e expansão do Tocoísmo em Angola e nas relações tensas e conflituosas mantidas, desde cedo, com as autoridades administrativas e religiosas coloniais portuguesas que em Simão Toco e no Tocoísmo viram desde cedo tendências socialmente dissolventes e independentistas. A seção final é dedicada à longa experiência de exílio (deportação) de Simão Toco nos Açores (1963-1974) e as incidências de tal circunstância na organização e dinâmica da Igreja em Angola.

#### **1. O Vale do Loge (Bembe): a Primeira Sede da Igreja Tocoísta (1950-1952).**

A data de 25 de julho de 1949 foi considerada por Simão Toco e seus seguidores como sendo da descida do Espírito Santo em África, momento que criou um mal estar com as autoridades coloniais belgas e a situação ainda se tornou mais grave, porque estando o fundador vinculado à Missão Batista de Léopoldville, quando os responsáveis se aperceberam do sucedido, segundo Eduardo dos Santos, o Reverendo Salomon, em nome da Igreja, havia chamado Simão

Gonçalves Toco e repreendeu-o, dizendo que ainda não era chegado o tempo da descida do Espírito Santo em África. Consta que estas e outras advertências foram feitas ao novo Profeta, mas que pura e simplesmente as ignorou, o que obrigou os missionários da BMS a vetarem a sua participação nos cultos e a frequência da Missão (SANTOS, 1972, 374).

Foi essa proibição imposta pelos missionários que fez Simão Toco tomar a decisão de continuar a orar em sua casa, pois, de acordo com o Profeta, Deus não se encontrava apenas entre os missionários batistas. Para Luvualu David, um dos primeiros adeptos de Simão Toco, segundo o testemunho prestado a Silva Cunha, investigador da Junta do Ultramar, e referido por Eduardo dos Santos, os missionários quando souberam que ele convocava reuniões para sua casa, denunciaram o profeta às autoridades belgas, acusando-o de ser fomentador de desordem pública e fundador de um movimento de cariz político (SANTOS, 1972, 374).

As autoridades belgas, contando com a preciosa ajuda dos missionários batistas de Léopoldville, decretou a prisão e o repatriamento de Simão Toco e de seus sequazes, através de Despacho do dia 8 de dezembro de 1949, mas que teve efeito a partir do dia 10 de janeiro de 1950, quando todos os prisioneiros foram entregues às autoridades angolanas. O despacho referia: “Atendendo a que os indígenas originários de Angola, cujos nomes a seguir se indicam, praticam e manifestam o desejo de continuar a praticar os ritos de uma doutrina místico-religiosa hierarquizada, pregando a vinda de uma ordem nova que sob o reino de um novo Cristo derrubará as autoridades e os poderes actuais para tomar o seu lugar e fazer reinar a justiça; atendendo a que estas práticas são de natureza a perturbar profundamente a tranquilidade e a ordem públicas, sobretudo na cidade indígena de Léopoldville, cujo volume das populações permitiria a extensão extremamente rápida e perigosa destas doutrinas subversivas; atendendo a que se verificou que este movimento místico-religioso apresenta afinidades evidentes com as doutrinas espalhadas pela Associação *Watch Tower*, e que se provou que o seu chefe Simão Gonçalves Toco está enfeudado a esta associação, como se conclui da sua correspondência com a

sede da *Watch Tower* em New York; são expulsos do território da colónia do Congo, que deverão deixar num prazo de oito dias, a contar da data da assinatura desta notificação”<sup>64</sup>.

As autoridades administrativas coloniais portuguesas tomaram conhecimento do assunto quando em dezembro de 1949 foi o Governador Geral de Angola informado que iriam ser expulsos do Congo Léopoldville, vários indígenas de Angola tidos como suspeitos de atividades subversivas, pelas seguintes razões: “1. Por mostrarem desejos de continuar a praticar ritos duma doutrina místico-religiosa, hierarquizada, pregando uma nova ordem que, sob a égide de novo Cristo, expulsaria as autoridades e poderes actuais, substituindo e fazendo reinar a justiça. 2. Por estas actividades estarem a perturbar a grande massa indígena dos centros urbanos, onde a assimilação da doutrina se fez com extrema rapidez. 3. Por estar provado ter perturbadoras afinidades com as doutrinas difundidas pela *Watch Tower Society* (Testemunhas de Jeová), estando o seu chefe, Simão Gonçalves Toco, enfeudado àquela associação, conforme consta da correspondência apreendida, mantida com a sede da dita associação, em New York”<sup>65</sup>.

Simão Toco pronunciou-se sobre a sua detenção nos seguintes termos: “*depois de a gente evangelizar durante três meses, fomos presos em 22 de outubro de 1949 e postos nas duas cadeias de N’dolo e Filtra, onde permanecemos dois meses, aguardando pela determinação daquele governo. Fomos presos primeiramente com pretos portugueses de Angola, mas o número total de tocoístas presos era de três mil*” (SANTOS, 1972, 374-375; NZILA, s.d., 21-30).

Por ter existido uma coordenação entre os governos dos dois países, foi por indicação do Consulado Geral de Portugal em Léopoldville, que as autoridades portuguesas, verificando o fanatismo com esta seita seguia a doutrina pregada, usaram o “*método do bom acolhimento a Simão Toco e aos seus adeptos, pois esperavam que uma vez o Toco em Angola, os seus adeptos regressariam em massa, o que na realidade se não verificou porque unicamente regressaram aqueles indígenas que as autoridades belgas tinham expulsado. Pretendia-se assim, compensar ou mesmo suster, o fluxo de emigração clandestina para o Congo*”

---

<sup>64</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 400.

<sup>65</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 13.

Belga”<sup>66</sup>.

O primeiro responsável pelo “*bom acolhimento prestado a Simão Toco por parte das autoridades de Angola teria sido o Consulado de Portugal em Léopoldville, responsável pela redação Confidencial emanada do Quartel-general de Luanda, que atribui aquela entidade a indicação para tanto, não obstante as fortes razões que os belgas apresentavam para a expulsão do Toco e de vários outros indígenas angolanos, tidos como suspeitos de atividades subversivas*”<sup>67</sup>.

O *Arrêté* de expulsão identificou os 82 indivíduos que acompanhavam Simão Toco quando, este, em janeiro de 1950, foi entregue às autoridades coloniais portuguesas, na povoação fronteiriça de Noqui (ver anexo n.º 01). A instalação no território do Vale do Loge efetivou-se “*quando o Governo do Congo belga resolveu dissolver o Tocoísmo, expulsou os seus membros oriundos de Angola, os quais regressaram à província aparentando grande contentamento, tendo sido distribuídos, em grupos por diversas zonas. Assim, o grupo mais numeroso foi ocupar o Colonato do Vale do Loge, seguindo-se na Damba, Bungo, Carmona, Songo, Negage [...]. No Vale do Loge, durante muito tempo, estes grupos evidenciaram esplêndidas qualidades de trabalho e disciplina, atribuindo-se-lhes, porém, uma certa resistência passiva. Por este motivo e pela sua aparência ingênua, ganharam simpatia geral das populações de origem europeia*”<sup>68</sup>.

Os relatórios das autoridades administrativas do Bembe indiciam que Simão Toco e seus seguidores foram “*jubilosa e carinhosamente recebidos, logo foi adotado para com eles um procedimento de exceção que chocou as populações locais que nunca viram o Estado rodear de tanto interesse as suas condições de vida. Instalados em colonatos construídos intencionalmente, neles passaram a gozar uma assistência sanitária e técnica que nunca sonharam. E esta proteção dispensada pelos poderes públicos atraiu necessariamente para a seita a atenção dos outros indígenas, que começaram a engrossar as suas fileiras*”<sup>69</sup>.

A colocação no território do Bembe de Simão Toco e de alguns dos seus seguidores identifica o Norte de Angola como sendo a região onde o Tocoísmo começou a desenvolver-se,

---

<sup>66</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 13.

<sup>67</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Recrutamento*, 25.05.1963, fl. 95.  
Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial n.º 340/62-S.R *Informação Sobre Tocoísmo*, 12.11.1962, fls. 164-167.

<sup>69</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Recrutamento*, 25.05.1963, fl. 95.

constituindo, por outro lado, o centro na história da expansão e propagação do movimento em Angola.

A Simão Toco foi-lhe dado o “*cargo de Chefe dos colonos na Junta do Café, no Vale do Loge, em janeiro de 1950. Passando pouco tempo verificaram-se um certo número de casos de indisciplina coletiva e de desobediência, na população indígena da região. Apurou-se que Simão Toco mantinha em actividade a sua seita, por meio de pregação directa conseguindo mais adeptos e por meios epistolares, orientando e instruindo as igrejas já constituídas*”<sup>70</sup>.

Foram acompanhados, com dois técnicos portugueses, para a região do Vale do Loge, a fim de servirem a *posteriori* de mão-de-obra para o desenvolvimento de um colonato agrícola idealizado pela Junta de Exportação do Café, no âmbito das políticas de povoamento e desenvolvimento agrárias promovidas pelo Governo Geral de Angola. Apesar da inicial escassez de recursos, os regentes agrícolas “europeus” e os tocoístas conseguiram paulatinamente transformar o local numa exploração de café (mabuba) bem-sucedida, chegando a exportar anualmente mais de cinco (5) toneladas embora o ciclo de produção dos cafezeiros não tivesse atingido o pique durante a sua estadia no colonato (BLANES, 2013, 43-44).

Durante a fase inicial dos trabalhos e consequente desenvolvimento da franja agrária, foi graças à sua postura de submissão voluntária ao trabalho agrícola, que o grupo de “deslocados” conseguiu, evitando situações de violência extrema, coexistir com as autoridades coloniais que, por sua vez, os autorizavam a praticar as suas atividades litúrgicas (embora sob um forte controlo). O facto de terem sido “*relegados para um “lugar remoto” também terá ajudado à emergência dessa situação de paz negociada e colaboração. No entanto, com o eclodir das acções de guerrilha nesta região em 1961, os tocoístas fugiram em debandada para as matas e para a fronteira com o Congo, escondendo-se das tropas portuguesas. Interrompia-se, assim, um período particular de trabalho e resistência pacífica para muitos tocoístas, que não mais voltariam ao Vale do Loge*” (BLANES, 2013, 44).

Sobre a saída do Congo Léopoldville e consequente fixação no Bembe, a narrativa de

---

<sup>70</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 14.

Simão Toco (1974) converge com o acima descrito. Segundo a mesma, depois de dois meses na prisão no Congo belga, o seu grupo foi entregue às autoridades portuguesas, na fronteira entre o Congo e Angola, onde foram recebidos pelas autoridades e quando solicitado sobre o que queria fazer, ele respondeu que gostaria de “trabalhar na fazenda” e não noutros serviços. A administração colonial mostrou-lhes um vale (Vale do Loge) referindo que poderia continuar a trabalhar à vontade aí “com a sua gente”. E acrescentou: *“no princípio éramos cerca de 100 (cem). Começamos a agricultura no Colonato do Vale do Loge, com as cem pessoas e por fim, começaram a surgir mais outros. Embora trabalhando, continuamos com a oração e a ler mais a bíblia e cantar os hinos. Mas agora as autoridades não queriam que nós continuássemos a adorar a Deus, diziam que a Igreja não era igual como a Igreja Baptista e Igreja Católica, por isso proibiram-nos. Mas nós sabíamos que a bíblia é a mesma tanto a bíblia protestante como a bíblia católica, não poderíamos adorar outro Deus. Nós sabemos que Deus é o mesmo, que o espírito é o mesmo e Cristo também é o mesmo, não queremos abandonar e assim continuamos a orar, a orar e a orar cada vez mais”<sup>71</sup>.*

As pessoas instaladas no Vale do Loge desenvolveram campos agrícolas, dedicaram-se ao cultivo do café e construíram as suas casas. Foi dispensada ao grupo tocoísta uma área de 32 km<sup>2</sup> para o desenvolvimento da agricultura. A vida era marcada pelo cultivo ao longo da semana e, ao domingo, dedicavam-se a oração. O plano de colocar Simão Toco e os acólitos no Colonato do Vale do Loge, em janeiro de 1950, levado a cabo pela administração colonial, visou circunscrever os tocoístas e aproximá-los da antiga Missão do profeta revelador (Bembe onde Simão Toco frequentou a Missão Batista) que puderia convencê-los a abandonar a ideia inicial sobre a descida do Espírito Santo em África e a consequente fundação do seu movimento. No entanto, o regresso à sua Missão “mãe” não demoveu Toco em cumprir o seu intento profético. No Bembe, continuou com a pregação e isto criou grande agitação nas populações daquele território (BLANES, 2013, 44-45).

Segundo os relatos de um funcionário colocado no Posto Administrativo do Bembe,

---

<sup>71</sup> Arquivo da RTP Radiotelevisão Portuguesa, S.A., 1974.



António Mavakala, a intenção dos tocoístas era de não consentir que os catequistas católicos exercessem a sua ação. Diziam aos indígenas para não trabalharem, que os brancos seriam todos corridos e os pretos ficariam a mandar; que todos os brancos e todos os reis do mundo seriam pisados e que viria um novo governo que eles ainda não conheciam. Eis uma parte do trecho: *“Simão Toco garante será melhor que o governo dos portugueses e de todos os brancos; que todos os que não entrarem para a religião de Simão Toco serão queimados pelo novo “Deus” que deve aparecer dentro de breves dias e que os adeptos do Toco poderão sofrer durante alguns meses, mas que depois virá o novo Deus e todos ficarão a mandar, nos lugares onde hoje estão os brancos; não querem no seu seio católicos ou protestantes, pois essas religiões não são boas nem verdadeiras, tendo por base a mentira trazida pelos seus pregadores”*<sup>72</sup>.

Por seu turno, as autoridades religiosas pronunciaram-se sobre o regresso de Simão Toco a Angola, lamentando que a *“fronteira se abra a indivíduos indesejáveis, mesmo devidamente documentados, como este, sendo sobejamente conhecida a sua ação anticatólica e antinacional. Claro, se é anticatólica, é logicamente antinacional porque estruturalmente Portugal é um país Católico desde o berço. Grandes responsabilidades e perspectivas de dias sombrios pairam sobre os missionários e administrativos que têm de enfrentar sem contemplações e sem de longas esta eferescência já tão significativa, em várias regiões de Angola”*<sup>73</sup>.

Os pronunciamentos acima expostos constituíram-se em inquérito por parte das autoridades coloniais sobre a posição que se devia tomar em relação ao Tocoísmo. Apoiando-se nesse documento, o Administrador daquela região propôs ao Governador, em fevereiro de 1951, que tomasse medidas contra os seguidores daquele movimento e se intensificasse o controle administrativo: *“sou de opinião que o Governo não deve permitir a entrada de mais indígenas no Colonato do Vale de Loge e que seria a medida acertada, para fazer terminar a propaganda, expulsar para a Baía dos Tigres ou para S. Tomé indígenas que se sabe fazerem propaganda, ainda que com base em auto que aprovasse. Também seria determinada rigorosa fiscalização no trânsito de indígenas, não só no centro da área, mas também entre Uíge-*

---

<sup>72</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento Confidencial n.º 49: *Seitas Religiosas: Informações sobre o Tocoísmo no Bembe*, 19.02.1951, fls. 24-32.

<sup>73</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Informação Sobre Tocoísmo: Simão Toco e o Tocoísmo*, 29.09.1954, fl. 113.

*Toto-Bembe e Toto-Ambriz, Luanda-Uíge-Bembe-Damba-Ambaca-Lucala. Seria de aconselhar a escolha de um chefe de posto para o Bembe e a quem seria recomendado muita firmeza e energia. Deveria procurar aliviar-se o Administrador do Bembe dos inúmeros papéis para mais assiduamente poder visitar os postos e fazendas agrícolas, o que por agora se conseguiria com mais um ou dois aspirantes a trabalhar no Concelho*<sup>74</sup>.

É provável que esta perspectiva tenha norteado as relações entre Simão Toco e os membros de seu movimento com a administração colonial portuguesa nos anos que se seguiram, pois foi a partir desse momento que ficaram sujeitos a apertada vigilância e depois, submetidos a sucessivas transferências, tanto do líder como de outros seguidores, para os vários cantos de Angola.

Para tranquilizar essa região, Simão Toco foi mandando para Luanda e daqui para Caconda (novembro de 1950). Aqui verificou-se o mesmo fenómeno, pelo que as autoridades o fizeram seguir para o posto do Jau (janeiro de 1952), mais tarde para Cassinga (junho de 1954) e daqui para o farol da Ponta Albina (dezembro de 1955). As causas destas transferências foram sempre as mesmas: casos locais de indisciplina e desobediência colectiva e continuação de prédicas e práticas religiosas com atividades expansionistas da seita<sup>75</sup>. Esta separação criou novamente um veículo de expansão do Movimento para o Centro e Sul de Angola.

Foram tomadas rigorosas medidas para isolar por completo Simão Toco, impedindo mesmo qualquer visita e proibindo toda e qualquer correspondência. Delineou-se ao mesmo tempo um completo plano de anulação da seita que compreendia em linhas gerais a fixação de residência em áreas diferentes, dos principais chefes dos vários núcleos tocoístas, colocação no colonato de nativos não tocoístas e a intensificação ali da ação missionária católica; previu-se uma acção de persuasão junto dos tocoístas no sentido de compreenderem a “inutilidade” e a “infantilidade” das suas ideias e crenças. A *“campanha teria nascido de um extenso relatório do então Governador do Distrito do Congo (norte de Angola), Major de Infantaria, Hélio Augusto Esteves Felgas, que*

---

<sup>74</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento Confidencial n.º 49: *Seitas Religiosas: Informações sobre o Tocoísmo no Bembe*, 19.02.1951, fls. 24-32.

<sup>75</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 14.

*lembrava da conveniência de se usar processo semelhante ao dos ingleses no Quênia, na reeducação dos Mau-Mau*<sup>76</sup>.

O processo de separação ocorreu porque as pregações feitas na região do Vale do Loge nos dias de oração ganharam fama entre as populações locais e a mensagem passou a ser difundida para as aldeias próximas. Isto fez crescer o movimento de pessoas provenientes das outras localidades que se dirigiam para aquelas onde estavam concentrados os Tocoístas. Alarmadas, as autoridades resolveram separar novamente o grupo em finais de 1950<sup>77</sup>.

O Vale do Loge tinha sido a sede da primeira Igreja Tocoísta. Dessa região, emergiu e expandiu-se para o resto do território angolano, congregando nas suas fileiras cada vez mais adeptos. Simão Toco foi transferido para Luanda e depois seguiu para a zona Sul de Angola, no ano de 1950. Ainda assim, manteve contactos regulares com os seus membros, através de postais que enviava e, em muitos deles, podiam-se ler as principais orientações a seguir a fim de levar avante a causa defendida pelo Movimento.

A decisão tomada pelas autoridades coloniais, de dividir, mudar e dispersar o líder religioso das pessoas mais influentes entre a comunidade tocoísta permitiu a propagação do movimento pelos vários cantos de Angola.

## **2. A Dispersão Forçada e a Difusão Tocoísta em Angola (1950-1965): a Formação de Uma “Igreja” Com Expressão “Nacional”.**

Depois da expulsão do Congo-Léo e instalado Simão Toco e os seus seguidores no Vale do Loge, no norte de Angola, em 1950, o Movimento inicia uma fase de expansão quase imediata para o que muito contribuiu política de dispersão territorial dos tocoístas adotada pelas autoridades coloniais administrativas, fixando-lhes residência em diversas localidades da

---

<sup>76</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 14.

<sup>77</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório n.º 10-C-950, *Informação Sobre Tocoísmo: Tocoísmo em Maquela do Zombo*, fls. 27-35.

provincia. Esta medida permitiu levar o Tocoísmo para fora do grupo zombo e alastrar as suas congregações para várias zonas mais afastadas do Norte, chegando a outros povos que, de outra forma, dificilmente o chegariam a conhecer<sup>78</sup>.

Outro elemento que facilitou uma nova vaga de difusão do Tocoísmo foi o recurso forçado a Simão Toco, pelas circunstâncias do início da luta de libertação, para a recuperação dos seus sectários e refugiados que, em grande número haviam abandonado os povos nas áreas afectadas pelo levantamento da UPA, em março de 1961. No novo processo de expansão do movimento, até cerca de 1965, as autoridades administrativas coloniais viam o Tocoísmo como um movimento místico religioso indígena, de caráter profético-messiânico, atribuindo-lhe uma fraca projeção política, ainda que dotado de tendências xenófobas<sup>79</sup>.

As autoridades coloniais acreditavam que a divisão e dispersão forçada dos membros Tocoístas pelos vários cantos da antiga provincia de Angola mitigaria o progresso do movimento. Analisaremos neste ponto esta mobilidade geográfica forçada como instrumento de contenção, nomeadamente as transferências de Simão Toco e sua esposa Maria Rosa para Luanda e de alguns dos tocoístas para outras áreas do Norte - Maquela do Zombo, Bungo, Damba, Negage, Sanza Pombo, Alto Cauale - assim como para o Litoral Sul e interior central de Angola.

Para Blanes *“this deportation did not prevent the movement from growing. The Portuguese authorities, concerned with the potential danger of what seemed to be a conspiring politico-religious sect, then decided to divide and disperse the Tokoists to different parts of Angola, hoping to watch the movement wane and simultaneously keep track of their leaders by sending them to remote areas of the colony in small groups, to work at the colonatos (labour camps). Toko was eventually sent to Ponta Albina (near the village of Tombwa, southern Angola, in the Namibe desert) and put to work as assistant lighthouse keeper”* (BLANES, 2011, 104).

No terreno, esta política resultou no efeito contrário, pois que, ao dispersar as pessoas do grupo para outras localidades, as autoridades coloniais portuguesas contribuíram de forma

---

<sup>78</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Tocoísmo – Início do Movimento e Biografia do Fundador*, 16.07.1963, fl. 118.

<sup>79</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 294.

significativa para que as atividades do Tocoísmo evoluíssem para além do Vale do Loge, de Maquela do Zombo e do restante território de Carmona para a zona centro e sul de Angola, pois que com estas pessoas se instalava também a nova doutrina.

Associada às pregações feitas, consta em alguns documentos da PIDE que Simão Toco tinha dado orientações aos seus membros para desobedecerem às obrigações impostas pelas autoridades coloniais. Esta, entre outras situações, estiveram na base da sua transferência. O sinal de insubordinação evocado pelas autoridades coloniais foi descrito da seguinte forma: *“os brancos e reis do mundo seriam pisados e queimados, ficando a reinar só o Rei Simão Toco; a terra é dos pretos e todos os brancos que não fossem mortos ficariam como criados ou escravos; poupar-se-iam as mulheres brancas para apurar a raça; não trabalhar para os brancos para lhes criar dificuldades; não fazer lavras, além do necessário para a sua alimentação, pois se não vendessem os géneros ou seus produtos, os europeus não se poderiam aguentar; não respeitar os brancos e autoridades e provocar desassossego; aqueles que estivessem a trabalhar, fugindo, que resistissem a prisão e se fossem acoitar a seu lado no colonato onde só ele manda”*<sup>80</sup>. Informação que oferece muitas dificuldades de interpretação pelo facto do Tocoísmo e do seu líder defenderem a independência de Angola de uma forma pacífica, o convívio entre brancos e negros e o respeito pelas autoridades coloniais. Quando lemos o teor de muitas das suas mensagens, vimos que Simão Toco nunca foi adepto da violência, fazendo supor que tal informação tenha sido exagerada por parte do agente de informação que a redigiu. Embora tenha defendido o fim do colonialismo em Angola, mas nunca com as intenções semelhantes àquelas que atrás ficaram descritas.

No que toca a dispersão dos membros tocoístas, ficou apurado que aquando da saída do Vale do Loge para Luanda, Simão Toco havia delegado responsabilidades a Daniel Araújo Mfinda, seu primo, que continuou com a residência fixa no colonato, para prosseguir a expansão da doutrina, com a ajuda de um ex-catequista protestante, António Silva. Na sua aldeia natal, Kiluango (Maquela do Zombo), essas responsabilidades, poderes e até virtudes teriam sido

---

<sup>80</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07029: *Informação Sobre regras do Tocoísmo*, 20.02.1954, fl. 5.

transmitidas a seu tio, Miguel Finda, que, *a posteriori*, foi substituído por M'bongo M'pasi, também chamado “N'kemi” (SANTOS, 1972, 375-379; GONÇALVES J., 1967, 678-694). Menos referenciada é a figura de Kanza Jean, que na altura de prisão Simão Toco em Léopoldville, foi ele também detido e que era português e nascido em Maquela do Zombo, razão por que foi expulso para Angola. Desta maneira ficou uma espécie de mestre de noviços e, no Vale do Loge, era o principal conselheiro de Daniel Mfinda. Este conselheiro, nas reuniões especiais, conseguia fazer com que os adeptos entrassem em transe<sup>81</sup>.

Apesar do facto de Simão Toco ter atribuído/delegado responsabilidades a outros membros do movimento no Vale do Loge, entre 1951 e 1955, a principal propaganda tocoísta dimanava de Maquela, onde os dirigentes, nomeadamente do Bungo e de Mucaba e também de localidades circunvizinhas, iam receber instruções, bíblias e outras literaturas em nome do movimento. Por sua vez, o orientador geral aqui sediado, Martins Bele, viajava periodicamente ao Vale do Loge para consultar e trocar experiências com Daniel Mfinda, deixando a entender que no distrito do Uíge e quiçá na zona mais a norte, Bele centralizava o comando da seita, que continuou a ser liderada por Simão Toco. Na extensão norte, parece ter sido o núcleo do Vale do Loge o único que conseguiu preservar e manter puro o ritual ensinado por Simão Toco (SANTOS, 1972, 379).

Para se entender o processo de expansão do movimento e das medidas que seriam postas em ação no combate do movimento pelas autoridades, tinha-se criado um croquis indicando os locais onde o Tocoísmo se fez presente, delineando as zonas de influências, por grande densidade, de fraca densidade e de focos tocoístas. A primeira zona identificada como de grande densidade de adeptos tocoístas organizados em congregações e igrejas foram os territórios do Uíge e Luanda. A segunda zona, chamada de fraca densidade de adeptos tocoístas contando com um pequeno número de congregações e igrejas, foi localizada nos distritos de Benguela, de

---

<sup>81</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Simão Toco e Quimbangu*, 25.05.1963, fl. 69.

Moçâmedes (Namibe), Huíla, Malanje e Cabinda. A terceira e última zona foi identificada como sendo de existência de focos tocoístas ou elementos tocoístas dispersos, englobava os territórios do Cuanza Sul, Huambo, Lunda, Moxico, Bié e Cuando Cubango. Não foi fácil determinar a importância de cada uma das congregações indicadas, porque, para fugir a vigilância das autoridades, os tocoístas trabalhavam quase sempre na clandestinidade<sup>82</sup>. Durante as investigações não conseguimos apurar elementos tocoístas nos territórios do Cuanza Sul, Malanje, Lunda, Bié e Cuando Cubango, mesmo havendo indicações por parte das fontes das autoridades administrativas.

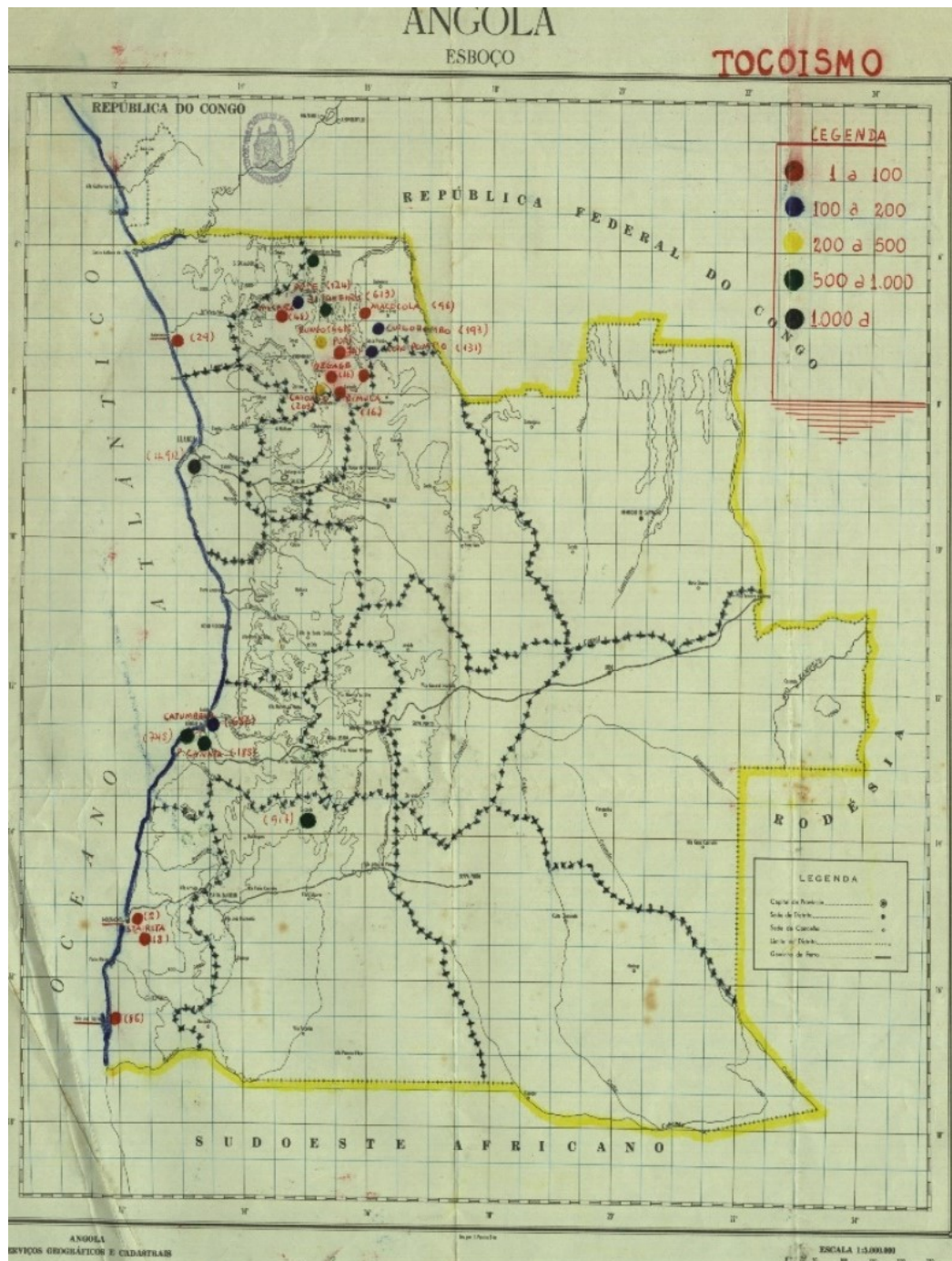
A informação qualitativa dos anos 1950 permite uma configuração geral da evolução da Igreja Tocoísta em Angola, deixando evidente que a dispersão geográfica dos tocoístas não travou tendo antes constituído um fator essencial da sua expansão, a partir do Uíge, para toda a linha costeira, de Luanda ao Namibe com alguma penetração em direção ao planalto central.

Os Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Angola (SCCIA), que passaram a acompanhar, pelo menos desde janeiro de 1962, com grande proximidade, a atividade dos Tocoístas - integrando-os na categoria dos “Movimentos (Partidos) Emancipalistas” (1962), a seguir no dos “Movimentos Subversivos Angolanos (agosto 1963), e depois na dos “Movimentos Subversivos Angolanos e Seitas de Angola e Outras Províncias” (agosto de 1964) -, cartografaram os núcleos tocoístas ativos em todo o território [ver Ilustração N° 09], cuja informação permite uma estimativa grosseira da dimensão demográfica da Igreja Tocoísta no início de 1963: cerca de 12.000 membros controlados pelas autoridades, distribuídos por 22 núcleos de dimensões variáveis, compostos por “ 78 dirigentes principais”, “39 anciãos”, “78 Catequistas” “5 pregadores”, “4 guardas”, “6 mestres de canto” e 32 outros dirigentes, num total aproximado de 242 membros dirigentes [ver Anexo n.º 06]. É plausível que este número fosse na realidade superior, uma vez que muitos não eram visíveis e evitavam o contato regular com as autoridades.

---

<sup>82</sup> ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Tocoísmo – Início do Movimento e Biografia do Fundador*, 16.07.1963, fl. 122.

Ilustração n.º 09: Esboço de Angola - Expansão do Tocoísmo – 1965



Fonte: Cf. ANTI/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Tocoísmo: Estudos sobre a Seita (1962-1966), 23.01.1963, fl. 61.

Vendo no seu conjunto, os núcleos tocoístas projetam-se em 6 “regiões”: A região inscrita no Distrito do Uíje, com 13 núcleos tocoístas (62%), parece ser o território de maior



presença, influência e expansão recente do Tocoísmo. Os restantes núcleos estavam presentes na área de Ambriz, na cidade de Luanda, na região constituída pelo triângulo Benguela, Catumbela e Lobito, Moçâmedes/Namibe, no Moxico e finalmente na região da Huíla, com núcleos nas áreas de Caconda, Sá da Bandeira e Humpata. A exploração da informação cartográfica, permite estimar a existência de dois núcleos (Bungo e Caiongo «Alto Cauale»), com cerca de 700 elementos; 6 núcleos (Caconda, P. Canata, Benguela, Luanda, Maquela do Zombo e 31 de Janeiro), que reuniriam cerca de 7.000 membros; quatro núcleos (Catumbela, Sanza Pombo, Cuilo Pombo e Pete) com cerca de 1500 membros e finalmente, 10 núcleos mais pequenos (Ambrizete, Mucaba, Macocola, Púri, Negage, Dimuca, Moçâmedes, Sta Rita, Baía dos Tigres e Damba) que congregariam cerca de 2000 membros. Se considerarmos a áreas de localização, é clara a grande concentração dos tocoístas no Uíge-Congo<sup>83</sup>.

O estudo da expansão do movimento será feito tendo em conta a localização geográfica dos núcleos. Por isso, veremos que de forma cronológica, o Tocoísmo chegou em algumas regiões do Sul de Angola, antes de outras localizadas no Norte. A recolocação dos membros tocoístas levada a cabo pelas autoridades coloniais para diversas áreas de Angola, do litoral ao interior, deu início à expansão da Igreja entre os povos à beira da estrada Quimbata-Maquela, até além da Damba, a diversas centenas de quilómetros de Sadi-Kiluango, terra que viu nascer aquele líder religioso. As autoridades coloniais ajudaram Simão Toco a superar, num curto espaço de tempo, a eventual confinção do movimento entre os zombos, proporcionando o alastramento do proselitismo e recrutamento até à zona sul de Angola<sup>84</sup>.

### **Os Tocoístas no Uíge**

Foi em território do “Distrito do Uíge” que se instalaram os primeiros tocoístas, provenientes do Congo (Léo), encabeçados por Simão Toco, onde se criaram as “terras santas”

---

<sup>83</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Tocoísmo: Estudos sobre a Seita (1962-1966), 23.01.1963, fl. 61.

<sup>84</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Os Tocoístas e os Dez mandamentos de Deus e Outros Preceitos da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo*, 07.06.1951, fls. 34-44.

(Vale do Loge, N'taya e N'taya Nova) e isso em parte explica a densidade de núcleos que aí se constituíram. Mas a Igreja ganhou aí maior implantação e dimensão com o início da luta de libertação e com o papel dos Tocoístas junto dos refugiados nas matas.

Os relatórios do SCCIA, iniciados em janeiro de 1962, assinalam a recente expansão do Tocoísmo e das atividades prosélicas da seita em áreas como as dos Postos de Caiongo (1963), 31 de Janeiro (1963), Alto Cauale (1963), Maquela do Zombo (1963-1965), Negage (1963-1964), Sanza Pombo (1963-1965), Bungo (1965), Damba (1962-1965)<sup>85</sup>.

De facto, a zona de influência no Norte estendeu-se mesmo aos povos do antigo Congo Léopoldville, especialmente no “*Secteur de M'pangu*”, onde se detetou grande atividade dos membros Tocoístas, resultante do convívio e dos encontros que se davam nos mercados de Kimpangu, onde, na maioria das vezes, estavam trajados com vestes brancas, uniforme identificativo da seita<sup>86</sup>.

Sobre o alargamento da esfera de influência dos tocoístas, as autoridades coloniais daquela região relataram sobre os povos que ataram relações com aqueles discípulos. Consta que existiram pessoas que se deslocavam a este Sadi, para serem iniciadas, para rezarem, para pedirem ao “*M'vuluꝛi*” as bênçãos de toda a qualidade: *“libertação do “kindoki”: conhecimento de quem fez o feitiço; lançamento de sortilégios na “kanda” ou família. Os membros deste movimento são facilmente conhecidos pela placa-estrela que levam sobre o peito; mas aqueles do Congo Belga têm proibição de mostrá-la ostensivamente, sob pena de prisão. Citamos, como exemplo, uns povos que mantêm relações secretas com Sadi: Kinsimba, Kikongo, Mvindu, Kimakandi, Ngongo, Lemba, Kasi-Kintoto, Kilwayi-Kimbanza. Essa seita, pelo menos de momento, tem um fim unicamente religioso, não sendo de opinião, por já ter assistido às suas reuniões, que o seu fim, repetimos, pelo menos de momento, seja subversivo”*<sup>87</sup>.

---

<sup>85</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 11.

<sup>86</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Nota n.º 051/69/80/1: *Seitas Religiosas: Aditamento*, PSP, 09.04.1951, fl. 33.

<sup>87</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Nota n.º 051/69/80/1: *Seitas Religiosas: Aditamento*, PSP, 09.04.1951, fl. 33.

Em 1956 era visível a preocupação e atenção que as autoridades administrativas davam ao movimento. Na região da Damba foram detidos e interrogados vários membros, cujo depoimento ajuda a perceber o processo de recrutamento de acólitos. João Ferreira declarou ter sido protestante e que “deixara de o ser porque um indígena, de nome Félix Calunga, lhe ter dito que a religião do Simão Toco era muito melhor e que se quisesse ensinar-lhe-ia; Félix Calunga lhe dissera também ainda, para ler com atenção o capítulo 19 da Bíblia sem especificar um livro ou capítulo. Assim o fez e em determinado dia quando se encontrava a rezar em sua casa, na companhia da família, lhe apareceu efetivamente o Espírito Santo, a um canto da parede, entre nuvens brancas. Imediatamente caiu no chão, em êxtase, começando a confessar os seus pecados. A boa nova se espalhou rapidamente por todos os povos da redondeza e dois dias depois grande multidão de indígenas se juntou em sua casa e todos viram o Espírito Santo que entrou nos seus corpos”<sup>88</sup>. Moraes Vilacana assumiu: “*seguiu a religião de Simão Toco e que se mostrou desobediente às ordens da autoridade, porque como sobre ele tinha descido o Espírito Santo, se sentia possuído de grande alegria e não queria voltar mais ao trabalho (...). Que ensinou a Marcelina Lafilalu, que não é sua mulher, a andar em cima de um barroto, como viu fazer no cinema em Caxito, para fazer crer que os indígenas reunidos no povo Quicavuaba que era o espírito que a isso os obrigava na qualidade de rei e de rainha da nova religião*”<sup>89</sup>. Muitos dos que foram presos, alguns deles, mal conheciam ou tinha domínio sobre o teor do Tocoísmo.

O movimento na sua fase embrionária não parava de crescer, mereceu particular atenção do chefe do Posto da Damba que num informe de março de 1956, registou que havia centenas reunidos e a todo o momento chegavam mais, abandonando o trabalho; os convertidos começavam logo empregando palavras da língua falada em S. Salvador (kikongo); diziam que já viram a bandeira deles e falavam no rei deles afirmando que o seu dia estava próximo; mostravam-se desinteressados de tudo. Os “*indígenas que costumavam ir ao posto queixar-se dos brancos*

---

<sup>88</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Ofício n.º 2.246, de 29/06/1956: *Seitas Religiosas*, 10.03.1956, fls. 99-122.

<sup>89</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Ofício n.º 2.246, de 29/06/1956: *Seitas Religiosas*, 10.03.1956, fls. 99-122.

*que lhes roubavam as lavras, foram agora dizer ao Chefe de Posto que se já não quisessem as lavras, que as podiam dar aos brancos. Alguns (denunciando talvez uma das origens deste movimento) declararam que queriam repartir as suas lavras com outros indígenas mais pobres. Os alfaiates querem dar as máquinas de costura; quanto ao trabalho, informaram ao Chefe do Posto que não sabiam se poderiam continuar, pois dependia de Deus. Se Deus lhes desse a vontade, iriam. Não mostram sinais de violência. O Chefe do Posto interrogou demoradamente os que lhe pareceram cabecilhas. Um deles foi primeiro cabo do exército. Os cabecilhas disseram ao Chefe do Posto que de nada valeria a sua prisão, pois que outros apareceriam*<sup>90</sup>. Todavia outro funcionário entendeu que o “Tocoísmo era contra todas as ideias missionárias, sejam elas protestantes ou católicas”<sup>91</sup>, não o associando, explicitamente a uma mensagem política.

O movimento continuou a expandir-se na área do Posto de Pete, no Concelho da Damba-Uíge, como se infere duma carta dirigida por Pedro Panda à Simão Toco. Nela, *“queixa-se este indivíduo da pressão que sobre eles tem feito o capelão militar da área, o qual tem procurado convencê-los do erro em que laboram. Por isso, Pedro Panda adverte a Simão Toco de que poderão ser levados a dar um passo falso para trás, se a pressão continuar. Entretanto pede autorização para celebrar alguns actos de culto da seita. É de salientar o profundo respeito e consideração com que se dirige a Simão Toco*”<sup>92</sup>.

Na área do Posto de Pete região os sectários do Tocoísmo continuavam ativos e, ao que parece, eficientes na arregimentação de novos conversos. As autoridades identificaram que os principais dirigentes eram os ex-chefes da NTO-BAKO, destacando-se a atividade de Pedro Panda, iniciada em fevereiro de 1963 com a venda de cartões de identificação usados pela seita. As autoridades coloniais condenavam a *“atitude arrogante deste indivíduo, que em tudo pretende mandar sem dar satisfação a ninguém, valen-lhe a hostilidade do soba Macanda e do monitor, e levou aquele a proibir aos habitantes da sua sanzala a profissão do Tocoísmo. Esta proibição, embora seja cumprida pelos homens, não o é pelas mulheres que, ao que parece, se deixaram intimidar pelo Panda. Consta, efetivamente, que este indivíduo tem*

---

<sup>90</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Ofício n.º 2.246, de 29/06/1956: *Seitas Religiosas*, 10.03.1956, fls. 99-122.

<sup>91</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Ofício n.º 2.246, de 29/06/1956: *Seitas Religiosas*, 10.03.1956, fls. 99-122.

<sup>92</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 56*, 12.04.1963, fls. 95-96.

*afirmado que, após a pacificação de Angola, todos os indivíduos que não forem Tocoístas serão detidos*<sup>93</sup>.

O grande prestígio alcançado pelos dirigentes Tocoístas, Pedro Panda, Pedro Cavungo e Manuel Lele, ex-dirigentes da NTO-BAKO, foi suscetível de provocar uma deterioração na situação. É de salientar que se tratava de indivíduos apelidados de arrogantes que procuravam a condução dos seus povos, para o que tentavam anular a autoridade gentílica<sup>94</sup>. Por este motivo o chefe do Posto do Cusso deteve em 29 de maio de 1963 três homens e três mulheres do núcleo de Maquela, que se encontravam na sua área tentando aliciar, para a sua zona, onde diziam haver liberdade de culto, os nativos do povo Colo e Penza Tumba. A mesma fonte atribui a fuga de alguns nativos da área, à preocupação que os Tocos parece terem, de se reunirem em sanzalas próprias<sup>95</sup>.

Relativamente ao Posto Administrativo de 31 de Janeiro, os Tocoístas preparavam-se para incrementar as suas atividades proseliticas com a apreensão de um documento onde constavam diversas regras, e do facto de os dois principais chefes tocoístas da área se terem deslocado a Luanda com o escopo de tratarem de assuntos concernentes à seita, se bem que, ao pedirem guia para a viagem, tivessem declarado às autoridades que a sua deslocação a Luanda se relacionava com visitas a familiares seus residentes<sup>96</sup>.

Houve um recrudescimento das atividades dos correligionários de Simão Toco, especialmente na sanzala Maxinge. Pretendiam levar outros povos a ingressarem na seita, para o que obrigavam todos quantos ali passavam a assistir às preleções doutrinárias. Para as autoridades *“esta atividade parece não ser muito do agrado das populações, que dizem ser semelhante às atitudes adotadas pela UPA nos tempos que precederam a eclosão do seu levantamento”*<sup>97</sup>. Em consequência da denúncia feita pelo povo Maxinge, posto da Lemboa/Damba, as autoridades detiveram vários correligionários de Simão Toco, tendo os habitantes daquela sanzala manifestado o seu regozijo pela atitude que

---

<sup>93</sup> Cf. ANTT/ SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 57*, 19.04.1963, fl. 104.

<sup>94</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 61*, 17.05.1963, fl. 31.

<sup>95</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 65*, 14.06.1963, fl. 103.

<sup>96</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 120, *Relatório de Situação n.º 98*, 26.02.1964, fls. 134-135.

<sup>97</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 122, *Relatório de Situação n.º 113*, 10.06.1964, fl. 95.

os libertava do incómodo, proselitismo que aqueles indivíduos vinham exercendo<sup>98</sup>.

Outro núcleo do movimento existiu em Negage descoberto depois da detenção de alguns membros que professavam o Tocoísmo. O caso deu-se a 31 de março de 1962, quando tinham sido “*apresentados ao Posto Administrativo 22 (vinte e dois) nativos provenientes de Cabinda, repatriados através da Força Aérea e que, perguntados a que seita pertenciam, responderam que eram Tocoístas. Ficaram detidos a fim de se proceder a uma devassa minuciosa através das bíblias, agendas e cadernos de que se faziam acompanhar, como já haviam feito a todos os indivíduos da seita do Tocoísmo*”<sup>99</sup>. Nesta devassa detetou-se registos em kikongo, assim traduzidos: “*1. No ano de 1482 é que entraram na nossa terra; pela força deles é que entraram dentro da nossa terra, que é muito nossa; 2. Nós queremos nos defender, Deus ajude-nos, é muito tempo que já cá estão; 3. Quando entraram na nossa terra os velhos do tempo passado diziam que a terra, já estava boa, afinal entregaram-na*”<sup>100</sup>. Estes textos serviram de prova de cumplicidade do Tocoísmo com os movimentos emancipalistas e constituiu razão de fundo para a prisão de uns e a dispersão de outros. Muitos dos exemplos como ao que acima nos referimos, ajudaram a concluir que algumas declarações registadas e relatadas posteriormente pela PIDE foram prestadas sob tortura ou interrogatórios permanentes. Desconhecem-se os mentores do movimento nesta região.

Em meados de 1963 viveram-se momentos de tensão entre as autoridades e membros Tocoístas da área do Dimuca (Negage), que recusavam todos os locais que a autoridade administrativa lhes havia concedido para a construção de uma sanzala, que seria exclusivamente para os elementos da seita. Os “*prosélitos pretendiam que a sanzala fosse construída num local que tornasse difícil o controle a efetuar pelas autoridades ou que fossem autorizados a juntar-se aos tocoístas residentes no Negage ou aos que habitavam no Púri, a fim de constituírem uma regedoria apenas de tocoístas. Recorda-se que todos os tocoístas de Dimuca se haviam recusado a aceitar as ordens das autoridades gentílicas, desde que estas não*

---

<sup>98</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 118*, 15.07.1964, fl. 35.

<sup>99</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Ofício n.º 150/2ª-M-1: *Informação Sobre Tocoísmo*, 09.06.1962, fl. 42.

<sup>100</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Ofício n.º 150/2ª-M-1: *Informação Sobre Tocoísmo*, 09.06.1962, fl. 42.

*fossem eleitas por eles, o que, conjugado com a atitude acima referida, vem demonstrar o seu desejo de viverem, quanto possível, independentes das autoridades*<sup>101</sup>.

Já no ano seguinte os correligionários de Simão Toco haviam saído do longo letargo a que se tinham remetido, reiniciando as suas atividades culturais, com o casamento de um deles, segundo o ritual da seita<sup>102</sup>. Os tocoístas, talvez com o intuito de impressionarem favoravelmente o remanescente da população da área e a fim de os atraírem ao seu grémio, enfeitaram a sanzala e convidaram indivíduos desafetos à seita a participarem da comemoração do acto.

Tendo em atenção o desenrolar da situação e a organização empreendida pelos tocoístas daquela área, verificou-se que o aparato e religiosidade do acto era suscetível de provocar nas populações locais a reação desejada pelos sequazes de Toco. De resto, a *“partida de um dos seus membros, André César Mucano para Luanda, em 20 de outubro de 1964, onde, segundo ele mesmo declarou, pretendia adquirir junto dos seus sequazes desta cidade, uma soma de conhecimentos bastante para poder fazer casamento e, segundo deduzimos, para poder ficar como chefe principal do núcleo, permite-nos admitir que os tocoístas de Dimuca estão dando os primeiros passos para uma campanha proselítica*<sup>103</sup>.

Os relatórios do SCCIA indicam que outra área de forte penetração e presença do Tocoísmo foi a do Posto do Pombo (Sanza Pombo), especialmente nas aldeias de Kimpanzu Mambu e Bunda Pambo, pertencentes a Comuna do Cuilo Pombo, onde houve grande incremento do movimento, ignorando-se a origem, os números de membros e bem como os nomes dos líderes do núcleo. Para a consecução dos seus fins lançavam mão de todos os meios persuasórios, incluindo mesmo a coação. Os *“responsáveis tocoístas aconselhavam os homens que procurassem unir-se com as mulheres desafetas à seita, e às mulheres que seduzissem homens estranhos ao Tocoísmo, impondo, na devida altura, a sua adesão à seita como condição para se juntarem*<sup>104</sup>. No Concelho do Pombo os tocoístas redobravam-se de zelo nas suas atividades sectárias e organizando-se

---

<sup>101</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 60*, 10.05.1963, fl. 14.

<sup>102</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 125, *Relatório de Situação n.º 136*, 18.11.1964, fl. 27.

<sup>103</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 125, *Relatório de Situação n.º 136*, 18.11.1964, fl. 27.

<sup>104</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 61*, 17.05.1963, fl. 30.

segundo os princípios gerais da seita<sup>105</sup>.

Com o passar do tempo os tocoístas haviam estabelecido outro núcleo no Uamba, cujos componentes, por determinação das autoridades, se juntaram ao núcleo existente na sanzala Quimbunga Bondo. As “autoridades haviam proibido o proselitismo de tal seita e de terem mostrado o seu desagrado perante tal doutrina, teve como resultado visível um certo retraimento dos nativos em aderirem ao Tocoísmo. Todavia, admitia-se a possibilidade do proselitismo estar a ser feito clandestinamente, como acontecia frequentemente com as seitas de reação quando em idênticas circunstâncias de reestruturação de ação”<sup>106</sup>.

Pese embora das restrições impostas pelas autoridades administrativas, os tocoístas daquele Concelho mostravam-se muito ativos e alguns “*elementos do núcleo Tocoísta de Quimbunga Bando, Concelho do Pombo, pretenderam deslocar-se ao Alto Cauale a fim de contactarem com os seus correligionários, a quem pretendiam entregar alguns hinos, orações e normas de funcionamento do núcleo. No entanto, os seus intentos foram frustrados em virtude de não haverem obtido o necessário salvo-conduto*”<sup>107</sup>.

No início do ano de 1963 outro ponto de recrudescimento e expansão da atividade Tocoísta na Área de Carmona, foi a área do Posto de Caiongo, Concelho do Alto Cauale. Este facto resultou como que duma válvula de escape das populações nativas face as suas necessidades religiosas, uma vez que estavam dispersos os missionários e abandonadas as missões – tanto católicas como protestantes. Não se “antevia, todavia, qualquer vantagem na irradiação dum culto que, embora apresentando-se como à margem das preocupações políticas e foi, todavia, nitidamente considerado como xenófobo e solidário com o mito teológico do “cristianismo da negritude”<sup>108</sup>. Confirmou-se que alguns elementos tocoístas estavam imbuídos de sentimentos desfavoráveis à presença dos brancos em Angola, o que chamava a atenção para a necessidade de

---

<sup>105</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 63*, 31.05.1963, fl. 73.

<sup>106</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 120, *Relatório de Situação n.º 93*, 15.01.1964, fl. 41.

<sup>107</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 127, *Relatório de Situação n.º 152*, 10.03.1965, fl. 16.

<sup>108</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 45*, 04.01.1963, fls. 13-14.



estreito controle dos adeptos desta seita”<sup>109</sup>.

Por ser conotado como um movimento de caráter xenófobo, houve por parte das autoridades toda a conveniência em impedir ao máximo a sua expansão, que era favorecida pelo abandono das missões protestantes e pela fraca ação dos missionários católicos<sup>110</sup>. Os “nativos acusavam os tocoístas de terem provocado os acontecimentos de 1961. Esta hostilidade deve ser a causa do pedido que o núcleo tocoísta do povo Caiongo fez para ser autorizado a constituir um povo exclusivamente para os correligionários do Cuilo Pombo”<sup>111</sup>.

Outro núcleo tocoísta de grande relevância situava-se na região de Maquela do Zombo. Em março de 1963 alguns relatórios dos SCCIA relatavam que naquela região os tocoístas continuavam merecendo ser considerados como indesejáveis e que o seu principal núcleo situava-se no Povo N'taya, donde irradiava toda a propaganda da seita. Num dos relatórios se pode ler que com o fim de não “*chamarem a atenção das autoridades, convidavam indivíduos de outros povos para serem doutrinados. O facto de se encontrarem junto deste povo os tocoístas do Vale do Loge, tornou mais notória a efervescência que ali se detetava. Entretanto, acentuavam-se as intenções expansionistas da seita, facto que foi confirmado pela adesão ao Tocoísmo, de nativos influentes do povo Quiozadi, inicialmente católico. A situação neste povo estava a deteriorar-se como o demonstra a seguinte frase proferida por um nativo, perante elementos das forças armadas: «Vale mais a tropa matar-nos a todos que obrigarem os nossos filhos a aprenderem português». Um outro indivíduo, também tocoísta, esclareceu como os nativos entendiam o Tocoísmo: «a nossa religião não é bem uma religião. É a nossa política»*”<sup>112</sup>.

O mesmo relatório chamava atenção da existência de núcleos tocoístas junto da fronteira congoleza e que os mesmos se revestiam de especial interesse, pois sabia-se que alguns dos prosélitos da seita deslocavam-se frequentemente ao país vizinho, sob a alegação de efetuarem visitas aos seus familiares. Porém, a finalidade primária parece que seria a de

---

<sup>109</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 46*, 12.01.1963, fl. 52.

<sup>110</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 49*, 15.02.1963, fl. 179.

<sup>111</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 63*, 31.05.1963, fl. 73.

<sup>112</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 54*, 29.03.1963, fls. 71-72.

estabelecimento de contactos com elementos dos partidos extremistas. Mas segundo os próprios tocoístas de N'taya e os do Vale do Loge, que não se coíbiam de afirmar mesmo na presença de elementos que eram fiéis as autoridades, dizendo que eles atravessavam a fronteira, para, aos sábados ouvirem as preleções de André Massaki, Presidente do PDA (Partido Democrático Angolano)<sup>113</sup>. Esclareceu-se também que no “*Vale do Loge não só fazem graves acusações à administração ultramarina como também demonstram estar imbuídos de ideias violentas e subversivas. Eles mesmos afirmam que só a fome os fez regressar a Angola*”<sup>114</sup>.

O núcleo tocoísta de N'taya/Maquela do Zombo, por sinal o mais influente de todos na região do Uíge, atravessava um período de certa agitação, motivada por desentendimentos que surgiram entre os fiéis. Presume-se que estas dissensões tenham sido provocadas por discordâncias relativas à designação dos componentes do conselho dos 120 e que tenha contribuído para a visita de dois dirigentes do núcleo de Luanda ao N'taya. Ficou confirmado num dos relatórios das autoridades administrativas coloniais dois momentos de divisões no seio dos tocoístas<sup>115</sup>:

1. As dissensões que o núcleo tocoísta de N'taya atravessava, parece terem a sua razão de ser no antagonismo tradicional que sempre opôs os ex-habitantes do colonato do Vale do Loge, que ali se encontravam a título transitório, aos habitantes naturais daquele povo. De facto, mau grado aqueles eram em número inferior, mas que aos poucos começavam a conquistar gradualmente um maior ascendente, na hierarquia da seita, como também pelo facto de terem vindo do Loge, terra que, entre os tocoístas, adquiriu aura de terra santa.
2. Com as designações dos elementos que deveriam constituir o Conselho dos 120, estas desavenças ter-se-iam avolumado, constando até que o regedor João Regino

---

<sup>113</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 54*, 29.03.1963, fl. 72.

<sup>114</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 54*, 29.03.1963, fl. 72.

<sup>115</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 124, *Relatório de Situação n.º 129*, 30.09.1964, fl. 83.

teria sido alvo de uma tentativa de envenenamento, promovida pelos ex-colonatos do Vale do Loge.

As confusões na região de Maquela não ficaram por aí e ao que parece nem tudo corria de feição para os tocoístas do N'taya, pois que alguns elementos mais jovens, que trabalhavam em Maquela do Zombo, haviam remetido uma carta anónima às autoridades daquele Concelho, solicitando-lhes que terminassem brevemente com a seita no N'taya, à semelhança do que foi feito em Luanda. Fundamentaram o seguinte: *“o Tocoísmo não é uma religião, pois os mais velhos tratam secretamente de assuntos de caráter político e tentam inculcar no espírito dos jovens sentimentos antipatrióticos e subversivos (...) desejam apenas a religião Católica, que consideram como a única verdadeira e explicam o anonimato da carta com o medo que têm de ser castigados pelos chefes da seita, pois receavam que a sua atitude chegasse ao conhecimento destes. Efetivamente, os dirigentes da seita, principalmente nas regiões rurais, onde as populações evoluem com mais lentidão, procuram exercer acurado controlo sobre a vida dos seus correligionários, indo ao ponto de fiscalizar o interior das suas próprias habitações”*<sup>116</sup>.

Esta epístola chegou ao conhecimento dos anciãos, os quais, ignorando a identidade dos seus autores, teriam a intenção de castigar todos os rapazes, o que deveria ser feito em local secreto, certamente para evitar complicações aos responsáveis por esta prepotência<sup>117</sup>.

A escolha do local onde se construiu a aldeia deveu-se a sua localização geográfica, que não era de fácil acesso para os trabalhos de fiscalização e os tocoístas aproveitavam-se da situação para que não fossem surpreendidos por qualquer visitante inoportuno, tendo para o efeito colocado vigias em pontos dominantes, quer de dia, quer de noite. Em outras localidades do Uíge, as atividades tocoístas continuaram a ser realizadas, mas sob o olhar atento das autoridades administrativas<sup>118</sup>.

---

<sup>116</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 128, *Relatório de Situação n.º 163*, 26.05.1965, fl. 53.

<sup>117</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 129, *Relatório de Situação n.º 170*, 14.07.1965, fl. 36.

<sup>118</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 10.07.1964, fls. 430-434.

## Os Tocoístas em Luanda

Na sequência da política de dispersão, Simão Toco e outros elementos da Seita, em meados de 1950, abandonam o Bembe e são instalados em Luanda, onde Toco apenas permaneceu uns meses, sendo colocado em Caconda em novembro de 1950. Esta breve presença na capital da Província de Angola dará origem ao primeiro núcleo de tocoístas da cidade. Se foi esse o seu princípio, pouco se desenvolveu nos anos que se seguiram até 1957, pois a 31 de julho de 1957 informava um correspondente de Luanda: “[...] já somos ao todo 118 pessoas e em 1958 graças a Deus se aumentará o número [...] uns são trabalhadores nas padarias, outros nas fábricas, hospitais, [...]”<sup>119</sup>. No princípio este núcleo estava composto por uma maioria do povo bakongu, oriundo do norte de Angola.

No início de 1958 havia dois grupos em Luanda e deu-se uma orientação política à seita, mas não muito clara. Um grupo ficava na zona dos Blocos (vulgo, bairro dos congolezes e outro no musseque da Mota, atual Sambizanga) e teve na pessoa de Luvualo David como principal dinamizador, onde organizou a “*Casa Grande, onde vivem os 12 Grandes ou os 12 apóstolos, sob a chefia de Ambrósio Kinavulo, representante directo de Simão Toco. A partir deste momento começou-se a explorar a figura de Simão Toco, como Deus negro, Profeta de Cristo. Acrescentaram-se muitas frases como: oh Pai Salvador, sacudi-nos e fortalecei-nos na nossa fé. Dai-nos forças para vencermos esta guerra. Fortalecei o Pai Simão para ele nos arrancar à escravidão dos governos de África. Fortalecei todos nós para sempre gozarmos uma boa saúde e sermos sempre rijos*”<sup>120</sup>.

Depois de terminadas as viagens para as matas do Norte da província, Simão Toco instalou-se em Luanda em 1962 e chamou, pois, a si a direcção da Igreja e dando provas de bom organizador, conseguiu sanear o ambiente em que esta vivia e imprimiu-lhe um ritmo de expansão acentuada. Luanda passou então a ser considerada o “Vaticano” do Tocoísmo. Aqui

---

<sup>119</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Núcleo de Luanda*, 25.05.1963, fl. 69.

<sup>120</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 15.

*“começaram a afluir, discretamente e sob o pretexto de visitarem familiares, de obterem tratamento, etc., indivíduos vindos de diversos pontos da Província, predominando os do Norte. Um sopro revitalizante sacudiu então todos os núcleos, que se lançaram em decidida campanha proselitica. Dentro de pouco tempo, o núcleo de Luanda contava no seu fundo mutualista, para o qual todos os fiéis eram compelidos a contribuir com uma quota cujo valor era em função dos rendimentos de cada um, a importância de trinta e nove mil escudos. O número de fiéis aumentou, também, verticalmente”<sup>121</sup>.*

As cifras estatísticas dos tocoístas aumentaram para 1.647, em junho de 1962, com indivíduos oriundos das mais variadas procedências. Entre os 139 solteiros contabilizados, encontravam-se, 28 de Kibocolo, 26 de Maquela do Zombo, 22 da Damba, 10 de Kimbele, 8 do Bembe, 6 de N’sosso (31 de janeiro), 5 do Bungo, 3 da Vila Luso, 2 de Saurimo, 1 de Ambrizete, 1 de Bailundo, 1 da Chela, 1 de Malanje, 1 do Zaire, 2 do Congo Léopoldville, etc. Este número cresceu ao longo do ano de 1962, contando com o grande trabalho desenvolvido pelo próprio Simão Toco que fez elevar o número dos tocoístas para 4.912, o que equivalia a uma média de mais 400 adeptos por mês [ver anexo n.º 06]<sup>122</sup>.

Luanda contava com o núcleo principal da Igreja e considerado como “Seminário” onde indivíduos de diversas partes da província, mas especialmente do Norte, passavam de quando em vez, para receber instruções. O núcleo cresceu muito com a adesão dos membros de Ambrizete e Bembe. A presença de Simão Toco nos finais de julho de 1962 até junho de 1963 e a liberdade de movimentos junto dos sectários, em Luanda, cedo se fez sentir, ordenando, orientando e dando novo e revitalizante impulso aos trabalhos da Igreja<sup>123</sup>.

A presença de Simão Toco em Luanda foi extremamente frutuosa para a Igreja, pois a ele se deveu a centralização naquela cidade da orientação dos diversos núcleos, a coesão e disciplina entre os tocoístas, o revigoramento da obra social da Igreja e uma eficaz orientação da

---

<sup>121</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Reorganização da Seita e Período de Expansão*, 16.07.1963, fls. 211-213.

<sup>122</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Máscaras Religiosas de Política Africana: Núcleo de Luanda*, 25.05.1963, fls 82-83.

<sup>123</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: *Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: Tocoísmo*, 10.07.1964, fls. 298-299.

atividade proselítica, que levou ao aumento de milhares de indivíduos no movimento tocoísta. Depois do seu afastamento, “notou-se um acréscimo nas intrigas para a liderança da Igreja. Embora da reorganização empreendida por Simão Toco, os casos de conflitos ainda continuariam a se verificar por alguns tempos”<sup>124</sup>. Foi o que aconteceu em 09 de janeiro de 1965, quando à saída de uma reunião da seita, uma desordem em que intervieram tocoístas, a qual teve como maior consequência o espancamento de um indivíduo que tentava apaziguar os ânimos. Em face disso, o “*Governador do Distrito de Luanda proibiu os tocoístas de promoverem reuniões públicas [...] no seio tocoísta teria sido organizado um grupo denominado escapa, cujos cabecilhas, seriam os seguintes, todos naturais de Catete: André José da Silva, Adriano Peliganga, Sangola Botima, Francisco Miguel Pedro, Félix António de Araújo e Francisco Diogo dos Santos, organizando reuniões com finalidade de provocar desordens*”<sup>125</sup>.

As confusões e divergências que se verificaram em alguns distritos do Uíge, também aconteceram em Luanda, onde alguns elementos do núcleo tocoísta, provocavam desacatos (1963-65) e, dessas atitudes, se bem que isoladas e não necessariamente atribuíveis à religião que professavam, resultou num mal-estar entre os habitantes do bairro dos Congolenses em que se encontravam instalados. Alguns dos locatários, para não suportarem a impertinência daqueles tocoístas, que se julgavam mais asseados e mais evoluídos, atribuindo estes dotes à doutrina que perfilhavam, decidiram mudaram de residência<sup>126</sup>.

O núcleo tocoísta de Luanda, tido então como o mais importante de toda a Província por parte das autoridades coloniais em 1964 “*atravessava uma crise de disciplina, que parece ter afectado as suas actividades. A esta crise não é estranho o afastamento de Simão Toco que, de longe, não pode manter a coesão entre os seus sectários. Nota-se uma certa tendência para a desagregação, esboçando-se ao que parece, umas tentativas de conquista do poder da direção da seita por parte de alguns elementos mais representativos*”<sup>127</sup>.

A deportação do chefe e fundador do Tocoísmo produziu uma crise de chefia na

---

<sup>124</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 298.

<sup>125</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 10.07.1965, fls. 418-421.

<sup>126</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 53*, 15.03.1963, fl. 61.

<sup>127</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 120, *Relatório de Situação n.º 95*, 29.01.1964, fl. 82.

disputa da liderança local que trouxe agitação interna que já havia conduzido à expulsão de alguns membros considerados como influentes. Assinala-se a persistência de hostilidade entre os dirigentes mais destacados<sup>128</sup>.

Por esta razão as autoridades estimavam que a influência do núcleo sobre os demais poderia reduzir-se significativamente, pois o núcleo local continuava a debater-se com uma crise de disciplina interna. No entender das autoridades e ao que parece, a crise teria tido a sua origem na remodelação da hierarquia da seita que, embora tenha sido feita para melhorar os trabalhos da Igreja, não conseguiu obter o agrado geral, dado que o único resultado palpável que dela se conseguiu foi o da colocação nas mãos de um pequeno grupo do leme da seita. A este facto vieram juntar-se as prepotências exercidas por este grupo e as alterações que fizeram aos preceitos doutrinários iniciais, que compeliram a facção oposta a denunciar tal procedimento a Simão Toco. De facto, a chamada “nova direção” da seita tinha permitido o uso de bebidas alcoólicas, o qual tinha sido vedado pelo próprio Simão Toco aos seus sectários. Esta permissão poderia contribuir para o desprestígio do Tocoísmo. Todavia, o fato daquela denúncia ter sido feita sem o consentimento da censura privativa da seita era suscetível de aumentar o fosso que separava as duas facções<sup>129</sup>.

Em meados de 1964 os dirigentes do núcleo tocoísta de Luanda faziam diligências para fazer acreditar a Simão Toco que as atividades da seita continuavam bem encaminhadas. Diziam que a indisciplina que afetou o núcleo em fins de 1963 e princípios de 1964 desaparecera com o afastamento dos responsáveis pelos descatos então provocados. Adiantavam como prova de vitalidade, o facto de se ter constituído um novo núcleo em Musserra (Ambrizete)<sup>130</sup>.

Com o intuito de controlar e manter o papel de núcleo mais importante, dois dirigentes do núcleo de Luanda haviam se deslocado a “*Maquela do Zombo, tendo declarado que ali se deslocaram por determinação de Simão Toco a fim de tratarem, com as autoridades locais, da mudança dos habitantes do*

---

<sup>128</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 121, *Relatório de Situação n.º 101*, 22.03.1964, fl. 23.

<sup>129</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 125, *Relatório de Situação n.º 136*, 18.11.1964, fl. 27.

<sup>130</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 122, *Relatório de Situação n.º 111*, 27.05.1964, fl. 65.

*N'taya para o povo novo. É de salientar que os ex-habitantes do Vale do Loge, que residem actualmente neste povo, já em tempos se recusaram a transferirem-se para o povo novo, alegando que só o fariam por ordem de Simão Toco. Merece referência, o facto de os chefes tocos desta cidade terem escondido das autoridades de Luanda o fim real de sua visita a Maquela*<sup>131</sup>.

Apesar das tentativas que os dirigentes do Tocoísmo fizeram no sentido de levarem Simão Toco a crer que estava tudo em ordem, verificou-se que lhe eram dirigidas queixas anónimas criticando a atuação dos responsáveis. Estes, talvez para evitarem que Simão Toco levasse o assunto ao conhecimento da Administração do 2º Bairro de Luanda, à semelhança do que fez com o caso de Luvualo David, solicitaram-lhe que tomasse em consideração apenas as cartas que fossem por ele visadas. O recurso dos queixosos ao anonimato supõe-se ser consequência do facto dos tocoístas considerarem falta grave a remessa de missivas sem o visto dos anciãos especialmente se tratava de assuntos da seita<sup>132</sup>.

O novo corpo diretivo em Luanda vinha fazendo um esforço para vencer a crise disciplinar causada por Luvualo David e os seus apaniguados, remodelou a sua hierarquia. Assim, foi constituída uma direção que decidia superiormente sobre todos os assuntos da seita, foram criadas várias seções que funcionavam sob a superintendência do corpo diretivo<sup>133</sup>. Para “maior simplicidade e melhor compreensão de atos culturais, os fiéis foram divididos em dois grupos: o grupo A, composto pelos que falavam o português; o grupo B, composto pelos que falam o *kikongo*”<sup>134</sup>.

O relatório de situação n.º 121 foi muito específico ao referenciar uma conversa mantida entre Simão Toco e os dirigentes do movimento em Luanda, ao aprovar à ideia de os tocoístas constituírem o seu próprio bairro em Luanda, e concordava com o ingresso dos seus correligionários na ANANGOLA (Associação Regional dos Naturais de Angola), para, como

---

<sup>131</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 121*, 05.08.1964, fl. 86.

<sup>132</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 122, *Relatório de Situação n.º 114*, 17.06.1964, fl. 119.

<sup>133</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 121*, 05.08.1964, fl. 86.

<sup>134</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 122*, 12.08.1964, fl. 103.



sócios, obterem os benefícios concedidos pela associação. Chamar a atenção para o facto de, em assuntos de tal importância para a vida da seita, terem procurado obter a concordância de Simão Toco (o que parece demonstrar o elevado conceito em que este é tido) como ainda para a circunstância de a comunicação ter sido feita telefonicamente quando o processo usual é a carta. Presume-se que tenham recorrido àquele dispendioso processo para melhor se fazerem entender ou porque julgaram urgente o sancionamento, ou ainda porque pretenderiam furtar-se, deste modo, a qualquer indiscrição<sup>135</sup>.

No núcleo de Luanda continuavam a notar-se vários actos de indisciplina, principalmente entre os elementos do sexo feminino, se bem que fossem de pequena monta. Efetivamente, *“as fiéis mais jovens recusavam-se a comparecer às reuniões, sob a alegação da ausência de Toco e a abandonarem o uso de fitas nos cabelos e de saias curtas, que era proibido pelos cânones da seita. Por outro lado, os correligionários de Simão Toco estiveram convictos de que as autoridades lhes eram adversas e apresentavam esta hostilidade com foros de perseguições. No entanto, mantinham-se firmes na fé, segundo eles próprios declaravam, e manifestavam a certeza na sua vitória, porque Deus estaria sempre com eles”*<sup>136</sup>.

Para o líder Simão Toco, a “quem as suas ovelhas faziam queixas, aconselhava-as a resignarem-se com a sua sorte, mas deixou a entender que para tudo havia um tempo próprio, antevendo-se naquela frase um segundo sentido. Todavia, recorda-se que Simão Toco era, frequentemente, considerado o salvador da raça negra”<sup>137</sup>.

No final de 1964 e início de 1965 as perturbações no núcleo de Luanda acentuaram-se devido ao facto dos «tocoístas oriundos dos povos Zombo» grupo a que pertenceu Simão Toco pretenderem ocupar todos os cargos de chefia da seita, atitude esta que foi condenada pelo próprio Simão<sup>138</sup>.

As dissidências que continuaram a afetar a vida daquele núcleo determinaram a aparição

---

<sup>135</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 121*, 05.08.1964, fl. 86.

<sup>136</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 124, *Relatório de Situação n.º 128*, 23.09.1964, fl. 61.

<sup>137</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 124, *Relatório de Situação n.º 128*, 23.09.1964, fl. 61.

<sup>138</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 126, *Relatório de Situação n.º 143*, 06.01.1965, fl. 18.

de duas correntes, que se opunham mutuamente, isto em 1965:

- a. A dos jovens, que parece que pretendia dinamizar as atividades da seita, talvez com tendências evolucionistas;
- b. A dos velhos, que parecia manter-se reacionária a tais propósitos.

A tudo isso veio juntar-se a divisão do estado efetivo dos tocoístas em relação a Simão Toco. Alguns *“faziam-lhe propaganda adversa, tendente a levar os seus correligionários a não o considerarem como chefe. Sobre o uso de bebidas alcoólicas pelos tocoístas de Luanda, o líder emitiu o seu veredito esclarecendo que a Bíblia não proibia o uso das referidas bebidas, mas recomendava que os fiéis se distinguissem dos pagãos abstendo-se da sua ingestão. Sobre a chefia, recusou-se a nomear novos dirigentes, alegando que a medida não surtiria qualquer efeito”*<sup>139</sup>.

Depois da saída de Simão Toco de Angola para os Açores, o movimento teve como responsáveis Luvualo David, Panzo Filemon, Lando André e Muanga Pedro, que ao nível de Luanda centralizavam a direcção da Igreja. Consta que Luvualo David tornou-se tão ambicioso que articulou a possibilidade de depor Simão Toco, alegando que o líder religioso estava a deixar-se levar pela doutrina católica. Porém, Luvualo encontrou grande oposição e numa reunião para o efeito convocada pelos anciãos, acordou-se a expulsão de Luvualo, Panzo Filemon e Lando André, ficando Muanga Pedro com repressão<sup>140</sup>.

Entretanto, dos Açores onde se encontrava, Simão Gonçalves Toco, foi apercebendo que, no seio da sua Igreja, existia uma corrente que o pretendia destituir da chefia, nomeadamente, Muanga Pedro, Cutenda João, Wemba Ambrósio, António Ferreira Lopes, Dongala David, Augusto Wembo, Maquiquila Manuel Monteiro e Nguidi Filemon, contra os quais, ele, Simão Toco, reagiu de seguinte modo, numa carta de 21 de novembro de 1964: *“muitos tocoístas escreveram-se que os Céus e a Terra, quer dizer, se Deus, Jesus e o Estado um dia resolverem o assunto do meu regresso a Angola, muitos tocoístas não querem que onde eu estivesse, não fosse alguém ver-me, visitar-me*

---

<sup>139</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 126, *Relatório de Situação n.º 144*, 13.01.1965, fl. 37.

<sup>140</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 299.

*ou cumprimentar-me, porque a maioria dos tocoístas não estão satisfeitos comigo. Obrigado por tudo. Se isso acontecer, onde o Estado indicar-me para viver o resto dos meus dias, não precisarei que fosse alguém cumprimentar-me. Eu sou o 1º dirigente, e há muitos dirigentes. Podem escolher um outro primeiro dirigente no meu lugar e eu não direi que não. Sou e serei sempre vosso irmão, mas como dirigente dos tocoístas, sou e serei ex-dirigente. Estamos entendidos? [...] as confusões nunca acabarão no vosso meio porque tendes pouco amor e pouca caridade e, muito entre vós não querem comer os diversos animais que descem do vaso vindo do Céu e Deus, zangado, devolve o vaso ao Céu”<sup>141</sup>.*

### **Os Tocoístas no Zaire**

A expansão do Tocoísmo na zona norte da província de Angola, também afectou o Distrito do Zaire, tendo como referência os relatórios do SCCIA (1963 e 1964). Embora localizado na zona fronteiriça do Distrito do Uíge, primeiro lugar do início da expansão do movimento, não havia Tocoísmo no distrito do Zaire. O núcleo principal de tocoístas neste distrito localizava-se na área do Conselho do Ambrizete e era “composto por 31 homens e 85 familiares oriundos do Posto Administrativo de Mucaba, aos quais foi fixada residência naquela área, como medida de segurança administrativa, tomada por despacho de 14 de abril de 1959, do Governador do Distrito do Congo português. As suas atividades foram crescendo, auxiliadas em grande parte pela falta de meios de fiscalização com que a Administração do Concelho se debatia e pela facilidade de comunicação com Luanda, com o Norte do Distrito e com a vizinha República do Congo Léopoldville. Nos anos subsequentes, a ausência de Simão Toco parece não ter afetado as atividades daquele núcleo. Pelo contrário, verificou-se que, tinham aumentado as suas atividades proseliticas, o que levou a adesão de alguns membros da área e a constituição de um núcleo com setenta elementos em Mussera, com estreita ligação com Luanda, onde eram

---

<sup>141</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 18.06.1966, fls. 412-413.

enviados os seus chefes para a consulta”<sup>142</sup>.

Nos anos de 1964-65, o dirigente principal do núcleo era Miguel Garcia Carlos, tendo como adjuntos treze conselheiros, cinco homens e oito mulheres, nomeadamente, Manuel Chongo, Malonga João, Pedro Zombo, Diogo Garcia, Luzia Quifueleba António, Isabel Songo Manuel, Maria Francisca, Mateta Simão, Maria Formosa António Miguel, Madalena Manuel, Humba António e Mavacala Coxe. Núcleo que se encontrava sobre apertada vigilância das autoridades<sup>143</sup>.

O núcleo de Mussera foi constituído depois da partida de Simão Toco para os Açores. Era formado por quarenta e um elementos, tendo como dirigente, Lamborne Manuel Bessa. O núcleo se mantinha inativo em termos de subversão política, mas ativo em termos de recrutamento e realização de atividades religiosas, de forma secreta. Mas por precaução, havia sido orientado o chefe de Posto da Polícia de Ambrizete, que continuasse a vigiar, para que os tocoístas não exercessem cultos publicamente ou reuniões particulares, com especial cuidado sobre possíveis ligações com o exterior da localidade onde residiam<sup>144</sup>.

Depois dos acontecimentos de março de 1961 as autoridades constataram o facto de a UPA pretender que um catequista Tocoísta do povo Mussera, Ambrizete, assumisse o comando das suas tropas na região e observaram: “*se o partido conseguir seus intentos, é natural que os restantes tocoístas da região passem à rebelião armada, dada a sua obediência aos chefes da seita. Em face das perspectivas rendosas que o projecto apresenta, é admissível supor-se que o inimigo envide esforços no sentido de aliciar outros chefes do Tocoísmo, o que, dado carácter de reação da seita e o estado da exaltação em que muitos dos tocoístas se encontram, se presume de relativa facilidade*”<sup>145</sup>. As autoridades tomaram medidas repressivas no Ambrizete e mesmo o afastamento de dois chefes deste núcleo para o Cuimba não impediu que

---

<sup>142</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 296.

<sup>143</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 10.07.1964, fl. 428.

<sup>144</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 10.07.1964, fls. 424-428.

<sup>145</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 54*, 29.03.1963, fl. 71.

os seus sectários continuassem a promover reuniões culturais, sob a direção de Manuel Chogo<sup>146</sup>.

Até o ano de 1965 o distrito do Zaire continuou a ter os três núcleos. Mas não lhe foi conhecida atividades político subversivas, porém as autoridades, por falta de fiscalização não sabiam os capítulos bíblicos usados.

### **Os Tocoístas na Huila**

Depois da descrição da zona Norte de Angola, passamos a abordar o território situado na zona Centro e Sul litoral de Angola, onde a expansão coincidiu em alguns casos com algumas zonas do Norte, mais precisamente, começando com a instalação dos primeiros núcleos tocoístas em 1950, como resultado das constantes mudanças de residência quer do líder religioso, bem como de outros seguidores. Nesta parte mereceu destaque os territórios onde teve grande impacto a história de Simão Toco e do Tocoísmo, nomeadamente, Huíla (Caconda), Benguela, Catumbela e Baía Farta, Moçâmedes (Namibe) e no Luso (Moxico).

Para o caso da Huíla, o Tocoísmo se fez presente em 1950 quando Simão Toco foi transferido para Caconda e com ele o movimento estendeu-se àquela região. Terá sido colocado em Caconda onde *“desempenhou as funções de tratorista da fazenda*<sup>147</sup>.

O núcleo que existiu em Caconda foi fundado clandestinamente pelo próprio Simão Toco, quando, em novembro de 1950, foi para ali transferido em consequência de provocar agitação entre os indígenas do Vale do Loge por causa das suas pregações, o que obrigou a intervenção das autoridades<sup>148</sup>.

Por esta altura terá ocorrido um facto “místico religioso” naquela região e o mesmo foi descrito por Kisela: *“aconteceu quando o senhor Palma deu ordens ao ajudante Simão Toco para retirar relva (capim) que se entranhara nas estrias do arado do tractor com o que o chefe lavrava a terra... rastejou ao ponto de*

---

<sup>146</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 125, *Relatório de Situação n.º 136*, 18.11.1964, fl. 27.

<sup>147</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: Relatório Confidencial Sobre Tocoísmo em Caconda, *Informação Sobre Tocoísmo*: 09.04.1951, fl. 600.

<sup>148</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: Informação Sobre o Tocoísmo n.º 081/69/80/1ª, Tocoísmo em Caconda, 09.04.1951, fl. 600.

*se colocar entre os dentes afiados, e enquanto ele retirava o barro a que também podemos chamar lama, misturada com capim, o seu chefe subiu e ligou a ignição e pôs a máquina em movimento, diante do olhar estupefacto de outros trabalhadores presentes no local, inclusive o senhor Adelino Kanhandi, a estes só restou o grito nas seguintes palavras: “ááb, suku yangue! - ai meu Deus”, porque assistia-se a Simão Toco ser trucidado pelo tractor. O senhor Palma só parou a uma distância estimada de oitenta metros e quando olhou para trás lá estava o ajudante Simão Toco a sacudir o seu uniforme e apresentando um ferimento na perna esquerda, que mereceu tratamento hospitalar” (KISELA, 2004, 65).*

O que parece consistente é que durante os primeiros tempos de Caconda, Simão Toco não deu que falar, manteve-se discreto. Todavia, em 1963 começaram a chegar às autoridades administrativas do Concelho certos rumores de que fazia proselitismo da sua doutrina entre os indígenas da região, especialmente entre os que habitavam o colonato. Os primeiros a dar tais notícias foram os missionários católicos e protestantes. As “averiguações das autoridades revelaram que Toco iludia a sua vigilância e se ausentava de noite do colonato para fazer reuniões de propaganda<sup>149</sup>. Em Caconda, a grande massa de adeptos do Tocoísmo situava-se na aldeia de Caluquembe, albergando uns 90% dos 700 tocoístas identificados pelas autoridades”<sup>150</sup>.

Nas averiguações as autoridades administrativas recolheram os depoimentos de responsáveis de missões cristãs, para perceber a ligação que Toco poderia ter com os movimentos políticos e também com outras igrejas que se posicionassem contra as autoridades. Em agosto de 1951 o Director da Missão Evangélica Filafricana de Caluquembi comunicou ao Administrador do Concelho de Caconda, José Maria Pereira, a sua perspetiva sobre Toco e o emergente Tocoísmo: “*as doutrinas que ele professa são em grande parte as da religião evangélica bem que em parte bastante incompletas ou mesmo confusas; diz ele ter tido só três meses em suas mãos os livros da Watch Tower, e isto pode ser verdade pois que ele não professa a maior parte das doutrinas desta seita, afirmando até o contrário de várias doutrinas desta seita. Cremos ter verificado assim que a ligação dele com a Watch Tower é*

---

<sup>149</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Tocoísmo – Início do Movimento e Biografia do Fundador*, 16.07.1963, fls. 110-111.

<sup>150</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Máscaras Religiosas de Política Africana: Quem Será o Impulsionador*, 25.05.1963, fl. 104.

*muito fraca e que ele ignora mesmo uma parte das doutrinas desta; porém, o feito mais evidente da sua acção são certas manifestações espirituais ou psíquicas (crises de tremores, visões), diz ele reconhecer que domina muito parcialmente a religião cristã e deseja ser instruído pelos missionários, pois que há certos pontos da religião que ele não percebe. Esta atitude se for verdadeira fala em favor dele; nos problemas respeitantes a política não notamos o mínimo sinal de perigo, reconhecendo ele plenamente a autoridade constituída, a justificação do serviço militar, etc., sendo lá também em contradição com a Watch Tower”. Quanto à organização do movimento, não lhe pareceu ter sinais de uma organização sistemática, mas sim de um “agregado de discípulos” e admiradores entre os quais dominavam os que receberam certas manifestações de carácter psíquico-religioso, tais como visões, crises de tremor com exaltação religiosa. Referiu o missionário que Toco “tem um representante espiritual em Moçâmedes, segundo dizem (um desses que recebem por meio de Simão manifestações psico-religiosas), e tem alguns em Sá da Bandeira e agora várias dezenas, pelo menos, de pessoas de Caluquembí”<sup>151</sup>.*

No tocante ao catolicismo, protestantismo e as autoridades administrativas coloniais, aquele missionário alegou que Simão Toco tinha declarado ser um testemunho de Deus, não sendo nem católico nem protestante, nem pastor, nem missionário. Por “suas explicações religiosas e muito mais pela sua influência de carácter psíquico-religiosa, sustentado por um carácter de chefe, tem ele uma grande influência. Os seus adeptos e as centenas de simpatizantes viam nele um homem santíssimo, quase um anjo, atingindo a admiração, dedicação e confiança deles um degrau muito elevado. Como na generalidade de tais movimentos de profetismo africano, todo o sistema religioso gira em volta duma pessoa, quase adorada, que neste caso é Simão. É claro que este tipo de coisas pode tornar-se perigoso para a ordem pública, pois que numa certa altura o “profeta” principal pode pregar contra as autoridades e nisso ele será obedecido com toda a dedicação e entusiasmo. Sobre o que se refere a religião foi ele um iniciador da seita

---

<sup>151</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento n.º 57 (Tocoísmo), *Seitas Religiosas: Carta do Director da Missão Evangélica Filafriana de Caluquembí ao Administrador do Concelho de Caconda*, 24.08.1951, fls. 45-46.

religiosa pois que ao que parece foi batizar umas pessoas da sua própria autoridade”<sup>152</sup>.

No testemunho reportado pelo Padre José Gonçalves (católico) e encaminhado na mesma época para o mesmo administrador, onde as qualidades de Toco, as marcas do Tocoísmo e a sua perigosidade, foram também postas em relevo. Segundo este relato, as “pessoas diziam que Toco era um homem extraordinário; um profeta; que sabia explicar muito bem a bíblia a ponto de se dizer que os missionários brancos não sabem ensinar nada; tem o dom de conhecer os pensamentos e intenções das pessoas que lá vão para ouvi-lo, antes de ter conhecido e falado com as mesmas”; o mesmo se dizia ser um “Enviado de Deus” com a missão de fazer conhecer a verdadeira religião, afirmando ainda que, nesta terra não há verdadeiros crentes, tanto entre os católicos como entre os protestantes, porque ainda não receberam o Espírito”; que no Congo já “há muitos crentes porque já receberam o Espírito”; algumas pessoas, sobretudo mulheres, quando ouviram o «Enviado» começam a tremer e por vezes caíam no chão”. “Diz-se ser este o sinal de ter recebido o «Espírito». Ao longo da semana costumava ensinar ao ar livre no Jango de um tal Canivete Chacuacua e aí se “fazem as reuniões que começam pelas nove horas da noite e terminam muito tarde, muitas vezes alta madrugada, ao cantar do galo. O Simão manda ler a bíblia e ele faz o respetivo comentário em português que é traduzido em Ovimbundu por um outro, para aqueles que não compreendem o português. Só aos domingos é que se reúnem na Escola de Isaac, no Uaba, onde se junta bastante gente, homens e mulheres”<sup>153</sup>.

No seu relatório o padre adiantou: “*Simão Toco é um elemento perigoso por causa das ideias religiosas que apregoa serem um pouco definidas, podendo dar ocasião ou mesmo ser causa de muita confusão entre as gentes do Uaba e outras regiões, dificultando o trabalho dos missionários. Quem sabe se esta propaganda religiosa não virá fomentar a indisciplina nesta região, visto que esta propaganda é clandestina, portanto suspeita e perigosa?*”. E ao terminar referiu que, embora tratando-se de um estranho, natural do Kongo, mas

---

<sup>152</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento n.º 57 (Tocoísmo), *Seitas Religiosas: Carta do Diretor da Missão Evangélica Filafriana de Caluquembi ao Administrador do Concelho de Caconda*, 24.08.1951, fls. 45-46.

<sup>153</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento n.º 59 (Tocoísmo), *Seitas Religiosas*, 20.09.1951, fls. 46-47.



com alguma instrução, Toco facilmente conseguiu impor as suas ideias a bastantes indígenas da região do Uaba/Huíla, explicando a Bíblia e ensinando coros. E que a gente daquela região, em especial muitos agricultores do Colonato, já estava bastante influenciada pelas suas doutrinas, e muitos outros, levados por curiosidade, juntar-se-iam àqueles, pois que a reputação de Simão já se tinha alastrado para outras partes<sup>154</sup>.

Tendo em atenção estes relatórios, as autoridades administrativas coloniais tomaram providências, para manter a situação controlada. Para o Governador do Distrito da Huíla, Manuel da Cruz Álvaro: “*em face do exposto, afigura-se [...] necessário que Simão Toco e família sejam quanto antes retirados desta região. Ainda em resultado da informação dos missionários (católicos e protestantes) afigura-se [...] também necessário que por algum tempo, sejam daqui retirados/separados os indígenas que mais entusiastas se mostram em seguir Simão Toco. São eles: Isaac Junto, Jesse Diogo, João Mangolo, Cafitera e Canivete Chacuacua, que o Pe. Gonçalves admite seja Cafitera, sabido que os indígenas não têm um só nome*”<sup>155</sup>.

A confirmação de que Simão Toco fazia pregações de noite determinou a sua transferência para o Posto de Jau, em 1952. Poucas informações existem sobre a sua estadia neste território, mas apuramos que as suas atividades continuaram o que levou a transferi-lo em junho de 1952 para Cassinga e daí, pelo mesmo motivo, em 22 de dezembro, para o Farol de Ponta Albina, a cerca de 30 quilómetros de Porto Alexandre no extremo sul litoral de Angola<sup>156</sup>. Em depoimento prestado a RTP em 1974, Simão Toco referiu-se às causas das sucessivas transferências: “*depois de continuar a orar, as autoridades mudaram-me do Bembe para Caconda. De Caconda é a mesma coisa continuamos a orar e tiraram-me de Caconda para Jau, Sá Bandeira. Dali tiraram-me de lá e fui para Cassinga e daqui fui para o Farol de Ponta Albina, Porto Alexandre, a 300 Km da cidade de Moçamedes (Namibe) e onde estive durante cinco anos e meio*”<sup>157</sup>.

---

<sup>154</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento n.º 59 (Tocoísmo), *Seitas Religiosas*, 20.09.1951, fls. 46-47.

<sup>155</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Aditamento sobre as cartas de missionários e Pe. Gonçalves*, 09.10.1952, fls. 48-50.

<sup>156</sup> Cf. ANTI/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Tocoísmo – Início do Movimento e Biografia do Fundador*, 16.07.1963, fl. 111.

<sup>157</sup> Arquivo da RTP Radiotevisão Portuguesa, S.A., 1974.

No posto de Cassinga, Simão Toco teve a visita do Pastor americano da *Watch Tower*, John Cook. No essencial daquela visita se inferiu que Simão Toco dirigiu uma carta aos seus irmãos da Baía dos Tigres onde escreveu: “*folgo-me imenso por termos avistado com o nosso irmão Sr. John Cook. Ele veio da sociedade onde eu mandava vir aqueles livros ou folhetos que explicavam a Bíblia. Deus é Pai e não padrasto*”. Depois falou da doença da esposa e da pobreza em que viviam sem dinheiro para comprar roupa<sup>158</sup>.

Embora transferido, o número de tocoístas em Caconda foi aumentando firmemente, o que se tornou mais evidente após terem estabelecido relações com o núcleo de Benguela. A partir de 1962, as “atividades foram ganhando incremento, no que resultou um amplo aumento do número de fiéis. Procuraram revestir a seita de atrativos materiais, a fim de melhor impressionarem os catequisando. O núcleo contava com uma lavra, cujo rendimento e de contribuições individuais, revertia a favor de um fundo comum destinado especialmente a assistir membros da seita na doença e em outras situações difíceis. Em 1963 o núcleo de Caconda estava em franca atividade e a sua expansão acentuava-se cada vez mais, aumentando o número e frequência de culto a culto. Dada a preponderância que ganhou, até nas escolas existentes na comunidade começou a ensinar-se hinos tocoístas aos alunos. Caconda não foi afetado pela saída do líder religioso Simão Toco, continuando a aumentar o número de fiéis”<sup>159</sup>.

Em Caconda os seus sectários faziam propaganda junto dos povos de outras confissões religiosas, tendo se expandido para o povo Cassoleca, que era adventista. O incremento que se verificou sucessivamente em diversos núcleos tocoístas, leva a crer que se tratava dum plano urdido com o fim de estender a doutrina, e ela, talvez, um proselitismo agressivo, a toda a Província. Recorde-se a este respeito que Mário de Andrade afirma que o Tocoísmo é um meio de levar os nativos à resistência passiva. Recorde-se também os massacres do Vale do Loge, onde

---

<sup>158</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Tocoísmo – Carta de Simão Toco(14.04.1955)*, 16.07.1963, fl. 113.

<sup>159</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fls. 304-305.

havia um grande núcleo Tocoísta à data da eclosão do levantamento de 15 de março<sup>160</sup>.

Os propagandistas desta seita agiam indiscriminadamente junto dos católicos, protestantes e pagãos, exercendo o seu ministério sem que para o efeito tivessem procurado o assentimento das autoridades<sup>161</sup>. A seita continuava ativa, valendo-se de todas as artimanhas a que podiam deitar mão para impressionar os nativos. Nas informações cruzadas pelas autoridades consta que eles afirmavam que as “*visitas de controle que tanto a P.S.P. como o exército vêm fazendo ao núcleo eram apenas visitas de cortesia*”, o que, no entender das autoridades, esta interpretação enviesada dos membros daquela Igreja levaria os nativos a supor que as autoridades eram favoráveis à seita e à sua contínua expansão<sup>162</sup>.

No início de 1963 o monitor escolar Elindo que estava incumbido de ensinar aos alunos da escola de Uaba cânticos do folclore africano, aproveitou o ensejo para lhes ensinar canções tocoístas, incluindo a algumas crianças “brancas que as aprenderam”. Detetada a prática, o mentor declarou que tinham sido os “velhos” a impor os cânticos que devia ensinar. De salientar ainda o facto de que o contínuo Paulo, do mesmo Posto Escolar, se “*ter deslocado a Luanda donde regressou com uma fotografia de Simão Toco, suspeitando-se que este tenha pago esta viagem realizada por via aérea. Durante a sua estadia em Luanda deslocou-se à habitação das professoras da escola que nesta cidade se encontravam em gozo de férias, a fim de lhe ser apresentado Simão Toco*”<sup>163</sup>.

A intensa atividade dos prosélitos da Igreja de Simão Toco na área Sul e mais precisamente na região da Huíla, fez com que, por exemplo, em Caconda, muitos nativos católicos estivessem mostrando “tendência” para o Tocoísmo. Alguns destes nativos aderiram à seita, provocando desorientação entre os restantes crentes. Como medida de aliciamento, os tocoístas da região estavam a construir cubatas para os novos adeptos<sup>164</sup>. Por isso as autoridades consideravam que no “*exercício desta atividade os propagandistas da seita promovem reuniões, não hesitando*

---

<sup>160</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 53*, 15.03.1963, fls. 61-62.

<sup>161</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 55*, 05.04.1963, fl. 86.

<sup>162</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 60*, 10.05.1963, fl. 14.

<sup>163</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 60*, 10.05.1963, fl.14.

<sup>164</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 62*, 24.05.1963, fl. 53.

*em recorrer a ameaças para aumentar o número de filiados, o que origina um certo mal-estar entre os nativos. Isto levou o regedor de Caconda a deter o grupo de tocoístas que se havia infiltrado na sua área. Estes indivíduos, desde que aderiram a seita passaram a viver nas matas, escorraçando e intimidando os nativos que se dirigiam às lavras para as tratarem*<sup>165</sup>. Entre os “nativos constava que as pessoas que caírem nas mãos destes tocoístas seriam mortos, a cabeça decepada e o coração arrancado. Supõe-se que o móbil da sua atitude seja provocar o abandono das lavras, o que teria como consequência um ano de fome. Tal facto, ligando o Tocoísmo à situação de fartura, prestigiaria a seita e provocaria a adesão dos que não pretendessem passar privações em anos futuros. Supõe-se por isso se trata de mais um processo de angariamento de adeptos”<sup>166</sup>.

Como forma de combater a crescente expansão do movimento naquele território, em maio de 1963, o Governo da Huíla enumerava os principais melhoramentos introduzidos no colonato de Caconda, como medida de travar o proselitismo tocoísta e o recrutamento de novos adeptos: “*construção e apetrechamento de oito postos escolares, doutros tantos postos sanitários, dotados uns e outros do respetivo pessoal, motorizado o da enfermagem, garantia de visita médica semanal, construção de nove casas destinadas aos trabalhadores mais evoluídos, eletrificação do núcleo central (Uaba), abastecimento de água aos oito núcleos existentes, fornecimento de máquinas agrícolas, etc... condições para se evitar fazer mártires os seguidores do toco*”<sup>167</sup>.

Os momentos de tensão vividos entre os tocoístas e as autoridades administrativas coloniais, parecem terem beneficiado o recrutamento. Em julho de 1963 as autoridades detiveram treze tocoístas que, posteriormente, foram libertos pelas mesmas autoridades. Isto foi o suficiente para que os seus correligionários redobrassem as suas atividades proselíticas. A libertação foi interpretada como um sinal de fragilidade das autoridades. Não só ateus como até protestantes e católicos se deixaram seduzir pela seita e pelo fundo mutualista<sup>168</sup>.

---

<sup>165</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 63*, 31.05.1963, fl. 74.

<sup>166</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 63*, 31.05.1963, fl. 74.

<sup>167</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Máscaras Religiosas de Política Africana: *Colonato de Caconda*, 25.05.1963, fl. 69.

<sup>168</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Reorganização da Seita e Período de Expansão*, 16.07.1963, fls. 211-213.

Por estes motivos as autoridades administrativas descreviam: “em junho de 1963, notava-se a existência e maior incidência da atividade tocoísta, neste Concelho, na área do posto administrativo da Waba, e regiões limítrofes. No entanto, aparentemente, essas actividades pareciam não ser orientadas no sentido político-subversivo. A Seita, na área deste Concelho, parece ter diminuído o número dos seus filiados não se notando já as concentrações de filiados, que periodicamente se reuniam para fazer as suas prédicas. Que esta seita, pelo menos de momento, tem um fim unicamente religioso”<sup>169</sup>.

### Os Tocoístas na Zona de Benguela

No mesmo ano de 1950, o Tocoísmo havia se expandido para o território de Benguela e os relatórios do SCCIA (1963, 1964 e 1965) foram explícitos sobre as atividades tocoístas na região. O núcleo de Benguela, nome aqui usado para designar o conjunto dos núcleos do Lobito, Benguela, Catumbela e Baía Farta, que se encontravam intimamente ligados entre si e eram constituídos predominantemente por indivíduos *umbundu*. Pela sua identidade e coesão consideramos os três como sendo apenas um, que designaremos por núcleo de Benguela, tanto mais, que estavam subordinados a um único chefe, N’ti Afonso da Silva ou N’ti Afonso Botage, de origem bakongu. Era ele quem dirigia superiormente as atividades do movimento tocoísta. A sua atuação processava-se principalmente ao longo da via do caminho de ferro de Benguela, facilitada pelo fato de grande parte dos empregados nos comboios serem prosélitos do movimento. Houve um quarto núcleo na região, o núcleo de Chicuma, mas que manteve mais relações com Caconda do que com Benguela<sup>170</sup>. Este núcleo foi detetado pela primeira vez em abril de 1963, foi constituído por indivíduos que, do colonato de Caconda, para ali haviam se deslocado e volvido algum tempo, a maioria regressou para a terra de origem. Voltou a reorganizar em fevereiro de 1964 por intermédio de António Tito, tendo angariado um número relativamente grande de adeptos.

---

<sup>169</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: Relatório Confidencial Sobre Tocoísmo em Caconda, *Informação Sobre Tocoísmo*: 09.04.1951, fl. 600.

<sup>170</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fls. 301-303.

Nos depoimentos de Lawrence Wallace Henderson, o Tocoísmo chegou ao “território de Benguela em 13 de Dezembro de 1950, por intermédio dos anciãos Mavembo Sebastião, Makuikuila Manuel, Kula David, Kanga Pedro, todos eles membros do grupo de “12 Mais Velhos” e o ancião Afonso Botage, que com suas famílias foram transferidos para Benguela onde fundaram um núcleo da igreja que contou com muitos aderentes. Os fundadores eram provenientes de Luanda e foram aí transferidos como medida de restrição e repressão aplicada pelas autoridades coloniais naquele ano”<sup>171</sup>.

Nos seus escritos entregues às autoridades coloniais, com o título “*Relações entre o Protestantismo e os Movimentos Associativos Negros em África*”, Henderson diz que a “única relação que considerava existir entre aquela denominação cristã e estes movimentos, dizia respeito ao princípio de livre exame ensinado pelos protestantes, com base nas Epístolas de S. Paulo, mas estes ensinavam também o respeito pelas autoridades e lembrou que no Posto de Calumbe (na província Huíla), a Missão Protestante foi a que lutou com mais vigor contra o movimento tocoísta”<sup>172</sup>.

Enquadrou o Tocoísmo no conjunto dos movimentos messiânicos e proféticos africanos e centrou a sua origem na reação contra o branco, na desintegração “tribal” que levou o indígena desenraizado a procurar fora o prestígio que já não podia ter na “tribo”; na substituição das autoridades por eles reconhecidas pelas autoridades nomeadas pelos europeus; na perda da vida “tribal” que os indígenas que se sentiam com propensão para chefes, não tinham possibilidades de se manifestar como tais, daí o procurarem os movimentos que lhes dariam a possibilidade de serem facilmente dirigentes. Mas, pareceu-lhe natural que os indígenas, embora sem instrução, procurassem a possibilidade de serem dirigentes e ganharem o respeito dos seus apaniguados. E concluiu que a situação era geral para o caso básico de toda a África: *o branco está a*

---

<sup>171</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Depoimento de Lawrence Wallace Henderson, Missionário Protestante em Angola, Lobito*, 01.03.1957, fls. 139-141.

<sup>172</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Depoimento de Lawrence Wallace Henderson, Missionário Protestante em Angola, Lobito*, 01.03.1957, fls. 139-141.

*dominar e daí o ressentimento dos negros*<sup>173</sup>.

Com o decorrer do tempo, o Tocoísmo espalhou-se para a cidade do Lobito, Benguela e Vila da Catumbela com as atividades a acentuar-se entre os elementos Tocoístas que ali se encontravam fixados. Em Benguela, efetuavam-se entre 1955 e 1962 várias reuniões, facto que era largamente conhecido pelas autoridades locais. Quer nos núcleos criados em Lobito, Catumbela, Baía Farta e Cubal notou-se que os encontros passaram a realizar-se cerca de dois meses depois de terem chegado os primeiros Tocoístas e, de reunião para reunião, o número de assistentes aumentava consideravelmente<sup>174</sup>.

Em 21 de setembro de 1957, o chefe dos tocoístas em Benguela, N'ti Afonso Botage, descrevia a situação evolutiva nestes termos: “*nós, aqui no Sul, o serviço anda maravilhosamente, estendia-se a área de propaganda em boa parte de Benguela. Já contamos com três mil, setecentos e cinco adeptos. A coincidência é, de facto, evidente e flagrante: o rastilho, que partiu de Benguela, atingiu Lobito imediatamente em agosto de 1962 e chegou a Catumbela em fins de setembro do mesmo ano*”<sup>175</sup>. Estes números continuaram a crescer com sucessivos batismos de novos membros, como exemplo do Frederico Chissele, que foi batizado, cartão n.º 670, a 22 de dezembro de 1962.

Em finais de 1962 e princípio de 1963, iniciou uma grande ascensão aumentando as estatísticas acima fornecidas e espalhando mais núcleos no interior do distrito e contando com a ajuda e fervor do líder naquela região que no “*dia 7 de Abril de 1963, realizou em Catumbela uma cerimónia que durou 11 horas, com a Santa Ceia e batizando sessenta homens e vinte e nove mulheres. N'ti Afonso Botage gozava de boas relações com o Governador de Benguela e mantinha encontros semanais com aquela entidade. Foi com N'ti Afonso que pela primeira vez se introduziu o termo de “bispo” no seio dos tocoístas, pois*

---

<sup>173</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Depoimento de Lawrence Wallace Henderson, Missionário Protestante em Angola, Lobito*, 01.03.1957, fls. 139-141.

<sup>174</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Referente ao Período entre 29 de Setembro e 4 de Outubro, *Informação Sobre Tocoísmo*: 05.11.1962, fls. 13-15.

<sup>175</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Fervores de Benguela*, 25.05.1963, fl. 69.

que passou assim a ser chamado pelos seus”<sup>176</sup>. Entre os seus grandes pregadores contava-se Cesário Cassonga, indivíduo que frequentou o 4º ano do Seminário e desfrutava de grande prestígio entre os adeptos da Igreja Tocoísta de Benguela.

Até ao ano de 1964, todos os núcleos que existiam na região do Distrito de Benguela não tinham sido afetados pelo afastamento de Simão Toco da província de Angola. Pelo contrário, suas atividades prosseguiram num ritmo verificado semelhante ao da presença de Simão Toco em Luanda, constituindo o núcleo de Benguela bem servido de mentores, em número e qualidade. As autoridades administrativas coloniais consideraram de uma maneira geral que os membros do núcleo de Benguela, viviam um clima de resistência passiva<sup>177</sup>.

Em 1965 as autoridades administrativas referiram-se ao Tocoísmo nos seguintes moldes: “*verifica-se no Distrito de Benguela, uma fraca actividade por parte dos filiados da seita de Simão Toco, o que certamente está relacionado com a detenção dos principais doutrinadores, levada a efeito no passado mês. Sabe-se que alguns prosélitos daquela seita resolveram professar a religião católica e protestante, sendo de salientar que, não mais se celebram cultos nos locais para isso designados, encontrando-se os templos encerrados. Contudo, na prática, as atividades tocoístas não se revestem de feição tão optimista, particularmente no que respeita à adesão de alguns, - não se sabe quantos -, ao catolicismo e ao protestantismo*”<sup>178</sup>. O mesmo relatório adiantava que o comportamento dos elementos dos núcleos tocoístas, naquela área, depois de se ter procedido à detenção dos seus chefes, podia considerar-se que era de precaução nos primeiros tempos, mas começando a consciencializar-se, passou a desenvolver uma ação mais despreocupada e de certo modo afinca, sem que as suas atividades, que nunca deixaram de praticar, pudessem considerar-se de carácter subversivo, porquanto, até aquele momento, elas apenas se apresentavam como prática de culto religioso<sup>179</sup>.

---

<sup>176</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Máscaras Religiosas de Política Africana: *Fervores em Benguela*, 25.05.1963, fl. 69.

<sup>177</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201: Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 303.

<sup>178</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Mensal, n.º 6/65-SR, *Actividades Religiosas, com incidência político-subversiva*, 04.11.1965, fls. 08-09.

Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Mensal, n.º 6/65-SR, *Actividades Religiosas, com incidência político-subversiva*, 04.11.1965, fls. 08-09.



Na cidade de Benguela, sem que tivessem parado a sua atividade, como se diz, mercê da captura dos seus chefes, estava a apresentar-se sob duas aparências: “*uma, a realização das normais reuniões efectuadas no recinto que denominam por (Igreja) no bairro de Quioje, por volta das 17h00 e 18h00 horas, de Domingo, notando-se, contudo, que a afluência é muito reduzida, devendo-se ter em conta que ela vem aumentando gradualmente, se olharmos ter quase parado nos tempos imediatos às referidas prisões dos anciãos. E, realização de reuniões, tidas como secretas para uns, em locais fora da Igreja, como sendo na habitação de alguns tocoístas, juntando-se em número reduzido, que poderão ir de 5 a 10 indivíduos de ambos os sexos e de toas as idades*”<sup>180</sup>.

Os membros da seita continuavam ativos na área de Lobito, pretendendo alguns infiltrar-se no exército. De facto, alguns já estavam inscritos voluntariamente, nos cadernos de recenseamento (onze tocoístas da região) entre os quais o próprio chefe dos Tocoístas de Benguela – N’ti Afonso da Silva. Se bem que uma tentativa de infiltração fosse uma hipótese a considerar, há que lembrar, contudo, que o próprio Simão Toco se havia oferecido em 1962, com algumas centenas de tocoístas às autoridades, para construir uma força para atuação no Norte, onde fosse determinado. Tal oferecimento pela forma como foi feito, mereceu ser considerado honesto e sem intenções reservadas<sup>181</sup>.

Mas ainda assim, a atividade tocoísta na região de Benguela e Lobito foi considerada claramente antiportuguesa. Segundo dados da administração colonial, o estado de subversão tinha aumentado consideravelmente, o que causava sérias preocupações nos europeus. Com efeito, parece que, “*pelo menos num núcleo tocoísta do Lobito, se ministrava, aos seus adeptos, treino de manejo de armas de fogo. Julgava-se também de muito interesse observar que se atribuía à comunhão a capacidade de dar força (que interpreta por força física) e a de imunizar os que a recebessem, contra os efeitos das balas. Este acréscimo à doutrina, estava-lhe dando características de acentuada periculosidade*”<sup>182</sup>.

---

<sup>180</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Mensal, n.º 6/65-SR, *Actividades Religiosas, com incidência político-subversiva*, 04.11.1965, fls. 08-09.

<sup>181</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 48*, 08.02.1963, fl. 124.

<sup>182</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 50*, 22.02.1963, fl. 214.

Perante este facto as autoridades compararam o Tocoísmo ao kimbanguismo, e que supostamente esperavam emissários americanos, que deveriam chegar, mas quando não se sabia, para os auxiliarem a expulsar os portugueses. Recorde-se que, na área indicada, o Tocoísmo teve um crescimento muito acentuado nos últimos dois meses do ano de 1962, desde aí se somaram indícios que denunciavam desvios de doutrina. Julgava-se provável que a afluência de adeptos estivesse a ser comandada por agentes de partidos políticos – MPLA, FUA ou UPA – que pretendiam provocar incidentes no Sul, semelhantes aos ocorridos em Luanda, em fevereiro de 1961<sup>183</sup>.

Para as autoridades administrativas coloniais, tornava-se cada vez evidente o perigo que constituía o núcleo tocoísta da área de Lobito. Com efeito, as últimas notícias demonstravam que o núcleo possuía uma estrutura bem organizada, com um fundo de auxílio aos sectários menos favorecidos pela sorte, chegando a pagar dívidas de alguns contos de réis aos novos conversos. E as mesmas foram perentórias: *“os Tocoístas desta região esperavam armas enviadas pelo Simão Toco para iniciarem, em princípios de março de 1963, a luta contra os brancos, e que já haviam combinado a distribuição das mulheres brancas e dos europeus entre os nativos. Tal doutrinação os mantinha muito excitados, acentuando-se os seus sentimentos xenófobos, como o demonstrava a provocação de que foi alvo um agente da PSP, à paisana, que se viu na contingência de utilizar a pistola para se defender duma multidão de nativos da seita. Mesmo assim, pouco depois, grande número de tocoístas comparecia no posto policial da Catumbela, levando um ferido. A sua atitude era de tal modo ameaçadora que só dispersaram sob a ameaça duma arma”*<sup>184</sup>. Mas a informação de que os tocoístas de Benguela esperavam armas de Simão Toco, nunca chegou a confirmar-se, levando em crer que fosse um temor alimentado pelas constantes desconfianças das autoridades em relação aos membros daquele movimento.

Sugere-se a existência de comunicação entre os núcleos da zona Sul, pois que Benguela ganhou preponderância na zona e no relatório de situação n.º 58, referia-se que catequistas do

---

<sup>183</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 50*, 22.02.1963, fl. 214.

<sup>184</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 51*, 01.03.1963, fl. 238.

núcleo Tocoísta de Caconda (Huíla) se haviam deslocado a Chicuma (Concelho da Ganda) e soube-se mais tarde que tais catequistas desenvolveram a sua ação proselítica com grande sigilo, tendo já um núcleo constituído na citada região. O uso do sigilo parece demonstrar que os Tocoístas se aperceberam da posição assumida pelas autoridades, muito embora afirmassem que elas não lhes fariam mal. Em Chisseca (Conselho da Ganda) consta que apareceram Tocoístas de Caconda que aconselhavam os nativos à subversão. É de salientar a grande atividade expansionista do núcleo de Caconda e o sucesso que tem obtido. Tal facto é suscetível de originar uma deterioração da situação semelhante aquela que se verificou em Benguela no início do ano<sup>185</sup>.

Contudo, é de salientar que algumas informações referiam que um delegado do Nti Afonso da Silva afirmou numa reunião tocoísta que os sectários empregados no Caminho de Ferro de Benguela passariam a viver juntos no Morro da Rádio, porque diziam que o “tempo já está próximo”. Deixando no ar a ideia de um levantamento por parte dos tocoístas e que os brancos seriam mortos com as suas próprias armas e os massacres seriam piores que no Congo português. Verificou-se assim que o perigo potencial do núcleo em nada diminuía, sendo de admitir que poderia provocar nova efervescência num futuro próximo. Efectivamente, este núcleo estava manifestando de novo pretensões expansionistas, visando alcançar o Concelho do Balombo<sup>186</sup>.

Diferentemente do que ocorria em Luanda, nesta área e por não observância de regras de disciplina da seita (adultério, falta às práticas do culto, etc, segundo a explicação dada por chefe N’ti Afonso da Silva), foram expulsos 30 tocoístas do núcleo de Benguela. Verificou-se também, no mesmo núcleo a mudança de residência de 21 tocoístas respetivamente 19 para Luanda, 1 para Ganda e 1 para o Cubal<sup>187</sup>. A propagação desta seita continuava a verificar-se com maior incidência no distrito de Benguela, onde o culto ganhava mais adeptos na Catumbela, principalmente junto dos trabalhadores da Companhia Agrícola do Cassequel, sendo de reear

---

<sup>185</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 61*, 17.05.1963, fl. 31.

<sup>186</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 63*, 31.05.1963, fl. 74.

<sup>187</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 65*, 14.06.1963, fl. 103.

que estes, ao regressarem às suas terras de origem, findos os contratos, difundiriam a doutrina. Por outro lado, verificava-se também a contínua tentativa de infiltração de elementos tocoístas nas forças armadas, quer por alistamento voluntário, quer por aliciamento dos já incorporados<sup>188</sup>.

Enquadrado no plano geral da seita, continuava com um proselitismo agressivo sob a máscara de religião. Nesta linha assinalou-se que, em Benguela, durante o culto, um orador pronunciava a seguinte frase: “*nós aqui temos que mandar e temos que lutar todos para o conseguir*”. Logo em seguida, por obediência ao princípio estabelecido ou por suspeitar de que estava a ser vigiado, deu entrada a novos cânticos e prosseguiu a função<sup>189</sup>.

Por isso as autoridades administrativas notaram que em “*Chicuma, na sanzala Cabotio, o incremento verificado no proselitismo tocoísta está provocando certa agitação, tendo levado os católicos a invadirem o local de reunião dos tocoístas, agredindo-os. Para esta agitação, ao que parece, muito têm contribuído as afirmações de índole xenófoba produzidas pelos tocoístas, assim como o facto de, em aplicação dos seus métodos tradicionais, terem catequizado mulheres e crianças de famílias que professam o catolicismo*”<sup>190</sup>.

Outro núcleo tocoísta que esteve em constantes atividades foi o da Praia do Bebé, em Catumbela, apresentava “*sintomas que levou as autoridades a concluir que viviam num estado de subversão latente, denunciado por atitudes de resistência passiva. Com efeito, o chefe deste núcleo assevera que as crianças, filhas de famílias que professam o Tocoísmo não frequentarão as escolas, dado pertencerem a uma religião diferente. Em consequência, proibiu as referidas famílias de fornecerem ao respetivo chefe de grupo de povoações os dados referentes aos seus filhos de idade escolar, impedindo-o assim de organizar uma lista destas crianças, cuja elaboração lhe fora determinada*”<sup>191</sup>.

Simão Toco mesmo antes do exílio nunca chegou a visitar os núcleos situados neste Distrito, os tocoístas da região de Benguela como forma de manter viva a imagem do líder entre os vários prosélitos, estavam distribuindo fotografias de Simão Toco, as quais tinham anotados

---

<sup>188</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 118, *Relatório de Situação n.º 72*, 09.08.1963, fl. 38.

<sup>189</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 118, *Relatório de Situação n.º 73*, 23.08.1963, fl. 49.

<sup>190</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 121, *Relatório de Situação n.º 107*, 29.04.1964, fl. 93.

<sup>191</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 125, *Relatório de Situação n.º 136*, 18.11.1964, fls. 27-28.

os números de algumas citações bíblicas. Procurando impedir a difusão que estava sendo dada a estas fotografias, as autoridades determinaram aos tocoístas que entregassem todas as que já tinham sido distribuídas e proibiram-lhes de continuar a distribuir outras. Todavia, enquanto que os tocoístas do Lobito e Catumbela acataram prontamente aquela ordem, os de Benguela mostraram certa resistência ao seu cumprimento, se bem que passivamente<sup>192</sup>.

Na prossecução do seu proselitismo expansionista, o núcleo Tocoísta de Benguela fizera uma tentativa de levar a doutrina da seita ao posto do Muhongo, por intermédio de Ernesto Sambela, um recém-convertido ao movimento. Porém, os seus intentos foram frustrados em virtude da pronta atuação das autoridades que, agindo de acordo com a doutrina fixada, impediram que a seita estabelecesse arraiais naquela região. É de salientar que os funcionários do Caminho de Ferro de Benguela que prestavam serviço nos comboios continuavam desempenhando papel de relevo nas atividades proseliticas da seita, como o demonstrava o fato do Sambela – funcionário daquela empresa – ter sido aconselhado pelos seus colegas do Luso/Moxico a ingressar no grémio da seita, se bem que fosse iniciado na respetiva doutrina no Lobito, durante a licença que gozou naquela cidade<sup>193</sup>.

Apesar de detidos vários dos principais dirigentes dos núcleos tocoístas espalhados pela região de Benguela, ou talvez, por isso mesmo, aqueles núcleos parece que continuaram enfermando dum estado de subversão latente, surgindo alguns indícios que permitiram supor que os seus elementos estariam talvez na disposição de desenvolverem pelo menos parte das suas atividades na clandestinidade<sup>194</sup>.

Quer na cidade do Lobito, quer na Vila da Catumbela, depois das prisões dos seus chefes (58 anciãos), não mais “*voltaram a reunir na sua igreja, por imaginarem, erradamente, não lhes ser consentido pelas autoridades, no entanto, à semelhança do núcleo de Benguela, juntam-se também em número de 5 a 10 em casa deste ou daquele adepto, onde fazem os seus cultos, nas várias sanzalas, em especial na Vila da*

---

<sup>192</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 126, *Relatório de Situação n.º 145*, 20.01.1965, fl. 49.

<sup>193</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 128, *Relatório de Situação n.º 165*, 09.06.1965, fl. 89.

<sup>194</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 130, *Relatório de Situação n.º 180*, 22.09.1965, fl. 61.

*Catumbela*”. E salientava a mesma informação que os membros tocoístas deixaram de trajar a rigor o fato branco, usando ora casaco branco com calça de cor ou vice-versa, havendo outros ainda que deixaram de usar o branco, continuando, contudo, a não abdicarem de certas normas como seja o uso da gravata e o colarinho da camisa abotoado <sup>195</sup>.

A mesma subdelegação de Catumbela informava já em dezembro de 1965 o seguinte: “*a actividade dos núcleos tocoístas, desta região, é nula, no aspecto religioso, única que sempre lhe foi conhecida, mantendo os seus prosélitos contactos esporádicos, a que chamam visitas, em alguns dias da semana, mais notadamente aos domingos, nada porém tendo sido notado neles, que nos mereça registo ou nos leva a suspeitar que, a coberto delas hajam outros propósitos. Alguns familiares dos detidos tocoístas, recentemente transferidos para a Baía dos Tigres, para cumprimento de medidas administrativas de fixação de residência, têm se dirigido a Esquadra da P.S.P. local, solicitando que sejam autorizados a irem juntar-se-lhes, à semelhança do que já tinha sido concedido relativamente a outros*”<sup>196</sup>.

As autoridades haviam considerado que as atividades organizadas pelos tocoístas eram suspeitas, sobretudo, em Catumbela. Tinham informações que após as pregações, organizavam reuniões até altas horas da noite, e que estas eram apenas acessíveis a determinados adeptos. Nestas reuniões, alegava-se, os assistentes aprendiam a manejar armas de fogo e tática de combate, dando particular interesse à luta “corpo a corpo”. Soube-se que um tocoísta teria afirmado a um cabo verdiano: “isto qualquer dia é nosso, pois estamos a armar-nos”. Sobre esta situação as autoridades administrativas aludiram: “*entre alguns adeptos desta seita estava radicando-se um elevado sentimento de ódio pelo branco e o desejo de se verem livres do “jugo português”. Estes sintomas notavam-se especialmente em Benguela e Catumbela. É, no entanto, de considerar que o chefe desta seita e seu fundador – Simão Gonçalves Toco – parece não alimentar ódios raciais e, pessoalmente, afirma-se como favorável à política ultramarina portuguesa. É de prever, portanto que, da sua acção, agora que retomou o contacto com a Igreja que*

---

<sup>195</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Mensal, n.º 6/65-SR, *Actividades Religiosas, com incidência político-subversiva*, 04.11.1965, fl. 09.

<sup>196</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório mensal n.º 8/65-S.R.-S.P.I., *Actividades Religiosas, com incidência político-subversiva*, 31.12.1965, fl. 09.

*fundou, resulte um abrandamento da sua acentuada característica xenófoba*<sup>197</sup>.

No núcleo tocoísta da Catumbela estavam sendo distribuídas fotografias de Simão Toco aos seus correligionários, as quais tinham inserido no verso a indicação de uma passagem bíblica que pregava a resignação com a promessa de salvação futura. Alguns tocoístas, porém, teriam anotado na mesma fotografia outra citação bíblica, mas não referida nas fontes, cujo teor traduz a revolta e o desejo de vingança dos oprimidos. Ainda em Catumbela, verificou-se que os tocoístas da Praia do Bebê só se decidiram a prestar os elementos solicitados pelo chefe de povoação para a elaboração de uma lista das crianças de idade escolar, após terem recebido instrução nesse sentido, do respetivo chefe tocoísta local<sup>198</sup>.

Os tocoístas de Catumbela, muito embora se considerassem perseguidos pelas autoridades, manifestavam a intenção de perseverarem na sua fé, apoiando-se na sua convicção de que Deus não os desampararia no desempenho da sua missão<sup>199</sup>.

Outro núcleo do Tocoísmo em Benguela esteve localizado na Baía Farta, que sobre o qual dispomos de poucas informações. O mesmo foi criado a *“10 de março de 1963, na sua fase incipiente o núcleo era muito exíguo de prosélitos, pois tinham sido detetados apenas 12 indivíduos. A responsabilidade da criação do núcleo tinha sido rejeitada pelo chefe do movimento a nível de Benguela, alegando que não havia dado orientações para a realização de reuniões e muito menos para a sua efetivação”*. A este respeito o Governador Geral pronunciou-se: *“deve tomar-se conta imediata deste núcleo antes que seja tarde de harmonia com o anterior despacho”*<sup>200</sup>.

Mas aquele número foi superado num curto espaço tempo, pois que com a política das autoridades coloniais de dispersar os tocoístas em vários cantos da “província ultramarina” levou a que no dia 13 de janeiro de 1966, embarcassem no navio “Bragança” com destino à Baía Farta, *“17 elementos da seita tocoísta e no dia 24 do mesmo mês, no navio India os restantes 41, todos detidos por esta*

---

<sup>197</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 115, *Relatório de Situação n.º 47*, 26.01.1963, fl. 90.

<sup>198</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 125, *Relatório de Situação n.º 139*, 09.12.1964, fl. 69.

<sup>199</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 126, *Relatório de Situação n.º 147*, 03.02.1965, fl. 79.

<sup>200</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 127, *Relatório de Situação n.º 152*, 10.03.1963, fl. 14.

*subdelegação em 2 de agosto de 1965, os quais aguardavam embarque na cadeia civil do Lobito. Foram autorizados a acompanhá-los seus familiares, - mulheres e filhos -, tendo no primeiro embarque seguido 42 pessoas e no segundo 151. No momento do embarque afluíram ao cais, a fim deles se despedirem alguns prosélitos da seita em número de 15 da primeira vez e de uns 50 da segunda, não trocando com eles quaisquer palavras ou apertos de mão, por o mesmo não ser permitido pelo pessoal da PSP, que procediam ao embarque. Estas medidas de fixação de residência, nas pessoas dos chefes tocoístas, parecem ter sido aceites com uma resignação apostólica, por quanto, aparentemente não foi esboçada a mais pequena contrariedade, quer pelos fixados, quer pelos adeptos que assistiram a partida e ainda o não se acharem intimidados, pois alguns envergavam a sua característica indumentária branca, - que já estava quase esquecida nesta região - ouvindo-se alguns dizerem à despedida: - até breve, qualquer dia lá estamos - que parece significar não terem em mente os que ficaram a ideia de abdicarem das suas actividades e prevendo talvez que igualmente venham a ser detidos e levados para o mesmo destino. Leva-nos a pensar assim o facto de que, os elementos do núcleo do Lobito, clandestinamente, promoveram já algumas reuniões e, nelas, foram nomeados novos conselheiros e anciãos e também criado o novo grau hierárquico maiores conselheiros, segundo se soube para ofuscar as vistas das autoridades; para este lugar foram elevados 10 indivíduos e para o de conselheiro 15, em reunião tida no bairro periférico do Morro da Rádio, onde quase todos os novos nomeados residem, razão porque esta subdelegação vai promover a detenção dos mais responsáveis<sup>201</sup>. O principal foco de irradiação do movimento naquele ano foi a área de Lobito, de onde eram provenientes mais membros tocoístas para a região da Baía Farta.*

Embora da notada atividade tocoísta em Benguela, as autoridades concluíram que entre os anos de 1963 até 1966 não se registara comportamentos subversivos por parte dos integrantes dos núcleos “tocoístas” naquela área, sobretudo, depois de se terem procedido à detenção dos seus chefes.

### **Os Tocoístas na área de Moçâmedes**

Outro núcleo na região litoral/Sul de Angola que, nasceu da influência direta de Simão

---

<sup>201</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório mensal n.º 1/66-S.R.-S.P.I., *Actividades Religiosas, com incidência político-subversiva*, 05.02.1966, fl. 10.



Toco, foi o de Moçâmedes, atual província do Namibe. O Tocoísmo implantou-se no Namibe e mais precisamente na Ponta Albina onde Simão Toco trabalhou como faroleiro.

Durante a permanência em Ponta Albina (1955 a 1961), Simão Toco terá sido sempre vigiado pelas pessoas com quem trabalhava. Para esta missão, as autoridades haviam delegado funções a Firmino da Silva que, sendo faroleiro da Ponta Albina, de raça preta, natural de S. Tomé, além do serviço de farolagem, teve a seu cargo aquela vigilância, seguindo as instruções que recebia do Capitão do Porto de Moçâmedes: “*as principais instruções eram aquelas de impedir que Toco e o filho mantivessem contactos regulares com os outros serventes; também devia enviar toda a correspondência dirigida a Simão Toco, para a Capitania de Moçâmedes*”<sup>202</sup>.

Durante a sua passagem por aquela área, as autoridades ficaram com a percepção de que Simão Gonçalves Toco era muito “cauteloso e manhoso; tinha medo das autoridades e alegava que só podia dizer aquilo que elas autorizassem; não era um indígena boçal; falava muito bem o português, empregando palavras fora da vulgaridade e sabendo bem o que elas significavam; continuava a ser um fanático e convencido de ser profeta de Deus; era ávido de conhecer o mundo exterior e de se continuar a instruir; as suas expressões eram cativantes; foi um indivíduo de bom trato, gentil, atencioso e mostrando ser bem educado; respondendo ao que se lhe perguntavam, cautelosamente, mas com perfeito raciocínio”. Além disso, “cativava as pessoas que o ouviam, e que era um bom pastor, pela facilidade com que arranjava adeptos e que era inteligente; fisicamente era bem constituído, gozando de esplêndida saúde; possuía a índole dos indígenas, na parte respeitante a mostrar pose quando se lhe tiravam uma fotografia e ainda na forma como tinha o interior da sua casa arrumado, absolutamente à moda indígena, em todos os pormenores”<sup>203</sup>.

Na área do distrito de Moçâmedes (Namibe), um grupo de tocoístas fixados na Baía dos

---

<sup>202</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Discriminação do pessoal que trabalha em Ponta Albina: funções*, 19.07.1957, fls. 130-138.

<sup>203</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Discriminação do pessoal que trabalha em Ponta Albina: funções*, 19.07.1957, fls. 130-138.

Tigres, sob a direcção de João Mancoca, abjugaram publicamente da sua condição de tocos, certificando a *Watch Tower Bible And Tract Society*, em ofício dirigido ao Governo do distrito, que os mesmos eram seus filiados e constituíam um grupo “*bona fide*” das testemunhas de Jeová. Pelo mesmo ofício verificou-se que a ter existido qualquer ligação entre aquela sociedade e Simão Toco, tal já não se verificava naquela data (junho de 1956)<sup>204</sup>.

Apesar da apertada vigilância montada em torno de Simão Toco, este demonstrou capacidades em ludibriar as entidades da administração colonial. As autoridades relataram que ele se aproveitava de dois serventes, para enviar a sua correspondência, que aqueles deitavam no correio em Porto Alexandre. Toco, em acordo com os serventes, enterrava a correspondência na areia, algures, num ponto do trajeto para Porto Alexandre. Este ardil foi descoberto pelo faroleiro e daqui resultou a transferência de um dos serventes<sup>205</sup>.

Apreciação diferente teve um funcionário português entrevistado pelo jornalista Lowau Michel para falar sobre Simão Toco. No seu artigo intitulado “*O Padre Guarda o Farol. Como Angola trata os provocadores de Agitação*”. Transcreveu a entrevista: “*sentado um dia na esplanada de um café de pescadores em Moçâmedes, fiz perguntas a um português, funcionário do Governo Lusitano, acerca dos prisioneiros políticos em Angola. Prisioneiros políticos? Disse ele, não há cá disso. Que se passa com Simão Toco? Replicou o funcionário português, não é um prisioneiro político, está aqui em Porto Alexandre a guardar o farol. Esta foi a primeira vez que um jornalista estrangeiro (excepto português) pisou o solo de Porto Alexandre. Simão Toco, continuou o Português é um homem que merece a maldição de Angola. Um dia atravessou a fronteira do território belga e chegou a “padre” duma nova religião meia pagã e meia cristã. Há dez anos os Belgas, expulsaram-no e voltou ao seu país Natal, Angola. Os portugueses mandaram-mo para Sá da Bandeira, no sul de Angola, longe dos seus, anos depois ele reúne o seu grupo em Caconda. Adquiriu um grande número de adeptos. Um dia a multidão juntou-se à sua volta e ele pregou. A Administração Portuguesa foi alertada para acabar a agitação, mas Simão Toco desapareceu. Os funcionários portugueses consideravam a religião de Simão Toco,*

---

<sup>204</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: *Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 14.

<sup>205</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Discriminação do pessoal que trabalha em Ponta Albina: funções*, 19.07.1957, fls. 130-138.

*subversiva e anti-brancos. Estando, Simão, perto de Moçâmedes a guardar inocentemente o farol, o Governo honrou-se em emprestar-nos um carro para imos vê-lo de perto. Eu não era capaz de lá chegar só”*<sup>206</sup>

No Sul de Angola, o núcleo começou a robustecer-se, devido, talvez, a um estreitamento de relações com a célula Tocoísta de Benguela; na área de Uaba, onde existiram cerca de 400 (quatrocentos) agricultores Tocoístas; havia conhecimento de um núcleo extra-colonato, nas localidades de Camuciuo, Chiruma e Calumea, em estreito contato com os elementos mais preponderantes do Colonato; ficou provado que todos os núcleos mantinham contatos com Benguela, Ganda, etc., inicialmente por intermédio de cartas e, posteriormente fazendo deslocar emissários, convenientemente preparados; sabia-se do êxito da propaganda feita pelos “tocos” junto das massas indígenas católica, adventista e protestante; conhecimento de reuniões de caráter religioso efetuadas, primeiro, em Cué e, posteriormente, no templo de Calongue; e nada de anormal se havia notado até aquela data”<sup>207</sup>.

Foi em Ponta Albina que Simão Toco terá sido chamado (1961-963) para se dirigir às pessoas que tinham abandonado as suas casas na zona norte de Angola, com o levantamento de março de 1961, conduzido pela UPA.

### **Os Tocoístas em dispersão pelo Planalto**

O Tocoísmo, a partir de Benguela, não deixou de subir no sentido do trajeto do Caminho de Ferro de Benguela (CFB) em direção ao planalto. Para junho de 1963, dispomos dos primeiros relatos de núcleo tocoísta em Mangonga. Era “*constituído por um grupo composto por cerca de trinta e nove membros. Até novembro de 1963 o núcleo já manifestava tendências de se alargar, o que veio provocar incidentes com os católicos locais, atitude que levou à detenção de Jacob Jorge, seu principal elemento. Este núcleo esteve sob a influência do núcleo de Benguela*”<sup>208</sup>.

---

<sup>206</sup> ANTT/ASN: Cx, 18, n° 4, D46: *Angola. Martir des Portugais*, Lowau Michel, Editeur, s.d., 11 fls. (dactiloscrito).

<sup>207</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Informação Sobre Tocoísmo: Atividades da Seita Tocoísta no Concelho de Caconda*, 15.09.1961, fls. 199-205.

<sup>208</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 303.

A Igreja Adventista considerou o grupo dos Tocos como um movimento estranho ao cristianismo. Posicionando-se contra o novo movimento, escreveram que eles que aceitavam a Bíblia como norma de fé e que não podiam de maneira nenhuma, aceitar as doutrinas dos Tocos. Por causa dos métodos adotados pelo tocoístas para ganhar adeptos, os responsáveis adventistas haviam aconselhado os seus membros a não se comunicarem com pessoas ligadas aquele movimento<sup>209</sup>.

Outra referência da presença do Tocoísmo no Huambo é datada de fevereiro de 1965, quando apareceu na aldeia Chipembe, Concelho de Luimbale o ancião tocoísta Horácio Canhara, natural daí e procedente de Catumbela/Lobito, procurando angariar adeptos [...] Foi preso e a tentativa morreu no embrião<sup>210</sup>.

O Tocoísmo também chegou em Moxico (Luso). As atividades tocoístas foram notadas, pela primeira vez naquele Distrito, em Teixeira de Sousa, em 24 de julho de 1963, depois da partida de Simão Toco para os Açores.

Embora da pouca informação existente sobre esta região, referenciar que no distrito, apenas na cidade do Luso e em Vila Teixeira de Sousa, existiam alguns adeptos do Tocoísmo, encontrando-se na capital um grupo de sete membros que se mantinham estacionários há mais de um ano por causa da apertada vigilância levada a cabo pelas autoridades. Em Teixeira de Sousa (Dilolo) existia um núcleo constituído por dezoito adultos e vinte e seis menores, que viviam em letargo devido ao seu chefe ter sido detido. Porém, a partir de 1965, passou a incrementar a sua ação. Deveu-se a essa atitude ao facto de a chefia do núcleo ter passado para as mãos de Angelino Lani, fogueiro dos Caminhos de Ferro de Benguela. Mas que se seguiu a detenção de sete dos principais cabecilhas, os restantes voltaram ao estado de “sossego”, que até ali vinham

---

<sup>209</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Ofício n.º 3001/9301/64-A/4º-G.P.: *A Igreja Adventista e os Tocoístas*, 18.09.1963, fls. 243-248.

<sup>210</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 17.

mantendo<sup>211</sup>.

Em Teixeira de Sousa, os tocoístas ali existentes continuavam as suas reuniões de culto ao nível familiar. A sua atividade proselitica foi considerada diminuta pelas autoridades, computando-se, em cerca de 50 membros, incluindo todos os familiares dos adeptos, o número de sectários de Simão Toco naquela região<sup>212</sup>.

No Luso, foi detetado um núcleo tocoísta que mantinha estreitas ligações com o já existente em Teixeira de Sousa e parece ter sido uma consequência da atividade proselitica desenvolvida pelos membros do segundo que utilizavam os crentes empregados no Caminho de Ferro de Benguela, especialmente encarregados do salão, para difundirem a sua doutrina. O dirigente de Teixeira de Sousa assistia, por vezes, às reuniões havidas no Luso. Em meados de 1965, este pequeno núcleo rondava as duas dezenas de indivíduos.<sup>213</sup>

Outro núcleo Tocoísta foi o existente em Dilolo que vivia numa espécie de letargo, no que se refere a atividades relativas à seita, do qual havia saído mercê do impulso que lhe deu o Angelino Iani, o novo chefe do núcleo. É de salientar que das reuniões cultuais participavam elementos do CFB que prestavam serviço nos comboios-malas<sup>214</sup>.

Em suma, o mapa de janeiro de 1963, que serviu-nos de guia na exploração da expansão do Tocoísmo até meados dos anos de 1960s, se registou todos os núcleos expressivos do Tocoísmo, não deu visibilidade a outras áreas de penetração da Seita, em particular para o Planalto central. Podemos dizer que existiram na província de Angola, três grandes centros de difusão da doutrina tocoísta: o de Luanda, o de Benguela e o de Caconda. O centro de Luanda tinha sob a sua influência os núcleos que existiam nos distritos do Zaire e Uíge; o de Benguela influenciava os núcleos que existiam no Huambo e Moxico, enquanto que o de Caconda apenas

---

<sup>211</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 12.

<sup>212</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 121, *Relatório de Situação n.º 106*, 22.04.1964, fl. 73.

<sup>213</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 121, *Relatório de Situação n.º 107*, 29.04.1964, fl. 93; ANTT/SCCIA, Livro n.º 128, *Relatório de Situação n.º 165*, 09.06.1965, fl. 89.

<sup>214</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 127, *Relatório de Situação n.º 154*, 24.03.1965, fl. 43.

teve ação sobre as regiões vizinhas, e com a falta de comunicação regular com Luanda, adaptaram a igreja à região e aos seus usos, ganhando a sua própria personalidade<sup>215</sup>.

Desde a sua instalação em Angola em 1950, até a eclosão dos levantamentos de 15 de março de 1961 não se tinham verificado casos graves de violência com adeptos de Simão Toco. Em 1958 o comando Militar de Angola, esquematizou e indicou como nocivos, relativamente a existência da seita, referindo que expansão territorial era grande e podiam-se cifrar os adeptos nas dezenas de milhares; a reunião de indígenas de tribos diferentes na mesma organização religiosa; a sua desenvolvida organização, a fanática obediência aos seus chefes e rígida disciplina, torná-las iam muito perigosa se fosse conduzida por agentes sabotadores ou “terroristas” estrangeiros; subtrai à acção das missões católicas e ao controle das autoridades, grande número de indígenas, fazendo-lhes perder o respeito pelo branco e incutindo-lhes a noção de obediência exclusiva aos negros; é um elemento subversivo em potencial, sempre apto a atuar pela surpresa se não estiver permanentemente sob o controle das autoridades; é de tendências xenófobas e portanto apta a ligar-se aos movimentos emancipalistas; pela diversa correspondência censurada a Simão Toco e a seus adeptos verifica-se que aquele, pelo menos aparentemente, se manteve afastado e alheio à orientação dada nos últimos anos ao culto tocoístas; março de 1961 com o seu trágico desfilar de práticas de genocídio vem encontrar, como aliás se previa, a maior aceitação das ideias “terroristas” pelos núcleos de tocos disseminados no Uíge; após a entrevista concedida por Simão Toco à Rádio e TV portuguesas em Ponta Albina, na qual declarou a sua fidelidade a Portugal, verificou-se que passaram a afluír a Léopoldville vários tocoístas refugiados no Congo, os quais se diziam fugitivos dos “terroristas”; numa entrevista concedida ao Diário de Luanda em 17 de outubro de 1961, afirmava a sua qualidade de português e exortava os seus adeptos a amar Portugal; considerando os seu prestígio junto das massas nativas, foi resolvido em junho de 1962, que se deveria aproveitar a sua influência na recuperação de deslocados<sup>216</sup>.

---

<sup>215</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 306.

<sup>216</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: *Simão Toco*, 22.01.1963, fls. 15-16.

Entre os vários fatores identificados pelas autoridades administrativas coloniais que contribuíram para a rápida expansão do Tocoísmo em Angola, destacam-se os seguintes: a fixação de residência a tocoístas, em regiões ainda não contaminadas, permitiu aos sectários de Simão Toco, e ao próprio Simão, fazer proselitismo entre os naturais das regiões onde se encontravam desterrados. A auréola de martírio que a situação lhe conferia, deve ter-lhe facilitado o contato com povos entre os quais estavam residindo; a pequena cobertura missionária da Província, com a conseqüente falta de penetração da doutrina católica, em profundidade, na alma dos nativos, contribuiu para que estes se deixassem enredar pelo Tocoísmo que lhes apresentava como algo de novo, de mais fácil absorção, pois, a doutrina se define por regras simples, mais consentâneas com a tradição, e adaptado aos seus usos e costumes; a escolha dos temas das pregações, dum modo geral versando a revolta dos judeus contra os opressores, porque se enquadra no clima de violência vivido em África e faz promessas dum futuro onde tudo é alegria, bem-aventurança e gozo, é de molde a agradar à sede de abastança e ausência de obrigações comuns a todos os nativos; a tolerância das autoridades em relação à seita e o prestígio que lhe advém do facto de essas mesmas autoridades e, dum modo geral, todos os europeus gabarem as suas atitudes e aprumo, para o que fazem comparações deprimentes para os católicos, faz com que os não iniciados vejam, na adesão ao Tocoísmo, um meio de se elevarem socialmente e no conceito dos europeus<sup>217</sup>.

Com o objetivo de travar o avanço do Tocoísmo em todo o território da Província de Angola, as autoridades coloniais haviam determinado parar com a mobilidade do fundador, antes de mais nada, e a ação de dirigentes e catequistas. Na obra de repressão, deve prevenir-se, tanto a dureza dos militares como a moleza dos administradores. Dada a xenofobia da seita, missionários – sacerdotes ou leigos – que não sejam de cor estão condenados ao fracasso. Deveria, portanto, por intermédio dos respetivos prelados, escolher-se entres os Padres nativos os que melhor servissem para recuperar os infetados, ao menos um para a língua bakongu, outro para o

---

<sup>217</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fls. 308-309.

kimbundu e outro para o *umbundu* [...] se ainda continua, que se acabe, quanto antes, com o coro que assiste ao içar da Bandeira Nacional aos domingos na Administração do 2º Bairro de Luanda; que o líder seja enviado para os Açores; para isso, deverá combinar-se o local com o Prelado dali, de modo que pudéssemos com sacerdote hábil e industrioso para tentar com fruto a conversão das almas que se lhe confiassem e as tratasse com maior tato, prudência e sem precipitações; seria indispensável que a ilha fosse pouco habitada e se estabelecesse um salutar isolamento; evidentemente, teria de ter-se em conta a ausência total, presente e futura, de africanos, de africanistas, de protestantes, comunistas, oposicionistas e americanos, mesmo talvez de luso-americanos<sup>218</sup>.

Mas, no terreno as autoridades administrativas coloniais tinham a clara noção de que não se conseguiria deter a expansão do movimento só com o recurso a detenções e exílio dos chefes da seita se não fosse desenvolvida uma intensa, profunda e cuidadosa campanha apostólica de outra religião, aconselhando a experiência da atividade das missões protestantes que deu resultados e que tal campanha fosse entregue à Igreja Católica que, através dos tempos, sempre se revelou um bastião da soberania portuguesa nas terras do ultramar<sup>219</sup>.

Através da repressão das autoridades foram obtidos alguns resultados: “*a intervenção firme das autoridades junto dos núcleos incipientes produziu resultados francamente favoráveis, como foi o caso do Cuanza Sul, Huambo, Bié e certos pontos do Uíge e do Moxico, onde a detenção de alguns propagandistas ou a transferência de contaminados para núcleos já existentes, não consentiu o alastramento*”<sup>220</sup>. Com as constantes movimentações quer do líder Simão Toco e bem como dos seus seguidores, os mesmos tiveram que reorganizar o movimento.

Podemos concluir que na primeira metade dos anos 1960s os tocoístas mostravam-se muito ativos, levando os povos de confissão protestante a abraçarem a doutrina da sua seita que,

---

<sup>218</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, O Tocoísmo em Angola Após 1961 – *Reacção das Autoridades*, 16.07.1963, fl. 228.

<sup>219</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, O Tocoísmo em Angola Após 1961 – *Parecer Quanto à Acção a Adoptar*, 16.07.1963, fl. 223.

<sup>220</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fls. 307-308.



dado o seu caráter de nacionalismo africano, era facilmente aceite pelos nativos. Os dados apontam que a falta de assistência religiosa aos nativos protestante tenha sido a causa primária que os levou a abraçarem o Tocoísmo, como meio de satisfazerem os seus anseios místicos<sup>221</sup>.

Por outro lado, as atitudes dos tocoístas estavam se tornando altamente inconvenientes as autoridades administrativas, verificando-se o desinteresse pelo trabalho em algumas regiões, aumento de conversas subversivas e certa rebeldia no cumprimento das ordens dimanadas das autoridades, como por exemplo, pretensão de nomeação de regedores recaia em indivíduos que professassem a sua religião. As autoridades entendiam que a *“acumulação da liderança política com a religiosa, a aproximação dos líderes políticos dos religiosos, é uma tendência comum aos políticos africanos, que deste modo pretendem reforçar o poder”*<sup>222</sup>.

Entretanto, na zona Norte, alguns elementos tocoístas continuavam a prestar valiosos serviços na recuperação das populações foragidas nas matas, como se verificou a partir de 1962. No entanto, os Tocos recuperados, alegando que poderiam trazer outros 6.000 indivíduos que se encontravam refugiados nas matas pretendiam conseguir vantagens sobre os regressados no futuro ao insinuarem terem certos direitos no Colonato do Vale do Loge que, como se sabe foi por eles agricultado em data anterior à dos acontecimentos<sup>223</sup>.

No que se refere à expansão do movimento entre o Norte, o Cento e Sul da província e com o objetivo de aumentar os números de filiados, as autoridades administrativas notaram que em Buengas Sul, os sectários do Tocoísmo, fiéis ao imperativo da expansão, estavam aliciando elementos da seita Kintuadi, enquanto que os de Caconda estenderam as suas atividades à área do Posto de Chicuma. Mereceu especial atenção o aliciamento que os tocoístas estavam exercendo sobre os confessos de outra seita de reação, que tinha igualmente por objeto a satisfação de todos os anseios dos nativos. Por isso as autoridades alertavam que se tal *“tendência crescer a nível provincial e se estender às bolsas, o perigo potencial desta seita aumentará consideravelmente, pois permitirá que as*

---

<sup>221</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 53*, 15.03.1963, fl. 61.

<sup>222</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 53*, 15.03.1963, fl. 61.

<sup>223</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 118, *Relatório de Situação n.º 73*, 23.08.1963, fl. 49.

*reivindicações dos nativos sejam adunadas e consolidadas por uma mística xenófoba, de carácter sagrado e estabelecerá entre os nativos uma rígida disciplina, que é apanágio da seita. Efectivamente, os Tocoístas consideram os do Norte como sendo os “messias” da raça, talvez porque os primeiros apóstolos da seita, assim como o próprio fundador, são naturais daquela região. Contudo, é conveniente não olvidar que o terrorismo foi desencadeado no Norte e por nortenhos e que estes se apresentam como os portadores da futura “felicidade” para os nativos”*<sup>224</sup>.

São referidos, nos relatórios alguns factos que apontavam para o conluio entre os movimentos emancipalistas e alguns núcleos tocoístas: *“Que o inimigo havia anunciado uma grande ofensiva para dezembro de 1962; Que nesta data se assinalou certa atividade Tocoísta no Púri (distrito do Uíge), e em Benguela foi detetada intensa ação proselitica com admissão precipitada de centenas de adeptos; Que em janeiro de 1963 se inicia a expansão da seita no Pete, e, desde então, esta atividade expansionista não tem cessado em todas as zonas onde a seita tem núcleos constituídos, tal como não têm cessado as constantes afirmações dos movimentos emancipalistas de que o caso de Angola se resolverá ou atingirá a sua fase crítica no decurso deste ano”*<sup>225</sup>.

E passou a ser muito importante considerar que a expansão da seita parecia obedecer a um plano determinado, do qual fazia a preparação de pregadores nos principais núcleos já existentes, como se depreende da existência em Luanda, Benguela e outros, de indivíduos oriundos de regiões onde o Tocoísmo ainda não tinha penetrado.

Foi um Tocoísmo a crescer, mas com problemas internos, como foi o conflito geracional “os Velhos” e “os Novos” e posteriormente a questão de liderança que opunha alguns membros de Luanda e também a situação de hegemonia dos “Congolezes” (muzombos) considerados os pioneiros do movimento e as outras populações que mais tarde aderiram ao movimento.

---

<sup>224</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 116, *Relatório de Situação n.º 58*, 26.04.1963, fls. 109-110.

<sup>225</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 117, *Relatório de Situação n.º 61*, 17.05.1963, fl. 31.

### 3. A Reorganização da Igreja Tocoísta: a Criação do Centro Doutrinário do Movimento e a “Terra Santa”. Organização e Hierarquia.

Por volta de 1955 o Tocoísmo já estava presente numa ampla faixa do Norte e “litoral” do território angolano que se estendia do Uíge ao Namibe. Ao mesmo tempo que tal processo ocorria o Centro Doutrinário do Tocoísmo deslocou-se do Vale do Loge para Luanda, onde se constituiu o núcleo mais importante da Igreja, em cuja formação e organização nos vamos centrar.

A implantação do Tocoísmo em Luanda ficou a dever-se a um conjunto de factores que marcaram a relação dos membros da Igreja com as autoridades coloniais portuguesas. Um dos momentos chaves para este desenrolar foi a apreciação feita pelo então Administrador do Bembe: *“desde que aqui cheguei e assumi as funções de Administrador do Concelho, tenho sido forçado a ouvir tantos problemas variados considerados acerca da religião professada por um tal de Simão Toco, que teria sido o chefe dos colonos do Vale do Loge, e acerca da sua seita que, se não fora já uma longa experiencia da vida colonial, teria proposto a Vossa Excelência, para que tal indivíduo e todos os componentes do colonato do Loge fossem pura e simplesmente fuzilados ou deportados para onde não fizessem mal”*<sup>226</sup>. As autoridades atribuíram o público ao Simão Toco, seus adeptos e à sua propagandeada religião a alteração da ordem pública de que teria sido alvo o Chefe de Posto Veríssimo numa das povoações indígenas do Posto do Bembe, que então chefiava, onde fora agredido aos encontrões, até por milhares. Este documento, não só salienta o clima de tensão vivido no Vale do Loge como também justificou a transferência do líder religioso para outras paragens.

O proselitismo tocoísta chegou à região de Luanda em abril de 1950, quando Simão Toco esteve em trânsito para Caconda, onde lhe haviam fixado residência as autoridades coloniais. Na curta estadia na região, ficou hospedado em Catete durante três dias e, naquela Vila,

---

<sup>226</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, Documento Confidencial n.º 49, *Seitas Religiosas: Informações sobre o Tocoísmo no Bembe*, 19.02.1951, fls. 24-32.

teve várias visões, ou seja, como designam os próprios membros da Igreja, experimentou um novo “Encontro com Deus”<sup>227</sup>.

Sobre o encontro de “Simão Toco com o seu Deus” em Catete, existe nos fundos documentais da PIDE, uma correspondência de Simão Toco datada de 9 de agosto de 1955, redigida em kikongo e dirigida aos irmãos da Igreja de Benguela e do Vale do Loge, onde descreveu a origem do poder de Deus que operava nele e ainda a correspondência do Profeta, datada de 24 de janeiro de 1971, onde desenhou o croquis de localização da área de Catete. Outra correspondência do líder religioso datada de 31 de outubro de 1971, dirigida à Igreja e aos irmãos de Catete. Foi ainda localizada uma terceira epístola, de 08 de novembro de 1971, endereçada aos irmãos Jacob Paulo Chipaia, Eurico Ananás Chingualulo, Fausto Sapalo Eculica, Augusto Domingos, Mariano Martinho, etc., da Igreja de Benguela, onde Toco afirma ter ele vivenciado a experiência do “encontro vivo com Deus”, no ano de 1950, quando estava de trânsito para Caconda onde lhe haviam fixado nova residência<sup>228</sup>. Eis o teor escrito por Simão Toco numa das suas correspondências sobre o assunto: *“procurem nessa cidade de Luanda os irmãos de Catete e mandam-me os seus nomes, eu quero dizer-lhes o sinal que está na terra deles que eu vi em abril de 1950, quando dormimos lá 03 (três) dias e éramos 08 (oito) pessoas a ida para Caconda”*<sup>229</sup>. O mais plausível é ter sido este o momento que o núcleo de Luanda nasceu e ganhou o estatuto de Centro doutrinário do Movimento.

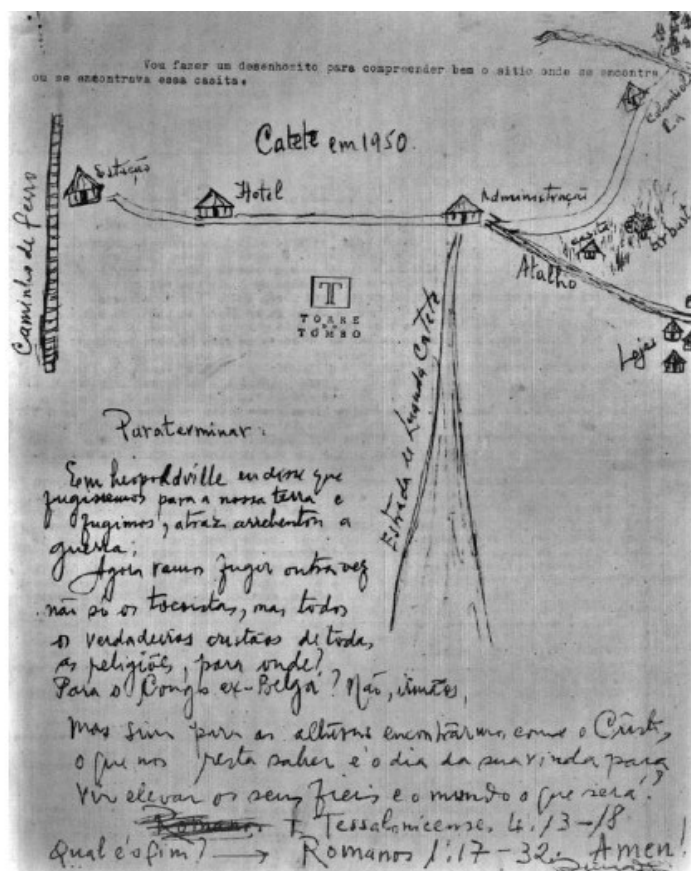
---

<sup>227</sup> Ruy Blanes fala de 1935, quando se refere ao “encontro de Deus com Simão Toco” em Catete, Luanda. Nas investigações feitas encontramos novos dados que diferem daquela investigação.

<sup>228</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco aos 12 Vice e os 48 A-B*, 24.01.1971, fl. 313.

<sup>229</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco aos 12 Vice e os 48 A-B*, 24.01.1971, fl. 315.

Ilustração n.º 10: Localização de Catete – Desenho de Simão Toco (s.d.)



Fonte: Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco aos 12 Vice e os 48 A-B*, 24.01.1971, fls. 315-320.

Durante o momento de conflito que se viveu no seio dos membros do seu movimento, em 1962, a partir do Porto Alexandre (Namibe - Angola), Toco endereçou um bilhete a Fernando Manzambi, influente membro tocoísta, cuja posição não foi identificada, onde relatava a situação vivida na Igreja, nele indicava que os conselheiros se encontravam em Luanda: “*agradaram-me todas as vossas cartas no que respeita aos sentimentos de amor mútuo que nelas manifestais; não nos agradou porém, e é muito de lamentar, a carta que nos foi enviada pelos conselheiros em nome da Igreja, na qual comunicam o progresso da Igreja de Cristo e também da inimizade que reina entre os que têm o nome comum de «Cristãos». Que quer dizer Igreja? A Igreja é o conjunto ou comunidade de cristãos ligados pela mesma fé e sujeitos aos mesmos chefes ou dirigentes (velhos ou moços) os quais tratam dos assuntos religiosos e espirituais, sem contendas*”

*nem desordem*”<sup>230</sup>.

A importância do núcleo de Luanda ficou expressa numa epístola de Simão Toco de 1973: *“todo o Tocoísmo tem a sua raiz em Luanda. A raiz ou raízes são os 12 vice, velhos 48 A e B para tratarem os vossos casos. Por isso, a minha confiança está ligada a esses 12 vice e A e B 48. Quem se afastar deles, podem fazer o quiser, mas eu, a minha confiança está depositada neles por isso tenho lutado para os irmãos 12, vice, velhos e 48 para seguirem a mesma carreira e deixarem as confusões. Como é que os irmãos do Sul da classe oeste impedem os outros a não fazerem parte nas orações que mandei para todos os irmãos tocoístas? Se isso for verdade, é melhor abandonarem o Tocoísmo e regressam nas vossas religiões primitivas, católicas e protestantes e não andarem a meter confusões na doutrina da Igreja de Cristo*”<sup>231</sup>.

Por outro lado, os responsáveis daquele núcleo assumiram o seu papel preponderante, fato verificado numa petição dirigida ao Governo colonial contendo orientações de como iria trabalhar e responsabilizar os demais núcleos. Eis o que foi escrito pelos anciãos responsáveis do movimento: *“os anciãos de Luanda deslocar-se-ão de vez em quando, a fim de fiscalizar rigorosamente o serviço da Igreja por toda a parte do território. Para não deixar escandalizar ou introduzir ideias das outras seitas estranhas e, quaisquer outras tendências, ou correntes de ondas comunistas do mundo [...]”*<sup>232</sup>.

A preponderância do núcleo de Luanda não passou despercebida aos olhos das autoridades coloniais. Em 1960, o Inspetor Chefe, Aníbal de São José Lopes, pronunciou-se sobre a importância do núcleo: *“o Tocoísmo está em efervescência bem latente e alguns dos seus elementos de Luanda já pronunciaram no sentido de tornar Angola independente. De todas as seitas de Angola, o Tocoísmo é a melhor organizada e por isso é necessária a ação de vigilância sobre os seus elementos de forma a evitar-se piores consequências no futuro*”<sup>233</sup>.

Em Luanda, a influência do Tocoísmo havia alastrado, segundo informações da PIDE,

---

<sup>230</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Simão Gonçalves Toco, 31.03.1962, fl. 170.

<sup>231</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 21.

<sup>232</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Solicitação ao Excelentíssimo Senhor Governador Geral de Angola*, 03.11.1971, fls. 277-279.

<sup>233</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Nota Confidencial n.º 460/960-GAI, *Informação Sobre Tocoísmo*: 07.06.1960, fl. 251.

para além dos nativos e constou que, em algumas reuniões organizadas pelos tocoístas, tomara parte um soldado branco que, talvez fanatizado, já não fumava nem fazia uso de bebidas alcoólicas. Uma “*vez encontrando-se afastado do recinto do culto, à passagem dos dirigentes da referida missão, perfilou e fez continência só desfazendo quando o cortejo já estava a alguma distância*”<sup>234</sup>.

O líder do movimento em Luanda considerado responsável do núcleo primário até pelos menos 1957, localizado no bairro dos congolenses, foi João Jorge Capitão, discípulo de Simão Toco desde os tempos de vivência no Congo, tendo vindo juntos na mesma data para o território angolano. As reuniões principais efetuavam-se às quintas feiras e sábados, das 20h00 às 21h00 e aos domingos das 11h00 às 12h00, sendo este calendário cumprido com rigor. As cerimónias consistiam na leitura da bíblia, seguida de cânticos, extraídos do livro de hinos protestantes. A meio da cerimónia, o seu chefe, neste caso, o Capitão, fazia uma exortação em língua kikongo, e depois era traduzida para o português por Miguel Marjunga Francisco, que também fazia parte da mesa da presidência<sup>235</sup>.

As cerimónias eram semelhantes às praticadas em Maquela do Zombo, mas notou-se a falta de instrumentos musicais, que haviam aparecido naquela localidade introduzidas talvez por pessoas provenientes da “*Armée du Salut*”. Os seus adeptos eram disciplinados e procuravam apresentar-se limpos e asseados em todas as atividades realizadas, quer religiosas, quer relacionadas com os serviços que prestavam (exemplos dos tocoístas que trabalhavam na Textang). Uma grande parte destes praticantes encontrava-se empregada na Fábrica de Tecidos – Textang – e Fábrica Imperial de Borracha instalada perto das suas residências. Só uma pequeníssima percentagem não usava o “Dimbu” (kikongo) ou “sinal” emblema dos “Tocoístas”<sup>236</sup>.

Normalmente, os ritos cerimoniais decorriam à noite, ao ar livre, entre dois blocos de

---

<sup>234</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Ofício Confidencial n.º 2930/62 – S.R., *Informação Sobre Tocoísmo: Informações de Armindo Fernando e José dos Santos Teixeira*, 22.11.1962, fls. 23-24.

<sup>235</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo em Luanda*, 20.03.1957, fls. 93-94.

<sup>236</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo em Luanda*, 20.03.1957, fls. 93-94.

casas, sendo o recinto iluminado com dois candeeiros “Petromax”, subsidiando-se todos para o custo do petróleo. Aos domingos, às 8h00, os adeptos daquele grupo apresentavam-se na administração de São Paulo, a fim de assistirem ao içar da bandeira, cantando o hino nacional a quatro vozes, uma comparência regular, mesmo que fizesse “sol ou chuva”, uma orientação dada por Simão Toco, que sempre recomendou respeito para com as autoridades coloniais<sup>237</sup>. Quando eram visitados por brancos ou autoridades administrativas ou sempre que recebiam novos membros, os tocoístas iniciavam as cerimónias com o hino denominado “Bem-vindo”.

Como atrás nos referimos sobre os Tocoístas que eram obrigados a apresentar-se diariamente na Administração e, pela manhã, forçados a içar a bandeira colonial, entoando o “hino "A Portuguesa". Em dezembro 1950 de passagem para o Sul de Angola, mais precisamente para o Colonato de Caconda para onde havia sido transferido, Simão Toco em gesto desafiante, instruiu o maestro Dituvuila Miguel para que na hora de içar a bandeira, cantassem o hino “Pela Pátria Cantaremos” ao invés do “Viva Pátria”, que nas suas palavras seria “para os brancos saberem que Angola tinha dono”. *“Cantem, sei que não vão acabar, mas não se assustem. E para o efeito foram escolhidos doze (12) jovens do coro que ensaiaram o hino, onde fiz parte e me recordo de, Vita Manuel, Ndandani Jackson, Matusa Germana, Matondo Elizabeth, Nsumbu Tomás, Teresa Destinesa, João Afonso, Massamba Teresa e Sala Eduardo Filemon”*<sup>238</sup>. Questionado sobre o que aconteceu a seguir, Simão Makengele (2019) esclareceu: *“iniciamos a cantar tendo as autoridades a nossa volta. Quando a bandeira esteve a meia haste, o chefe de Posto, António Lopes “Poeira”, apercebeu-se que algo estava errado e nós, como que de forma automática, começamos a entoar o hino habitual «Viva Pátria». Finda aquela cerimónia, o chefe de Posto perguntou quem tinha dado ordens para que entoássemos um hino diferente, ao que prontamente o mestre do coro respondeu, que o fizemos por orientação de Simão Toco”*. Eis a letra do hino “Pela Pátria Cantaremos”: *“Pela pátria cantaremos; temos nação feliz; cantaremos seus louvores; do valente País. Desfilas da*

---

<sup>237</sup> Cf. ANTI/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo em Luanda*, 20.03.1957, fls. 93-94.

<sup>238</sup> Entrevista a Simão Makengele, em Luanda, 20 de junho 2015.



*bandeira e contra o adversário lutar; Viva, Viva sempre a nossa Pátria; com à vitória marchar, marchar”*<sup>239</sup>.

Uma diferença em termos de organização verificada e relatada naquele núcleo foi a de que as mulheres, nem sempre traziam os lenços na cabeça e vestidos brancos, na ocasião das cerimónias. Somente aos domingos apresentavam-se todos vestidos de branco.

O núcleo secundário estava situado no musseque Mota (localizado no atual bairro do Sambizanga). O seu chefe em 1955-1957 era Henrique Bundo, filho de Manuel Chaves e de Tumba, natural de Ambriz, tinha 50 anos de idade, era casado segundo o rito de Simão Toco e trabalhava como cobrador da firma “Faria de Martins” – Fábrica de camisas – na Vila Alice e cauteleiro, ganhando o vencimento mensal de escudos 900\$00. Bundo foi doutrinado por João Jorge Capitão. Antes de professar na “Seita”, era protestante. Quando os adeptos deste núcleo não podiam ir às cerimónias dirigidas pelo Capitão, visto ser bastante longe, costumavam efetuar cerimónias numa casa do musseque Mota, nos mesmos dias da semana e horas, usando exatamente o mesmo ritual do grupo de João Capitão, considerado até então, o chefe do núcleo principal<sup>240</sup>.

Uma apreciação feita acerca do comportamento dos membros do núcleo de Luanda levou a concluir que os tocoístas retornados da colónia belga “não se misturavam com os negros de Luanda”, pois a religião impunha-lhes usos e costumes diferentes. Os “novos moradores da capital não se readaptaram facilmente aos hábitos vigentes em Angola, visto que no Congo trabalhavam com muita disciplina e estavam acostumados a outro processo social. No país vizinho, adquiriram um nível de educação mais elevado em relação a muitos que haviam ficado em Angola porque a experiência da migração criou, nesses adeptos, outros valores, refletidos nos comportamentos sociais, morais e económicos”<sup>241</sup>.

Apesar da relevância destes factores, deve-se analisar a configuração desses espaços e a

---

<sup>239</sup> Entrevista a Simão Makengele, em Luanda, 20 de junho 2015.

<sup>240</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Tocoísmo em Luanda*, 20.03.1957, fls. 93-94

<sup>241</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 02.04.1957, fls. 90-91.

formação de caráter identitário dos moradores, porquanto, tanto nos musseques como na periferia luandenses foram lugares de interculturalidade, de diversas línguas e diferentes valores regionais, tornando-se, assim, num espaço de difícil assimilação dos novos hábitos para os que ali chegavam. Neste sentido, esses espaços não representavam a área de aglomeração marginal, mas constituíam o lugar de contatos entre identidades emigradas e repatriadas com diferentes costumes sociais, culturais e religiosos<sup>242</sup>.

Em 1962, foi constituído outro núcleo tocoísta no Norte de Angola por acção combinada entre Simão Toco e as autoridades coloniais, o “Povo N’taya” ou “Povo dos Tocos” que se tornou na Terra Santa dos Tocoístas. Em resultado da erupção dos confrontos armados entre as autoridades coloniais portuguesas e o movimento político emancipalista da UPA, em 15 de março de 1961, esta organização empreendeu um feroz combate contra as autoridades coloniais e contra os fazendeiros brancos e apoiantes/assimilados que aí se encontravam empregados. Como resultado daqueles ataques, as populações temendo represálias por parte das autoridades coloniais, preferiram abandonar os campos, as casas, aldeias e fazendas, acabando por se refugiarem nas matas densas, tendo alguns procurado acolhimento na República do Congo Léopoldville.

Para retornar as pessoas fugidas das suas casas, a seu pedido, as autoridades autorizaram Simão Toco a viajar pelas matas a fim de mobilizar a população refugiada para tal regresso. As viagens começaram no dia 18 de junho de 1962, Simão Toco saiu de Carmona (Uíge), rumando para o Songo e daqui, no dia seguinte, para o Colonato do Vale do Loge, em cujas imediações permaneceu até ao dia 21, tendo visitado Damba e Maquela.

Durante o percurso seguido por Simão Toco, segundo um dos nossos entrevistados, disse que “chegado ao Uíge hospedou-se no Grande Hotel e foi aqui na cidade do Uíge onde começou com as suas atividades quando fez o seu apelo e saíram dos lugares de refúgio os

---

<sup>242</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 02.04.1957, fls. 90-91.

primeiros populares que se encontravam nas matas de Cacche, Kunga e outros povos que tinham refugiado atrás da Serra do Uíge. Foram muitas populações que atenderam o seu chamado, mas não consigo precisar o número. Mas como havia deixado a maior parte da população em 1950 no Vale do Loge, seguii viagem para aquele território e para também chamar aquelas populações, mas os mesmos não obedeceram a voz do nosso dirigente. Alguns viram o velho Simão Toco quando foi para as matas acompanhado do Administrador, a esposa do administrador e o cipaio. Mas antes da chegada do líder na região, o primeiro que tentou persuadir os nativos para voltarem ao Colonato foi Pedro Tumissungo Cardoso, que naquela altura era o responsável da Igreja naquela área. Mas a população desconfiou do mesmo e lhe acusaram que estava ao serviço das autoridades coloniais portuguesas e então, em vez de o deixarem regressar à sede do colonato, o mataram, supostamente por homens da UPA que se encontravam infiltrados entre a população que aderiu aquele movimento e deitaram o corpo numa lagoa”<sup>243</sup>.

Questionado sobre os resultados da viagem de Simão Toco ao Colonato do Vale do Loge, em 1962, Sansão Carlos Sebastião (2019) afirmou que “quando o dirigente chegou ao colonato, o povo teve semelhante reação, pois que desconfiaram que estava ao serviço das autoridades coloniais e algumas pessoas que estavam armadas fizeram alguns disparos e neste momento atingiram o dirigente o ferindo na perna e ainda como resultado daquela ação morreram o Administrador do Bembe e o cipaio. Foram atacados não por outras pessoas, mas sim, pelos praticantes do Tocoísmo, que foram organizados e instigados por pessoas da UPA que haviam se infiltrado entre o povo. Eles mobilizaram os povos dizendo que Simão Toco estava ao serviço das autoridades coloniais e que o grande objetivo da chamada era para os matarem, em resposta dos ataques levados a cabo pelo movimento (o nome do organizador do ataque mantém-se em segredo por orientação do próprio líder)”<sup>244</sup>.

Entre os Tocoístas do Vale do Loge, “suspeitou-se que muitos eram de fato adeptos da

---

<sup>243</sup> Entrevista a Sansão Carlos Sebastião, em Uíge, 13 de agosto de 2019.

<sup>244</sup> Entrevista a Sansão Carlos Sebastião, em Uíge, 13 de agosto de 2019.

UPA e oriundos da tropa colonial. Alguns pediram armas a UPA para se defenderem dos ataques dos colonos nas matas. A Missão do líder no Bembe, por causa dos acontecimentos que falei atrás, foi considerada como um fracasso, pois que Simão Toco não conseguiu realizar o seu objetivo, que passava pelo regresso das populações que se encontrava nas matas ao colonato. Mas ainda assim, ele pediu as autoridades para que lhe permitissem seguir para Damba, Maquela e Kimbata<sup>245</sup>.

Nos seus discursos, Simão Toco demonstrou que a prisão e o exílio, não puderam vencer a sua vontade implacável e em Kimpangu, na fronteira do Congo com Angola, declarou perante numerosos refugiados angolanos o seguinte: *“eu fui detido pela minha nobre missão sobre a salvação das almas e por isso estive preso. Tendo sido libertado, continuo desta vez a mesma missão no interior de Angola. Eu convido por consequência, os meus adeptos que se encontram fora do território a se juntarem a mim para continuar em conjunto a tarefa que nos propusemos levar a cabo”*<sup>246</sup>. Esta ação produziu efeito, pois numerosos partidários de Simão Toco regressaram a Angola, não para submeterem-se à dominação portuguesa, mas para com outros métodos, continuar com a luta de libertação de Angola. Colocando a acção de Simão Toco no mesmo plano, que conduziram diversas organizações nacionalistas.

Todavia, estas diligências no entender das autoridades administrativas coloniais não deram o resultado que se esperava, apesar de Simão Toco ter falado várias vezes para as matas através de alto-falantes. Nos seus discursos apresentava a UPA como instrumento de potências estrangeiras e incitou as populações a não acreditarem nas patranhas que os agentes da UPA lhes impingiam. Fez a apologia do trabalho e repreendeu aqueles que cediam aos imperativos dos homens da UPA, enveredando pela senda da violência.

Durante as viagens providenciou-se uma fiscalização eficaz e num dos relatórios das autoridades que o acompanharam, consta que Simão Toco deu provas, mais uma vez, da sua

---

<sup>245</sup> Entrevista a Sansão Carlos Sebastião, em Uíge, 13 de agosto de 2019.

<sup>246</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 25, P.º n.º 64-A: *Simão Toco*, 22.01.1963, fl. 18.

subtileza ao conseguir ter conversações e contactos com indivíduos, sem que fosse alvo de qualquer fiscalização apertada. Nestas viagens Simão Toco não foi devidamente entendido pelas autoridades, porque o Administrador Eduardo Leiria Dias, que conhecia o kikongo, adoeceu em 21 de junho e as preleções feitas em 22, 23, 24, 25, 26 e seguintes, não tiveram qualquer fiscalização oficial. A partir do dia 27 passou a ser acompanhado pelo Secretário do Administrador Farinha, que confessou conhecer mal o dialeto, pelo que Simão ficou mais à vontade quando se pronunciava em kikongo<sup>247</sup>.

Simão Toco alcançou a Vila de Maquela do Zombo, a 27 de junho de 1962, acompanhado de um tio, do seu filho João Toco e do tradutor Luvualo David. No dia 28 de junho, toda a comitiva deslocou-se a Kimbata, seguindo em viaturas diferentes o signatário e um elemento administrativo, conhecedor dos dialetos indígenas, e uma força militar de proteção<sup>248</sup>. Tendo pleno conhecimento de que nem todas as populações a quem se dirigia eram aderentes do seu movimento. Por isso, nestas viagens, aproveitou sempre para passar a mensagem sobre os seus ensinamentos, tendo sido uma ocasião oportuna para conseguir novos aderentes, sem deixar, porém, de focar que cada um podia rezar ao “seu Deus”, ou seja, os católicos a Jesus Cristo, os protestantes a “Deus” dos protestantes e os “tocoístas” ao seu Deus. Esta viagem demonstrou o impacto que o Tocoísmo tinha entre a população. Talvez fosse esta a razão que terá feito o chefe da comitiva perceber a influência e preponderância desse Movimento religioso entre as massas nativas, pois que alguns integrantes do Partido Democrático de Angola ou do GRAE (Governo Revolucionário de Angola no Exílio), não hesitaram em se deslocar de Léopoldville a Kimpangu a fim de se avistarem com Simão Toco. As fontes indicam que todas as vezes que Simão Toco contactou com os refugiados angolanos residentes no país vizinho, tenha usado sempre uma linguagem sincera e leal para com os portugueses, procurando cativá-los e convencê-los do

---

<sup>247</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1960 – O Regresso de Simão Toco à Convivência com os seus Correligionários*, 16.07.1964, fl. 208.

<sup>248</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Extraordinário n.º 21/62-S.R., *Informação Sobre Tocoísmo: Estadia de Simão Toco na área de Maquela do Zombo*, 09.08.1962, fls. 85-92.

mérito de sua presença e ação em África<sup>249</sup>.

Ainda em Kimbata, Simão Toco lançou o apelo e identificou-se como tal para que fosse reconhecido pelos seus seguidores e dirigiu-se aos seus nestes termos: “temos de voltar nas aldeias, porque a casa é varrida pelo dono”. Os “velhos que estavam nas aldeias mais próximas encontraram-se com ele e estes ajudaram a espalhar a mensagem para as terras mais distantes. Em outras conversas, falou aos mais velhos da necessidade de regressarem à sua terra e que lá seriam livres. Foi assim que muitos regressamos para Angola”<sup>250</sup>.

Para ser reconhecido entre os seus e para que pudesse conseguir ainda mais prosélitos para a sua Igreja, na região de Maquela entoou alguns cânticos em kikongo. Exemplo: “*Eyai numvene y ngiyend'a Mose, yo wana Yisaele, Batuka ku nsi yina ya Ngipitu, Mu kwenda ku nsi a kiese. Mose owand'o nkawu, Mose owand'onkawu, o maza mavambana. Owana Yisaele, owana Yisaele, Basauk'embu a mbwaki. Akwikidi a Yisu, Mindele y'a Ndombe, Luvuzu bevinganga. Vav'enzo a Yave ikala vena bena, Oyave ovaul'e Yisaele: Empatuzau ye nkuna zau. Zizinga mvu ke mvu*”. Em português poderia ser entendido: “*Esta é a partida de Moisés, com os filhos de Israel. Partindo do Egípto, para a terra da alegria. Moisés bateu com a vara (bengala), as águas separaram-se; Os filhos de Israel atravessaram o mar vermelho; Os cristãos, brancos e pretos, aguardam a salvação; Na casa do Senhor estarão, Deus separará Israel; Suas lavras e seus produtos prosperarão*”. Apesar de que hoje este hino já não é o mesmo, sobretudo a forma que é cantado, pois que sofreu alteração, porque eu fui um dos primeiros que comecei a cantar este hino<sup>251</sup>.

Em termos práticos, as viagens de Simão Toco trouxeram de volta ao território angolano um número de 433 homens, 606 mulheres e 583 crianças, o que perfaz um total de 1622 pessoas. Em julho de 1962, as autoridades classificaram a situação política naquela área como sendo estacionária, entretanto, levantaram-se suspeitas de que, entre os regressados,

---

<sup>249</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Extraordinário n.º 21/62-S.R.: *Informação Sobre Tocoísmo: Estadia de Simão Toco na área de Maquela do Zombo*, 07.08.1962, fls. 85-92.

<sup>250</sup> Entrevista a Sansão Carlos Sebastião, em Uíge, a 13 de agosto de 2019.

<sup>251</sup> Entrevista a Afono Luzito, em Uíge, 10 de maio de 2019.

pudessem existir infiltrados guerrilheiros no seio dos tocoístas, por isso, formou-se uma “rede de informantes, com o fim de denunciar os que não pertencessem a Seita”. E como corolário dessas atividades, foi criado, em 1962, o *Povo N'taya* ou “Terra Santa” dos Tocoístas, no concelho do Zombo, que ficou mais conhecido pelo “Povo dos Tocos”, e nele foi construída uma Igreja<sup>252</sup>.

No Povo dos Tocos não havia problemas relevantes nos planos sanitários e educativos. Ao “Povo dos Tocos” foi assegurado o apoio sanitário e educativo, pela ação dos serviços militares e distribuindo vestuário e sementeiras (feijão, ginguba e milho) para iniciar plantações. Do ponto de vista político, os negros regressados pareciam não querer mais guerra e sentiram-se enganados pelas mentiras dos agentes subversivos<sup>253</sup>.

Sobre a designação de “N'taya”, alguns dos tocoístas entrevistados afirmaram que o “nome não se deveu a Simão Toco ou aos membros da Igreja, mas sim, as autoridades coloniais, em referência ao antigo bairro/aldeia que já existia em Maquela. Em 1962, em virtude das viagens a mata feita pelo velho Simão construiu-se uma nova aldeia, que continuou com a mesma designação, uma vez que os documentos fornecidos pelas autoridades administrativas vinham com a indicação do local de residência o bairro N'taya. Esta aldeia encontrava-se na via principal por causa da sua localização, o líder contactou e pediu autorização às autoridades para que pudesse deslocar a aldeia para outro sítio e com o consentimento das mesmas, nasceu o “N'taya Novo”, que ele próprio havia apelidado como o local da construção da “Cidade Santa”. O terreno foi cedido pelo velho Kayila e que mereceu o aval das autoridades, uma vez que mesmo à distância se poderia realizar a supervisão e que as noites o farol que se encontrava no aeroporto tinha a capacidade de iluminar a zona, facilitando a visibilidade para qualquer observação no período de noite. As autoridades começaram a marcar e a construir as primeiras casas feitas pelos militares portugueses. O dirigente não deu o nome de N'taya, mas sim, “Povoação Nova de Maquela do

---

<sup>252</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Semanal n.º 22/62-S.R., *Informação Sobre Tocoísmo: Situação no Concelho do Zombo*, 15.07.1962, fls. 134-135.

<sup>253</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Semanal n.º 22/62-S.R., *Informação Sobre Tocoísmo: Situação no Concelho do Zombo*, 15.07.1962, fls. 134-135.

Zombo”, mas as autoridades coloniais portuguesas não concordaram e disseram que se mantivesse o nome de N'taya”<sup>254</sup>.

Através de uma carta de Domingos Vienga, um renomado membro do Tocoísmo no Congo Léopoldville, percebeu-se que havia muita gente afeta ao Tocoísmo e que precisava regressar para Maquela. Eis o teor: “*caro mano, envio-lhe uma foto do meu casamento realizado no dia 8 do corrente mês. Em segundo lugar, há já muita gente dos nossos vindos de diversas localidades, como Songololo e outras, os quais manifestam com veemência o desejo de regressar a Maquela*”. A “dificuldade máxima evocada era a falta de passagem para se deslocarem de comboio ou de carro até Kimpangu e dali seguirem para Maquela. Apesar do auxílio que lhe era prestado, seria inteiramente impossível deslocar toda essa gente contada às centenas, isto é, em grande número. Caso a nossa Seita possa ajudar aí, seria o ideal porque seria uma grande vantagem que tivessem em solo angolano aquela gente, que eles consideraram como sendo deles”<sup>255</sup>.

Os meses subsequentes ao levantamento da UPA e em particular o ano de 1962, conduziu à reorganização do movimento tocoísta, tendo como bases centrais Luanda e o recém-criado N'taya. Por causa das perseguições movidas contra os aderentes do movimento religioso, os sequazes do Tocoísmo deixaram de construir igrejas, passando a orar, na maioria das vezes, em lugares secretos. Na fase do eclodir da guerra armada, os tocoístas acusados de cooperar com a UPA foram compulsivamente subdivididos em pequenos grupos clandestinos de sucursais, os quais funcionavam à noite. Cada sucursal tinha um responsável que recebia orientações do responsável máximo da classe ou da Igreja e, por sua vez, este, recebia da Igreja Central sediada em Luanda.

Para manter o normal funcionamento da Igreja, haviam sido criadas várias sucursais. A “1ª Sucursal tinha sob controlo 80 diáconos e conselheiros da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo, além dos membros da Congregação. Os responsáveis pelo credo eram António

---

<sup>254</sup> Entrevista a Sansão Carlos Sebastião, em Uíge, a 13 de agosto de 2019.

<sup>255</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Informação Sobre Tocoísmo: *Carta de Domingos Vienga*, 20.09.1962, fl. 48.



Domingos Afonso Pereira e António Mário C.P. n.º 43, N'taya, Maquela do Zombo-Angola. A 2ª Sucursal contava com 15 diáconos, além de vários membros, entre os quais, tinham sido indicados como responsáveis André Matos e Avelino Paxe, C. P. n.º 15, Aldeia Boa Fé, Colonato do Vale do Loge, Angola. A 3ª Sucursal contou com 15 diáconos, além dos membros e era dirigida pelos tocoístas Armindo Manuel da Cruz e Rodrigues Duarte, C. P. n.º 250, Liceu Nacional Salazar, Carmona-Angola. A 4ª Sucursal, contendo 56 diáconos, um grande número de membros, era responsabilizado por Henrique Marques Bundo, António Terra, Bartolomeu Francisco António e Evaristo Manuel, C. P. n.º 64, Luanda-Angola. A 5ª Sucursal contou com 20 diáconos, para além de vários membros, sendo responsáveis Bartolomeu Hamute e Pedro Panzo Gomes, C. P. n.º 713, Moçamedes-Angola. A 6ª Sucursal albergou 30 diáconos para além dos membros. Eram seus responsáveis os tocoístas Afonso Botage e Arão Jorge S. Nicolau, C. P. n.º 713, Cidade de Moçamedes-Angola. A 7ª Sucursal contou com 20 diáconos e respetivos membros, responsabilizados por Carlos Pinto e Mateus Daniel, C. P. n.º 480, Cabinda-Angola. A 8ª Sucursal tinha 20 diáconos, sob responsabilidade dos membros Jacó Paulo e Fausto Eculica, C. P. n.º 1039, Lobito-Angola. A 9ª Sucursal contou com 20 diáconos e o grupo mandatário foi constituído por José Domingos Zacarias, Graciano Ricardo e Horácio Canhara, C. P. n.º 168, Catumbela-Angola. A 10ª Sucursal contou com 10 diáconos e como responsável tinha sido indicado o tocoísta Domingos Guerra, C. P. n.º 64, Baía Farta, Benguela-Angola. A 11ª Sucursal tinha 30 diáconos e foram responsáveis os tocoístas António Quiala, Daniel Guri, Chicovi e Pedro Maiaga, C. P. n.º 825, Benguela-Angola. Diz-se que esta Sucursal controlava também os territórios da Huíla<sup>256</sup>.

A liderança entre os membros Tocoístas esteve sempre centrada no fundador como figura máxima. António Ferrão, antigo colega de Simão Toco no Liceu, justificou a capacidade de liderança do seu contemporâneo: *“Toco foi excepcional sob o ponto de vista humano. Todos os capatazes,*

---

<sup>256</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Carta de Simão Sobre a Criação das Sucursais*, 03.04.1973, fl. 33.

*mesmo brancos, do Vale do Loge eram conduzidos pelo Simão Toco. Simão estava apenas encarregue das relações entre os colonos e a direcção do Colonato. Tinha um forte poder de persuasão, mesmo para os brancos, como, por exemplo, quando em relação aos capatazes brancos os aconselhava a ensinarem os pretos antes de lhes mandarem fazer os serviços”<sup>257</sup>.*

Outro testemunho é referido por Mateus Paquete Neto (chefe do Posto da Damba até 1956): *“a primeira e última vez que vi Simão Toco foi quando o conheci pessoalmente, em fins de 1948, em Léopoldville, onde me proporcionou circunstâncias e factos que o impuseram ao merecimento das virtudes sociais e políticas. Simão Toco conquistou invejável popularidade no seio indígena belga, onde os moços portugueses o preferiram, como professor, abandonando as escolas missionárias protestantes em que se aprendiam o kikongo e o francês. Desconheço quais seriam as intenções que moveram Simão Toco ao criar a “seita”<sup>258</sup>.*

Aquando da sua deportação pelas autoridades portuguesas da sua terra natal para o Bembe, *“Simão Toco, ao partir, legou os seus poderes, as suas virtudes a seu tio Mingiedi Finda. Também, este, não tardou a seguir a sorte do seu sobrinho. Por sua vez, foi sucedido por N’kemi, que ficou o responsável pela seita em Matadi”<sup>259</sup>.* As investigações feitas pouco puderam apurar sobre a biografia de Mingiedi Finda e as suas principais atividades em prol do Tocoísmo. N’kemi era assistido por um concelho composto de um tesoureiro, de um ecónomo, de alguns “bambuta” ou “mais velhos”, de um secretário, de “milongi” ou “professor” e conselheiros, que ensinavam nas suas aldeias os ofícios de alfaiate, carpinteiro e pedreiro, etc<sup>260</sup>.

N’kemi, nalguns casos, fazia-se chamar por Moisés e Profeta e terá feito alterações nas cerimónias de batismo, ao introduzir a confissão pública antes de se realizar o referido sacramento<sup>261</sup>. M’bongo M’pasi foi um confesso discípulo de Simão Toco e passou a ser seu adepto, tendo havido troca de correspondência entre ambos, quando o último ainda se achava no

<sup>257</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/0448/06555: SR.20, D. 5.10, *Simão Toco 1949-1960*, 03.01.1960, fls. 118-119.

<sup>258</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/0448/06555: SR.20, D. 5.10, *Simão Toco 1949-1960*, 03.01.1960, fls. 118-119.

<sup>259</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

<sup>260</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

<sup>261</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Bongo Passi ou Nkemi*, 13.08.1951, fls. 596-597.

Colonato do Bembe. Ele “*confessou-se sim adepto da seita religiosa Simão Toco, conseqüentemente usa a estrelinha, pratica aquelas rezas e ritos, que a caracterizam, procurando difundir-la entre os indígenas, para tanto, promovendo reuniões, sendo a maior ao domingo, mas afirma que tudo é com declarado fim religioso*”<sup>262</sup>.

Outra figura importante na hierarquia foi Pululo José ou Pululo Joseph, filho de Cuco N'tima, natural de Kimpesse, Maquela do Zombo. Naquela altura, contava com “*35 anos de idade, amancebado com Funda Maria, natural de Quimpinde, N'sadi, do sobado Leia, de Maquela do Zombo. Foi para o Congo Belga acompanhado de seu tio, comerciante naquele território, tendo ficado Pululo, empregado na padaria do Sr. Totonot, a fim de aprender a arte; padaria que se situava em Kinsbasa e, nessa altura, tinha 12 anos aproximadamente [...]*”<sup>263</sup>. Chegou a frequentar a Missão Protestante de Kimpesse e, no Congo Léopoldville, continuou a mesma religião, tendo mais tarde pertencido à *Armée du Salut* e, em 1949, passou para a religião de Simão Toco. Em linhas anteriores quando falamos dos ritos batismais, já fizemos referência a esta figura e, segundo o que ficou registado, passados alguns dias depois de ser batizado, estando em sua casa a dormir, “*Recebeu o Espírito Santo*”<sup>264</sup>. Consta que “*Pululo Joseph entrou pela fronteira de Noqui com o Toco, e dali seguiu para Maquela do Zombo, tendo depois seguido para o Bembe e desta localidade para Luanda. Nesta cidade, estava empregado como padeiro, na padaria da Firma “Lima & Companhia”, tendo sido preso em 1953, pelo chefe do Posto de Alcântara (Poeira). Depois, seguiu para Cabinda, onde ficou empregado na Companhia de Cabinda, na Roça Luvendo, como servente dos serviços pecuniários, tendo regressado a Luanda no dia 11 de maio de 1957. Durante o referido período, também foram presos outros Tocoístas que seguiram para Cabinda: João Miguel ou João Batista Félix – Roça Luvendo; Daniel Suamana – Chefe do Toco em Luanda – Roça Buço-Zau; Feta Manuel – Roça Pangamongo; Quibeta Domingos – Roça Bucu-Zau; Brazão Victor – Oficinas de Mecânica – Cabinda; João Semene – Maiombe;*

---

<sup>262</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Bongo Passi ou Nkemi, 13.08.1951, fls. 596-597.

<sup>263</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Pululo José ou Pululo Joseph, 15.05.1957, fls. 96-98.

<sup>264</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Pululo José ou Pululo Joseph, 15.05.1957, fls. 96-98.

*Calemba Sebastião – Roça Pangomongo; João Quilima – Roça Sanza Pombo*<sup>265</sup>.

Em terras de Cabinda, aqueles membros do Tocoísmo não podiam fazer reuniões, por terem sido dispersos. Pululo e João Miguel foram colocados numa fazenda. Tendo em conta o seu protagonismo e empenho que demonstrou em algumas atividades relacionadas com o Tocoísmo, a PIDE considerou a figura de Pululo Joseph como um dos principais cabecilhas do Tocoísmo, visto que introduziu algumas alterações na organização, utilizando ritos que se assemelhavam ao Kimbanguismo<sup>266</sup>.

Por causa das sucessivas transferências impostas a Simão Toco pelas autoridades coloniais, e dada a sua ausência, sobretudo, em Luanda, entre os finais de 1950 e todo o período do ano de 1960 levantou-se um movimento dentro da Igreja que pretendeu destituir aquele líder religioso. Num destes momentos sendo encabeçados por Dongala David, Nlandu André e Capitão, todos eles membros do movimento Tocoísta e apercebendo-se da situação, usando o seu principal veículo de transmissão, as epístolas, Simão Toco havia escrito uma carta em 1955, para a Sociedade Religiosa de Nosso Senhor Jesus nos Musseques, a partir do Posto Administrativo de Cassinga. Naquela epístola, o líder religioso pediu aos membros que abrissem o livro de Deus (*Bíblia*), S. Mateus, 21, 33-44 e seguidamente proferiu/leu uma parábola: “*se alguém cultivar uma lavra sua e a encarregar aos rapazes ou trabalhadores para a limparem e a lavra continuar coberta de capim; se nela se semearem 8 medidas e se recolherem apenas 3, essa lavra terá produzido bem? O proprietário da lavra quando vier estará ele contente com esse prejuízo? Tratará antes de substituir esses trabalhadores por outros a quem confiará a mesma lavra*”<sup>267</sup>.

E transita da metáfora para a situação do movimento: “*tenho recebido as vossas cartas tanto de vós os mais antigos como os novos correligionários... quando passei por Luanda em 1950 éreis uns 300 sequezes*

---

<sup>265</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Pululo José ou Pululo Joseph, 15.05.1957, fls. 96-98.

<sup>266</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Tocoísmo em Cabinda, 23.04.1957, fl. 99.

<sup>267</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Simão Gonçalves Toco, 17.10.1955, fl. 70.

*meus, e agora ainda estais completos? Os cinco grãos que vos foram confiados teriam já produzido o seu lucro? Porquê? Teríeis abandonado à medida que vos havia sido confiada e a trocaste por outra. Quer dizer, voltastes as costas para o livro de Deus [...] trabalhei cerca de 07 anos no meio de vós e vistes o modo como eu encaminhava as coisas para o progresso da seita do Senhor e vós presentemente andais a insultar-me a mim que fui o vosso dirigente, insultais-me a mim que vos mostrei o caminho da verdadeira vida e assim rasgastes o livro de Deus que estava para vos salvar e interrompestes o caminho do progresso que lbe estava destinado. Transformastes a Seita de Nosso Senhor Jesus num lar de distúrbios, discussões, rancores, invejas, e todos quantos não pertencem à seita tornaram-se juizes da mesma seita [...] o vosso trabalho está desvalorizado diante dos olhos de Deus e do dono do trabalho (Jesus Cristo) e até mesmo no meio de todos quantos sendo homens de fé vêm o vosso trabalho. Transformastes em mercenários e já não sois pastores e vestistes-vos de peles de ovelhas sendo por dentro verdadeiros lobos, espalhastes o rebanho do Senhor [...] Ele já vos voltou as costas por teres desprezado a sua lei escrita naquele livro de vida [...] vós que estás a frente da Seita, Dongala David, Nlandu André, Capitão, vós é quem tudo renegou e seguistes-me afinal para prejudicardes o trabalho que estava a andar tão bem. Lembrai-vos que recebereis um castigo eterno.<sup>268</sup>*

Simão Toco encabeçou a Igreja em Luanda por um período de quase um ano, desde julho ou agosto de 1962 até julho de 1963, ano em que foi transferido para a Ilha dos Açores.

Dentro desta hierarquia, existia a figura do tesoureiro que tinha a caixa alimentada pelos fiéis da Seita, sendo que o dinheiro servia para as múltiplas compras de vestimentas, lenços de cabeça, candeeiros de petróleo, livros, fios de coser, máquinas de coser e panos de mesa para as reuniões. As mulheres estavam também representadas, diretamente, na Seita por quatro raparigas maiores, solteiras, denominadas como “irmãs”, embora no fundo não passassem de serventes para acolher e servir os estranhos que viessem de longe. Cada Congregação era dirigida por dois professores ou catequistas, tendo a seu cargo a doutrinação e iniciação, a direção dos atos de culto

---

<sup>268</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo*: Correspondência de Simão Gonçalves Toco, 17.10.1955, fl. 70.

e a disciplina (SANTOS, 1972, 401-410; CUNHA, 1959, 63)<sup>269</sup>.

A principal fonte de receita da Igreja foi o dízimo, um pagamento de inspiração cristã, exigido aos acólitos: “o adepto dava o dinheiro que queria e, este, era mandado para um membro (figura do tesoureiro). Simão Toco quando precisasse de dinheiro pedia e gastava, mas não guardava o dinheiro quotizado. Embora não houvesse uma quota atribuída ao dízimo, o dinheiro quotizado serviu, por exemplo, logo nos primórdios do seu movimento, para levar os membros do coro ao 50º aniversário da Missão de Kibocolo; também servia para mandar estudar algumas crianças noutra parte – intento que parece não ter sido concretizado, e por fim, serviu para mandar vir revistas “Sentinela” e “Desperta!” e outras publicações da Watch Tower”<sup>270</sup>. Depois de um controlo apertado por parte dos chefes religiosos, os aderentes da igreja tocoístas passaram a pagar o dízimo sob pena de exclusão da Seita caso deixassem de fazê-lo durante três meses, uma vez que o pagamento era mensal, de acordo com as atividades e o rendimento de cada membro. Segundo fontes da PIDE, sempre que Simão Toco precisasse de dinheiro pedia, mas não recebia qualquer vencimento do dízimo. Os homens, tidos como “espíritos”, não recebiam dinheiro, mas diziam que era utilizado no auxílio a doentes e necessitados<sup>271</sup>.

A reorganização e a sua hierarquia aconteceu quando se deu o levantamento de 15 de março de 1961, levados a cabo pela UPA. Desta feita, passamos a analisar aquele acontecimento e a percepção que as autoridades administrativas coloniais tiveram e a sua possível ligação com o movimento dos Tocos.

#### **4. O Levantamento de 1961 e a Deportação de Simão Toco Para os Açores. O Exílio Como “Experiência Trans-imperial” (1963-1974).**

---

<sup>269</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 669-680.

<sup>270</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Tocoísmo: Pagamento do Dízimo e Sua Aplicação*, 09.04.1955, fls. 85-89.

<sup>271</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Tocoísmo: Pagamento do Dízimo e Sua aplicação*, 09.04.1955, fls. 85-89.

O levantamento de 15 de março de 1961 protagonizado pela UPA tem um grande impacto no curso de Simão Toco e do Tocoísmo. Aquando da data acima referida, a população branca e negra vivia um clima entre duas linhas de fogo. Por um lado, sofria a repressão cega levada a cabo pelas autoridades coloniais portuguesas e, por outro, suportava ameaças e assassínios perpetrados por líderes de guerrilha que se afirmavam partidários do movimento emancipalista UPA. Este movimento que se enraizou principalmente na zona norte de Angola entre os povos bakongu, mas com aderentes também entre os *ambundu* e os *ovimbundu* e iniciou a sua luta armada de libertação nacional naquela região do território a 15 de março de 1961, nomeadamente no Concelho do Uíge, estendendo-se, a posteriori, para o sul, até à atual província do Bengo. Teve como retaguarda de luta a atual República Democrática do Congo. Este apoio possibilitou a constituição em Léopoldville (hoje Kinshasa), imediatamente depois da formação da FNLA, do GRAE (Governo Revolucionário Angolano no Exílio). O braço armado do GRAE era o ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola – abril de 1962), cujos comandantes provinham de várias partes de Angola, inclusive de Cabinda. Nem o MPLA nem a FLEC quiseram participar do GRAE, o que viria a ser decisivo para a complexa e contraditória configuração da luta anticolonial em Angola (MBAH, 2010, 163; WHEELER & PÉLISSIER, 2009, 286).

Naquilo que muitos investigadores preferem chamar de “massacre” e não de simples ataques ou demonstração de simbolismo nacionalista, foram mortos e mutilados centenas de colonos brancos e trabalhadores negros, homens, mulheres e crianças nas fazendas de café, nas zonas dos Bembe, Ambuila, Quibaxe, Dembos, Negage, Úcua e Nambuanguongo. Os relatos dizem que “em menos de 48 horas, pelos distritos do Zaire e do Uíge houve devastação maldita. Plantações e casas solitárias são saqueadas e incendiadas; aldeias são arrasadas; é posto cerco a vilas e pequenas povoações, cortando-se-lhes os abastecimentos; vias e meios de comunicação social ficam destruídos” (MATEUS & MATEUS, 2011, 124-125).

Se os ataques de 15 de março da UPA de Holden Roberto, “planeados por Frantz Fanon, tinham por intuito responder às chacinas de milhares de africanos meses antes, e provar a existência de trabalho forçado, acabaram por manchar a luta anticolonial com cenas de terror que o regime vira avidamente a seu favor. A chacina espalha-se por semanas, revelando a impreparação e tribalismo da UPA, formada por bakongo que assassinaram grotescamente entre 4 e 5 mil negros, bakongo, ovimbundu e ambundu, e cerca de 300 a 800 brancos” (MATEUS & MATEUS, 2011, 129).

O balanço das vítimas destes acontecimentos é referenciado nos relatórios de situação do ano de 1962. No “Distrito de Cabinda, contaram-se 09 europeus e 07 nativos; Zaire, 36 europeus e 65 nativos; Uíge, 188 europeus e 2000 nativos; Luanda, 171 europeus e à data de março de 1962, não se conheciam as reais estimativas quanto aos nativos mortos; Cuanza Norte, 111 europeus e 320 nativos; Malanje, 31 nativos e sem informação sobre europeus mortos”<sup>272</sup>. Relativamente às áreas ocupadas, os relatórios referem que o “surto terrorista de 15 de março de 1961 cobriu quase toda a zona Norte da Província de Angola, abrangendo os distritos do Zaire, num total de 13%, Uíge, coberto a 100%, Luanda, quase na sua totalidade, Cuanza Norte, 32% do seu território, Malanje, com 5% do território afetado e Cabinda foi apenas afetada economicamente. Não se pode afirmar, no sentido militar do termo, que os terroristas tivessem ocupado completamente qualquer região. Limitavam-se a atacar as fazendas e povoações, regressando imediatamente às matas. Nas localidades onde existia ocupação militar ou policial ou ainda um forte núcleo de civis armados, nunca foram ocupadas pelos terroristas”<sup>273</sup>.

Simão Toco foi um daqueles que condenou veementemente os ataques e, em junho de 1961, depois de regressado do Sul de Angola, numa das suas sessões religiosas em Luanda, dirigiu-se às massas populares, onde fez passar a mensagem de que se encontrava há doze anos no Sul de Angola a trabalhar, não só fisicamente, mas também espiritualmente. Que todos deviam tratar do seu espírito porque nem só os bens materiais interessavam. Que nunca deviam se esquecer que eram portugueses, embora pretos nascidos em Angola, pelo que deviam sempre

---

<sup>272</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 110, *Relatório de Situação n.º 9*, 16.03.1962, fls. 26-63.

<sup>273</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 110, *Relatório de Situação n.º 9*, 16.03.1962, fl. 63.



respeitar as autoridades do Governo Português<sup>274</sup>. Ver anexo número 02.

Foi naquela ocasião que condenou os ataques que apelidou de “terroristas” ao dizer: “os terroristas semeiam a destruição e a morte. Afastaram-se completamente do Senhor, pelo que a causa deles nada tem de bom. O Senhor não quer ações más, nem o caos, que os terroristas apaniguados com o demónio, impuseram no Norte da nossa terra, que é portuguesa. Quero ir aquelas terras falar aos nossos irmãos, e para isso espero autorização do nosso governo. Os terroristas estão contra mim pela posição que tomei pelas falas que eu empreguei. Do mesmo modo o nosso Estado também tem os olhos postos em mim porque não confiam na minha palavra”<sup>275</sup>.

No tocante a participação da seita nos eventos de 1961, as autoridades administrativas coloniais tinham noção de que a medida que o movimento ia crescendo, mais arreigava no espírito das autoridades que com ela mais de perto lidavam e começaram a notar que estavam na presença de um perigo em potência. Tudo nasceu das diversas missivas que caíam nas mãos das autoridades, que no seu entender eram tão deladoras das atividades dos tocoístas que a ninguém, por mais otimista que fosse, seria lícito alimentar ilusões sobre a pretensa inocência dos tocoístas<sup>276</sup>.

Entre cartas, diários e cânticos dos membros tocoístas, encontravam-se vários indícios de sua participação ou preparação nos levantamentos de 15 de março de 1961. Foi o caso que se deu com dois diários<sup>277</sup> tocoístas apreendidos e transcritos pelas autoridades, onde comentavam a sua maneira, palavras do Evangelho. No diário de 05 de abril de 1959, se podia ler: “antes de mais quero que saibais que eu sou o libertador que vos vem avisar de que amanhã sereis chamados pelo Estado; cantai porque no último dia, isto é, no ano de 1961, haverá alegria e os sofrimentos acabarão”. No outro diário de 21 de março de 1959, se encontraram as seguintes passagens: “não tenhais medo porque na minha mão tenho o martelo contra os inimigos. Nem espingardas apontadas contra vós, nem facas, nem catanas vos poderão

---

<sup>274</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Informação Confidencial n.º 18/02-6 SR, *Informação Sobre Tocoísmo: Simão Toco em Luanda*, 08.06.1962, fl. 141.

<sup>275</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Informação Confidencial n.º 18/02-6 SR, *Informação Sobre Tocoísmo: Simão Toco em Luanda*, 08.06.1962, fl. 141

<sup>276</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fl. 128.

<sup>277</sup> Não foram identificados os donos dos mesmos, sendo chamados apenas por membros do movimento Tocoísta.

*prejudicar, porque eu estou sempre convosco.” No mesmo diário encontrou-se também duas estrofes de um hino cantado pelos tocoístas: “o Congo, o Congo é nosso; o Congo, o Congo é nosso; o Congo, o Congo é nosso; acabou-se a discussão, preparai-vos, preparai-vos, eu virei salvar o mundo; desde que entraram cá na nossa terra, há quatrocentos e setenta e três anos, nem um ano nos deram alegria, é sempre tristeza cá na nossa terra”<sup>278</sup>.*

Durante o período que Simão Toco passou no Sul de Angola, os tocoístas entoavam o seguinte hino, em sua homenagem: “o pai Simão anda preso ... tem a sua gente que o libertará; este Congo vai já tremer! O Congo é dos pretos e já vai tremer! Passa do tempo que já servimos ... o Congo é dos pretos e já vai tremer! Está a aproximar-se o perigo para toda a gente. Quando começar a guerra, choros se levantarão! A guerra do Arcanjo Miguel já começou!”<sup>279</sup>.

As autoridades chegaram a notar, no Norte, a uma ligeira, mas firme modificação de comportamento dos correligionários de Simão Toco, que estavam deixando tombar a capa da aparente subversão e a mostrarem-se com os seus verdadeiros sentimentos de xenofobia. Com este observar de mudança de comportamento por parte dos tocoístas, as autoridades concluíram que aos levantamentos de 15 de março de 1961, não foram estranhos aos tocoístas que, em diversas cartas verificadas pelas autoridades, incitavam o povo a ter paciência, a aceitar a imposição das autoridades constituídas, mas até chegar o momento oportuno para a sua vingança. Numa das missivas apreendidas pelas autoridades na área de Negage, estava escrito o seguinte: “como deve ser do teu conhecimento, por cá até as mulheres nossas irmãs na fé, têm sido contratadas para os trabalhos dos homens. É duro, mas a hora da salvação está próxima e por isso nunca esmorecemos [...] a razão de ser dessa falta de correspondência, que deveis saber, é unicamente porque os lobos que nos atormentam não querem que tenhamos os nossos endereços”<sup>280</sup>.

Sobre o mesmo assunto, as autoridades administrativas coloniais pronunciaram-se que o

---

<sup>278</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Informação do Tenente Capelão, José Moita, Sobre o Tocoísmo em Carmona*, 06.01.1962, fl. 371.

<sup>279</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *Informação do Tenente Capelão, José Moita, Sobre o Tocoísmo em Carmona*, 06.01.1962, fl. 372.

<sup>280</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963 fls. 128-129.

“Tocoísmo era uma seita de reação e que constituía um meio que as populações autóctones se serviam para exteriorizarem os seus sentimentos de ordem anímica e político-social, isto tudo em simbiose do material com o espiritual que torna a seita um perigo potencial, pronto a explodir logo que sobrevenham condições propícias [...] tem-se em conta as citações bíblicas que mais agradavam os tocoístas, pois que em algumas bíblias pertencentes aos membros tocoístas, de uma forma genérica, só se encontravam sublinhados os versículos que se referem a escravidão que diversos povos da antiguidade impuseram aos israelitas, a promessa da vinda de um Messias e à da assistência de Deus”<sup>281</sup>.

No respeitante a ligação que os tocoístas tiveram com o desencadear da sublevação de 15 de março de 1961, as autoridades consideraram com muito interesse a atitude que a seita *Kintuadi Kia Luvuluzi*<sup>282</sup> (União da Salvação) assumiu para com os tocoístas. A *kintuadi* era conhecida com vários preceitos, ministrava aos “*indivíduos recrutados para soldados um batismo concebido segundo a fantasia dos seus fundadores. Após esta cerimónia, os neófitos recolham ao lugar previamente escolhido, onde recebiam instruções militar e outros ensinamentos de ordem religiosa [...] esta seita teve um papel preponderante nos primeiros passos da sublevação, pois conseguiu insinuar no ânimo dos nativos a crença na sua própria invulnerabilidade, na certeza da vitória, na vinda de dias felizes para a raça negra*”<sup>283</sup>.

De uma maneira geral, o facto mais denunciador da culpabilidade dos tocoístas nos acontecimentos de 15 de março de 1961, foram os “resultados de várias confissões de muitos seguidores do movimento e não só através de interrogatórios. Um dos casos se deu quando um sobrevivente na Roça Maria José, em Carmona (Negage), declarou as autoridades que os “sectários do Tocoísmo não haviam sido alvo de qualquer violência [...], o papá Armindo, falou a

---

<sup>281</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Reação das Autoridades*, 16.07.1963, fl. 224.

<sup>282</sup> Seita oriunda da República do Congo Léopoldville, foi fundada por Antoine em colaboração com o nativo Teixeira Cuiaca, que na altura era chefe do núcleo tocoísta do povo Quisseque (Posto Administrativo do Púri). Os responsáveis da *Kintuadi* haviam estatuído que todos os indivíduos que estivessem batizados no Tocoísmo, não podiam receber novo batismo, em virtude de os dois actos serem considerados equivalentes. Esta ligação levou as autoridades a concluir que os soldados iniciados pela *Kintuadi* eram membros tocoístas, em grande parte, usando a nova seita como escapatória de serem identificados como simpatizantes de Toco

<sup>283</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fl. 129.

todos que o mundo ia acabar, que ia ser feita justiça e que todos os que receberam o espírito deviam considerar-se soldados para combater contra os brancos que estavam a cometer muitos pecados. Que todos os soldados deveriam cortar as calças para delas fazerem calções [...] o Papa Arlindo mandou chamar o soba de Vunda e o regedor do Negage e todos os mancebos de Vunda e outros a quem disse que já tinham recebido o espírito de Simão Toco e que todos aqueles que o recebessem deveriam ir lutar contra os brancos, não devendo ninguém comer carne de porco e de cabrito, que matassem todas as galinhas pretas, que não bebessem nem fumassem e que não andassem descalços. Nesta reunião foi combinado o ataque ao Negage para o dia 25 de maio de 1961, mas o regedor de Negage recusou-se a apoiar o plano, ao que Armindo retorquiu que iria ao seu povo buscar soldados quando lhe apetecesse”<sup>284</sup>.

No mesmo Concelho de Negage haviam sido apreendidos outros documentos aos tocoístas e que faziam referência aos acontecimentos de março de 1961. Um dos documentos que levou as autoridades administrativas daquele Concelho a admitir a cumplicidade dos mesmos nos ataques de 15 de março, referia: “*Pai Simão mandou o serviço, o serviço foi feito. Os homens de Deus escrevi ai, ai, os sofrimentos do preto, os sofrimentos do preto, ai, ai, sofrimento do preto, o reino do preto voltará. Nós também estamos preparados para recebermos a nossa terra. Os nossos nomes Deus escreve, ai, ai, ai; pode andar meu filho mesmo que estejas no perigo, mesmo no perigo não desgostas, não desgostas Simão; deves respeitar e difamar Deus, não tendes medo, Jesus é filho de Deus, não tendes medo; Simão é filho de Deus, não tendes medo; o Pai Simão é que mandou, a terra já vai balançar, começou e já vai balançar; ele e o pai Mabnaka é que mandou, a terra já vai balançar; oh! Pai os nossos profetas apareceram, a terra já vai balançar, começou e já vai balançar*”<sup>285</sup>.

Um dos métodos usados pelas autoridades na obtenção de informações foi o interrogatório, e através do qual tomavam conhecimento do conteúdo das várias cartas que

---

<sup>284</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fls. 129-136.

<sup>285</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fls. 197-205.

circulavam no seio dos prosélitos tocoístas. Numa das cartas<sup>286</sup> se podia ler: “[...] *em segundo lugar vos avisamos de que o pai Simão Toco nos enviou uma carta dizendo que os brancos se prepararam para publicar no jornal, mentiras dizendo que o nosso pai e cabeça converteu-se para a religião católica, não acrediteis. Então, como estas coisas indicam que a guerra do espírito começou*”<sup>287</sup>. A carta do tocoísta António Saldanha, de Luanda, remetida aos demais correligionários do movimento, dava a conhecer: “*caros irmãos, eu vosso menor Saldanha António venho lembrar os vossos interiores dos boatos e as notícias de guerra; não nos esqueçamos das escrituras de Deus para não tropeçarmos (Lucas, 21: 10-21)*”. O versículo 21 chamou a atenção das autoridades por causa do seu teor: “*então, os que estiverem em Jerusalém, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que estiverem nos campos, não entrem nela*”<sup>288</sup>. Desconhecemos qual a versão bíblica usada pelas autoridades. Na prática, muitas populações fugiram para as matas.

As estatísticas das autoridades indicavam que no distrito de Cabinda, da população nativa fugiram cerca de 17.000. Não se verificaram casos de nativos fugidos para as matas, sendo que, os nativos se refugiaram igualmente pelo território dos dois Congo, Léopoldville e Brazzaville. No distrito do Uíge, cerca de três mil e oitocentos nativos fugiram das zonas que habitavam normalmente refugiando-se no Congo Léopoldville, aproximadamente, noventa e nove mil e os restantes para as matas. No distrito de Luanda fugiram para as matas cerca de trinta e nove mil nativos. No distrito do Cuanza Norte, refugiaram-se nas matas cerca de quatrocentos e dezanove mil nativos. Conhece-se apenas quatro casos de nativos refugiados no Congo Léopoldville. No distrito de Malanje, fugiram cerca de sete mil e setecentos nativos havendo aproximadamente setecentos refugiados no Congo Léopoldville e os restantes nas matas e outras áreas<sup>289</sup>.

---

<sup>286</sup> Cartas identificadas pelas autoridades, apenas foram transcritas e desconhecemos os autores.

<sup>287</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fl. 133.

<sup>288</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1961 – Participação da Seita Nos Eventos de 1961*, 16.07.1963, fl. 136.

<sup>289</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 110, *Relatório de Situação n.º 9*, 16.03.1962, fl. 66.

Por altura destes acontecimentos, Simão Toco encontrava-se a prestar serviço no farol de Ponta Albina, o que dificulta encontrar uma ligação com o líder e os mesmos por falta de elementos probatórios, entendemos que em alguns nada teve a ver com Simão Toco, mas sim, com alguns dos seus membros, uma vez que alguns eram aderentes de alguns movimentos de libertação.

Depois dos acontecimentos de 15 de março de 1961, e porque entre os indivíduos que andavam a monte aos que haviam assentado nos acampamentos nos países vizinhos muitos eram os correligionários de Simão Toco, foi planeado que este indivíduo fizesse uma peregrinação pelo Norte da Província, com o fim de convencer os seus seguidores a apresentarem-se nos povos e reorganizarem em paz e harmonia a sua vida. E assim, tendo em vista a recuperação daqueles indivíduos, Simão Toco saiu de Ponta Albina, em 16 de junho de 1962<sup>290</sup>. Segundo o programa elaborado, Simão Toco deveria visitar Songo, Toto, Bembe, Damba, Kibocolo, Maquela, M'banza N'sosso, Kimbata, 31 de Janeiro, Bungo, Negage, Púri e Sanza Pombo. Consta que Simão Toco para além dos propósitos, havia solicitado ao Governo autorização para se deslocar às matas, mas não conseguimos encontrar este documento.

Foi assim que para chamar aquelas populações a regressarem à sua terra, o então Governador Geral, general Venâncio Augusto Deslandes, atendeu ao pedido. No Despacho n.º 190, de 11 de junho de 1962, que autorizou a deslocação de Simão Toco, o governante refere considerar: *“muito conveniente que o referido Simão Toco se desloque – como aliás é seu desejo – a várias localidades do Distrito do Uíge, para que possa contactar com os Tocoístas residentes nessas localidades ou que aí se apresentam para esse efeito [...]”*; nas seguintes condições: *“n.º 04: nas suas deslocações, dentro do Distrito do Uíge, Simão Toco deverá ser acompanhado de alguém de confiança que fale ou entenda bem o kikongo e por um funcionário administrativo designado pelo respetivo governo local, que promoverá as medidas necessárias para que as reuniões decorram em termos convenientes, devendo comunicar imediatamente ao Governo do Distrito*

---

<sup>290</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1960 – O Regresso de Simão Toco à Convivência com os seus Correligionários*, 16.07.1964, fl. 206.

*as ocorrências que se forem verificando; n.º 05, porque a segurança pessoal de Simão Toco é de maior importância, deverão as autoridades, especialmente, as militares, providenciar para que ela seja garantida (organizando escoltas, se necessário, mas sem que resulte a aparência de que Simão Toco está sob custódia ou coação); n.º 06: Simão Toco poderá fazer-se acompanhar por três familiares, como parece ser seu desejo; as medidas de segurança a que acima se alude deverão tornar-se-lhes extensivas*<sup>291</sup>.

Tal ação está refletida nos relatórios da PIDE: *“foi com o objetivo de chamar as pessoas de volta à sua terra natal que o mandaram passear através das matas e florestas até Kimbata, exortar os fugitivos angolanos a regressar ao país. Mas todos esses objetivos, fixados pelas autoridades portuguesas, convergem para um único final: reconquistar a confiança perdida, junto das massas angolanas, por uma larga e odiosa propaganda. Importante opinião dos observadores, se esta confiança for reconquistada e a situação se normalizar, as autoridades portuguesas gabar-se-ão para todo o mundo com a insolência desta vitória. Terão provado que Angola é bem uma terra portuguesa e na sua independência, nem se fala*<sup>292</sup>.

Simão Toco seguiu viagem para o norte e as autoridades administrativas e policiais que o acompanharam, em colaboração com o Padre colocado na Damba, registaram que, durante as deslocações, em algumas ocasiões, o líder teria declarado que a religião, católica e protestante tinham os seus dias contados em África, visto serem religiões dos brancos. Informação justificada quando numa fotografia mostrada a um dos seus companheiros, vinha sobreposta a inscrição “Igreja de Cristo”, tendo sido logo comparada com a designação de religião Kimbanguista. Isso levantou suspeitas de que o Tocoísmo e o Kimbanguismo se estivessem a unir contra as chamadas religiões dos brancos<sup>293</sup>.

Todavia, outro relatório elaborado por um agente da PIDE contrariou tudo que foi anteriormente descrito: *“a fim de concretizar e procurar obter elementos de prova desloquei-me a Damba, para*

---

<sup>291</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Despacho n.º 190 – Confidencial, fls. 138-140: *Informação Sobre Tocoísmo*, 11.06.1962, fls. 138-140.

<sup>292</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Le Courrier d’Afrique*, fls. 79-80: *O Caso de Simão Gonçalves Toco*, 04.08.1962, fls. 97-80.

<sup>293</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Ofício Confidencial n.º 1063/5140/64/GP, fls. 53-54: *Visita de Simão Toco a Damba*, 11.07.1962, fls. 53-54.

*confirmar as informações fornecidas à autoridade militar local, pelo súbdito italiano, Padre Camilo, superior da Missão Católica daquela Vila. Tudo indica e após as diligências feitas, que despeitando pela influência de Simão Toco junto das massas nativas e por se tratar de religiões antagónicas católica e tocoísta, o Padre Camilo tenha divulgado e pretendido desvirtuar a acção desenvolvida pelo Simão Toco, sendo por isso, de admitir que aquelas informações não correspondam totalmente com a verdade. E em contraste com aquelas declarações, devo ainda acrescentar a V. Excia de que, e uma vez que acompanhei Simão Toco nas suas deslocações nesta área de Maquela, a sua acção e atitudes me pareceram ser as mais sinceras possíveis, pelo que não “demonstrou franca hostilidade para com os brancos”, conforme se foca no ofício em questão*<sup>294</sup>.

Entretanto, as autoridades coloniais tiveram em conta o primeiro relatório, feito com base nas informações dos padres católicos e, como consequência, de acordo com Blanes, em 1963, estudou-se a possibilidade de aplicar a medida de proscricção ao Tocoísmo, com a seguinte sustentação: “o Tocoísmo é inconveniente e a sua expansão deve ser contrariada; os chefes e adeptos mais extremistas devem ser detetados, expurgados e exilados para zona a determinar, sendo aconselhável que estes indivíduos sejam denunciados publicamente por chefe da seita influente; aos chefes colaboradores e moderados será concedido auxílio para a educação dos seus filhos; aos missionários será concedido apoio para acção apostólica junto dos sectários de Simão Toco” (BLANES, 2013, 41).

Em junho de 1963 a “transferência administrativa” de Simão Toco está decidida, quando se escreveu que Insistindo o Governo-geral de Angola na necessidade de fazer sair daquela Província, com a maior urgência, o chefe político e religioso Simão Toco. Trata-se de pessoa cujo prestígio entre os seus prosélitos é fato incontroverso. A ação que vem desenvolvendo, na medida em que é lesiva dos interesses da soberania nacional, tem de ser anulada urgente e definitivamente; e o primeiro passo a dar em tal sentido é, como acima refiro, a sua retirada de Angola, por forma a privar o movimento tocoísta do chefe incontestado, colocando-o a distância que torne impossível o menor contato com qualquer elemento da sua

---

<sup>294</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Ofício Confidencial n.º 421/62-S.R, *Informação Sobre Tocoísmo*, 07.09.1962, fl. 52.



seita. Simão Toco é funcionário dos serviços de farolagem. A possibilidade de ser colocado em posto isolado – de preferência nos Açores, por exemplo – desde que o mantendo em serviço, daria o aspecto de uma transferência que teria, pelo menos, a vantagem de evitar uma reação maior dos seus numerosos e sinceros partidários<sup>295</sup>. Partiu a “19 de julho de 1963 de Luanda, via S. Tomé – Bissau, acompanhado de mulher e filhos, o natural de Angola Simão Gonçalves Toco, chefe da seita pseudo-religiosa intitulada “Tocoísmo”. Em Lisboa, foi entregue à Agência Geral do Ultramar, posteriormente, prosseguiu viagem com destino aos Açores, onde foi colocado como faroleiro. A sua saída de Angola teve por fim afastá-lo da seita e dar início à ação repressiva que se pretendia levar a efeito com a prisão dos principais responsáveis e dirigentes do Tocoísmo, o que se esperava pôr em prática brevemente”<sup>296</sup>.

Fazendo uma incursão nos aspetos evocados na sua segunda biografia, que analisamos no capítulo anterior, sobre esta deportação, Toco declarou à Rádio Difusão Portuguesa: “vim cá parar por causa das perseguições do estado, tudo porque os padres não queriam que eu ensinasse a doutrina deles e cheguei aqui e entrei logo nos serviços de Farol para ganhar dinheiro e comecei a ganhar 49\$80 (quarenta escudos e oitenta centavos), não chegava para a minha vida. Pedi e pedi aumento e nunca me deram aumento e vivi com dificuldades. Ultimamente a situação ficou aliviada porque começaram a dar bolsas de estudos para as minhas filhas, mas mesmo assim, sempre vivi muito mal porque a minha vida era muito arriscada. Vivia dentro do Farol com os meus colegas. Vivia sozinho em minha casa, porque minha filha não podia viver comigo e estive cá na cidade (Açores) para aproveitar os estudos. A minha mulher anda doente e anda no hospital há 11 anos que se encontra nesta situação”<sup>297</sup>.

Depois da transferência de Simão Toco para os Açores as autoridades intensificaram o controlo as cartas que circulavam entre os membros tocoístas e foi com esta estratégia que nos anos seguintes foram intercetadas mais mensagens trocadas entre os tocoístas e através das quais, as autoridades tomaram conhecimento de planos para a independência e fazendo crer que os

---

<sup>295</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07029: Informação Confidencial n.º 1827/5, *Transferência de Simão Toco para os Açores*, 10.06.1963, fls. 4-5.

<sup>296</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 35.

<sup>297</sup> Arquivo da RTP Radiotelevisão Portuguesa, S.A., 1974.

membros do movimento estivessem a manter contatos com o estrangeiro. Em 4 de julho de 1965, numa conversa entre Dongala David e Cutenda João, ambos tocoístas de Luanda, referiam-se sobre a independência de Angola: “*nos outros países, os africanos já estão livres, mas nós não há maneira de podermos viver à nossa vontade. Fomos proibidos de tocar e fazer os nossos cultos e isso assim ainda traz mais confusão. Nós para ficarmos livres só podemos confiar nos estrangeiros; estes é que podem conseguir qualquer coisa em Angola a nosso favor. Senão, continuamos sempre na mesma com os portugueses. Deixa lá. Devagar se vai ao longe*”. Ainda os tocoístas Massadiço e Quidima, numa conversa entre ambos haviam afirmado que a “*O.U.A., mandara um telegrama a Salazar dizendo-lhe que se preparasse para dar a independência a Angola, senão, a OUA, preparava novos ataques a Angola. Tarde ou cedo, Angola e mais outras terras teriam de se tornar independentes. Se outras terras já receberam a independência e já estavam livres, também os angolanos tinham esse direito de serem livres. Estavam calados porque muitos lá fora estavam a trabalhar para o bem de todos*”<sup>298</sup>.

Para manter unidos os seguidores, refere que a força do Espírito já operava em África e chamou a atenção que cada Igreja ou Seita tem o seu dogma. Dogma quer dizer o ponto “*fundamental da sua doutrina e cada igreja ou seita tem as suas ordens ou leis, nós os tocoístas estamos na Igreja de Cristo, mas a falta de direitos e poder, não podemos pregar ou fazermos o serviço de Deus. Tudo o que a gente faz é proibido. Em dezembro deste ano se as autoridades não consentirem que celebrem a Santa Ceia, cada qual celebra dentro da sua casa até a vinda de Cristo. No Congo Léopoldville onde vivíamos, os brancos não queriam que os pretos pregassem sem a ordem deles e diziam que os pretos eram falsos profetas, mas agora que receberam o seu poder, escreveram-me que há naquela terra muitas religiões ou igrejas. São 45 igrejas dos brancos e pretos, mas quem dá ordens para essas igrejas todas é a seita que outrora chamavam falsos profetas. Concluo que a Igreja de Cristo verdadeiro nunca mais será amada pelo mundo e Cristo já previa isso e avisou os seus discípulos que haviam de ser perseguidos em seu nome [...] irmãos vão orando dentro das vossas casas até a vinda de Cristo*”<sup>299</sup>.

Para além do acima exposto, o problema das perseguições e prisões levadas a cabo pelas

---

<sup>298</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 36/66-S.R.-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 18.02.1966, fl. 417.

<sup>299</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Carta de Simão Toco* 23.09.1972, fls. 19-20.

autoridades coloniais portuguesas contra Simão Toco e dos membros do seu movimento, constituiu sempre uma atenção especial por parte daquele líder. Para levantar a moral dos seus e para que se evitassem fugas e deserções por causa das constantes prisões, o líder religioso sempre se mostrou um verdadeiro guia espiritual e, para tal, endereçou várias cartas no sentido de os encorajar ao dizer-lhes que lutavam pela causa do Tocoísmo, sobretudo, em nome da Igreja de África e que o serviço dos tocoístas não seria de orar para os tocoístas, mas que deviam orar para a salvação do mundo, isto é, quem quisesse ser salvo, branco ou preto. A perseguição que o mundo fazia aos tocoístas, não os devia interessar e que não se deviam importar, mesmo que as autoridades comessem a matar-lhes, não se importariam. A igreja de Cristo, quer dizer, as *“testemunhas começaram em Jerusalém, Judeia, Samaria e até aos confins da terra. Confins é a África. Onde começou a Igreja houve matanças, mortes e feridos por causa da Igreja. Portanto, aqui nos confins da terra também é a mesma coisa, se eles quiserem matar-nos por causa de Cristo, tudo será o cumprimento da profecia. Perguntou ao seus se queriam que a Igreja voltasse outra vez para Jerusalém? Porque no seu entender a Igreja estava dada aos confins da terra, quem não a abraçasse era tolo e nada mais. O que os dos confins da terra queriam, era aprender devidamente a Bíblia e nada mais. O mundo não queria que Cristo viesse, por isso estavam perseguindo quem falasse em nome de Cristo”*<sup>800</sup>.

A transferência não significou o início da atividade trans-imperial de Simão Toco e do Tocoísmo, mas marcou o arranque da liderança via postal da Igreja a partir dos Açores, uma governação feita toda ela a partir do exterior de Angola. Se em Angola já era difícil a vida de Simão Toco enquanto líder presencial da Igreja, a situação complicou-se ainda mais com o desterro para os Açores. No entanto, do ponto de vista prático, mesmo em Angola, Simão Toco nunca esteve sempre presente na chefia, pois que passava mais tempo fora dos grandes centros Tocoístas.

Contrariamente ao que aconteceu em Angola, a estadia de Simão Toco nos Açores não significa que tenha expandido as atividades, com a criação de um núcleo Tocoísta. O seu

---

<sup>300</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Tocoísmo: Carta de Simão Toco*, 08.08.1972, fls. 115-116.

principal propósito foi, a partir das ilhas dirigir ou orientar a sua Igreja através de correspondências em kikongo e em português. Ver anexo número 04, estrato de correspondências de Simão Toco e de seus membros.

A estratégia de separar os tocoístas de um lado para o outro resultou num fracasso para as autoridades coloniais, uma vez que aumentou consideravelmente o número de crentes e de conversões de pessoas ao Tocoísmo. Com as sucessivas perseguições, aqueles seguidores haviam começado a incorporar uma componente política de criação de movimento africano, com tendências à resistência pacífica às autoridades.

Lembramos o caso do Vale do Loge, que nos estudos desenvolvidos por Blanes, foi ilustrativo para a forma como a *“história do Tocoísmo se propagou, através de movimentos e deslocamentos involuntários, produzindo assim processos inesperados de associação à terra, motivada pelas trajetórias particulares tanto do seu líder fundador, como dos seus seguidores. Essa deslocação, como vimos, foi imposta exogenamente pelas autoridades portuguesas, que impuseram um “ethos de deslocamento” na experiência tocoísta produtor de territorialidades inéditas”* (BLANES, 2013, 46).

A autoridade incontestável daquele líder religioso junto dos membros da igreja ficou explícita numa carta dirigida ao então Governador de Angola pelos anciãos daquele Movimento, que respondiam diretamente pelos assuntos inerentes aquela organização. A mesma foi redigida uma década depois de Simão Toco ter sido deportado para os Açores e nela pediam o reconhecimento do mesmo como autoridade máxima e aproveitaram para declarar lealdade ao seu dirigente: *“Excelência, a Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo, Relembrada em 25 de julho de 1949, em África Ocidental e Portuguesa e, com Sede Central em Luanda, Angola, nós o grupo dos fiéis, que professam a fé cristã, com doutrina no Nosso Senhor Jesus Cristo, em matéria religiosa. Sendo o fundador e dirigente daquela comunidade Cristã, o digno irmão Simão Gonçalves Toco, que atualmente reside em Ginetes S. Miguel Açores, Portugal. O referido Dirigente da Igreja tem um contacto direto em correspondência com os membros dirigentes desta Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo e, estabeleceu o seguinte: modalidade de*

*um Novo Tocoísmo: de hoje para o futuro não haverá mais casos de maluquices entre o povo tocoísta da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque o Dirigente fundador, o digno irmão Simão Gonçalves Toco, organizou um Novo Tocoísmo; Novas ordens e métodos do ensino religioso; Mandou tirar os costumes de outras seitas, que provocam confusão no meio do povo tocoísta. Por exemplo, os adeptos da seita Kimbanguista. Agora, está tudo em ordem, e para todas localidades de Angola, foi estabelecido o Ensino da Igreja em toda a parte onde residem os Tocoístas, de modo geral, os ensinamentos da Igreja, sejam os mesmos e, a oração a Deus, também é a mesma. Antes disto, o digno irmão dirigente não podia evitar certas confusões que reinavam no meio do povo tocoísta, porque foram muitos os adeptos de outras seitas que se introduziram no Tocoísmo. De momento, não há mais confusão entre os anciãos e os membros daquela Igreja. E, ainda o referido Dirigente ordenou a maior vigilância em todas as localidades onde assenta a Igreja e o povo tocoísta [...] o inimigo da nossa Pátria Portuguesa! Somos Portugueses e, cuja nossa Igreja é essa: Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo. Dignamente dirigida com a maior procedência pelo nosso irmão e Dirigente, Simão Toco”<sup>301</sup>.*

Por seu turno o líder do movimento Tocoísta sentiu-se motivado ao ter conhecimento do teor da carta endereçada às autoridades. Aproveitando-se das boas graças que gozava junto dos seus prosélitos, continuou a dirigir a Igreja à distância, através de conselheiros e de inúmera correspondência. Em março de 1973, dirigiu-se por via postal para todos os anciãos, conselheiros e membros da Igreja que haviam pecado no ano de 1972, informando que, “*seja quem quer que fosse, ficava perdoado por qualquer pecado que cometeu e quem tivesse sido destituído devia reaver o seu lugar que outrora ocupava. Citou os exemplos dos seus irmãos de religião, nomeadamente Sala Eduardo, Armando Manuel da Cruz, João da Costa, [...] todos eles ocupavam cargos importantes no serviço de Deus e, por isso, deviam servir de modelos para os demais membros do Movimento. Especial atenção mereceu o caso de Armando Manuel da Cruz que foi acusado de se filiar a um movimento político, então, pediu-se lbe que devolvesse todos os documentos relacionados com práticas políticas aos seus amigos do N’tobako”<sup>302</sup>.*

Na senda de conceder perdão aos seus irmãos, continuou a dizer que do ano de 1973 até

---

<sup>301</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Solicitação ao Excelentíssimo Senhor Governador Geral de Angola*, 03.11.1971, fls. 277-279.

<sup>302</sup> Cf. AHD/PIDE-DGS: 001-1825-1: *Carta de Simão Toco aos Membros da Igreja Tocoísta*, 23.03.1973, fls. 96-98.

a vinda de Cristo, uma pessoa que pecasse, os anciãos e conselheiros deviam aconselhar essa criatura oito vezes e, se se arrependesse, tinha vencido; caso contrário, ficaria fora da Igreja, porque se condenou a si mesma. A oração dos tocoístas foi reduzida ao “*Pai nosso que está no céu [...] até ao ponto onde se diz o poder e a glória para sempre amém*”, a partir desse momento. As horas de oração passaram a ser de manhã, ao levantar, meio-dia e à tarde ou noite (Salmos 55:17). Para os amigados, seria uma tristeza abandonar a pobre mulher com os filhos, uma vez que, juntando-se com a mulher, Deus deu os filhos. Considerou esta união como sendo um casamento espiritual. Deviam tratar do casamento com a mulher, sendo que abandoná-la, não seria certo [...] <sup>303</sup>.

Quanto às reformas constantes da solicitação dos anciãos dirigida ao Senhor Governador Geral de Angola, confirmaram-se através de uma epístola escrita por Simão Toco onde dizia que antes que tenham depressa ou tarde a resposta do senhor governador geral, “avisem todos os tocoístas a deixarem as cruces e velas no chão a hora da oração, nem tão pouco usar o pó de arroz. Esse serviço já foi feito, agora é a reforma. Portanto, ficamos a usar apenas o óleo e o perfume ou a pomada verde ou branca para a unção das crianças ou cristãos batizados, sim, podem usar: Provérbios 27:9; mas os cristãos não podem ser ungidos muitas vezes, não senhores. Uma só unção, a criança é que deve ser ungida duas vezes – quer dizer na hora da dedicação e no dia do batismo. Nas horas da morte, as pessoas que têm lágrimas a porta dos olhos podem chorar, mas não chorem muito como pessoas sem esperança da ressurreição. Podem chorar as pessoas que quiserem chorar. O Tocoísmo nunca mais usará roupa preta até a vinda de Cristo, roupa azul ou castanha está bem, menos a roupa preta, mas as linhas pretas de coser, podem usar porque é um objeto de serviço” <sup>304</sup>.

Para marcar a sua liderança postal, num outro momento durante o qual se levantaram algumas vozes dentro da Igreja pedindo a sua substituição por estar ausente de Angola, fez a seguinte alusão: “*a respeito dos traidores, isso compreende-se que os traidores estão escondendo os seus nomes e*

---

<sup>303</sup> Cf. AHD/PIDE-DGS: 001-1825-1: *Carta de Simão Toco aos Membros da Igreja Tocoísta*, 23.03.1973, fls. 96-98.

<sup>304</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Carta de Simão Toco aos 12 Vice e os 48 A-B, Sobre as Reformas da Igreja*, 09.11.1971, fls. 294-295.

*escrevendo os nomes dos inocentes para ver se entre vós os tocoístas rebenta lutas para estragar a Igreja, portanto, os nomes escritos como traidores é uma mentira, mas os traidores estão mesmo dentro da Igreja e estão escondidos tanto os homens como as mulheres e estão entregues ao Dono da Igreja que fará conta com eles no dia do julgamento [...] portanto, perdoai esses traidores que se esconderam e Cristo está prestes para julgá-los. Amai-vos e aguentem a palavra do Senhor até a sua vinda*<sup>305</sup>.

Para encerrar o assunto das confusões em torno do movimento, Simão Toco dirigiu em 1973 para todo o Norte, excluindo a zona de N'taya, uma correspondência, onde, em conformidade com os assuntos que surgiam na maior parte dos bairros e sucursais onde residiam os tocoístas, acreditou na capacidade dos anciãos para resolver qualquer assunto que aparecesse no meio da Igreja. Falou dos 24 anos que não era pouca coisa, fazendo também referência ao Espírito Santo que lhes ajudava e consolava, que, sem o mesmo, a Igreja de Cristo nas mãos dos negros africanos teria desaparecido [...] e, por fim, identificou um dos grandes males dentro da Igreja, os anciãos que continuavam a desviar-se do caminho de Deus<sup>306</sup>.

Como forma de dirigir a comunidade à distância e continuar a manter o respeito, Simão Toco soube empregar todas as armas ao seu dispor. Para afirmar a sua autoridade escrevera novamente, a partir dos Açores, sobre a fase da sua formação e deixou transparecer que a direção/liderança estava abençoada/iluminada por Deus, dizendo: “*queridos irmãos, em 1936, quando eu estudava o 2º ano do Liceu, em Luanda, caí doente de pneumonia dupla na Missão Evangélica Metodista Episcopal. Estive com colegas do Sul, irmão Jesse Chiula Chipenda, actual Pastor da Igreja de Lobito ou Benguela; outro era o meu colega Adelino Canganja, já falecido [...]. O colega António Agostinho Neto, pela sua sorte, a Missão de Luanda e o seu pai, o Reverendo Agostinho Neto, que era Pastor da Igreja, juntou dinheiro e mandaram o Neto filho para Lisboa tirar curso de Doutor e, em resumo, hoje é Doutor e esteve no hospital de Luanda, mas nasceram suas ideias subversivas contra o nosso Estado. Esse é o caminho que eles*

---

<sup>305</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta. Carta de Simão Toco Sobre as Formas da Igreja*, 07.10.1972, fl. 19.

<sup>306</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta. Carta de Simão Toco para Todo o Norte e Menos N'taia*, 28.02.1973, fls. 37-40.

*escolheram, mas eu, o mundo não sabia que o meu caminho que Deus determinou era outro*<sup>307</sup>.

A primeira parte da epístola era apenas introdutória para mostrar o seu trajeto e dizer aos demais que tinha construído boas relações com pessoas ligadas aos movimentos de libertação, pois, no fundo, quis transmitir a mensagem aos seus membros de que o verdadeiro cristão devia ser como os brancos que morrendo um dos seus parentes enterravam e não pensavam mais outra coisa [...] mas para os pretos que tinham a fé fraquinha, misturavam a fé com a ideia diabólica, esquecendo a destruição total [...]. Na mesma continuou dizendo que alguns irmãos pensavam que a “Palavra” que os Tocoístas acreditavam era de brincadeira, por isso não queriam abandonar o antiquíssimo costume dos antepassados. Afirmou ainda que eles poderiam dizer o que quisessem dizer, mas continuaria a esclarecer-lhes a verdade [...] lembrou de um dos episódios quando esteve doente na Missão Metodista Episcopal de Luanda, em 1936, dizendo ele que estava quase morto, alguns colegas de ambos os sexos choravam, e ele estava no colo de sua mãe espiritual a mãe da irmã Lúcia Alberto da Silva, não sabe se elas ainda vivem. Só a irmã Maria Victorina é que sabia a verdade da doença dele e alguns irmãos de infância daquele tempo. O senhor Reverendo Augusto da Missão perdeu o ânimo e a paciência, comprou o caixão que custou 500\$00 [...]. Na mesma carta escreveu: *“Eu não ouvia, mas vi uma visão, subi numa montanha, vi uma luz cor branca e amarela de uma linda cidade e ouvi uma voz: é a Nova Jerusalém futura. Quis passar do outro lado da montanha que separa o mundo e a cidade, apareceu o Elias, era alto e disse: Simão, a onde vais? Simão a onde vais? Eu respondi, quero ver aquela cidade [...] deu-me um grande pontapé como quem chuta uma bola e gritou, volta e comecei a saracotear-me ou precipitar-me ou rolar-me de cima para baixo da montanha como uma bola e ouvi os choros dos colegas e disseram, ele abriu os olhos, [...] bem são casos de doença quem acredita que acredite e quem não quer acreditar que fique nas suas*<sup>308</sup>.

Nessa correspondência, o líder religioso procurou defender que a sua vocação, pregação,

---

<sup>307</sup> Cf. AHD/PIDE-DGS: 001-1825-1: *Carta de Simão Toco, Farol da Ferraria Ginetes, S. Miguel – Açores, 00.04.1973, fls. 126-127.*

<sup>308</sup> Cf. AHD/PIDE-DGS: 001-1825-1: *Carta de Simão Toco, Farol da Ferraria Ginetes, S. Miguel – Açores, 00.04.1973, fls. 126-127.*



direção e liderança da Igreja não eram obra do acaso, mas sim, uma “inspiração divina”. Na mesma procurou atacar aqueles que continuavam a fazer práticas de feitiçaria, pois, para ele, aqueles ainda não tinham visto a luz da palavra e que não estavam aptos para serem dirigentes. Fazendo o uso da palavra Sagrada, referiu-se que sendo todos filhos de Abrão, deviam imitá-lo em vez de fazerem o trabalho de Deus com inveja ou segundo as vontades e interesses pessoais. Deviam fazer o serviço de Deus com todas as sucursais e procedimento semelhante devia ser tomado para com a oração e que passasse a ser a mesma em todas as localidades.

Ao lermos as fontes ao nosso dispor, percebemos que as correspondências de Simão Toco e dos seus membros constituíram-se num verdadeiro embaraço para as autoridades coloniais. Estando os membros do Tocoísmo sob apertada vigilância, por serem considerados aderentes de um movimento subversivo, nesta óptica, o envio dos mesmos levantava suspeitas junto das autoridades administrativas e da PIDE, motivo que levou aquelas autoridades a lerem as correspondências entre o líder religioso e os seus sequazes.

Tendo conhecimento do assunto, o líder religioso mostrou o seu mal estar com a situação: *“o ponto que me entristece, é as minhas cartas que eu vos tenho escrito, terem sido consideradas perigosas ou como armas que matam pessoas pelas autoridades, por isso tendes sido perseguidos, presos e postos na cadeia sem cometerem grandes crimes. Esse ponto reduz a minha paciência de escrever-vos”*<sup>309</sup>.

O ponto de vista sobre as suas cartas e intenções tiveram a apreciação da Igreja Católica, através do testemunho do Padre colocado nos Açores, desde 1958: *“Simão Toco, na minha opinião pessoal, é um homem bom, é um homem que quer ver a humanidade, que a humanidade seja realmente humanidade de amigos uns dos outros e é contra a guerra. Defensor das liberdades fundamentais do homem, muito embora tivesse mandamentos próprios da sua religião”*<sup>310</sup>.

E como sempre ousou afirmar, o Tocoísmo não era mais que a pregação da Bíblia e nunca defendeu outros princípios que não fossem do Livro Sagrado. A forma ativa como

---

<sup>309</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: Nota n.º 677/73, D. Inf./1ª Sec.: *Seita Tocoísta*, 09.03.1972, fls. 14-15.

<sup>310</sup> Arquivo da RTP Radiotevisão Portuguesa, S.A., 1974.

praticou a religião bíblica é que o impôs e deu-lhe garantias da enorme audiência.

Concluimos que foram tempos difíceis e de privações no princípio. Mas, o seu comportamento moral, rapidamente fez-lhe granjear muita simpatia e respeito dos açorianos. Hoje, se pode afirmar que, com Simão Toco, o Tocoísmo permaneceu vivo, mas nunca presente como religião naquele território. Cartas chegavam, passadas pelas malhas da censura. Foram várias as correspondências enviadas a Simão Toco e que as conservava arquivadas. Mas, no convívio nas ilhas, Simão Toco continuou a aplicar os princípios religiosos que sempre professou.

A experiência trans-imperial até agosto de 1974 foi uma realidade dentro do Movimento do Tocoísmo, encabeçada pelo seu líder exilado para os Açores. Teve alguns seguidores, mas nunca se constituiu como uma Igreja propriamente dita.

## **CAPÍTULO IV – O TOCOÍSMO, O NACIONALISMO, OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO E A QUESTÃO DA COOPERAÇÃO COLONIAL.**

Um dos tópicos mais obscuros na historiografia de Simão Toco e do Tocoísmo é a sua relação com o nacionalismo político, em particular com o nacionalismo revolucionário. O objetivo desta análise pretende compreender os motivos que levaram a marginalização do estudo do Nacionalismo Religioso Angolano pelos primeiros investigadores que se dedicaram a este aspecto.

Nesta última parte do estudo, merecem destaque o Tocoísmo, o Nacionalismo Angolano e as relações que vieram a estabelecer-se com os Movimentos de Libertação de Angola e Administração Colonial (1960-1975). Interpretamos os acontecimentos de março de 1961, a participação de Simão Toco na resolução da crise que havia se instalado naquela região e terminamos a abordagem no ano de 1974, data que marca o fim da experiência trans-imperial de Simão Toco.

Sobre a questão do Nacionalismo Angolano, dizer que da parte de Simão Toco e dos tocoístas houve uma tentativa de aproximação com os três movimentos de libertação e de luta contra o colonialismo. Mas esta ideia não consistiu na questão de usar os meios definidos pelos líderes daqueles movimentos emancipalistas, mas passava em 1961 pela unificação dos mesmos e a constituição de uma frente comum de luta contra o colonialismo de uma forma pacífica e no fim, proclamar a independência em comum acordo entre os três movimentos.

A organização do processo emancipalista esteve presente em Luanda e Lisboa, mas os primórdios e quiçá, o primeiro baluarte da expressão da luta contra as autoridades coloniais portuguesas, foi o Kongo. Este território esteve na vanguarda de algumas figuras dinamizadoras dos movimentos de libertação da UPA/FNLA, MPLA, UNITA, NGWIZAKO, NTO-BAKO e outros que faremos referência mais adiante.

## 1. O Kongo: Alfobre do Nacionalismo Religioso e Político Angolano

Os estudos sobre o Nacionalismo Angolano enfatizaram a sua dimensão política e a sua tipologia começou por ser definida por Thomas Okuma, ex-missionário em Angola, que propôs a existência de duas correntes nacionalistas distintas: uma europeia e outra africana, termos usados como sinónimo de branco e de negro. O autor identifica vários estudos levados a cabo sobre o nacionalismo angolano, mas precisamente por Pinto de Andrade, como um protesto político dos negros e mestiços e ignorou o nacionalismo dos brancos de Angola (PIMENTA, 2008, 30).

Nos estudos desenvolvidos por Okuma destacou-se o nacionalismo revolucionário dos negros e mestiços, encabeçados pelos principais movimentos de libertação de cariz armado, como a FNLA, MPLA e UNITA, dando a ideia de existir um nacionalismo revolucionário tripartido, com base nas populações de cada região linguística de Angola. Por seu turno, Pimenta (2008) realçou mais o nacionalismo dos brancos, sobretudo, dos movimentos da FUA e da agenda dos brancos de Angola no processo de descolonização (PIMENTA, 2008, 35).

Apoiando-se à obra de Mário Souza Clington, o autor acima indicado analisou as *“relações entre o nacionalismo negro e o «movimento sociopolítico dos brancos liberais de Angola», equacionou a existência de um «nacionalismo euro-africano», apoiado por alguns sectores da minoria branca de Angola, mas que era incapaz de se impor no quadro político da luta nacionalista, que era dominada pelos movimentos nacionalistas de maioria negra e mestiça”* (PIMENTA, 2008, 36).

Fora dos estudos desenvolvidos por esses investigadores, interessa-nos refletir sobre o Nacionalismo Religioso cuja abordagem far-se-á de forma seletiva. Quanto a problemática da formação do Nacionalismo Religioso e a Identidade Nacional no contexto Angolano é, certamente, dos temas menos estudados, talvez por razões que se prendem com a pouca atração pelo tema entre os investigadores das ciências sociais.

Do conjunto dos elementos do protonacionalismo, o historiador britânico Mann (1994)

destaca a língua, a etnicidade e a religião. O estudioso distingue duas fases proto nacionais, a religiosa e a comercial. Para este estudo, interessa-nos a primeira que implicou a difusão da leitura e da escrita das línguas vernáculas levada a cabo na Reforma e na Contra-reforma. Este processo, ao promover a identificação de línguas vernáculas com distintos Estados e regiões numa época de guerra religiosa, poderia mesmo gerar sentimentos proto nacionais entre as classes populares, mas só algumas vezes coincidiram com as fronteiras de Estado (MANN, 1994, 2). Para o caso do Kongo, foi a entrada em cena dos missionários protestantes que, com a sua livre interpretação e tradução da bíblia para a língua dos nativos, facilitou o nascimento dos profetas africanos com as suas igrejas de carácter independentista.

Sem querer entrar na discussão sobre a natureza específica de vários movimentos “angolanos” que desde cedo se estruturaram e organizaram no Kongo não é despropositado afirmar que tal ampla região constituiu o berço do nacionalismo religioso e político angolanos (WHEELER & PÉLISSIER, 2009, 314-315; ANDRADE, 1997, 33-37; MACIEL, 1963, 396-400). Mesmo que no interior de Angola (Luanda, Huambo, Huila) constituíram-se várias organizações políticas clandestinas, de forma geral por iniciativa de angolanos que tinham acedido ao estatuto de assimilados (PACHECO, 1997, 24-50; LARA, 2008).

Como Wheeler e René Péliissier sugerem, antes da ascensão do Nacionalismo moderno em Angola, havia uma espécie de micronacionalismo no espaço Kongo. Pode encontrar-se uma expressão inicial de descontentamento nas cartas dos soberanos do Kongo aos reis de Portugal e aos papas, protestando contra as atividades escravagistas dos comerciantes portugueses em Luanda e São Tomé a partir do século XVI. Mas a forma de protesto mais comum era, sem dúvida, a rebelião armada (WHEELER & PÉLISSIER, 2009, 138-139).

No Kongo criaram-se entre os anos de 1920 e início de 1960 uma série de organizações religiosas e políticas que asseverando diversas formas e tipos, não deixaram de reivindicar por diversas vias um espaço de autonomia/independência religiosa e política, as diferentes tipologias

como que tem sido classificados tais movimentos como tribais/étnicos e nacionais, tradicionais e modernos, revolucionários e evolucionistas e religiosos para os casos de igrejas africanas, movimentos messiânicos, movimentos mágicos e religiosos, igrejas independentes, etc., mostraram a complexidade do problema, mas não deixaram de partilhar o nascimento/emergência num espaço comum – Kongo. Sobre as diferentes tipologias ver em Okuma (1962), Herrick (1960), Andrade (1962; 1971), Clington (1975), Margarido (1968), Marcun (1969; 1978), Pélissier (1969; 1978), Wheeler (1971), Pimenta (2008), etc.).

Por seu turno, as autoridades administrativas coloniais haviam percebido o divisionismo que afetava os chamados meios “emancipalistas angolanos” e procederam a um inventário dos vários partidos político-subversivos e outras agremiações em que se agrupavam os que se diziam naturais da Província, e que viviam nos países que lhes eram limítrofes, reforçando mais uma vez a tese da organização do nacionalismo angolano fora das fronteiras. Eis o balanço das organizações então identificadas (1963-1965)<sup>311</sup>:

- a. **Sede no Congo Léopoldville:** ATACAR ou ATCAZ, Associação dos Quiocos do Congo, Angola e Zâmbia; CUNA, Comité de Unidade Nacional Angolano; MDIA, Movimento de Defesa dos Interesses de Angola; NGWIZAKO ou NGWIZANI A KONGO, Associação dos Originários do Congo; N’TO-BAKO, Associação dos Povos e Origem Bacongo; PDA, Partido Democrático de Angola; PNA, Partido Nacional Angolano; RCCKP, Associação dos Chefes Costumeiros do Congo Português; UNA, União Nacional de Angola; UPA, União das Populações de Angola; JMAE, Junta Militar Angolana no Exílio.
- b. **Sede no Congo Brazzaville:** ALIANA, Aliança dos Maiombes; AMANGOLA, Amigos do Manifesto Angolano; CAUNG, Comité de Ação de Unidade Nacional Cabindense; MLEC, Movimento de Libertação do Enclave de Cabinda; MNA,

---

<sup>311</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 129, *Relatório de Situação n.º 177*, 01.09.1965, fl. 133.

Movimento Nacional Angolano; MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola.

- c. **Organizações Sindicais com Sede no Congo Léopoldville:** CGTA, Confederação Geral dos Trabalhadores Angolanos; CSLA, Confederação dos Sindicatos Livres de Angola, CUACSA, Comité de Unidade de Ação e Coordenação Sindical Angolano; FNTA, Federação Nacional dos Trabalhadores de Angola; FRDC, Federação Regional do Distrito de Cabinda; LGTA, Liga Geral dos Trabalhadores de Angola; UGTA, União Geral dos Trabalhadores de Angola; UNTA, União Nacional dos Trabalhadores de Angola.
- d. **Movimentos ou Associações das Juventudes com sede no Congo Léopoldville:** CJLA, Círculo dos Jovens Intelectuais de Angola; PPA, Partido Progressivo de Angola; RJEA, Associação dos Jovens Estudantes de Angola.
- e. **Associações e Organizações das Mulheres com sede em Léopoldville:** AMA ou AFA, Associação das Mulheres de Angola (UPA)
- f. **Associações e Organizações das Mulheres com sede em Brazzaville:** OMA: Organização das Mulheres de Angola (MPLA)
- g. **Movimentos ou Associações Filantrópicas com sede em Léopoldville:** GASR, Grupo Angolano de Socorro aos Refugiados; OBRANG, Mão de Obra Angolana; SARA, Serviços de Assistência aos Refugiados (FNLA); UNIMOANGO, Unidade Moral Angolana; CVAAR, Corpo Voluntário Angolano de Auxílio aos Refugiados (MPLA).
- h. Movimentos ou Associações Filantrópicas com sede em Brazzaville
- i. **Frentes Comuns ou Movimentos Associados com sede em Léopoldville:** CPA, Conselho do Povo Angolano; CPNLA, Conselho para a Negociação da

Independência de Angola; FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola; FPIKP, Frente Patriótica para a Independência do Kongo Português.

- j. **Frentes Comuns ou Movimentos Associados com sede em Brazzaville:** FLEC, Frente de Libertação do Enclave de Cabinda;
- k. **Organizações Militares com sede em Léopoldville:** ELNA, Exército de Libertação Nacional de Angola (GRAE).
- l. **Organizações Militares com sede em Brazzaville:** EPLA, Exército Popular de Libertação de Angola (MPLA).
- m. Governos: GRAE, Governo Revolucionário de Angola no Exílio.

Ainda que conhecendo outras tipologias para a "classificação" dos actores do Nacionalismo Angolano, que atrás referencio, parece-me interessante, pela sua capacidade de inclusão, a que foi utilizada pelos serviços de inteligência militar portugueses, nomeadamente nos "Relatórios de Situação" do SCCIA, segundo qual reconhece duas tendências políticas nos movimentos subversivos angolanos: a conservadora ou moderada e a radical, sendo esta última, coincidente, no seu conteúdo, com a do tipo "nacionalismo revolucionário angolano" comumente usada. A primeira corrente era constituída pelos movimentos denominados conservadores ou moderados, nomeadamente, NGWIZAKO, MDIA, NTO-BAKO e MLEC. Na segunda corrente do nacionalismo, até ao ano de 1962, faziam parte os movimentos da UPA, MPLA e da ALIAZO, que na primeira quinzena de fevereiro de 1962 deu lugar ao Partido Democrático de Angola (PDA)<sup>312</sup>. É na primeira corrente onde enquadrámos Simão Toco e o Tocoísmo na luta contra o colonialismo e conseqüente proclamação da independência de Angola. Temos o domínio que muitos destes movimentos no princípio defenderam interesses regionais, mas mais tarde passaram a englobar uma agenda de carácter nacional, ou seja, os seus propósitos se dirigiram para a independência de Angola no seu todo.

As diferenças que se podem sublinhar entre as duas correntes, prendem-se com as

---

<sup>312</sup> Cf. ANTT/ SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 5*, 09.02.1962, fls. 84-90.



formas ou vias adotadas para a proclamação da independência de Angola. A corrente do nacionalismo revolucionário defendia a realização de operações em Angola, para a concretização de uma Frente Comum, visando o desencadeamento de uma ação conjunta para a instalação, em território angolano, de um Governo Provisório da República de Angola<sup>313</sup>. Diligências teriam sido “feitas por líderes daqueles movimentos no sentido de obterem apoio na ONU por intermédio de organizações privadas. Trabalhando com mais aparato e a base da força, os líderes da UPA encabeçam todas as iniciativas, no campo internacional, que visam solicitar apoio e auxílio, quer material, quer militar, a fim de ele poder dirigir a luta armada para a Libertação de Angola”<sup>314</sup>. Por outro lado, os movimentos conservadores ou moderados, também não estavam inativos. Os dirigentes deste movimento manifestavam o desejo em não empregar a violência, em se avistar com representantes do Governo e em cooperar com as autoridades portuguesas. Neste sentido e encabeçando os demais, a “NGWIZAKO teria dirigido uma carta ao Secretário-geral da ONU, solicitando a intervenção deste organismo a fim de que se realize um encontro entre os dirigentes dos partidos angolanos moderados e os representantes do Governo português, sugerindo que o encontro se efetuasse na Suíça”. Por seu turno, “a NTO-BAKO continuou com a sua propaganda de atração das populações refugiadas nas matas e no Congo”<sup>315</sup>.

O historiógrafo angolano Edmundo Rocha, nos seus estudos sobre a gênese do Nacionalismo Moderno Angolano, faz menção das organizações que estiveram na origem dos movimentos nacionalistas dos anos 50 do século XX. Aponta como a mais representativa: “a Junta de Defesa dos Direitos de África (JDDA) criada em 1912, em Lisboa, por um grupo de intelectuais, na grande maioria estudantes santomenses, angolanos e cabo-verdianos. Esta associação pretendia por um lado afirmar a identidade negra e a capacidade de os africanos atingirem altos níveis de conhecimento humano, atestado pela existência de médicos, advogados, engenheiros negros, enquanto, por outro lado, exigia o regime de autonomia das colónias, a abolição das leis de excepção, o direito à instrução e à justiça num quadro civilizacional de molde ocidental” (ROCHA, 2009, 47-48).

---

<sup>313</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 1*, 11.01.1962, fl. 5.

<sup>314</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 3*, 26.01.1962, fl. 32.

<sup>315</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 109, *Relatório de Situação n.º 2*, 16.01.1962, fls. 14-15.

Ainda na mesma linha de pensamento, trata-se: “no extremo norte de Angola, os bakongo de S. Salvador e os emigrantes angolanos no Congo de maioria bakongo reuniram-se na União das Populações do Norte de Angola (UPNA), em 1954 – associação de entreatajuda de caráter etno-regional, mas extremamente coesa e dinâmica, que viria a dar origem, quatro anos mais tarde, à União das Populações de Angola (UPA). A ALLAZO (Aliança dos Emigrantes do Zombo) era também um agrupamento de caráter tribal, baseado nos angolanos de Maquela do Zombo, emigrados no Congo e que evoluiu, adquirindo no fim dos anos 50 uma dimensão política, tendo servido de apoio a Holden Roberto, na formação da Frente Nacional de Libertação de Angola” (ROCHA, 2009, 82).

Destaque para outro movimento que combateu o colonialismo, a UNITA, liderada por Jonas Malheiro Savimbi, fundador e primeiro Presidente do movimento. Nos anos de 1962, as referências indicam que Savimbi fez parte do Conselho Executivo da FNLA e, em abril do mesmo ano, ascendeu ao cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros do GRAE. Manteve-se ligado ao GRAE até 18 de julho de 1964, data em que anunciou, no Cairo, a sua demissão do GRAE, por discordar da política seguida por Holden Roberto. Decidiu então estabelecer-se por conta própria, juntamente com o núcleo de ex-militantes ovimbundu do GRAE, fixando-se na Zâmbia de onde formou a AMANGOLA (Amigos do Manifesto Angolano). Com esta associação, Savimbi procurou captar a atenção das populações afetadas à UPA, os refugiados e emigrados bailundos na Zâmbia, com o objetivo de formar o seu exército (FREITAS, 1975, 21).

Noutra vertente investigativa, Blanes fez uma descrição minuciosa dos profetismos, deixando pistas de investigação sobre um nacionalismo religioso, quando se referiu que a “região do Baixo Kongo e Norte de Angola é conhecida por uma longa tradição de movimentos religiosos autóctones de base cristã que foram sendo conhecidos por profetismos Kongo ou messianismos bakongo. De tal forma que se pode estabelecer uma historiografia de linhagem/comparativa entre movimentos históricos como o de Dona Beatriz Kimpa Vita (1684-1706) e outros movimentos que emergiram no período tardo-colonial, como o do Kimbanguismo, o M’padismo e o Tokoísmo. Esta historiografia produzida e reproduzida pelos líderes e seguidores dos movimentos acima mencionados, como no campo ético, identificada pelos distintos académicos que escreveram sobre os mesmos” (BLANES, 2014, 107-127).

Hoje conseguimos estudar e identificar os amplos movimentos políticos e religiosos

que nasceram no espaço Kongo ou que mesmo fundados fora dele, tiveram a testa um nativo daquele antigo reino ou que tenha seu passado ligado aquele território. Recorde-se que estes movimentos na sua maioria foram de caráter subversivo, uma vez que aliavam a sua reivindicação à questão de melhoria das condições sociais dos nativos. Durante o período colonial, os membros de alguns movimentos sincréticos ou igrejas independentes lutaram contra os colonizadores, mas com o passar do tempo, demarcaram-se desta política, sobretudo, por causa das perseguições e controlo cerrado que lhes foi movido pelas autoridades coloniais.

Machado (1994) diz que as preocupações de um bem-estar na sociedade generalizaram-se a todos os domínios da atividade humana, havendo, por isso, uma notória ansiedade na procura de algo. Essa realidade levou o aparecimento de movimentos, nomeadamente religiosos, que preencheram a lacuna implementada pelas disfunções das sociedades. Esses movimentos orientaram-se para a rutura da ordem estabelecida, e fizeram com que a tomada de poder, pela via revolucionária, fosse uma constante em algumas partes do nosso mundo. Para o mesmo autor, a questão dos nacionalismos, como fenómenos históricos, está na ordem do dia, tendo um caráter essencialmente psicológico, e traduziu-se na luta pela procura de unidade e identidade, com a preocupação de conseguir um sentido para a vida, [...] produto da cultura e caracterizador de cada sociedade (MACHADO, 1994, 97).

As referências sobre os profetismos e/ou messianismos no Kongo são antigas e várias, designadamente Francisco Cazola, no ano de 1632; o Antonianismo, fundado por Kimpa Vita entre 1704 e 1706 (SANTOS, 1972, 45-47; GROMIKO, 1987, 289-290; BALANDIER, 1995, 268; JADIN, 1968, 110-119). Em 1921 apareceu o grande profeta africano Simon Kimbangu, a Seita Kitawala em 1923, a Igreja do Exército da Salvação, (BLANES, 2014, 107; HENDERSON, 1990, 147-148)<sup>316</sup>, a Missão dos Salvadores; a Liga Nacional dos Muxicongos, entre os anos de

---

<sup>316</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07029: Documento n.º 83, *Referências ao Exército da Salvação*, 30.03.1954, fl. 31.

1956/1957<sup>317</sup>; o movimento «*Diendonné*» (PINTO, 2010, 343; CUNHA, 1959, 15).

O caráter de reação dentro destes movimentos religiosos era inegável, como se pode notar nas declarações dos discípulos de Simon Kimbangu, a partir de 1921: “*ele virá como triunfador no meio de nós. Os antepassados ressuscitarão. Gozaremos de paz e de alegria, vindo a possuir todas as riquezas. Seremos livres dos nossos inimigos, que todos serão expulsos das nossas terras*” (ESTERMANN, 1965, 36).

No período em que surgiram os movimentos religiosos indicados, em Angola, a contestação política de forma organizada era quase impensável, devido às repressões dos colonizadores, o que passou a ser feito através das igrejas e outros grupos de associações culturais, onde por intermédio de cânticos, interpretações bíblicas, precisamente de textos do Antigo Testamento, nas danças e músicas folclóricas as populações puderam passar a sua mensagem contra a dominação colonial.

Em relação a interferência de Simão Toco sobre o poder colonial, os estudos apontam para a “*pregação de Simão Toco que era alarmante diante das autoridades coloniais e que contaminou o espírito nacionalista de forma massiva e o Tocoísmo foi o combustível ou palha para que o fogo do nacionalismo se espalhasse em todo o território angolano*” (BATSIKAMA<sup>318</sup>, 2018, 127).

Segundo o *Courrier d’Afrique* de setembro de 1962, Simão Toco “colocava-se ao lado de outros movimentos de caráter pacifista como foram os casos *MDLA*, *NGWIZAKO* (Associação dos Congolezes de Expressão Portuguesa), a organização de nativos *Ngnizami Ya Kongo* criada em Boma a 15 de fevereiro de 1960. Mais tarde muda a sua sede para Léopoldville. A finalidade da *NGWIZAKO* era a independência de Angola; e *NTO-BAKO* «que havia sido criada pelos mais velhos emigrantes angolanos estabelecidos em Léopoldville», pela não violência e procurou apoio das grandes organizações internacionais na luta contra o colonialismo português em Angola. Quem perguntar ao *MDLA*, qual o caminho que segue para chegar à independência, responderia

---

<sup>317</sup> Cf. AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357, *Seitas Religiosas: Sistema de Infiltração Comunista na Província de Angola (Seitas): Kitawala*, 03.01.1960, fls. 142-157.

<sup>318</sup> Historiador e Professor na Universidade Agostinho Neto (Angola).

sem hesitar, aquele que seguiram os Estados ex-franceses da África (MACIEL, 1963, 121-131)<sup>319</sup>.

Para o período de 1962-1965 existem elementos que sugerem a existência de relações entre o líder religioso Simão e os membros do Movimento de Defesa dos Interesses de Angola. A primeira ligação que encontramos é a existência de correspondência de João Bolwell Makiadi e João Paulo, respetivamente terceiro conselheiro e diretor da propaganda da “fação M’bala” do MDIA, para Simão Toco. Numa das cartas referencia que os “*angolanos continuam a viver em péssimas condições no Congo Léopoldville, onde são muito mal vistos e donde estão sempre na contingência de ser expulsos. [Segundo os autores da carta], M’bala foi a Lisboa para tratar da independência de Angola. Porém, e segundo ele lhes dizia, só Simão Toco é que tem poder para dar um bom ou mau destino ao povo, pedem-lhe que aconselha M’bala e se mantenha em contacto com ele para tratarem da liberdade da terra. Denunciando uma acção conjugada, M’bala também remeteu carta a Simão Toco declarando-se seu filho espiritual, e informando-o de que neles deposita o povo toda a esperança*”<sup>320</sup>. Na resposta que deu a M’bala, Simão Toco “*afirma que é apenas um homem de Deus e que nada tem com a política, se bem que reconheça que o Tocoísmo não está isento de culpas. Mas não é a ele que cabe a responsabilidade dessas culpas porque, segundo diz, não pode evitar que os indivíduos a quem explicava a Bíblia sobre a criação dum “novo Céu e duma nova Terra” tivessem confundido tudo e dado origem a esta guerra. Pede a M’bala que transmita a sua posição a Makiadi e a João Paulo e aconselha os deslocados no Congo Léopoldville a apresentarem-se às autoridades coloniais que por certo lhes arranjarão trabalho*”<sup>321</sup>.

Depois de, por esta forma se afirmar confiante nas autoridades portuguesas, cita os “versículos oito a treze do Livro de Hebreus os quais referem à constituição duma nova sociedade que irá substituir a que se encontra em vigor. Esta citação, que poderá ser interpretada como uma referência às reformas introduzidas em Angola ou a uma evolução favorável aos desígnios do MDIA, vem novamente chamar a atenção para o caráter dúbio de Simão Toco e

---

<sup>319</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Informação Sobre Tocoísmo: Gabinete de Imprensa Estrangeira*, 21.09.1962, fls. 44-45.

<sup>320</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 120*, 29.07.1964, fl. 67.

<sup>321</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 120*, 29.07.1964, fl. 67.

para os processos que sempre usou de ir fazendo a sua política sem se comprometer”<sup>322</sup>.

Mas é de salientar que embora da aproximação aparente com os movimentos religiosos e nacionalistas emancipalistas, no combate ao colonialismo e suas práticas, Simão Toco foi bastante crítico em relação aos tocoístas que pretenderam associar-se aos movimentos de cariz político. Essa preocupação encontra-se tratada numa das suas epístolas, demonstrando a sua posição quando tomou conhecimento de que um dos seus membros tinha se filiado a N’TOBAKO e mais tarde a UPA e que o mesmo procurou convencer outros fiéis do Tocoísmo a seguirem-lhe: “*o irmão Armando é um grande servidor de Cristo, deixa as ideias da N’tobako, porque esses partidos todos ficarão neste mundo que eles querem governar e vereis nos vossos olhos o lugar onde os tocoístas irão. O irmão Armando da Cruz reúne toda a Igreja e trabalhem todos para Cristo. Se fosse um caso das autoridades para fazermos trabalho do Estado isso é outra coisa, mas entrar em actos políticos, os tocoístas não trabalham para esse fim. Que o mundo saiba que os tocoístas trabalham para adquirir a vida eterna, por isso rezam todos os dias a Deus*”<sup>323</sup>.

Estes laços com MDIA em 1962-1965 terão perdurado. Foi isso que levou os dirigentes daquele movimento em 1974 a reclamar o fim da deportação de Simão Toco.

Com base as fontes consultadas, foi possível compreender que o papel que Simão Toco quis assumir no processo independentista angolano foi o de promotor de uma transição pacífica, isto devido às variadas pregações e cartas que endereçou a seus membros. Esta sua pretensão ficou plasmada nos cânticos entoados pelos seus sequazes ao longo das suas celebrações litúrgicas.

O movimento do Tocoísmo teve grandes repercussões e captou a atenção de alguns movimentos de carácter político, que não querendo optar pela violência procuraram uma solução negociada para se alcançar a independência de Angola. Mas esta atitude criou certo conflito de interesses com a FNLA e com as autoridades coloniais, precisamente na zona norte de Angola.

---

<sup>322</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 123, *Relatório de Situação n.º 120*, 29.07.1964, fl. 67.

<sup>323</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta: Carta de Simão Toco para Todo O Norte e Menos N’taia*, 28.02.1973, fls. 37-40.

## **2. O Tocoísmo, a UPA/FNLA, a Administração Colonial e a Luta pelo Controlo do Norte de Angola (1961-1963).**

Constitui temática central do estudo neste ponto as relações que se estabeleceram entre Simão Toco, os tocoístas, a UPA e as autoridades coloniais portuguesas, na sequência do levantamento de 15 de março de 1961.

O percurso de Simão Toco e seu movimento, será difícil desassociá-los da luta de emancipação política que se iniciou nos anos de 1960. É um assunto considerado controverso, porque as fontes por nós consultadas indicaram que Simão Toco desempenhou um papel dúbio, definido quer pelas autoridades coloniais portuguesas, quer pela imprensa africana (congolesa acima de tudo) apoiantes dos ideais do movimento da UPA/FNLA durante o processo de luta contra o colonialismo. Esta situação criou-se porque em alguns momentos teve a sua retórica em defesa das autoridades coloniais e deslocou-se para as matas do Norte a fim chamar as pessoas que haviam fugido por causa das confrontações, deixando-as entender que esteve ao serviço do Estado e em outros momentos defendeu o fim da escravatura, do colonialismo e de todas as suas práticas opressivas e da libertação de África contra os impérios europeus.

Sobre os acontecimentos ocorridos no Norte de Angola, e em particular o levantamento de 15 de Março, só obtivemos a posição tardia de Simão Toco quase oito meses depois, quando foi instigado pelos jornalistas que o foram entrevistar em Ponta Albina (outubro de 1961) a dar palavras de ordens aos seus seguidores sobre as atitudes que deviam tomar em relação aos movimentos que se levantavam contra Portugal e a sua política de colonização, demonstrando estar ao lado das autoridades coloniais, apelou: *“a todos os nativos do território do Congo Português, nós somos portugueses e não somos estrangeiros, embora entre nós alguns receberam uma educação estrangeira, não quer isso dizer que sejam considerados ou chamados estrangeiros. Portanto, eu me apresento a vós, meus amigos*

*portugueses, do Congo português e meus irmãos que nascemos portugueses, continuaremos a ser portugueses e temos que amar Portugal e continuaremos a ser filhos de Portugal. Estou a disposição do Governo para tudo quanto seja necessário para defender Portugal e quero também que todos estejam em acordo para tudo que for preciso para a defesa da nossa pátria [...] o que é preciso para vós nativos da terra, nativos de Angola e nativos de Portugal, o que é preciso para todos é sermos firmes e unânimes e marchar a procura destes guerrilheiros onde se encontram, nas matas, nas florestas, nos vales, nas montanhas onde estejam escondidos e a partir daí estão a aterrorizar a nossa terra [...] mas é claro, nós queremos a paz, Portugal quer a paz e trabalho e o trabalho não pode vir sem a paz [...] eu digo-vos que somos verdadeiramente portugueses e temos que ver isto, sobre estas pessoas que entraram nesta nossa terra, não podem continuar a viver nessa terra, nem andar a estragar nossas casas. Portanto, eu falo a todos os meus amigos nativos desta terra portuguesa: temos que andar e ajudar o exército português para expulsar e pôr na rua esta corja de malfeitores que estão estragando nossa terra. Viva Portugal!*<sup>324</sup>. Não sabemos se esta era a posição dele em março/abril de 1961, pois que as fontes não apresentam informações sobre aquele período.

Tendo em conta o contexto social e político da época, os propósitos de Simão Toco para o bem-estar do povo angolano, facilmente se pode compreender o ambiente em que tais palavras foram proferidas, onde depreendemos que passava na estratégia das autoridades coloniais em exercer certa pressão psicológica para que aquele líder que gozava de grande simpatia junto da massa adepta, pudesse coartar a influência da UPA junto das populações do Norte de Angola.

Na mesma entrevista, questionado sobre que impressão tinha dos acontecimentos no Norte de Angola, sem objeções disse: *“a minha impressão sobre os acontecimentos no Norte de Angola, eu digo que os culpados merecem castigo porque a UPA escola dos terroristas, ensina o Comunismo para fazer guerra em nossa casa, fazer a guerra também ao nosso Portugal”*<sup>325</sup>.

Apesar de se mostrar solidário com as autoridades coloniais, cremos também que a posição assumida tinha em conta o controlo dos seus fiéis que ele não quis perder pela crescente

---

<sup>324</sup> Cf. Arquivo RTP – Mensagem de Simão Toco (outubro de 1961), Documento Vídeo, in <https://www.youtube.com/watch?v=nkzYkSzLVpw>, (visto em 13.07.2017).

<sup>325</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: *Tocoísmo*, 18.10.1961, fls. 32-33.



influência da UPA que se alastrava rapidamente entre os bakongu. Mais importante é a sua disponibilidade para cooperar com as autoridades coloniais na recuperação da massa popular que na sequência do 15 de março, se refugiara nas matas. Assim, para atingir os objetivos definidos quer pelas autoridades coloniais portuguesas e também aqueles delineados num plano mais pessoal, em concreto, o líder religioso desenvolveu um conjunto de diversas atividades e elas desenrolaram-se no seio das populações que se encontravam nas matas do distrito do Uíge e em algumas localidades da República do Congo. Deslocou-se a estes territórios para chamar o povo revoltado e também aquele que fugira temendo represálias por parte das autoridades coloniais portuguesas. Diplomáticamente, Simão Toco, em companhia de autoridades coloniais, entrou em ação e acudiu a situação que assolava uma parte da região norte de Angola, realizando uma série de reuniões com os nativos. Ao longo de todas as viagens que efetuou aconselhou os nativos a regressarem à sua terra (Angola) para reconstruírem as casas e fazer as suas lavras.

Durante a realização destas atividades Simão Toco nunca se mostrou hostil às autoridades e fez sentir isso aos “nativos que eles não podiam viver sem os brancos portugueses e que os dirigentes dos movimentos políticos eram como aqueles que roubavam um cabrito a uma pessoa para venderem à outra, isto é, que aqueles dirigentes pretendiam roubar Angola dos portugueses a fim de venderem a América ou à Rússia, e depois de consumarem o ato, não se interessariam mais saber das populações. Entre várias perguntas, foi em resposta para um dos nativos que Simão Toco disse que quando regressassem poderiam construir igrejas para os “tocoístas” e que não pensassem que depois de estarem em Angola passariam a rezar o dia inteiro, mas sim, só ao levantar e ao deitar, pois tinham de trabalhar muito, porque não era com as rezas que obteriam o dinheiro para as suas necessidades<sup>326</sup>.

Sobre as viagens para as matas, Simão Toco havia elaborado um relatório intitulado *Resumo da Minha Viagem Para o Norte de Angola*, que entregou às autoridades onde escreveu o

---

<sup>326</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Extraordinário: *Estadia de Simão Toco na área de Maquela do Zombo*, 07.08.1962, fls. 85-92.

seguinte: “eu e a minha comitiva, Sr. Luvualo Davdi, Domingos Quibeta e meu filho João Toco, partimos de Luanda para Carmona no avião da DTA no aeroporto Craveiro Lopes no dia 16 de junho de 1962 [...] em 18 de junho seguimos o nosso itinerário em direção ao Songo. Não tendo encontrado o Sr. Administrador daquele Concelho Sr. João Domingos da Costa, continuamos a nossa viagem para o povo Quicari onde encontramos o Sr. Administrador e o Corpo de Voluntário a marcar o terreno para as construções modernas do Corpo de Voluntários e refugiados salvos pelo Sr. Administrador. Às 18 horas regressamos ao Songo e convocamos a população branca e nativa do Songo, exortando-as para não dar ouvidos a UPA, o organismo estrangeiro dos bandidos que estão vivendo à sombra do comunismo e que fazem a guerra a uma terra que não os pertence [...] em 19 do mesmo mês partimos do Songo para Toco e daqui para o Colonato do Vale do Loge, onde fomos bem acolhidos pelo senhores Major, Doutor, Capitão, Tenente, Alferes, etc., e alguns funcionários públicos e fazendeiros. Durante os dias da nossa permanência no Colonato, entramos em várias matas, acompanhados pelo Sr. Administrador e a tropa a procura dos nativos refugiados para se apresentarem às autoridades. Nada se conseguiu em virtude de eles se encontrarem no poder da UPA, que os distribuiu em diversas matas formadas pelos quartéis onde são vigiados. Os quartéis bem armados são: os da secção da mata de Sanda Quina Yamba, Bembe, Yangila, Quicanga, Dio, Sagui, Vamba, Kamba, Bonde, os quartéis ao lado do rio Bridge, Caluca, Fuesse, Caipemba, até Songa onde recebem o material de guerra, vindo da Tunísia, Marrocos, Rússia, [...] sobre a saída dos colonos do Colonato do Vale do Loge, segundo informações obtidas pelos próprios colonos já apresentados em Maquela do Zombo, contam que a 03 de março de 1961, apareceu no Colonato um comandante da UPA, Lamborne, natural de Sanda Quina em Nova Caipemba, e começou a dizer-lhes que o Presidente Holden Roberto incumbiu a todos os seus comandantes e oficiais do Governo Provisório de Angola no Exílio, a fim de cortar e escorraçar todos os brancos residentes em Angola por não deixarem o mau hábito de escravizar o próprio dono da terra durante o período de 500 anos e dizia-lhes também que o irmão menor já

tinha recebido a sua independência, mas tu angolano, irmão mais velho se não tiver força de expulsar os portugueses, o teu irmão menor ajudar-te-á [...]. Em 15 de março de 1961 estando os rapazes do Colonato a treinar no campo de futebol, foram avisados pelos brancos que em Caipemba e Toto tinha rebentado uma guerra entre brancos e nativos pretos [...]. Em 17 de março de 1961 o encarregado do Colonato e o capataz, foram-se embora de vez e, depois de um tempo decorrido todos os brancos do Vale seguiram para Luanda [...], mais tarde apareceu no Colonato um oficial da UPA, João Baptista Pereira, com setenta soldados, todos armados de diversas armas, obrigando os colonos a entrarem na luta, mas estes recusaram-se. Dirigiram-se a casa do enfermeiro, prenderam-no, levaram-no à beira da ponte do rio Loge onde o mataram e em seguida penetraram nas matas [...]. Durante os seis meses seguintes, os comandantes da UPA, Lamborne, Cosme, Mateus Pata e outros, obrigavam os colonos para que indicassem os tractores e o café, contudo, os colonos não quiseram [...], passados alguns dias, os comandantes da UPA avisaram os colonos para que abandonassem o colonato porque as tropas portuguesas estavam prestes a chegar e eles ouvindo isso, fugiram e meteram-se nas matas. Ao chegarem nas matas em vez de serem bem protegidos pela UPA, este prendeu-os e distribuiu-os em grupos, formando os quartéis da UPA [...], não permitiam o seu regresso ao Colonato ou a vida anterior. No dia seguinte, um dos colonos do Vale do Loge, Pedro Tumissungo Cardoso que restara no grupo, pediu aos encarregados do Colonato para que lhe deixassem ir chamar a família e os seus irmãos refugiados nas matas, a fim de regressarem [...], o mesmo foi preso pelos soldados da UPA, os quais apresentaram-no ao Manuel Cosme, comandante da secção do quartel de Yamba, este por sua vez ordenou a sua execução: aqueles que não quisessem filiar-se a UPA, mereciam a pena de morte. Entre os dias 18 a 21 de junho de 1962, percorremos várias matas em busca das populações, mas a UPA não as deixava. Neste período, ficou doente o Sr. Administrador de Cangola que nos acompanhava e regressou para Carmona e nós continuamos a viagem para o Bembe. Entre os dias 23 a 24 de junho de 1962 fomos acompanhados nas matas pelos Capitão, Tenente, Alferes e todo a

força do exército português que guardava a Vila [...]. Entre os dias 25, 26, 27 e 28 de junho de 1962, partimos de Lucunga para Damba e depois para Maquela do Zombo. Visitamos a Vila da Damba por completo e os bairros ao redor de Maquela. Depois continuamos com as visitas, reunindo os nativos da cada sanzala falando e explicando-os a diferença que existe entre os verdadeiros cidadãos portugueses e os comunistas. Durante a nossa estadia em Maquela, chegamos a ir até à fronteira com o Congo Léopoldville várias vezes em busca dos nossos irmãos refugiados por causa do terror da UPA, muito embora o inimigo impedisse o regresso dos irmãos refugiados ao nosso território, mas graças a Deus, milhares e milhares se apresentaram nas estradas de Maquela para Kimbata, N'sosso, Béu, etc. [...]. Foi em Maquela do Zombo o centro do encontro dos refugiados e não refugiados vindos do território vizinho do Congo. Uns vieram fixar a sua residência e outros simplesmente conversaram e regressaram à procedência. Dos regressados, alguns intitulavam-se tocoístas quando afinal não o eram, mas espões. Um carro alugado por cinquenta e oito tocoístas vindos de Léopoldville com destino a Maquela, a fim de nos visitar, chegando a Kindompolo, posto de guarda fiscal congolês, encontraram dois homens kimbanguistas que diziam ser tocoístas, ali, entraram no carro completando assim o número de sessenta pessoas até Maquela [...]. Seguiu à retaguarda do primeiro, outro carro, carregado de certo número de pessoas e entre estas kimbanguistas e os da UPA, mas por infelicidades ficaram presas pelas autoridades congolêsas [...]. Há nas matas milhares e milhares de nativos inocentes presos pela UPA, por não aceitar filiar-se a este partido diabólico; coitados são cercados e vigiados impossibilitando-lhes o trânsito para as suas localidades primitivas. É atirado aquele que se atreve a fugir [...]. Se todos os cristãos de qualquer religião fossem verdadeiros cidadãos portugueses, se eles vissem as coisas espantosas e complicadas, horrorosas e medonhas que a UPA está praticando as escondidas no Norte de Angola do nosso território português, com franqueza ajudariam as nossas tropas portuguesas, que dias e noites sem pregar sono, marcham todos dispostos a morrer a frente duma luta sangrenta [...]. Para terminar, pedimos a esses pobres famintos a retirarem as suas

armas no Norte de Angola [...] nós os cidadãos portugueses de Angola, pediremos ao nosso pai Portugal, trabalho, escolas, instrução, educação, agricultura e outras coisas necessárias a vida para o engrandecimento de Angola. O erro será remediado segundo as súplicas dos seus filhos angolanos, nunca confiarão aos estrangeiros ou comunistas, larápios, mendigos que andam no mundo inteiro a larapiar o pão alheio e a terra onde este pão é cultivado. Nós os angolanos queremos paz, trabalho [...], viva Portugal, viva Angola, viva o povo português”<sup>327</sup>.

Diferentemente do que escreveu Simão Toco, alguns membros tocoístas tinham sido acusados de fazerem parte do movimento emancipalista da UPA. Houve casos de confirmação de adesão ao movimento, uns de livre vontade e em outros casos de forma forçada como o exemplo das declarações de Pedro Tumissungo Cardoso, que tinha sido nomeado para o cargo de Secretário Responsável da UPA no Colonato do Vale de Loge, mas que tal nomeação tinha sido unicamente aceite por pressão do chefe local da UPA, e que nunca teve simpatia por tal movimento, pois que era inteiramente oposto às suas convicções religiosas. Tudo quanto ele e os outros tocoístas tinham feito em colaboração com os membros da UPA, foi resultado do medo das represálias violentas uma vez que não estavam em condições de se defenderem contra os homens poderosamente armados<sup>328</sup>. Não sabemos se foi morto como escreveu Simão Toco ou permaneceu como Secretário da UPA, como constou dos relatórios das autoridades administrativas acima citadas.

Em setembro de 1962, desejando rebater as acusações que comumente se faziam ao Tocoísmo como organização adversa a Portugal, Simão Toco propõe a criação de milícias à base de adeptos seus, milícias essas que, à frente das tropas portuguesas ou de voluntários dariam combate aos terroristas. Entretanto, ofereceu, e foram aproveitados, pisteiros e agentes de informação recrutados dentro da seita. A atividade destes pisteiros e destes informadores produziu elevado rendimento, havendo que creditar aos serviços a localização das centrais terroristas do

---

<sup>327</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Informação Sobre Tocoísmo*: Resumo da Minha Viagem Para o Norte de Angola, 20 de agosto de 1962, fls. 98-101.

<sup>328</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial: *Declaração de Pedro Tumissungo Cardoso*, 11.09.1962, fls. 195-197.

Fuesse, Quindualo e Caluca, bem como a condução das tropas portuguesas nas ações militares que as destruíram e foram consideradas das mais bem-sucedidas. No entender das autoridades, para convencer a opinião pública, de que Simão Toco não era culpado dos massacres de 1961, teve o cuidado de esclarecer que não era ele, o citado nas referidas cartas apreendidas das mãos dos tocoístas<sup>329</sup>.

Para este efeito Simão Toco dirigiu uma carta às autoridades coloniais, onde reafirmou a sua demarcação completa dos movimentos de libertação, precisamente da UPA e a sua fidelidade a Portugal: “estou certo de que o nosso Governo é o governo português que cuidou os nossos avós, pais, eu e o povo que trouxe nesta capital de Angola, pois encontrei-os todos eles e sem razões de queixas, nisto tenho agradecido ao nosso Governo dando as minhas vivas a Portugal. Muitos julgam que sou inimigo de Portugal, mas tenho dito várias vezes que eu nasci português e continuarei a ser português em tudo até à morte. Tenho pedido ao nosso Deus criador para que não haja mais lutas e misérias nesta nossa terra portuguesa de Angola. Quando eu andava na terra do Sul de Angola, isto é, em Ponta Albina, não acreditava que os terroristas fizessem algum estrago. Mas na viagem que fiz ao Norte da Província, vi os terroristas, fugindo nos muros. [...] muitos dizem que sou maluco [...], por isso venho pedir às nossas autoridades civis e militares a fim de emprestarem-me quatro carros pelo menos e os tocoístas farão a quotização da gasolina; não quero mais ver massacres em Angola e se eu não apanhar as armas da UPA é certo de que o nosso Deus não é verdadeiro. Conto partir no dia 5 ou 8 de outubro e levo comigo 101 homens e o nosso Governo fica com mais 1.500 e tal tocoístas homens, mulheres, filhas e filhos. Viva Portugal! Viva Angola, Viva o Povo português”<sup>330</sup>.

No discurso de Simão Toco revelaram-se duas situações: por um lado, aquele líder religioso falava da libertação da África do jugo colonial e predizia um poder do negro sobre os brancos, e, por outro lado, voltou-se contra os movimentos emancipalistas de cariz político que

---

<sup>329</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, *O Tocoísmo em Angola Após 1960 – O Regresso de Simão Toco à Convivência com os seus Correligionários*, 16.07.1964, fls. 206-209.

<sup>330</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Carta de Simão Gonçalves Toco*, 24.09.1962, fl. 31.

lutavam contra a hegemonia de Portugal em Angola e que pretendiam o alcance da independência.

O apoio público feito em “1962 para com as autoridades coloniais, quando disse “Viva Portugal!”, demonstrou que a sua tática estava fora do contexto definido pelos movimentos emancipalistas. Também os ideais defendidos por Simão Toco nas suas pregações e epístolas e que mais tarde transpareceram no Tocoísmo, uma vez que aquele líder não pactuava, sobretudo, com os métodos definidos pelos líderes dos movimentos emancipalistas, quando adoptaram o uso da “violência armada” como bandeira para o alcance dos objectivos de libertação”<sup>331</sup>.

Mesmo tendo adotado aquela postura de homem submisso e cumpridor das leis e ordens estabelecidas pelas autoridades, Simão Toco viveu aquilo que foi relatado na sua biografia quando analisamos o seu percurso religioso e político. O desenrolar dos acontecimentos em Angola, nos leva em crer que seria pior se tivesse, desde muito cedo, rompido a cooperação com as autoridades coloniais.

A respeito das viagens às matas do norte de Angola, foram várias as notícias que se fizeram circular no *Courrier d’Afrique*, fazendo menção do sucedido e procurando tecer algumas ideias sobre o que na realidade ocorreu e saltou à vista o que escreveu André Matumona naquele Jornal e traduzido pelas autoridades coloniais nos seguintes termos: “quando a revolução do povo se desencadeou em Angola, a Embaixada portuguesa em Léopoldville, teleguiada pelo Governo Geral de Luanda fez-se ultrapassar numa política subversiva. Enquadradas nesta política, em 1961, formaram partidos políticos angolanos a soldo de Salazar e, por hábeis manobras, conseguiram semear o desentendimento entre os líderes nacionalistas angolanos [...] surge com um problema delicado que incita as organizações políticas angolanas, as chamadas moderadas a oporem-se àquelas que decidiram correr com o colonialismo português, por uma ação mais direta. Para escudar melhor este jogo, o governo de Lisboa serve-se de dois presos políticos, que tem humilhado durante anos. Um deles é Simão Toco. Esta nova tarefa de Simão consiste unicamente em convencer os refugiados angolanos na RDC (República do Congo

---

<sup>331</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Informação Confidencial n.º 21/62-GAB: *Informação Sobre Tocoísmo*: 16.06.1962, fls. 132-133.

Democrático) a regressarem às suas aldeias <sup>332</sup>.

A atividade desenvolvida por Simão Toco levou algumas esferas políticas daquela época a chamarem o líder religioso de traidor, pois entendiam que tais pretensões estavam contra as realizadas pelos movimentos emancipalistas. Foi o caso do PDA, conforme manifesta um dos seus discursos, traduzido pelas autoridades coloniais: “Simão Toco ter servido de isca aos ardis a patranha dos chefes da revolução. O desaire verificado no último fim-de-semana (outubro de 1962) em Kimpangu pela Delegação da FNLA parece encontrar esta presunção. É preciso ver que esta delegação seguia a convite formal de Simão Toco. Num dia previsto, Simão Toco não se apresentou no local combinado, em território congolês. Mas ao contrário, mandou o Comissário do Distrito de Maquela, seu adido, dois militares portugueses e dois angolanos em serviço no exército com o fim de convencer a mesma delegação a entrar em Angola. Felizmente o perigo foi descoberto com lucidez. Em resposta, a delegação da FNLA repetiu com veemência a vontade indomável das massas angolanas de se libertarem do regime fascista de Salazar. Em todos os lugares, esta ideia retém menos a atenção da quase totalidade dos observadores, que são agora unânimes sobre o facto das autoridades portuguesas utilizarem Simão Toco, ao contrário para saneamento da situação em Angola”<sup>333</sup>.

Contrariamente aos que entendem Simão Toco como ameaça de determinados interesses, os seus seguidores consideraram que a sua presença no Norte Angola como uma autêntica vitória, afirmando que milhares de angolanos se tinham convertido ao Tocoísmo. Circulou também, na altura, a ideia de que Simão Toco tinha partido com os seus anciãos, Domingos Quibeta, João Sivi e Luvualo David, atravessando a região norte de Angola que havia sido devastada pela guerra, para chegarem à fronteira, chamarem os seus fiéis que se tinham refugiado no Zaire e convencê-los a regressar a Angola. Para albergá-los, diz-se que Toco mandou construir a Vila Ntaia-Nova, perto

---

<sup>332</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Le Courrier d’Afrique: As Organizações políticas angolanas opõem-se ao regresso incondicional dos refugiados*, 10.07.1962, fls. 121-122.

<sup>333</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Le Courrier d’Afrique: Análise ao Problema Angolano*, 10.08.1962, fls. 82-84.



de Maquela do Zombo (HENDERSON, 1990, 439).

Foi com base na possível colaboração de Simão Toco e de alguns dos seus seguidores com a UPA/FNLA que as autoridades tomaram: *“medidas de proteção às povoações e os excessos de represálias fizeram-se sentir com bastante intensidade nesses núcleos de Tocoístas. Desse modo foram liquidados, que se sabe, os núcleos do Songo e Carmona (bairro da Pedreira), tendo sido detidos os da região de Negage que foram remetidos para Luanda. Dos restantes, uns fugiram e os outros do numeroso grupo do Colonato do Vale do Loge, cerca de 500 (quinhentos), continuaram até setembro, data que se procedeu a ocupação militar daquele colonato e consequente prisão dos tocoístas”*<sup>334</sup>.

Segundo os relatórios elaborados pelos agentes administrativos que o acompanharam, descreveram que contra a influência dos movimentos de cariz político, Simão Toco tinha exortado os tocoístas e outros refugiados para que não dessem ouvidos aos maus conselhos dos que falavam mal dos brancos, porque eram seus amigos e não podiam viver sem o seu auxílio, e que, quando ouvissem ou soubessem de propagandistas da UPA/FNLA ou ALIAZO, os denunciassem às autoridades, em virtude desta propaganda ser absolutamente falsa, fazendo-lhes sentir, ao mesmo tempo, que os brancos não matavam os pretos, conforme verificavam com a sua presença e dos que o acompanhavam – seu tio, filho e Luvualo<sup>335</sup>.

Mas em outros momentos Simão Toco tinha sido mais *“explícito na propaganda de regresso, dirigindo-se aos presentes que, os refugiados que regressassem à sua terra de Angola tinham de trabalhar muito para obterem dinheiro, com o qual não só, melhorariam a sua situação, como também pagariam os impostos que agora eram pagos, quer por brancos, quer por pretos. Que os nativos nascidos em Angola deviam regressar, pois não era bom para eles viverem num país estrangeiro conforme aconteceu com ele que, depois da permanência de sete anos no Congo, voltou para Angola onde reconheceu que passou a viver melhor”*<sup>336</sup>. Percebeu-se que para contornar a

---

<sup>334</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial n.º 340/62-S.R.: *Informação Sobre Tocoísmo*, 12.07.1962, fls. 164-167.

<sup>335</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Extraordinário: *Informação Sobre Tocoísmo: Estadia de Simão Toco na área de Maquela do Zombo*, 07.08.1962, fls. 85-92.

<sup>336</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: Relatório Confidencial Extraordinário: *Informação Sobre Tocoísmo: Estadia de Simão Toco na área de Maquela do Zombo*, 07.08.1962, fls. 85-92.

situação no Norte de Angola, o governo colonial usou da influência ou da popularidade de Simão Toco junto das massas foragidas para as matas e para o Congo Léopoldville, para que as convencesse a regressar ou retornar para as suas casas que haviam abandonado em resultado daquelas ações levadas a cabo na época.

Para além da suposta relação com a UPA, em 1962 fez-se circular uma informação na ONU sobre a possível relação que existiu entre Simão Toco, o Tocoísmo e o MDIA porque Jean Pierre M'bala, o líder daquele movimento havia declarado que foi ele quem solicitara ao Governo português a libertação de Simão Toco e que todos os tocoístas faziam parte do MDIA. Mas Angelino Alberto, Presidente do N'TOBAKO e adepto do Tocoísmo negou esta versão junto dos organismos da ONU, pois, em seu entender, os tocoístas nunca haviam se metido na política, apenas professavam a Deus<sup>337</sup>.

O resultado, como vimos no capítulo anterior, culminou na criação da “Terra Santa” dos tocoístas, depois de vários apelos e encontros mantidos com os refugiados. Mas ainda assim não granjeou confiança suficiente entre os membros do governo colonial, que o acusaram de estar em conluio com os movimentos de libertação nacional.

Em outros documentos posteriores da PIDE encontram-se as referências sobre a situação do Tocoísmo nos anos de 1961 à 1965 e uma das orientações do governo orientava: *“ficar perentoriamente vedado aos serviços Públicos de receberem qualquer requerimento, petição ou outro documento apresentado em nome da seita; os mesmos serviços não poderiam aceitar ou dar andamento a qualquer documento que tivesse o timbre usado pela seita; proibição dos Tocoístas de efetuar reuniões públicas de culto no seu bairro em Luanda, e retirada da casa n.º 176, Bloco 7, do referido bairro, do tocoísta Tovaldo Álvaro, que estava servindo de Tabernáculo, por determinação da Comissão Administrativa dos Bairros Populares, visto não a estar habitando; prisão e aplicação de medidas de segurança administrativa de fixação de residência, dos chefes mais responsáveis, em*

---

<sup>337</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-3-731-1, P. 90218: *Informação Sobre Tocoísmo: Carta de Angelino Alberto para Simão Toco*, Nova York, 05.12.1962, fl. 5.

vários pontos da província”<sup>338</sup>.

Assim, para além do nascimento do Povo N’taya, ficou registado como corolário daquelas viagens, o aumento acentuado da influência do movimento em Luanda e lá se construiu outra igreja, no chamado “Bairro dos congoleses”, onde Simão Toco passou a habitar e a desenvolver, paralela e ativamente, uma atividade reorganizadora da sua seita. No entender das autoridades coloniais aquela reorganização a breve trecho principiou a denunciar os propósitos político-subversivos que originaram a criação da seita no Congo Léopoldville em 1949, e não tardou muito mais que o Tocoísmo voltasse a estender-se por grande parte de Angola, causando sérias preocupações a que se tentou pôr cobro com a saída do Simão Toco, da província para a Metrópole, ocorrida em 18 julho de 1963<sup>339</sup>.

Sobre o aspeto político muitas vezes levantado pelas autoridades administrativas coloniais, o ancião João Daniel, quando questionado sobre como caracterizava o movimento tocoísta e se Simão Toco, defendia a liberdade religiosa e se a esta defesa, Toco associou uma componente política? Respondeu: *“bem, para ser sincero, digo que o que esteve na base da fundação era mesmo a religião. Nós queríamos entender a Bíblia e já tínhamos algumas aulas com o Profeta antes da descida do Espírito Santo. Relativamente ao aspecto político, tenho de dizer, que apenas a mensagem era de libertação do jugo colonial, não tinha um fim político definido. Mas existem alguns cânticos que levam a entender que o Tocoísmo se parecia com um movimento político”*.<sup>340</sup>.

Simão Toco deixou a entender com este breve trecho que as pessoas tinham olhos, observavam a realidade, mas não conseguiam decifrar o que se passava.

Em outro momento, João Daniel questionado sobre a questão política que pesava contra os prosélitos do movimento Tocoísta, respondeu o seguinte: *“acho que sim, a linguagem era político-religiosa, para os atentos [...], aquando da passagem de Simão Toco para o Sul, orientou ao mestre Dituvuila*

---

<sup>338</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 19.

<sup>339</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Evolução da Seita Tocoísta desde 1961 a 1965*, 03.04.1973, fl. 03.

<sup>340</sup> Entrevista a Almeida Ima, em Uíge, 25 de maio de 2016.

*Miguel, que dirigia o coro na hora de içar a Bandeira, entoar “Pela Pátria Cantaremos” temos nós nação feliz; ao invés do hino oficial “Viva Pátria, viva povo Português” e nas conversas com o dirigente do coro ficamos a saber que o Profeta havia se pronunciado nos seguintes termos: “cantem para saberem que Angola tem dono”. Acho isso como algo de caráter político”*<sup>341</sup>. A instrução passada por Simão Toco ao mestre do seu coro, indicia uma instigação a revolta, mas empregando os meios pacifistas no seu projeto de luta contra a dominação colonial, demonstrando mais uma vez a habilidade que tinha em embaraçar as autoridades administrativas ao fazer passar a sua mensagem muito importante entre os seus seguidores, mas de forma muito subtil.

Por outro lado, ele gostava de cantar, juntava crianças e as ensinava a cantar nas quatro vozes. Um cântico que me lembro que o Profeta nos ensinou e que deixava a entender um aspeto político, foi: “*Mfingi tatu, mfingi tatu, mesu mefwa; kadi mumona luna kansi bakisa nkatu*”, que em português posso traduzir: “três ratinhos cegos; porque estão vendo, mas não entendem”. Ele próprio foi o compositor e depois nós aprendemos e começamos a cantar”<sup>342</sup>.

Foi a interpretação destes hinos, versos bíblicos e outras manifestações de culto que levaram as autoridades coloniais portuguesas a enquadrar o Tocoísmo na mesma linha de pensamento dos movimentos políticos, que em Angola lutavam contra o poder estabelecido. Fruto dos acontecimentos que tomamos como exemplo, as autoridades tomaram determinadas medidas tendentes a limitar a influência do líder religioso e bem como em acabar com a expansão do movimento em Angola.

Na prossecução das medidas repressivas, em julho de 1963 considerou-se oportuna a ocasião para se afastar Simão Toco da província, pelo que, na sua qualidade de funcionário do Estado, foi transferido para os Açores, e colocado na ilha de S. Miguel<sup>343</sup>. Quanto ao seu posicionamento de manifesto apoio às autoridades coloniais, mesmo como prisioneiro e exilado, manterá a sua postura em relação aos movimentos de libertação de Angola, conforme evocamos

---

<sup>341</sup> Entrevista a João Daniel, em Uíge, 10 de maio de 2019.

<sup>342</sup> Entrevista a João Daniel, em Uíge, 10 de maio de 2019.

<sup>343</sup> Cf. ANTT/SCCIA: Cx. 262: PI 201, Informação n.º 187/G.P.-4-Pº-n.º 64-A: *Tocoísmo*, 10.07.1964, fl. 295.

na segunda versão da sua biografia referenciada no primeiro capítulo.

Numa entrevista concedida em 1974 sobre os movimentos independentistas e reacionários nas colónias portuguesas, o líder religioso manifestou-se contra a corrente que o considerava aliado das pretensões defendidas pelos movimentos de libertação ao declarar: *“a minha opinião sobre os movimentos de independência de Angola, porque eu sou angolano, francamente, eu não posso mentir, porque eu não sei que posso dizer, porque eu não conheço e nunca andei com eles, nunca convivi com eles e nunca reunia com eles, portanto, me custa agora saber a ideia deles. A minha ideia é religiosa. Só conheço entre esses políticos o António Agostinho Neto, que foi meu colega quando estudei em Luanda e ele foi para o continente cursar, porque tinha dinheiro e eu não tinha e por isso fui para a minha terra natal ajudar os missionários. E desde que entrei para os missionários, na mão deles, nunca mais saí deles, isto desde 1926 até 1949, depois de ter sido expulso e até hoje. Mas para explicar verdadeiramente sobre essa coisa de independências, eu não sei e só vim parar aqui nos Açores por causa da perseguição, porque os padres e o Estado não queriam que eu ensinasse a doutrina deles e quando cheguei para aqui, entrei logo para os serviços de farol”*<sup>344</sup>.

Simão Toco ao que parece procurou demarcar-se logo dos movimentos emancipalistas que em Angola lutavam contra o poder colonial, embora numa entrevista em 1974 diz que não conhecia os líderes dos movimentos, exceto Agostinho Neto, o que deixa transparecer uma estratégia adotada para manter o controlo do seu movimento e, acima de tudo, manter a linha de seu pensamento que contemplava o pacifismo que em África, mais precisamente em Angola foi seguido também por outros movimentos de cariz político.

Parece que essa postura de neutralidade se manteve por muitos anos entre os tocoístas. O estrato de uma correspondência de Tocoístas de Uaba/Huíla, em 1973 para o seu líder nos Açores, exprimiam o seu desagrado com a situação que se vivia dentro da Igreja através de um dos seus irmãos que havia enveredado por caminhos políticos. A correspondência rezava: *“Nosso irmão Simão Gonçalves Toco, nós os membros da igreja localizados nesta zona, estamos a apresentar a nossa declaração*

---

<sup>344</sup> Cf. Aimersoft Vídeo Studio Express, Simão Gonçalves Toco (1974), Documento Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=EZTDxCLSIFE>, (visto em 13.07.2017).

*sobre o caso do nosso irmão Armindo Manuel da Cruz, em Carmona, quanto a ideia dele. A Igreja do Colono de Uaba acham que desta maneira de ele ser político, ele não pode trabalhar mais no serviço da igreja, porque lembramos alguns mandamentos que nos dizem assim: não filiar-se ao lado da UPA, nem em qualquer outro partido político que não seja verdadeiramente cristão. Nós gostamos e estamos ao lado deste mandamento. Portanto, a Igreja de Uaba apresenta as suas opiniões: que o irmão Armando Manuel da Cruz fica fora da igreja com as suas ideias e nada de acrescentamento*<sup>345</sup>.

Tendo optado e manter-se neutro em relação aos movimentos emancipalistas, cremos nós que foi uma estratégia que funcionou bem e serviu os intentos de Simão Toco e que o ajudou a manter o controlo dos membros.

O papel dos “Tocos” na luta contra as autoridades coloniais portuguesas de forma pacífica ficou também demonstrado quando os seus seguidores promoveram em Luanda uma reunião de esclarecimento entre os membros da Igreja Tocoísta, tendo como base uma correspondência do líder na qual orientava que a Igreja Tocoísta receberia todos os homens de boa vontade e que nela não teriam lugar para aqueles que fossem adeptos da violência. Simão Toco sublinhou que a sua igreja não interferiria nos assuntos políticos de Angola e submeter-se-ia à autoridade estabelecida ou que viesse a ser estabelecida<sup>346</sup>. Foi a mesma estratégia de passividade que o fez anos mais tarde estar ao lado dos movimentos armados de libertação, sobretudo, nas vésperas da proclamação da independência, marcando mais uma vez a sua posição a semelhança que fez com as autoridades coloniais.

### **3. O Regresso de Simão Toco em Angola (1974) e a Proclamação da Independência.**

Depois de toda a situação que se desenrolou no norte de Angola em 1961/62, Simão Toco foi transferido para os Açores e que sua ida teve como causa imediata a acusação que pesou sobre ele de pouco fazer em prol das autoridades coloniais e levantar suspeitas de estar ao lado

---

<sup>345</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546-I, P. 2111: *Seita Tocoísta. Correspondência dos Membros da Igreja em Caconda no Colono de Uaba, Para Simão Gonçalves Toco*, 10.02.1973, fl. 140.

<sup>346</sup> Cf. ANTT/PIDE-DGS/DA: Cx. 7440, P. 6462: Informação N.º 36/66-SR-2ª Sec.: *Carta de Simão Sobre o Papel das Sucursais*, 11.06.1973, fl. 157.

dos movimentos emancipalistas a partir de 1961, constituindo o pano de fundo e a grande razão para o novo destino que havia sido imposto ao líder religioso.

Para Pimenta, a população angolana foi reagindo lentamente à queda da ditadura através da realização de manifestações de apoio à Junta de Salvação Nacional (JNS). Benguela foi a primeira cidade a reagir, mediante a organização duma sessão de apoio a JSN no dia 28 de abril de 1974. A par das demonstrações públicas, as franjas mais politizadas da sociedade colonial procuraram organizar-se em associações ou movimentos políticos (PIMENTA, 2008, 353-354), que tiveram a intenção de competir com os movimentos nacionalistas revolucionários que entre 1961 e 1974, com maior ou menor resistência visaram conquistar a independência pela via armada.

O 25 de abril de 1974 foi interpretado nos meios de comunicação da época como sendo o momento crucial que se constituiu na vida de Simão Toco para a realização do desejo de regressar em Angola e se juntar aos companheiros ou irmãos angolanos na luta contra o colonialismo. Aquela data acabou por proporcionar o estabelecimento de condições políticas para uma rápida resolução do problema colonial<sup>347</sup>. De facto, o golpe militar tinha também por objetivo acabar com a guerra colonial e definir uma solução política para o futuro das colónias portuguesas. Em Angola, as guerrilhas nacionalistas estavam numa situação de grande debilidade política e militar, uma consequência da natureza fragmentária do fenómeno nacionalista angolano e do facto da guerra ter sido combatida separadamente por três movimentos rivais: UPA/FNLA, o MPLA e a UNITA (PIMENTA, 2008, 348).

Logo em maio de 1974, o Comando-chefe das Forças Armadas de Angola emitiu um comunicado no qual anunciava que uma comissão de: *“representantes dos movimentos políticos integrados no Movimento de Defesa dos Interesses de Angola (MDIA), foi recebida pelo General-comandante Chefe, a quem foi exposta a situação do movimento decorrente do contexto político actual. O general Franco Pinheiro determinou que se tomassem providências relativas à concretização de alguns dos justos anseios daquele Movimento, tendo*

---

<sup>347</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI, *Diário de Luanda*, 03.08.1974, fl. 34.

nomeadamente transmitido ao Governo Provisório, através do Estado-maior General das Forças Armadas, o pedido expresso por aquela comissão para que se autorizasse o imediato regresso a Angola de Simão Toco, que vivia no Arquipélago dos Açores<sup>348</sup>.

Todavia, o repatriamento ainda não estava resolvido em julho de 1974 e o Diário de Luanda interrogava-se: “quando regressará a Angola o líder místico-religioso Simão Gonçalves Toco, que por decisão do Governo deposto em 25 de abril, tinha sido exilado no Arquipélago dos Açores [...] o regresso de Simão Toco a Angola foi pedido, por uma comissão de representantes das associações políticas integradas no Movimento de Defesa dos Interesses de Angola [...] o criador da doutrina Tocoísta está ausente de Angola vai para doze anos [...] expulso do Congo Léopoldville, em 1949, com o fundamento de praticar os ritos de uma doutrina místico-religiosa hierarquizada, pregando a vinda de uma ordem nova que, sob o reino de um novo Cristo, derrubaria as autoridades e poderes coloniais, para tomar o seu lugar e fazer reinar a justiça [...] a sua doutrina, o Tocoísmo, irradiou depressa de Maquela do Zombo para Luanda, Porto Alexandre, Moçâmedes, Caconda, Malanje, Benguela, Salazar, Carmona e Damba onde ainda existem núcleos de continuadores da sua doutrina, difundindo a mensagem que, segundo Simão Toco, na noite de 25 de julho de 1949, o Espírito Santo lhe confiou<sup>349</sup>.

O Diário de Luanda, publicado a 14 de junho de 1974, fazia referência sobre a possibilidade de Simão Toco regressar em agosto e a este respeito se podia ler naquele diário o seguinte: “Simão Toco regressa em agosto. O chefe religioso angolano Simão Toco, com residência fixa nesta Ilha desde há dez anos, declarou, nesta cidadã, tencionar regressar a Angola no próximo mês de agosto, depois de suas filhas mais novas concluírem os estudos que estão cursando nessa cidade. Simão Toco veio deportado para São Miguel quando deflagrou a insurreição armada em Angola, por alegadas ligações com os movimentos de libertação [...]. Simão Toco declarou agora pretender regressar a Angola, embora saiba que os movimentos de independência poderão criar-lhe dificuldades, pois nunca colaborou com eles, dado que o seu movimento é exclusivamente

---

<sup>348</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: *Periódico A Província de Angola*, 24.05.1974, fl. 23.

<sup>349</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 04.06.1974, fl. 25.



*espiritual*”<sup>350</sup>.

Outro movimento político que se mostrou favorável ao regresso do líder religioso Tocoísta em Angola foi o Partido Cristão Democrático de Angola, em julho de 1974. Num dos seus manifestos se podia ler que o “Partido apoia o regresso de Simão Toco a Angola”. Perante a onda de desordens verificada em Luanda e a falta de segurança da população, protestou, em telegrama enviado ao Presidente da República, “contra a presença em Angola de pessoas incapazes de manterem um clima de paz e de segurança” e pediu o saneamento imediato da Rádio e de Imprensa<sup>351</sup>.

A delegação que esteve em Lisboa em 23 de julho de 1974 teria manifestado ao Presidente da República o desejo de verem o líder religioso Simão Toco regressar brevemente à sua terra. No dia 25 de julho de 1974 o Dr. António Joaquim Ferronha e Dongala Garcia seguiram para os Açores onde contactaram com Simão Toco. A mesma delegação contactou com angolanos radicados na capital portuguesa<sup>352</sup>.

Em agosto de 1974 as informações sobre a viagem de Simão Toco foram acompanhadas com maior atenção, sobretudo, pelo Diário de Luanda, que chegou a publicar uma mensagem do líder para os seus seguidores tocoístas, onde demonstrou o seu desejo de regressar e juntar-se na construção de uma Angola inclusiva. A mensagem rezava: *“eu nunca os deixarei. Dentro em breve convosco. Nós, os tocoístas, e os cristãos, todos nós trabalhamos para Deus, vamos nos unir para formarmos uma Angola muito maior, muito próspera e cheia de paz para a glória do Senhor. Vamos cooperar com fé, com o Partido Cristão Democrático. Em breve estarei convosco. Então, juntar-nos-emos, dentro de Angola, para formar um Governo bom e uma união geral de todos. Não será com a nossa força. Vamos é pedir a Deus nas nossas orações. Ele há-de estar ao nosso lado, para nos atender e tornar realidade o nosso projecto”*<sup>353</sup>. Ver anexos números 05 e 06, que se referem as notícias que circularam a nível, sobre o seu regresso e

---

<sup>350</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 14.06.1974, fl. 26.

<sup>351</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 160, *Relatório de Situação n.º 639*, 18.07.1974, fl. 13.

<sup>352</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 160, *Relatório de Situação n.º 642*, 08.08.1974, fl. 16.

<sup>353</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 29.08.1974, fl. 32.

o papel que teria no seio cristão.

Pela imprensa de Luanda podemos seguir tal acolhimento. O Diário de Luanda de 31 de Agosto de 1974 escreveu que um ambiente festivo acompanhou a chegada de Simão Toco que ao descer do barco tinha sido, literalmente, envolvido pela multidão que o recebeu com cânticos religiosos, em que se davam graças a Deus pelo regresso. Era a vitória da justiça, diziam. Cantavam em português, num coro cheio de harmonia, que todos os fiéis presentes acompanhavam. Para os tocoístas aí residentes, regozijavam-se, pois que no seu entender era o mensageiro que voltava para dizer numa linguagem que só ele sabia exprimir, que um dia Jesus Cristo ensinou aos homens. O carismático líder religioso teve, naquela manhã, milhares de pessoas à sua volta. As estimativas fazem referência de cerca de vinte mil pessoas que foram ao Porto de Luanda receber o líder religioso<sup>354</sup>. Simão Toco conseguiu realizar um dos primeiros desejos seus, que era obter autorização das autoridades administrativas para liberdade de culto dos tocoístas em toda a extensão de Angola.

O percurso que Simão Toco fez na “Avenida Paulo Dias de Novais” de Luanda revela a sua popularidade: *“enquanto muitos voltavam a tomar os autocarros, Simão Toco quis ir a pé com os outros. Formou-se então um grandioso cortejo, seguido de muitos carros e motorizadas, pelas ruas da cidade, interrompendo o trânsito em muitas zonas. Da multidão que avançava, começaram a exhibir-se a dada altura fotografias de Simão Toco. Na rua do Buco-Zau, entre os blocos habitacionais do antigo bairro de S. Paulo, o ambiente era de festa, com as ruas decoradas com arcos forrados de papel branco e verde. Principiou, imediatamente, uma cerimónia religiosa, tendo, no final Simão Toco feito algumas interpretações da Bíblia, fazendo apelos à paz entre os homens”*<sup>355</sup>.

Na opinião pública local, mais precisamente na imprensa angolana (pró-colonial ou em transição), circulou a informação de que era o regresso de um homem da paz e que o retorno aumentou o seu prestígio religioso e lhe conferiu também outra dimensão política diante dos

---

<sup>354</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-Cl.: *Diário de Luanda*, 31.08.1974, fl. 18.

<sup>355</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-Cl.: *Diário de Luanda*, 31.08.1974, fl. 25.

líderes dos movimentos emancipalistas e que ele chegou ainda mais “aureolado com o dever cristão para com o seu semelhante, não apenas no dever de dignificá-lo na sua condição humana, como fazer que se lhe respeitassem a cor da pele que Deus lhe tinha dado. Desse modo, não apenas a maioria dos angolanos natos, como o homem com fé angolana por adoção, poderia e deveria colaborar na construção de uma Angola próspera, onde uma sociedade organizada deveria ser constituída por homens e mulheres amantes da justiça cristã, defensores da liberdade do pensamento caritativo para com os necessitados de amparo na vida [...]. A alegria, o entusiasmo e o fervor cívico com que Simão Toco foi recebido ao desembarque no Infante D. Henrique, só é demonstração de que os homens que se sacrificam por um ideal, que beneficie e proteja o ser humano dos vícios, da concupiscência e do egoísmo, são esses os mais dignos de ser amados. Simão Toco chega justamente numa hora em que assume a responsabilidade para com os concidadãos de orientá-los no sentido de se protegerem dos oportunistas”<sup>356</sup>.

O próprio líder religioso caracterizou o seu regresso como o alcance de uma grande vitória e sentiu-se muito feliz ao pisar o solo pátrio e demonstrou-o percorrendo algumas artérias da cidade de Luanda a pé. Numa entrevista declarou: “*os que me diziam que me iam matar, em vez de me darem tiros, acenavam para mim, das janelas, da rua, por onde eu passava, com amizade. Era preciso fazer o que fiz para provar às pessoas que me tinham avisado que nem tudo está perdido em Angola. É preciso provar que pode haver harmonia, que pode haver paz*”<sup>357</sup>, referindo-se, certamente, ao conflito independentista que opunha Portugal de um lado e os movimentos de libertação por outro lado, e que se digladiavam de forma renhida e sangrenta para o controlo de Angola, acentuando assim a sua perspectiva de uma transição pacífica.

E soube-se também que o líder religioso Simão Gonçalves Toco, logo no “dia do seu regresso (31 de Agosto de 1974) a Luanda, foi recebido, em audiência, pelo Almirante Rosa Coutinho, Presidente da Junta Governativa de Angola. Esteve acompanhado de colaboradores

---

<sup>356</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *A Província de Angola*, 01.09.1974, fls. 17-18.

<sup>357</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 02.09.1974, fl. 20

próximos e também de membros do Partido Cristão Democrático de Angola, entre os quais, o Secretário-geral daquele partido, Dr. António Joaquim Ferronha, que na ocasião referiu-se na necessidade de serem restituídos aos Tocoístas os seus bens de cultos que tinham sido confiscados pelo regime deposto em 25 de Abril<sup>358</sup>.

Na semana de “7 a 14 de Setembro de 1974, Simão Toco participou como convidado na sede do PCDA, em Luanda, no «colóquio de divulgação do ideário», tendo dirigido uma mensagem de fraternidade cristã a todos os presentes<sup>359</sup>.

Uma vez em Angola, Simão Toco, embora desde cedo negou conhecer os líderes dos movimentos de libertação, na sua condição de líder religioso do movimento Tocoísta que gozava de muito prestígio junto das massas angolanas nativas, aproveitou-se da melhor forma daquela posição para uma vez mais fazer viver o sonho do alcance de independência através de uma plataforma. Tal agenda, uma plataforma de entendimento, voltaria a ser visível logo após a chegada das Delegações Oficiais dos movimentos emancipalistas a Luanda. O chefe religioso tomou a iniciativa de deslocar-se às respetivas sedes com o objetivo principal de, em seu nome e em nome dos seus correligionários, apresentar cumprimentos de boas vindas e oferecer a sua colaboração para a causa independentista<sup>360</sup>.

Na visita às sedes das delegações dos movimentos de libertação da FNLA e da UNITA, as fontes não são muito incisivas sobre o assunto, foi dispensada a Simão Toco e sua comitiva o melhor acolhimento, ao passo que na sede do MPLA, no Bairro Rangel, os visitantes foram recebidos de maneira menos cordial e muito fria pelos militantes daquele movimento. O Presidente do “movimento emancipalista” MPLA, Agostinho Neto, a partir de Brazzaville, dirigira uma mensagem ao “líder religioso da seita tocoísta”. A mensagem rezava o seguinte:

*“Caro compatriota: muito embora não te tenha encontrado desde os tempos do liceu, não deixei por isso de conhecer a tua actividade nacionalista e o teu sacrifício em prol da nossa Pátria. É hoje para mim motivo de grande regozijo*

---

<sup>358</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI: *Diário de Luanda*, 02.09.1974, fl. 20.

<sup>359</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 161, *Relatório de Situação n.º 648*, 19.09.1974, fl. 17.

<sup>360</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI; *Diário de Luanda*, 19.12.1974, fls. 4-5.

*saber-te de novo em Angola. Neste momento crucial da nossa existência nacional, em que se jogam os destinos do nosso País, espero que a tua lucidez patriótica continue a dirigir muitos dos nossos compatriotas para os caminhos da Liberdade, Independência e Progresso, que nós também perseguimos. Formulo para ti e para a tua família os melhores votos de boa saúde e prosperidade. Aceita, caro amigo, os meus mais sinceros cumprimentos*<sup>361</sup>. A atitude diferenciada de tratamento levou o líder a fazer um pronunciamento em gesto de balanço das atividades desenvolvidas junto das três sedes dos movimentos de libertação: *“creio que a nossa independência não vai ser conseguida sem correr ainda muito sangue. Todavia, se os irmãos negros que se dizem defensores dos povos, mas que, afinal, não passam de assassinos que pensam que é necessário haver mais sangue para se conseguir a paz, afirmo, que eu e os meus irmãos não iremos pegar em armas para consegui-lo*<sup>362</sup>.

Para a proclamação da independência e da paz, na prática, a ação libertadora de Simão Toco e do Tocoísmo consistiu na reversão da ordem colonial e da estrutura social opressora instaurada pelo colonialismo português e procurou criar uma plataforma de entendimento entre os três líderes dos movimentos de libertação (BATSİKAMA, 2018, 158). São vários os pronunciamentos do líder religioso feitos neste sentido, tais como: *“não me pouparei a esforços para conseguir que a paz volte a todos os irmãos angolanos”*.

No ideário de Simão Toco na defesa da independência de África e em particular de Angola, deixou a entender que queria contar com os líderes dos três movimentos de libertação para que uma transição pacífica do poder, quando em agosto de 1974, expressou-se de seguinte: *“temos de lutar, não com armas. A nossa luta não é de armas. A nossa luta é com a mensagem de Deus. Vamos ensinar a sua mensagem. Uns terão de ir ao encontro dos outros. Vemos nos dias de hoje brancos a matar pretos e pretos a matar brancos. Ora, Deus não quer isso. Temos de lhes falar abertamente, convencê-los de que deve haver paz, que deve haver harmonia e fraternidade cristã*<sup>363</sup>.

Apesar do distanciamento das políticas traçadas pelos movimentos de libertação, Angola constava da agenda de paz de Simão Toco. Aquele líder procurou participar no projeto

---

<sup>361</sup> Cf. Periódico *Província de Angola*, 19-10-1974.

<sup>362</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-Cl.: *Diário de Luanda*, 19.12.1974, fls. 4-5.

<sup>363</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-Cl.: *Diário de Luanda*, 29.08.1974, fl. 32.

independentista de Angola e foi neste sentido que teve uma curta estadia em Lisboa, como se pode verificar no trecho a seguir: *“Lisboa de 27 a 30 de setembro de 1974, como participante da Reunião Magna presidida pelo então Presidente da República, o senhor General António Spínola, o líder religioso Simão Toco regressou imediatamente a Luanda e, entre outubro e dezembro de 1974, o pacificador Simão Toco estabeleceu uma plataforma de diálogo entre os três líderes dos movimentos guerrilheiros”* (KISELA, 2004, 220).

Sobre esta reunião, existem dados nos Relatórios de Situação número 652 do SCCIA de 17.10.1974, p.2 e 14-20, a propósito do convite feito pelo general Spínola a entidades angolanas, na grande maioria relacionadas com movimentos ou associações cívicas, surgiu um panfleto com o timbre “Comité “Vitória ou Morte”, do MPLA, com o seguinte teor: “Camaradas: Quem são os fantoches colonialistas, capitalistas e traidores do Povo Angolano que foram chamados a Lisboa pelo General Spínola? Alguns deles são já nossos muito bem conhecidos como reacionários-racistas e separatistas, inimigos do povo e da pátria angolana. É, no entanto, muito importante, que todos os nacionalistas e patriotas angolanos, combatentes da liberdade, fixem bem nas suas cabeças os nomes desses fantoches reacionários e divisionistas, para depois os varrermos definitivamente da nossa terra sagrada. Quem são eles então? O reaccionário e abastado colonialista Dr. Ferronha, do separatista PCDA, o Colaboracionista Simão Toco, agora feito político à pressa, revelando um lamentável oportunismo; o chantagista Ruy Correia de Freitas, do jornal “A Província de Angola”, panfleto que dá diário e criminoso acolhimento a todas as manifestações dos grupelhos políticos da reacção; o capitalista e industrial Henriques Miranda da “Confiança” e “Mundial” de Angola, empresa colonialista de Seguros; o traidor e o farsante Angelino Alberto, da UNA; suposto engenheiro, suposto líder e suposto angolano; o ex-PIDE João Pedro M’bala, denunciante e traidor de patriotas angolanos; o astucioso comerciante Dr. Fernandes Vieira, hesitante político e habilidoso colonialista; o separatista e flekista André Míngas, traidor dos sagrados direitos do Povo Angolano; o fascista e colonialista João Fernandes, do reacionário “Notícia”; o Dr. Mário António, poeta angolano vendido aos interesses colonial-

imperialistas; o Teófilo José da Costa, mais conhecido pelo “Cu de Palha”, bufo confesso e comprovado, agora em makas com o seu compadre e também bufo desmascarado Dias da Silva, ambos paridos pela imunda “Tribuna dos Muceques”; o colonialista Eng. Orlando Ferreira, outro oportunista de geração espontânea; o criminoso e explorador racista José Ferreira Lima, ladrão de terras de Carmona, cuja fortuna foi construída à custa do suor do trabalhador angolano; os MOPUAS Dr. Pinto da Cruz e Dr. Campos de Oliveira, neo-colonialistas e racistas de Nova Lisboa; o Fernando Lisboa Fernandes do Lobito, outro reacionário capitalista e oportunista; o Aguiinaldo Barata e o seu compincha Eduardo Centeno, de Benguela, este último representante da cidade das Acácias do fantoche PCDA; o Eng. Cardoso e Cunha, genro do explorador e colonialista Venâncio de Guimarães Sobrinho, também ele um miserável reacionário; o Dr. Emídio Fernandes, mais conhecido pelo “FARRICA”, com um largo cadastro de fascista; ainda o traidor Paulo Mulundo, de Sá da Bandeira e o FUA Dr. Pedro Gomes, de Silva Porto, comparsa do Falcão na fantochada do sul; e também o Dr. Ursulo Antunes da Cunha, de Moçâmedes, herdeiro abastado de uma família de exploradores colonialistas.

Camaradas:

São estes os fantoches que foram convidados a ir a Lisboa, e que lá foram exemplarmente recebidos pelos camaradas nacionalistas estudantes que se encontram em Portugal, cá ficaram à espera deste grupelho de fantoches, o Raposo de Magalhães, do Banco Pinto&Sotto Mayor e do Comércio, o miserável reacionário que vibrou imenso com a “Independência Fantasma do Rádio Clube de Moçambique”; o Eng. Costa Ferreira do PCDA imundo financiador; o comparsa Alfredo Fernando de Matos, também do PCDA, outro imundo financiador da reacção e ladrão de terras do povo Angolano; o colonialistas e racistas Martins Nogueira e Cosme Varandas; os traidores angolanos Dongala Garcia e Emílio Lucao, do PCDA; o viajante Jaime de Araújo e o seu compincha Onofre Martins dos Santos; e finalmente o ardiloso Falcão, que se infiltrou na Junta Governativa, para a boa maneira fascista e colonialista, poder dar

as golpadas a tempo e horas.

Camaradas:

É muito importante que metas na tua cabeça todos estes nomes dos inimigos do povo, racistas, reacionários, colonialistas e exploradores, que não querem ver libertada a nossa pátria. Está atento e vigilante, une-te e mobiliza-te à volta do nosso querido Movimento Popular de Libertação de Angola! Escuta as palavras de ordem do Camarada Presidente, através do nosso Angola Combatente! Reúne-te às milícias populares, e trabalha com toda a tua força e querer até a vitória final, que só será conseguida com a obtenção da independência completa!”<sup>364</sup>.

Relativamente ao problema da independência de Angola e a forma como Simão Toco envolveu-se, entendemos que o líder religioso tinha um projeto e que o mesmo passava por educar as pessoas a fazerem o bem e evitarem o mal. Essa percepção faz-nos recordar a primeira organização que ele fundou, que tinha este objetivo. Mesmo com esta definição no processo de luta de libertação, em nenhum momento se pode notar a diminuição do seu patriotismo.

O seu projeto contemplava a construção de escolas, hospitais e outros estabelecimentos de ordem social e para tal, ele iria trabalhar para que os três presidentes dos movimentos de libertação e representantes do nacionalismo político revolucionário que altura contavam com maior representatividade a nível nacional (FNLA, MPLA e UNITA) se unissem diante do único objetivo que defendiam, o alcance da independência. Idealizou que com a união entre os três maiores contendores seria assegurado um efetivo progresso de Angola e que a sociedade seria inclusiva, onde todos pudessem se rever. Neste programa de independência pela via da religião, concluímos que em primeiro lugar era a sua vocação e em segundo lugar, porque não quis o derramamento de sangue dos irmãos angolanos. Essa rutura poderia ser feita sim, mas desde que se evitasse o caminho da violência que se seguiu após o ano de 1975 (BATSİKAMA, 2018, 159).

Fazendo uma leitura do ambiente que se vivia em Angola e uma vez que as posições dos líderes dos três movimentos mais influentes na arena política daquela altura eram completamente

---

<sup>364</sup> Cf. ANTT/SCCIA, Livro n.º 161, *Relatório de Situação n.º 652*, 17.10.1974, fls. 11-12.



antagónicas e que estas diferenças eram visíveis na esfera nacional e internacional, aquele líder religioso manteve contactos com Holden Roberto, Agostinho Neto e Jonas Savimbi e persuadiu-os para que se sentassem à mesa de conversações e deixassem de fora todas as divergências e ambições pessoais que os obrigava a guerrear-se entre si. Foi assim que em 1974, depois de consumado o regresso de Simão Toco e fruto dos constantes apelos à unidade e a reconciliação entre as pessoas dos vários quadrantes e identidades políticas e religiosas, chegou-se a quebrar o distanciamento que se viveu durante os anos de 1961 com Holden Roberto e com a FNLA. Seguindo o documentário “*O Senhor da Paz*”, de Francisco Montanha Rebelo, em 1974-1975, é possível situar historicamente o líder religioso naquele período. Entre os dias 22 a 24 de novembro de 1974, Simão Toco e alguns membros da sua igreja, deslocaram-se a Kinshasa a convite de Holden Roberto que coordenara uma reunião de entendimento com Jonas Savimbi, Presidente da UNITA.

Holden Roberto propôs a “Jonas Malheiro Savimbi que cessasse toda e qualquer tipo de hostilidades para com a FNLA e convidou-o a ir a Kinshasa, no seu Quartel-general para se encontrarem e firmarem um acordo de paz duradouro entre ambos. Savimbi aceitou o convite e a proposta de paz apresentada por Holden Roberto e acordaram também, que pelo seu peso político, deveriam ter na sua presença o líder religioso Simão Gonçalves Toco na cerimónia de reconciliação, tendo convidado o fundador e guia espiritual da Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, para o ato solene. Simão Toco aceitou, pois, desejando que qualquer um daqueles senhores da guerra, tomassem consciência de que deviam trabalhar para a paz e o progresso do povo de Angola e querendo ainda que todos respeitassem as comunidades tocoístas situadas nos territórios sobre os quais eles exerciam o poder e também queria manter boas relações com eles para se aproveitar da ocasião para lhes lembrar e reforçar os seus objetivos”<sup>365</sup>. Nesta cerimónia estiveram ainda presentes “Manuel Barros Nekaka, tio de Holden Roberto, fundador e homem

---

<sup>365</sup> Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo – Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA> (acesso em 21.11.2017).

forte da UPA, por detrás do sobrinho; e estavam a acompanhar Simão Toco os membros da Igreja, Muanga Pedro, Vemba Ambrósio e entre outros<sup>366</sup>. O encontro entre Holden Roberto e Jonas Savimbi daquele ano ficou muito bem documentado por autores como Maciel (1963); Pimenta (2008); Wheeler e Pélissier (2009), mas nenhum destes autores refere a participação de Simão Toco no encontro que selou a “paz” entre aqueles dois líderes políticos.

Mesmo tendo participado da reunião que devia selar a reconciliação entre Holden Roberto e Jonas Savimbi, o homem religioso havia dispensado uma atenção especial para o líder da UNITA: “*Simão Toco deslocou-se a casa do Dr. Jonas Savimbi, que esteve instalado numa casa cedida pelo Presidente do Zaire, Mobutu Sese Seko Nkuku Ngbendu wa Za Banga, Presidente desde 1965, situada no Condomínio Presidencial, La Cité Internationale [...] naquela visita apareceu mais tarde outra figura nacionalista angolana, Daniel Chipenda, membro dissidente do MPLA, que veio expressamente para cumprimentar e prestar a sua homenagem a Simão Toco*”<sup>367</sup>. A visita em privado realizada terá servido para mostrar respeito pelo líder da UNITA e na possibilidade de ser visto como aliado e homem a ter em conta no processo de transição política.

Seguindo ainda a mesma fonte, no intento de promover a reconciliação nacional e definir o seu papel no quadro nacionalista angolano, o líder religioso efetuou outra viagem ao Luena-Luso, entre os dias 08 a 10 de março de 1975, para encontrar-se novamente com Jonas Savimbi a fim de lhe transmitir a mensagem da necessidade de união em torno da causa angolana. Toco que foi “*acompanhado de Muanga Pedro, Francisco Montanha Rebello e outros membros do Tocoísmo, disse ter conhecido Savimbi e como tal poderia reforçar a sua pressão junto do Presidente da UNITA. A intenção de Simão Toco era uma vez mais, levar o Presidente da UNITA a pensar mais na paz que na guerra, desejar mais o progresso do povo angolano e não no poder sobre esse mesmo povo; procurar acertar políticas de cooperação*”

---

<sup>366</sup> Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA>, (acesso em 21.11.2017).

<sup>367</sup> Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA>, (visto em 21.11.2017).

*com os outros movimentos de libertação, em vez de procurar os enfrentar e combater*<sup>368</sup>.

No trabalho em prol da aproximação, reconciliação e entendimento político entre os três homens fortes dos movimentos de libertação, reconhecidos como os únicos interlocutores para a transição pós-colonial. Sabe-se da boa relação que manteve com Agostinho Neto<sup>369</sup>, Presidente do MPLA, com quem se encontrara entre o ato de Kinshasa e a reunião do Luena. Francisco Rebello interpretou esta agenda de Toco, como “*cumprindo a sua missão de pacificador junto dos três vértices de poder em Angola*”<sup>370</sup>.

Outro episódio marcante no ano de 1975 e que ilustra bem a aproximação entre Simão Toco e Agostinho Neto aconteceu quando a sua casa foi assaltada e lhe roubado inclusive viaturas que lhe tinham sido ofertadas por Holden Roberto, tendo o líder religioso queixado ao Governo e acusado os militantes do MPLA pelo sucedido. Reagindo à triste situação, o Presidente do MPLA, naquela ocasião demonstrou o seu apoio através de uma carta (19.07.1975), em papel timbrado do Movimento Popular de Libertação de Angola, dirigida ao Venerável Simão Gonçalves Toco, Representante da Igreja de Cristo no Mundo. Eis o teor da mesma: “[...] *soube com grande constrangimento do roubo de suas viaturas e a prática de outros danos morais, por supostos membros da nossa Organização [...] e a única reparação possível aos criminosos, que será a sua perseguição criminal. Espero que os antigos laços de amizade que sempre nos uniram consigam apagar os acontecimentos graves que tiveram lugar*”<sup>371</sup>.

Entretanto, a 05 de janeiro de 1975, no Kenya e sob a mediação do Presidente Jomo Kenyatta, os três Movimentos de Libertação de Angola chegaram a uma “plataforma de entendimento” na Cimeira de Mombaça. Em seguida, os mais altos dirigentes da FNLA, do MPLA e da UNITA, chegaram a Portugal para negociar a independência do país, e entre 10 a 15

---

<sup>368</sup> Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo, Part 02, in <https://www.youtube.com/watch?v=bfjH6rHy5WQ>, (acesso em 20.11.2017).

<sup>369</sup> Seu amigo de sempre, desde os tempos do Liceu.

<sup>370</sup> Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo – Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA>, (acesso em 21.11.2017).

<sup>371</sup> Cf. Simão Toco: O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 01, in <https://www.youtube.com/watch?v=EP-r-WXmvzA>, (acesso em 21.11.2017).

de janeiro de 1975 assinaram com o Governo Português o Acordo de Alvor que previa a criação de um Governo de Transição, a formação de um exército único e a convocação de eleições gerais antes da independência de Angola, marcada para 11 de novembro de 1975 (CORREIA P. P., 1991, 125; MBAH, 2010, 293-96). Poucos meses depois da assinatura daqueles acordos, e da consequente criação do Governo de Transição que tomou posse a 31 de janeiro daquele ano, o líder religioso desdobrou-se em esforços constantes para que aquela base de entendimento se mantivesse firme e trabalhou para que aqueles acordos fossem cumpridos na íntegra. Neste quadro se integrou a visita a Savimbi, em março de 1975. Embora não seja conhecida a ação de Toco nesta fase do processo angolano, a influência do líder religioso junto da liderança dos três movimentos no primeiro semestre de transição sugere que terá contribuído de forma indireta para aproximação vivida. Estes acordos de uma ou de outra forma, terão tido a mão do pacifismo pregado e ensinado por Simão Toco.

Atendendo ao dinamismo que demonstrou na fundação do seu movimento, na relação com as autoridades coloniais e mais tarde junto dos movimentos de libertação, chamado a definir o seu papel na luta de libertação contra o jugo colonial, Simão Toco dizia que a sua missão, a sua luta, era de resto a de procurar conseguir que todos se compreendessem e que todos se unissem, uma vez que o povo se encontrava dividido devido às divergências políticas e outras. Por isso, trabalhar e atrair todos para a mesma ideia era um dos seus objetivos, apesar de reconhecer que reunir todos os líderes e seus movimentos correspondentes no mesmo ideal pacifista seria um trabalho muito difícil, mas era necessário dizer a essas pessoas que todos eram irmãos, pois que no seu entender, muitos ainda não tinham ouvido a voz de Deus que mandava depor as armas<sup>372</sup>.

Mas todos os esforços para uma transição pacífica fracassaram. Em 27 de julho do ano da sua assinatura, Portugal dava por suspenso o Alvor. Antes disso e antevendo um fracasso do Governo de Transição, Simão Toco, a 25 de julho de 1975, na celebração de mais uma data comemorativa da fundação da Igreja (Bairro Popular, Rua do Bucu Zau, Bloco n.º 06) e na

---

<sup>372</sup> Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CII.: *Diário de Luanda*, 29.08.1974, fl. 32.

presença de cerca de cinquenta mil fiéis, declarou que alguns eram loucos e que se comportavam como crianças e que para isso os tocoístas lhes mostrassem a verdade, pois, só a verdade os libertaria. Com esse discurso, levantaram-se dúvidas se muitos queriam conhecer tal verdade, ou se só acreditavam na verdade deles, uma vez que cada um tinha a noção da sua verdade e que os demais só eram portadores da mentira<sup>373</sup>.

O pacifismo defendido por alguns movimentos políticos e mais tarde seguido por Simão Toco, não venceu em Angola, fruto das grandes divergências de orientação e de projetos de governação que muitos dos líderes pretendiam implementar depois que se proclamasse a independência na província Ultramarina. As diferentes formas de orientação política ficaram bem patentes na história recente de Angola, mais precisamente depois de 1975 ano em que se proclamou o fim da luta de libertação contra o jugo colonial e dando início a uma longa guerra civil que opôs principalmente o MPLA, na altura liderado por Agostinho Neto e a UNITA de Jonas Savimbi.

---

<sup>373</sup> Cf. O Senhor da Paz, Documento Vídeo Part 03, in <https://www.youtube.com/watch?v=C8n-ijwGoaw>, (acesso em 21.11.2017.)

## CONCLUSÃO

É oportuno dizer que o estudo da descolonização e independência de Angola revelou-nos outras facetas e figuras que fora do ângulo dos movimentos emancipalistas de cariz político, desenvolveram ou participaram da luta contra o colonialismo português e foi com base nesta leitura que Lúcio Lara observou: “*o nome de Simão Toco está inscrito entre os iniciadores do nacionalismo moderno como mobilizador da juventude dos anos cinquenta, sobretudo da juventude zombo, que teve um interessante papel cultural através de coros e outras ações políticas?*” (LARA, 2008, 11).

O estudo fez uma circunscrição do movimento Tocoísta tendo como base os fundos documentais coloniais e também do acesso que tivemos das primeiras publicações e com as quais procuramos traçar a trajetória de Simão Toco no período compreendido entre 1949 a 1975.

Para cumprir com os objetivos definidos, o estudo foi desenvolvido em quatro capítulos. No primeiro capítulo tratou-se do Tocoísmo e das religiões africanas como fenómeno político, abordando essencialmente o Estado da Questão e as Perspetivas de Investigação. O segundo capítulo estudou a História de Simão Toco e a Fundação do Movimento Tocoísta, reconstituindo o historial biográfico nos seus pontos religioso e político do líder, começando com o seu nascimento até ao ano de 1974; tratou também da Fundação do Tocoísmo, Base doutrinária e Preceitos. Já o terceiro capítulo analisou a Expansão da Igreja Tocoísta para o Norte (1950), como resultado da expulsão do Congo Léopoldville; mereceram nossa atenção a criação do Centro Doutrinário; a chegada para o Centro e Sul de Angola e o exílio que foi imposto a Simão Toco nos Açores, que definimos como o início da liderança postal (1963 até 1974); finalmente, este capítulo abordou a Organização Hierárquica do Movimento Tocoísta e as Relações do mesmo com a Administração Colonial em Angola. Para o quarto e último capítulo, ficou-se no estudo do Tocoísmo, dos Movimentos de Libertação e a Questão da Cooperação Colonial, onde depreendemos que o antigo território do Reino do Kongo constituiu-se no

Alfobre do Nacionalismo Religioso e Político Angolano; focamo-nos também no Tocoísmo, a FNLA, a Administração Colonial e a Luta Pelo Controlo do Norte de Angola e finalizamos o capítulo estudando o Regresso de Simão Toco em Angola (1974), o Homem Por Detrás de Mombaça e Alvor.

Com base a reconstituição da biografia de Simão Toco conseguimos redefinir o seu trajeto até à fundação do Tocoísmo, facto que veio ditar a relação com as autoridades coloniais portuguesas, que por sua vez, o colocaram constantemente sob vigilância, prisões, mudanças e fixação de residência, desde o Norte, Centro e Sul da colónia, culminando com o exílio ou transferência para os Açores, tornando-o num verdadeiro cidadão do império ultramarino português.

No postulado de Simão Toco, o momento de separação definitiva com as igrejas batistas ocorreu a partir de 1946, depois da realização da Conferência Protestante em Léopoldville e seguido da celebração das festas da Missão de Kibocolo, onde o Coro de Simão Toco esteve presente e entoou o hino que não esteve no programa dos missionários e que pelo seu conteúdo foi classificado de subversivo, o que marcava o distanciamento com os objetivos definidos na celebração das festividades.

O momento fulcral da fundação do movimento ocorreu em 1949, no dia 25 de julho, data celebrada até hoje como a data oficial da fundação da Igreja, momento considerado por Simão Toco e pelos seus fiéis como sendo da descida do Espírito Santo em África (Atos dos Apóstolos 1, 2), livro bíblico evocado várias vezes pelo líder e fundador e seguidores que estiveram com ele naquela noite durante a oração. Foi com base ao ideal Tocoísta que aquele líder vai falar da libertação dos povos africanos e mais precisamente no campo da emancipação cultural e social.

Depois deste acontecimento tão importante na vida de Simão Toco e dos membros do seu coro, que agora se convertem em seguidores da nova “Igreja”, os primeiros convertidos são

expulsos pelas autoridades belgas, acusados de perturbarem a ordem pública e praticar ritos de uma religião místico-religiosa, mas que no fundo não passou de denúncias feitas pelos missionários da antiga missão baptista onde Simão Toco esteve em serviço. Assim, em 1950, os presos políticos foram entregues às autoridades coloniais portuguesas na fronteira entre os dois países e encaminhados para o Vale do Loge para trabalharem nas plantações de café. No entender das autoridades coloniais, aliar Simão Toco à antiga missão seria uma forma de reativar a sua velha esperança, útil a fim de fragilizar a atividade e criatividade do líder religioso. Essas estratégias dos opostos aos ideais de Simão Toco não tiveram sucesso, o novo líder manteve-se firme na sua convicção e nunca perdeu a fé com o Espírito Santo que o visitara e por isso foi perseguido e sujeito a constantes transferências.

Simão Toco adotou, de forma paulatina, uma doutrina, apoiando-se na Bíblia e enquadrou a Santíssima Trindade Cristã e incorporou uma série de ritos, sacramentos e mandamentos a base do protestantismo. Criou uma simbologia que pudesse caracterizar a sua Igreja e os seus membros.

Entende-se que foram as sucessivas transferências impostas quer a Simão Toco, bem como aos seus demais colaboradores que favoreceu a expansão e conseqüente disseminação da Igreja Tocoísta, para além das zonas de influências do povo bakongu e acabando por dar a nova doutrina uma dimensão nacional.

Embora estando sujeito a inúmeras transferências que vieram culminar com o exílio nos Açores, no topo da hierarquia Tocoísta, continuará a estar o líder e fundador do movimento, que vai melhorar e reforçar a organização já trazida do Congo Léopoldville. Houve momentos em que a liderança foi contestada, mas o respeito e admiração que lhe demonstravam muitos dos seus seguidores, até porque Simão Toco soube lidar da melhor forma com o assunto através do uso da Bíblia, recorrendo quase sempre àquele livro Sagrado para defender seus ideais e liderança junto das massas tocoísta, através de vários textos e citações bíblicas, de que demonstrou ter um



grande domínio.

Partindo dos vários elementos que marcaram a história de Simão Toco e do Tocoísmo em Angola, percebe-se que desde a fundação daquele movimento criou-se a consciência de se opor a algumas políticas das autoridades coloniais portuguesas e também dos métodos postos em prática pelos movimentos de libertação, relativamente ao alcance da independência de Angola.

Nesta sua luta contra a dominação colonial portuguesa em Angola, Simão Toco adotou um tom conciliador e nunca optou numa rutura direta com as forças políticas que dominavam o poder. Tornou-se um homem obediente perante as autoridades e foi esta mensagem que conseguiu transmitir aos seus membros e até encorajando-os a estudarem a língua portuguesa para melhor se adaptarem à sociedade. Por outro lado, posicionou-se contra a via seguida pelos três grandes movimentos da época: UPA/FNLA, MPLA e mais tarde UNITA, que foi a da violência armada. Por esta razão, o seu papel na luta contra o colonialismo foi entendido e definido por alguns como dúbio, pois que em alguns momentos posicionou-se ao lado das autoridades coloniais portuguesas e convocando os seus seguidores a nunca aderirem qualquer daqueles movimentos emancipalistas.

Como sempre, Simão Toco, mesmo que o possamos estudar e compreender como se estivesse ao lado dos movimentos emancipalistas, no tocante ao fim do colonialismo em Angola, concluímos que o fez tendo um ponto de vista completamente diferente, idealizou a criação de uma frente comum e posterior formação de um Governo de Unidade Nacional, mas nunca uma frente que rompesse de forma violenta contra as autoridades coloniais. No seu projeto arquitetou o trabalho entre os novos líderes angolanos, aqueles que aspiravam ao poder, com os “antigos” membros do governo colonial, para deles aprenderem a forma de administração, pois que no seu entender, os aspirantes a chefiar o país ainda não estavam amplamente capacitados para o efeito e que sem o apoio e a instrução dos membros da então potência colonizadora, a tarefa de garantir melhorias significativas nas condições de vida dos angolanos seria mais difícil.

Foi com base neste propósito que Simão Toco trabalhou arduamente para conseguir consenso junto dos três líderes dos movimentos mais representativos que em Angola lutavam contra a presença colonial. Foram várias reuniões, encontros e mensagens passadas neste sentido para que aquelas entidades emancipalistas se juntassem e optassem pelo alcance da independência sem derramamento de sangue e que a mesma fosse proclamada numa base de um amplo acordo, que pudesse satisfazer as ideais de cada líder e seu movimento.

Finalmente, podemos dizer que os tocoístas participaram de uma forma passiva na luta anti-colonial. Eles estavam esperançosos na redenção final da raça negra, por isso preocuparam-se em compreender e dominar o poder que estava nas mãos dos brancos: económico, administrativo e técnico. Entretanto, nunca foi aspiração do líder religioso Simão Gonçalves Toco, ascender à presidência de Angola e muito menos fazer parte de qualquer governo que viesse a nascer no pós-independência.

Fazemos votos que as próximas investigações sobre o assunto contribuam com maior sustentabilidade naquilo que não podemos fazer com este estudo. A contínua exploração das fontes existentes no Arquivo da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Diplomático e se acompanhados de uma profunda abertura dos arquivos na posse da Igreja e nas mãos dos seus distintos membros, servirão para dissipar algumas dificuldades que possamos ter deixado e será uma mais valia para a história de Simão Toco e do Tocoísmo em si, que em nosso entender, as diversas partes desavindas hoje dentro daquela Igreja sejam estudadas, conhecidas e divulgadas.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### I. Fontes

#### A. ARQUIVO HISTÓRICO DIPLOMÁTICO

AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07029;

AHD/MU/GM/GNP/0448/06555/SR.20; D. 5.10;

AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/01779;

AHD/MU/GM/GNP/RNP/0022/07692;

AHD/MU/GM/GNP/RNP: UI013357;

#### B. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (PIDE/DGS E SCCIA)

ANTT/SCCIA, Livro n.º 115

ANTT/SCCIA, Livro n.º 116

ANTT/SCCIA, Livro n.º 117

ANTT/SCCIA, Livro n.º 118

ANTT/SCCIA, Livro n.º 120

ANTT/SCCIA, Livro n.º 121

ANTT/SCCIA, Livro n.º 122

ANTT/SCCIA, Livro n.º 123

ANTT/SCCIA, Livro n.º 124

ANTT/SCCIA, Livro n.º 125

ANTT/SCCIA, Livro n.º 126

ANTT/SCCIA, Livro n.º 127

ANTT/SCCIA, Livro n.º 128

ANTT/SCCIA, Livro n.º 130

ANTT/SCCIA, Livro n.º 134

ANTT/SCCIA, Livro n.º 161

ANTT/SCCIA, Livro n.º 160

PIDE/SCCIA, Livro n.º 109

PIDE/SCCIA, Livro n.º 110

PIDE/DGS, Delegação de Angola, Sec. 731 NT 962-964;

PIDE/DGS, Delegação de Angola, SCCIA, NT 262

PIDE/DGS, Serviços Centrais, Processo 337/46 NT 2562;

PIDE/DGS, Delegação de Angola, P. Inf. 15.46 NT 2111;

PIDE/DGS, Delegação de Angola, P. Inf. 15.46 A NT 2105;

PIDE/DGS, Serviços Centrais, processos 1825 CI (2) NT 7133-7140;

PIDE/DGS, Serviços Centrais, processos 6462 CI (2) NT 7440;

PIDE/DGS, Delegação Angola, 11.20D, NT 1841;

PIDE/DGS, Serviços Centrais, Proc. n.º 380/SR-60/ NT 2983;

### **c. ADN (GCE-MGFA):**

REDINHA, J. (1971). *Análise Etnológica dos Mitos e do Messianismo na Subversão em Angola*. Lisboa:

GCE-MGFA, Cx. 42.

### **D. PUBLICAÇÕES TOCOÍSTAS**

AGOSTINHO, P. S. (s/d). *Simão Gonçalves Toco e os Tocoístas no Mundo* (Vol. 1º). Luanda.

NZILA, M. T. (s/d). *Vida e Obra de Simão Gonçalves Toko*.

### **E. PERIÓDICOS**

*A Província de Angola*, 19-10-1974.

*O Diário de Luanda*, 24-05-1974

### **F. OUTRAS FONTES**

ALMEIDA, G. (1948). Congresso Evangélico Missionário da África Ocidental - Diário de Uma Viagem

(1946). *Edição do Jornal "O Estandarte"*, 1-42.

## G. REFERÊNCIAS

- ALTUNA, R. (2006). *Cultura Tradicional Bantu*, (2ª ed.). Portugal: Editorial Paulinas.
- ANDRADE, M. P. (1997). *Origens do Nacionalismo Africano Continuidade e Ruptura nos Novimentos Unitários Emergentes da Luta Contra a Dominação Colonial Portuguesa (1911-1961)*. Lisboa : Dom Quixote.
- BALANDIER, G. (1965). *La vie quotidienne au Kongo du XVIème au XVIIème Siècle*. Paris: Hachette.
- BALANDIER, G. (1995). *Sociologie actuelle de l'Afrique Noire*. Paris: Quadrige PUF.
- BATSIKAMA, P. (2018). *Tokoísmo – Teologia da Libertação* (1ª ed.). (A. Isabel, Ed.) Luanda, Distrito Urbano da Camama, Angola: Mayamba Editora.
- BAUR, J. (2002). *2000 Anos de Cristianismo em África*. Edições Paulinas.
- BLANES, R. L. (2009). O que é que se passa no Tabernáculo? – Oração e Espacialização na Igreja Tokoísta Angola. (R. Sociedade, Ed.) 29(2), pp. 16-133.
- BLANES, R. L. (March de 2011). Unstable Biographies. The Ethnography of Memory and Historicity an Angolan Prophetic Movement. (H. a. Anthropology, Ed.) 22(1), pp. 93-119.
- BLANES, R. L. (Junho-Julho de 2012). O Tempo dos Inimigos. Reflexões Sobre Uma Antropologia de Repressão no Século XXI. (H. Antropológicos, Ed.) *Horizontes Antropológicos, ano 18*(37), pp. 261-284.
- BLANES, R. L. (2013). “Da Confusão à Ironia. Expectativas e Legados da PIDE em Angola”, *Análise Social*. (I. d. Lisboa, Ed.) *XLVIII (1.)*(206), pp. 30-55.
- BLANES, R. L. (2014). O Líder é o Profeta, o Profeta é o Líder. Continuidades e Descontinuidades da Liderança Carismática no Contexto Angolano. (R. AntHropológicAs, Ed.) *18*(25(1)), pp. 107-127.
- BRUBAKERS, R. (2012). “Religion and Nationalism: four approaches”. (J. o. Nation and Nationalism, Ed.) (18(1)).

- COMHAIRE, J. (1955). *Sociétés Secrètes et Mouvements Prophétiques au Congo Belge*. Africa. (J. o. Institute, Ed.) 58(25(1)).
- CORREIA, P. P. (1991). *Descolonização de Angola – A Joia da Coroa do Império Português*. Luanda: Editorial Ler&Escrever.
- CUNHA, J. M. (1959). *Aspectos dos Movimentos Associativos da África Negra* (Vol. II). Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- ESTERMANN, C. (1965). O Tocoísmo como um Fenómeno Religioso. (G. d. Orta, Ed.) XIII(3).
- FERREIRA, C. L. (2012). “O Tokoísmo Como Elemento da Identidade em Angola, 1950-1965”. (U. d. Lisboa, Ed.)
- FREITAS, A. J. (1975). *O longo caminho da liberdade*. Lisboa: Morais Editores.
- GRENFEEL, F. (1998). *Journal of Religion in Africa*. 28(2), pp. 210-216.
- GRENFEEL, F. (1999). *História da Igreja Baptista em Angola 1879-1975*. Portugal: Centro de Publicações Cristãs.
- GROMIKO, A. (1987). *As Religiões da África: Tradicionais e Sincreticas*. Moscovo: Edições Progresso.
- HENDERSON, L. (1990). *A Igreja em Angola* (1ª ed.). Lisboa: Editorial Além-Mar.
- JADIN, L. (1968). “Les sectes secrètes au Congo (1703-1709)”. (C. d. Africaines, Ed.) 2(3), pp. 110-119.
- KISELA, J. (2004). *Simão Toco: A Trajectória de um Homem de Paz*. Luanda: Editorial Nzila.
- LARA, L. (2008). *Um Amplo Movimento - Itinerário do MPLA Através de Documentos de Lúcio Lara, 1961-1962* (1ª ed., Vol. II). Luanda: Edição do Autor.
- MACIEL, A. (1963). *Angola heroica: 120 Dias Com os Nossos Soldados*. Amadora: Livraria Bertrand,
- MATEUS, D. C. (2011). *A PIDE/DGS na Guerra Colonial 1961-1974* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Terramar.

- MATEUS, D. C., & MATEUS, A. (2011). *Angola 61: Guerra Colonial, Causas e Consequências, o 4 de fevereiro e o 15 de março*. Lisboa: Texto Editora.
- MATUMONA, M. (2008). *Teologia Africana da Reconstrução Como Novo Paradigma Epistemológico, Contributo Lusófono Num Mundo em Mutação*. Lisboa: Roma Editora.
- MBAH, J. M. (2010). *As Rivalidades Políticas entre A Frente Nacional de Libertação de Angola e o Movimento Popular de Libertação de Angola, 1961-1975* (1ª ed.). Luanda: Mayamba Editora.
- PACHECO, C. (1997). *MPLA: Um Nascimento Polémico (As Falsificações da História)*. Lisboa: Editora Veja.
- PAREDES, M. (2011). “Deolinda Rodrigues, da Família Metodista à Família MPLA, o Papel da Cultura na Política”. (C. D. AFRICANOS, Ed.) (20), pp. 11-26.
- PECLARD, D. (May de 1998). “Religion and Politics in Angola: The Church, the Colonial State and the Emergence of Angolan Nationalism, 1940-1961”. (J. o. Africa, Ed.) 28(Fasc. 2), p. Journal of Religion in Africa.
- PÉLISSIER, R. (1978). A la recherche d'un dieu anticolonialiste. pp. 159-190.
- PIMENTA, F. T. (2008). *Angola, os Brancos e a Independência*. Porto: Edições Afrontamento.
- PINTO, J. F. (2010). *O Ultramar Secreto e Confidencial*. Coimbra: Almedina: Almedina.
- REGO, A. S. (1970). Syncretic Movements in Angola. (L.-B. Review, Ed.) 2(7), pp. 25-43.
- ROCHA, E. (2009). *Angola, Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano. Período de 1950 a 1964* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Dinalivro.
- SANTOS, E. (1972). *Movimentos Proféticos e Mágicos em Angola*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SMITH, A. D. (1986). The Ethnic Origins of Nations. (O. B. Blackwell, Ed.)
- WHEELER, D., & PÉLISSIER, R. (2009). *História de Angola* (1ª ed.). (P. A. Pereira, Trad.) Lisboa: Edições Tinta da China.

## ANEXOS



Anexo n.º 01: Arrêté n.º 455/U. CONT.

Fonte: ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 00.12.1956, fls. 400-406.

CONGO BELGE  
PROVINCE DE LEOPOLDVILLE  
CONTENTIEUX ET PERSONNEL  
1er Bureau.  
n.º 20022/U. CONT.

Léopoldville, le 15 décembre 1949.

M.M. Le Gouverneur Général à Léopoldville-Kalina  
Le Procureur du Roi à Léopoldville-Kalina  
Le Colonel, Commandant le 3e Groupement  
Les Gouverneurs de Province (Tous)  
Les Commissaires de District (Tous)  
Les Officiers d'Immigration (Tous).

J'ai l'honneur de vous faire parvenir, sous ce pli, une copie certifiée conforme de l'arrêté n.º 455/U. CONT. du 8 décembre 1949, expulsant du territoire de la Colonie quatre-vingt-deux indigènes de l'Angola.

Le Gouverneur de la Province,  
P. O.  
Le Secrétaire Provincial  
(A. CLERIN)  
P. O.  
Le Chef du Service Provincial du Contentieux et du Personnel, H. J. DAXHELET

CONGO BELGE  
PROVINCE DE LEOPOLDVILLE  
CONTENTIEUX ET PERSONNEL  
1er Bureau.

ARRÊTÉ N.º 455/U. CONT. T. O. R. R. E  
T. O. M. B. O.

LE GOUVERNEUR DE LA PROVINCE DE LEOPOLDVILLE,

Vu la loi sur le Gouvernement du Congo Belge;  
Vu l'arrêté du Régent en date du 1er juillet 1947, sur l'organisation administrative de la Colonie;  
Vu le Décret du 27 décembre 1948 sur la Police de l'Immigration, spécialement en ses articles 17 et suivants;  
Attendu que les indigènes originaires de l'Angola, dont les noms suivent, pratiquent et manifestent le désir de continuer à pratiquer les rites d'une doctrine mystico-religieuse prêchant la venue d'un ordre nouveau qui sous le règne d'un nouveau Christ, renverserait les autorités et puis-ances actuelles, pour prendre leur place et faire régner la Justice;  
Attendu que ces pratiques sont de nature à troubler profondément la tranquillité et l'ordre publics, surtout dans la cité indigène de Léopoldville, dont le volume des populations permettrait l'extension extrêmement rapide et dangereuse de ces doctrines subversives;  
Attendu qu'il est établi que ce mouvement mystico-religieux présente de troublantes affinités avec les doctrines répandues de l'Association "Watch Tower", et qu'il est prouvé que son chef SIMÃO Gonçalves Toko est impliqué à cette Association, ainsi que cela résulte de correspondances de l'intéressé avec le siège du Watch Tower à New-York;  
Vu l'ordonnance N.º 21/9 du 12 janvier 1949, inter-

TEMBO

disant sur tout le territoire du Congo Belge, l'activité de l'Association "Watch Tower" quelle que soit la dénomination sous laquelle elle manifeste;

Attendu qu'il résulte des éléments de l'enquête que les hommes, femmes et adolescents ci-après ont été reconnus meneurs, adeptes fanatiques et adeptes ordinaires de ce mouvement:

- 1/ SIMÃO, Gonçalves Toko, fils de Gonçalves Toko (décédé), et de Simba Toko (décédé), originaire de Gadi - Bazombo (Maquella) Angola, horloger résident à Léopoldville, Rue de Mahango n.º 159.
- 2/ KINAWIDI, Ambroise, fils de Pambolo (décédé), et de Suamenu (décédé), originaire de Tanda - Bazombo (Maquella) Angola, tailleur résident à Léopoldville, Rue de Mahango n.º 159.
- 3/ YUAMA, Gracia, fils de Fumusingi Pedro (décédé), et de Kenena Marie (en vie), originaire de Kiluanga - Bazombo (Maquella) Angola, tailleur résident à Léopoldville, Rue de Kabambare n.º 40.
- 4/ DILUNQUANGU, Mathias, fils de Kapitao (décédé), et de N'Zumba (décédé), originaire de Vosi - Bazombo (Maquella) Angola, tailleur résident à Léopoldville, Rue de Luvua n.º 22.
- 5/ FIGERO, Toni, fils de Kiela (décédé), et de Landu (décédé), originaire de Kinanga - Bazombo (Kibokolo) Angola, travailleur résident à Léopoldville, Camp Otraco, bloc C/409.
- 6/ FULULU, Joseph, fils de Lukoki (décédé), et de Kalinga (décédé), originaire de Kimpasi - Bazombo (Maquella) Angola, B. O. Langer résident à Léopoldville, Rue de Lao Moero n.º 62.
- 7/ IUMBYA, Ferdinand, fils de Mbala Kisita, et de Mansanga, originaire de Buzza-Zumbu - Bazombo (Maquella) Angola, commerçant résident à Léopoldville, Rue de Luvua n.º 14.
- 8/ KADI, Carlos, fils de Luvumba Sumbu (décédé), et de Ikula Louise (déc. dée), originaire de Mazonga - Bazombo (Maquella) Angola, résident à Léopoldville, Rue de Kalambelombe n.º 33/bis.
- 9/ MAKOKA, Jean, fils de Mambala Pedro (en vie), et de Pava, Henriette (en vie), originaire de Kifila - Bazombo (Maquella) Angola, Commissaire des services des Télécommunications, résident à Léopoldville, Rue de NY NZA n.º 25.
- 10/ KALUMBIA, Antoine, fils de Zoao David, et de Sambu Pauline, originaire de Vosi - Bazombo (Maquella) Angola, soldat à l'Armée du salut, résident à Léopoldville, Rue de Tabora n.º 21.
- 11/ MAKANGU, Norbert, fils de Kunzi Antoine (en vie), et de Kusu (en vie), originaire de Sungu - Bazombo (Kibokolo) Angola, addictricien à la Colectric, résident à Léopoldville, Rue de Bulungu n.º 27.
- 12/ LUMANU, Georges, fils de Goma (décédé), et de Nina, originaire de Kasasa - Bazombo (Damba) Angola, travailleur (coordonneur) à l'Utexico, résident à Léopoldville, Rue de Kigoma n.º 116.
- 13/ KOSI BUNGA, fils de Zoao Bungu, et de Manianga, originaire de Kambale - Bazombo (Maquella) Angola, soudeur à l'Otraco, résident à Léopoldville, Rue de Wamba n.º 41.
- 14/ MALINCA, fils de Palaangani, et de Suamina, originaire de Kibokolo - Bazombo (Kibokolo) Angola, fraiseur à l'Otraco, résident à Léopoldville, Camp Otraco - Bloc C/157.
- 15/ VONDO, Léon, fils de Pambolo (décédé), et de Godipasi (décédé), originaire de Zunzu - Bazombo (Maquella) Angola, mécanicien à la Petrocoango, résident à Léopoldville, Rue de Kitega n.º 32.



- 16/ ANTONIA, épouse, fille de Luvumbu Petro (décédé), et de Kambi Sidonie, originaire de Banza Ngombe - Bazombo (Maquella) Angola, Planton au service du Gouvernement Général, résidant à Léopoldville Avenue de la Croix Rouge n°2.
- 17/ FUNGI Philémon, fils de Safu, et de Sita Lusanga, originaire de Lusanga - Bazombo (Maquella) Angola, travailleur à la Sedec, résidant à Léopoldville, Rue de Luluabourg n°17.
- 18/ LUMINGO, Alphonse, fils de Kapitao, et de Mayamba, originaire de Kifila - Bazombo (Maquella) Angola, menuisier à l'Otraco, résidant à Léopoldville.
- 19/ KIDOMBU, Georges, fils de Sengo (décédé), et de Musanga (décédée), originaire de Kitamba - Bazombo (Damba) Angola, tisserand à l'Utexléo, résidant à Léopoldville, Rue de Dodoma n°119.
- 20/ BALA, Antoine, fils de Bala Antoine (décédé), et de Mafuta (en vie) originaire de Kongo - Bazombo (Maquella) Angola, boy-bijoutier, résidant à Léopoldville, Rue de Mahenge n°4.
- 21/ DILU, Simon, fils de Lupini Sambongo, et de Maketa Joséphine, originaire de Kongo - Bazombo (Maquella) Angola, travailleur à la Pétrocoango, résidant à Léopoldville, Rue de Kalembelombe n°4/36.
- 22/ MAKAYA, Jean, fils de Makaya André, et de Nito Véronique, originaire de Basu - Bazombo (Maquella) Angola, sans emploi, résidant à Léopoldville, Rue de Bala n°62.
- 23/ PINDA, Joseph, fils de Kapitao (en vie), et de Tomo (en vie), originaire de Zulomongo - Bazombo (Maquella) Angola, tailleur, résidant à Léopoldville, Rue de Luisa n°233.
- 24/ ZOAO LUPINI, fils de Lupini Kibandama (décédé), et de Lundighi (en vie), originaire de Sanda Kimbogo - Bazombo (Kibokolo) Angola, travailleur à l'Utexléo, résidant à Léopoldville, Rue de Dodoma n°114.
- 25/ SUNGI MINGIELI, fils de Pululu, et de Lutangu, originaire de Lomba Bazombo (Maquella) Angola, tailleur résidant à Léopoldville, Rue de Kigoma n°52.
- 26/ MAKUNDI, Sébastien Pedro, fils de Pedro Makunzi (décédé) et de Mamuntu Elisabeth, originaire de Kombo - Bazombo (Maquella) Angola, commerçant résidant à Léopoldville, Rue de Luvua n°151.
- 27/ TEKA, Simon, fils de Bengi Emmanuel, et de Makumbu, originaire de Bazanga - Bazombo (Wamba) Angola, travailleur à l'Otraco, résidant à Léopoldville, Rue de Kitega n°88.
- 28/ VETU, Dominique, fils de Kiangua Manuel, et de Mambu, originaire de Kikongo - Bazombo (Maquella) Angola, apprenti-maçon à l'Utexléo, résidant à Léopoldville, Rue de Nyanza n°82.
- 29/ PANDA, Alphonse, fils de Ponda, et de Maluaze, originaire de Luveto - Bazombo (Damba) Angola, travailleur, résidant à Léopoldville, Rue de Nyanza n°77.
- 30/ PINDA, David, fils de Lupini (décédé), et de Luzulo, originaire de Kinzuana - Bazombo (Maquella) Angola, boy-tailleur, résidant à Léopoldville, Rue de Baraka n°4/36.
- 31/ KAMA, Gabriel, fils de Yuka-Yuka, Alphonse (décédé), et de Mayika Louise (en vie), originaire de Kinkondo - Bazombo (Maquella) Angola, boy-barman, résidant à Léopoldville, Rue de Kitega n°28.
- 32/ FULU, Thomas, fils de Kiela (en vie), et de Kulla (en vie), originaire de Wembo - Bazombo (Maquella) Angola, boy-chauffeur, résidant à Léopoldville, Rue de Kalembelombe n°4/36.

- 33/ KIALA, Zofo, fils de Mayala, et de Kufwa, originaire de Kitona - Bazombo (Damba) Angola, tisserand à l'Utexléo, résidant à Léopoldville, Rue de Dodoma n°127.
- 34/ KIYALAMA MINGIEDI, fils de Bongo (décédé), et de Ntino, originaire de Ntadi - Bazombo (Maquella) Angola, tailleur résidant à Léopoldville, Rue de Luapula n°28.
- 35/ PUKA, Thomas, fils de Lukombo (décédé), et de Vinza Emille (décédée), originaire de N'Sumba - Bazombo (Maquella) Angola, moniteur à l'Arme du Salut, résidant à Léopoldville, Rue de Kitega n°9.
- 36/ KINZISI LUVUALU, Daniel, fils de Singi Fulula, et de Mayika Madelaine, originaire de Banza-Sangi - Bazombo (Maquella) Angola, barman résidant à Léopoldville, Rue de Kapanga n°153.
- 37/ PETA, Manuel, fils de Kanga, et de Lusemba, originaire de Vinda - Bazombo (Damba) Angola, travailleur à l'Otraco, résidant à Léopoldville, Rue de Kalembelombe n°33/bis.
- 38/ MASAKI, Nicolas, fils de Pululu, et de Kambi, originaire de Yanana - Bazombo (Damba) Angola, tailleur résidant à Léopoldville, Rue de Kubelo n°2.
- 39/ LUBAKI, Mingiedi, fils de Panda (décédé), et de Kupitisa (décédée) originaire de Banza-Solo - Bazombo (Maquella) Angola, commerçant résidant à Léopoldville, Rue du Lac Moere n°130.
- 40/ VEMBA, Samuel, fils de Kapela (décédé), et de Tamba (en vie), originaire de Kindundu - Bazombo (Damba) Angola, travailleur à l'Utexléo, résidant à Léopoldville, Rue de Baraka n°45.
- 41/ SILUMESO, Boniface, fils de Dofusa Kapitao (décédé), et de Makolokoso Elisabeth (en vie), originaire de Kimbala - Bazombo (Maquella) Angola, aide-tailleur chez Monsieur Serra, résidant à Léopoldville, Rue de Dibaya n°34.
- 42/ BENGI, Ambroise, fils de Bemba Paul, et de Lelo, originaire de Songa - Bazombo (Damba) Angola, vendeur (pour Coopérative), résidant à Léopoldville, Rue de Kikwit n°200.
- 43/ KALEMBA KUMA, Raphaël, fils de Singi Pembele, et de Sohans, originaire de Pinda - Bazombo (Maquella) Angola, teneur à la Colectric, résidant à Léopoldville, Rue d'Uvira n°6.
- 44/ BINGA, Sébastien, fils de Singi Lévi, et de Kivuala (décédée), originaire de Banza Lembe - Bazombo (Maquella) Angola, boy-chapelier chez Monsieur DUBONNET, résidant à Léopoldville, Rue d'Udjidji n°2.
- 45/ MOSTLONGWA, Antoine, fils de Makangu, et de Dongo, originaire de Kikula - Bazombo (Damba) Angola, Planton à l'Uniao, résidant à Léopoldville, Rue d'Usoké n°6.
- 46/ DOMBELE, André, fils de Singi (décédé), et de Tsieté (décédée), originaire de Sangi - Bazombo (Maquella) Angola, travailleur à la Pétrocoango, résidant à Léopoldville, Rue de Kabambare n°A/16.
- 47/ SEZALA, Gerceis, fils de Susko Pêtro (en vie), et de Maleko (en vie), originaire de Vuanga - San Salvador (Angola), boy-chauffeur résidant à Léopoldville, Rue de Kapanga n°27.
- 48/ M'BASI, Pêtro, fils de Domingo Talanga (en vie), et de Kikusta Suzane (en vie), originaire de San Salvador (Angola), boy-maçon résidant à Léopoldville, Rue d'Udjidji n°10.
- 49/ DITUVILLA MINGIEDI, fils de Dongele, et de Didisa, originaire de Minga - Bazombo (Kibokolo) Angola, travailleur à la Régidesco, résidant à Léopoldville.



- 5 -
- 50/ MASUMU Petro, fils de Taya Petro (en vie), et de Mayindula (en vie) originaire de Kiboko (Kiboko) Angola, boy-tailleur résidant à Léopoldville, Rue de la Tshuapa n°20.
- 51/ DANDANDA Petro Jackson, fils de Kasiala Simon (en vie), et de Makaya (décédée), originaire de Nganda - Bazombo (Maquella) Angola, travailleur à l'Usakio, résidant à Léopoldville, Rue de Kibega n°143.
- 52/ LUPWAKENDEB, Nicolas, fils de Kapitao (décédé), et de Bindu (décédée), originaire de Baza - Bazombo (Maquella) Angola, boy-commerçant, résidant à Léopoldville, Rue de la Tshuapa n°45.
- 53/ LUMPIHI Samael, fils de Luvumbu, et de Dibwila, originaire de TOM Fumbala - Bazombo (Maquella) Angola, boy-magasinier résidant à Léopoldville, Rue de la Tshuapa n°123.
- 54/ MAMBAUKA, Mingiela, fils de Misi (décédé), et de Saandja, originaire de Zunsu - Bazombo (Kiboko) Angola, chaudronnier à l'Otraco résidant à Léopoldville.
- 55/ TELEMENO LUVUALU, fils de Luvumbu, et de Meyika, originaire de Sengi - Bazombo (Maquella) Angola, boy-magasinier, résidant à Léopoldville, Rue de Nyanza n°47.
- 56/ PANZU, Simon, fils de Kalamba Donzoao (décédé), et de Baka (décédée), originaire de Komi - Bazombo (Maquella) Angola, commerçant résidant à Léopoldville, Rue de Rutshuru n°5.
- 57/ ZANDI, André, fils de Mentuidi (décédé), et de Senga (décédée), originaire de Vuanga - Bazombo (Maquella) Angola, travailleur à la Citas, résidant à Léopoldville, Rue de Luvu n°21.
- 58/ DOMINGO Petro, fils de Zinga (décédé), et de Makaya (décédée), originaire de Baza - Bazombo (Maquella) Angola, travailleur à la Pétrocongo, résidant à Léopoldville.
- 59/ ZINGI, Sébastien, fils de Pedro Pondani, et de Kibanjilo, Joséphine, originaire de Bata - Bazombo (Maquella) Angola, aide-tailleur, résidant à Léopoldville, Rue de Sedoca n°11.
- 60/ MAS-NGA Simon, fils de Lukoki et de Devola, originaire de Kikolei - Bazombo (Maquella) Angola, tailleur résidant à Léopoldville, Rue de Bataka n°49.
- 61/ PANDA VASCO, fils de Lukoki (décédé), et de Ndenga (décédée), originaire de Nsola - Bazombo (Maquella) Angola, tailleur, résidant à Léopoldville, Rue de Kalembembe n°33.
- 62/ ESTHO, Bastiano, fils de Vemba Tond, et de Masumba (décédée), originaire de Vuanga - Bazombo (Kumba) Angola, boy-chauffeur, résidant à Léopoldville, Rue de Kongolo n°19.
- 63/ DONDAU, Paul, fils de Simao Pierre, et de Godimpassi, originaire de Banzombo - Bazombo (Maquella) Angola, résidant à Léopoldville, Rue de Kabinda n°134.
- 64/ DOMBASI Sébastien, fils de Kiala Petro, et de Gudankosi, originaire de Bagulua - Bazombo (Maquella) Angola, travailleur, résidant à Léopoldville, Rue de Nyanza n°1/25.
- 65/ BUNGA, Ferdinand, fils de Panzu, et de Vinda, originaire de Kintund - Bazombo (Damba) Angola, boy-magasinier, résidant à Léopoldville, Rue de Buan-Djanga n°37.
- 66/ MINGIELI MAKONGO, fils de Pombela (décédé), et de Lawu (décédée), originaire de Kinti - Bazombo (Kiboko) Angola, lavandier, résidant à Léopoldville, Rue de la Tshuapa n°51.

- 6 -
- 67/ KETTE, Louise, fille de Toni Figueira (en vie), et de Samba Elisabeth (en vie) originaire de Kiboko (Kiboko) Angola, résidant à Léopoldville, Camp Otraco Bloc G. n°409.
- 68/ WALOSA Marie, fille de Makongo-Mangongo (en vie), et de Masangu Elisabeth (en vie), originaire de Kintema - Bazombo (Maquella) Angola, résidant à Léopoldville, Rue de Kongolo n°34/14.
- 69/ ZIEBA Antoine, fils de Kasiala Donzoao, et de Tokamu Kina, originaire de Lusungu - Bazombo (Maquella) Angola, écolier à l'Armée du Salut résidant à Léopoldville, Rue de Wamba n°40.
- 70/ MASAMBA Ambroise, fils de Pombela (décédé), et de Komo, originaire de Vululu - Bwana Dinga (Maquella) Angola, boy-tailleur, résidant à Léopoldville, Rue de Sanga n°62.
- 71/ FUA, Hubert, fils de Luvoso, et de Makayi, originaire de Kuku - Bazombo (Maquella) Angola, écolier à l'Armée du Salut, résidant à Léopoldville, Rue de Tshela n°72.
- 72/ SUZA Sébastien, fils de Yovani Kifuka, et de Kumba Esame, originaire de Kiboko - Bazombo (Kiboko) Angola, boy-photographe, résidant à Léopoldville, Rue de Kirwit n°205.
- 73/ MINGIELI Emmanuel, fils de Dosoto-Sakila (en vie), et de Vuku (en vie) originaire de Kinti - Bazombo (Kiboko) Angola, écolier à l'Armée du Salut, résidant à Léopoldville, Rue de Kigoma n°41.
- 74/ KIDODA André, fils de Kibwala Luvumbu (décédé), et de Nzumba, originaire de Sengi - Bazombo (Maquella) Angola, boy-tailleur, résidant à Léopoldville, Rue de Luisa n°227.
- 75/ PIMADEKA Jean, fils de Ludumbu, et de Tandu, originaire de Baza - Bazombo (Damba) Angola, boy au service de Monsieur DA SILVA, résidant à Léopoldville, Rue de Sanga n°49.
- 76/ KINZU Petro, fils de Kiala Kapitao (décédé), et de Zumba Elisabeth (en vie), originaire de Konge - Bazombo (Maquella) Angola, travailleur à la firme NOGUEIRA, résidant à Léopoldville, Rue de Kalembembe n° A/36.
- 77/ SIWI, Jean, fils de Lumingo Jean, et de Longina Elisabeth, originaire de Sengi - Bazombo (Maquella) Angola, écolier à l'Armée du Salut, résidant à Léopoldville, Rue de Mazinga n°159.
- 78/ IUSINA Raphaël, fils de Kapitao Zefombo (décédé), et de Zita Thérèse, originaire de Sengi - Bazombo (Maquella) Angola, écolier à l'Armée du Salut, résidant à Léopoldville, Rue de Luisa n°297.
- 79/ KIALA Antoine, fils de Kiala Jean (décédé), et de Bonani, originaire de Filu Bengu - Bazombo (Kiboko) Angola, boy-tailleur au service de Monsieur Rodrigues e Serra, résidant à Léopoldville, Rue de la Croix Rouge n°50.
- 80/ DOUBLET Bernard, fils de Jean Fernand, et de Tumba Marie, originaire de Budju - Bazombo (Kiboko) Angola, écolier à l'Armée du Salut, résidant à Léopoldville, Rue de Mazinga n°210.
- 81/ TONI Antoine, fils de Lukoki Toni, et de Polu Madeleine, originaire de Kuki - Bazombo (Maquella) Angola, aide-mécanicien à la Sedoc, résidant à Léopoldville, Rue de Luisa n°268.
- 82/ VOKA Georges, fils de Luvumu Ninga (décédé), et de Mafuta Albartine, originaire de Kimpala - Bazombo (Maquella) Angola, boy-magasinier à la firme NOGUEIRA, résidant à Léopoldville, Rue de Kalembembe n° A/36.

**ARRÊTÉ :**



**Article Un.**

Les indigènes, originaires de l'Angola, et dont l'identité est reprise ci-dessus, sont expulsés du Territoire de la Colonie du Congo Belge, qu'ils devront avoir quitté dans un délai de 8 jours à dater de la signification du présent arrêté.

**Article Deux.**

Ils emprunteront la route Léopoldville-Matadi-Noqui frontière Angola, et ne pourront s'arrêter dans aucune des localités qu'ils traverseront que le temps strictement nécessaire pour attendre un moyen de transport.

**Article Trois.**

Le Chef du Service Provincial du Contentieux et du Personnel, et le Commissaire de District du Moyen-Congo à Léopoldville sont chargés de l'exécution du présent arrêté qui sera signifié aux intéressés conformément à l'article 20 du Décret du 27 décembre 1948.

Léopoldville, le 8 Décembre 1948

S/ L. MOREL.

Pour copie certifiée conforme:  
Le Chef du Service Provincial du Contentieux et du Personnel, f.f.  
(J. DAXHELET)



Anexo n.º 02 – Súreté Do Congo Belga (25.11.1956)

Fonte: ANTT/PIDE-DGS/DA: C-1-1546 A, P. 90220: *Informação Sobre Tocoísmo: Seitas Indígenas, Origens do Tocoísmo*, 25.11.1956, fls. 386-387.

T O M B O

SURETE DO CONGO BELGA - LEOPOLVILLE, 25 de Setembro de 1956 - officio nº.22.300/C/XIII/125 - Referencia ao officio nº.2092/2ª./956-SS, de 17 de Maio de 1956.

Assunto: Adeptos da Seita Simão Toco - - - - -

Exmo. Senhor Comandante do Corpo de Policia de Segurança Pública de Angola - L u a n d a - - - - -

Senhor Comandante,

Em resposta ao vosso officio 2092/2ª./956-SS de 17 de Maio de 1956, tenho a honra de comunicar que estes Serviços, sobre o assunto dos individuos mencionados no officio em referencia, informam o seguinte: Os individuos, possuem a seguinte identificação:-

GARCIA KADIKILO, nascido em 1909, filho de António Zola e de Mavunza natural de Funga, Sector de Kibokolo, Angola - Reside em Leopoldville

NADA CONSTA a seu respeito - - - - -

HELENE LUMENGO N'ZOLA, nascida em Sona - Bata (Congo Belga) em 25/2/1930, originária de Kinsala, território de Madimba, residente em Leopoldville, Rua Kitego, 9.

Foi condenada em Janeiro de 1950, no Tribunal de Policia, de Leopoldville, em 60 dias de serviços penais principais por fazer parte do movimento de Simão Toco.

FERDINAND DOSIDIANI, nascido em 1927, filha de Kiala e de Buttha, originário de Tsangi, Sector de Vosi, Maquela, residente em Leopoldville, rua Lúvia, nº.99.

Empregado da firma "Elite de Leopoldville.

HELENE LUZIZILA, mulher de Ferdinand Dosidiani, nascido em 1934, em Ntumpa, sector de Kiawanzadi, Maquela, filha de Ntelemanu e de Sita Dosidiani, é um ferocoso leitor da Biblia e adepto da Seita Simão Toco. Declarou, notavelmente:-----

Nós estamos certos que Simão Toco, fez, milagres e faz ainda. Para nós outros, ele não existe como um Deus, apenas a Simão Toco".-----

HELENE KIAVINGA SITA, nascida em 1933, em BanzaSengi, Maquela, filha de Singi Pululu e Mayika Madalime, solteira, residente em Leopoldville, em parte incerta.

LUVUALU DANIEL KINZIZI, filho de Singi Pulube e de Mavika Madelaine (irmão de Kiavinga Sita Helene) natural de Banza Sengi, Maquela.-----

O interessado foi expulso do Congo Belga por accordo de 455/U.Cont. de 8/12/1949, do Governador da Provincia de Leopoldville, por ter participado no movimento do Seita Simão Toco.

ALBERTOOU ALBERTO VINGA, aliás Albert Tobinga ou Alberto Vinga, filho de Ntelemanu e de Sita Marguerite, nascido em Ntumpa, sector de Kiawanzadi, território de Maquela (irmão de Helene Luzizila) - - -

O interessado foi expulso do Congo Belga, por accordo 115/U.Cont. de 15/3/950 do Governador da Provincia de Leopoldville, por pertencer à Seita Simão Toco.-----

MARGUERITE LONGO MEYA, nascido em 1917, filha de Walula e Kenge, natural de Banza Gombe, sector de Gombe Matadi, território de Thysville, residente em Leopoldville, 234, rua Bolungu.-----

BERREN LUTUNGADIO, nascido em 1914, filho de Bunsonia e de Lungumunu, natural de Banza Gombe, sector de Gombe Matadi, Thysville, empregado do Banco Belga de Africa, em Leopoldville.-----

Georges Dinga, nascido em 1929, Julio de Kapitão e de Kingebeni, natural de Banza Sangi, sector Vosi, Maquela.-----

ELISABETT SIANSOKI, nascido em 1930, filho de Nambata e de Viamu, filho de Georges Dinga, natural de Palavola, sector de Vosi território de Maquela. A intima morada é desconhecida.-----

Nenhuma informação desfavorável foi obtida a respeito de Longo Meya Marguerite, Lutungado Berren, Kitantu Sesaplím, Dinga Georges e Siansoki Elisabeth.

Os outros individuos citados na correspondência anexa ao officio em referencia, não puderam ser identificados com segurança e não são conhecidos como adeptos da Seita Simão Toco.

Queira aceitar Senhor Comandante, os meus cumprimentos.

Pe'l'O Chefe da Súreté

O Administrador da Súreté

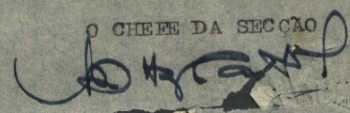
P. Poncelet.

T  
TORRE  
TOMB O

- ESTÁ CONFORME -

Luanda e Segunda Secção do Comando da Policia de Segurança Pública de Angola, aos 27 de Novembro de 1956.-

O CHEFE DA SECÇÃO



Francisco Luiz de Matos Caldas

-Enc. de Serv.-



# O FAMOSO MÍSTICO ANGOLANO SIMÃO TOCO

## EXORTA OS SEUS ADEPTOS A AMAR E DEFENDER PORTUGAL

LUANDA, 17 (Lusitânia). — Simão Gonçalves Toco, o conhecido e famoso chefe da facção místico-religiosa que, desde há anos, depois da expulsão do então Congo Belga, acolheu-se com os seus prosélitos e compatriotas ao proteccionismo paternal do Governo de Angola — que não sabe abandonar os portugueses, mesmo quando em dificuldades em terra estrangeira — Simão Toco, diziamos, concedeu à Rádio Televisão Portuguesa, Emissora Nacional e Rádio Clube Português, algumas importantes declarações, respondendo também a perguntas que claramente colocam o «Tocoísmo» afastado das actividades terroristas que tão violentamente assolaram o distrito do Congo.

Desmente Simão Toco as actividades políticas que chegaram a ser atribuídas aos «tocoístas» que desde há anos em paz viviam e vivem no Colonoato do Vale do Loje, sob a orientação da Junta de Exportação do Café, dirigindo por fim aos seus seguidores uma mensagem por ele próprio traduzida em «kicongo», exortando-os ao cumprimento dos seus deveres de portugueses. Eis o que disse Simão Toco textualmente, retirado da fita magnética onde ficaram gravadas as suas palavras:

(Continuado da última página)

«Chamo-me Simão Gonçalves Toco, nome mais conhecido Simão Toco, sou natural de Maqueia do Zombo, distrito do Congo Português. Quero resumir a pouco a minha biografia. Nasci em 1918, no dia 24 de Fevereiro. Em 1926, comecei a estudar na Missão de Quibocolo, depois disso o missionário Artur Guestre mandou-me para Luanda para continuar a estudar, onde fiz quatro anos, estudei na Escola primária da Missão Evangélica de Luanda, matriculei-me no liceu onde fiz o segundo ano. Depois disso, então, regressi à minha terra, Maqueia do Zombo, para continuar a trabalhar na Missão de Quibocolo. Em 1938, fui transferido para a Missão de Dembo, onde fiquei quatro anos; em 1942 fui para o Congo Belga, Léopoldville.

Continuei a prestar serviço na Missão Protestante de Léopoldville, onde fiz sete anos. Querendo conhecer verdadeiramente a explicação da Bíblia, mandei vir alguns livros da Sociedade Americana. Depois, quando comecei a explicar na minha classe naquela Missão, as pessoas acharam aquilo muito interessante e começaram a avisar os seus amigos. Que aconteceu? Aumentou-se, pouco mais ou menos, em 3.000 mil os membros da igreja e depois os missionários começaram a perguntar: — «Como é isto? A igreja está a encher-se?». Então, foram avisar: «O Simão está a explicar os livros que mandou vir, mas esses livros também foram entregues aos próprios missionários pelo Cogeire. Depois disso, então, os missionários, vendo que aquele movimento era demasiado, expulsaram-me da sua igreja, bem como aos membros da minha classe. Ora nós, como já éramos membros da igreja, conhecíamos a palavra de Deus, em vez de abandonar, não abandonamos e continuámos então as rezas dentro das nossas casas. Alguns iam à minha casa outros continuavam em suas casas. Mas como essa continuação não terminou, os próprios missionários protestantes, e alguns membros nativos do Congo ex-Belga, apresentaram queixa então às autoridades belgas que, por sua vez, entregaram-nos às autoridades portuguesas.

— Simão Toco, a primeira pergunta formal. Quais os princípios básicos do movimento que foi iniciador?

Resposta: Os princípios básicos do Tocoísmo que adora a Deus criador, nosso Senhor Jesus Cristo, e não adora qualquer coisa deste mundo.

Pergunta: Dado que a doutrina tocoísta condena a violência, gostaríamos de saber qual era a sua impres-

são acerca dos acontecimentos do terrorismo no Norte de Angola?

Resposta: A minha impressão sobre os terroristas no Norte de Angola, eu digo que os culpados merecem castigo porque a U.P.A., escola dos terroristas, ensina o Comunismo para fazer uma guerra em nossa casa, fazer a guerra também em nosso Portugal. Além disso, segundo uma coisa que eu vi publicada no jornal «Provincia de Angola» sobre os terroristas que cantam uma canção com o meu nome, mas aquela canção não sou eu, porque eles adoram outro Simão da terra deles, que se chama Simão Timão.

Pergunta: Alguma vez a U.P.A. tentou entrar em contacto consigo directamente?

Resposta: Nunca entrou comigo directamente, mas eu bem sabia que essa ideia de Comunismo abunda naquele território.

Pergunta: A condenação do terrorismo pode considerar-se como uma orientação para os tocoístas?

Resposta: A condenação dos terroristas é, sim senhor, uma orientação para os tocoístas.

Pergunta a terminar esta nossa conversa: Quer dirigir uma mensagem aos tocoístas, que teria para eles o valor da palavra de ordem sobre a atitude que devem tomar em relação aos movimentos contra Portugal?

Resposta: Quero, sim senhor. Como já disse, sou Simão Gonçalves Toco, estou falando convosco, todos os nativos do território português do Congo português. Nós somos portugueses não somos estrangeiros, embora entre nós alguns receberam educação estrangeira, não quer dizer que seja considerado ou seja chamado estrangeiro. Portanto, eu apresento-me a vós meus amigos portugueses do Congo Português. Meus irmãos, nascemos portugueses, continuaremos a ser portugueses, temos de amar Portugal, continuaremos a ser filhos de Portugal, porque é preciso para nós e para mim, Simão Toco. Eu estou à disposição do Governo para tudo quanto seja defender Portugal. Quero também que todos eles estejam de acordo para tudo quanto for preciso para defender a nossa Pátria, porque quanto aos acontecimentos actuais encontram-se hoje em território português, nós somos como filhos de Portugal, não somos filhos de estrangeiro, tanto protestantes recebem lições dos protestantes religiosos, tanto nós somos chamados hoje de tocoístas. Essas coisas de religião não interessam. Por exemplo, a perseguição para mim já não tem importância, nem recorde tal, que é preciso para vós, nativos da terra, nativos de Angola, filhos de Portugal, que é preciso que todos temos de ser firmes e unânimes em marchar à procura desses terroristas onde se encontram, nas matas, nas florestas, nos vales, nas montanhas, onde estão escondidos e estão a aterrorizar a nossa terra.

Se eles querem estragar a terra, estraguem a terra deles, estrangeiros, não é cá como nós, que queremos a paz de Portugal, quer paz e trabalho e o trabalho não pode vir sem paz para estabelecer a paz nesta terra e preciso que nós, filhos da terra, verdadeiramente filhos de Portugal, porque o primeiro homem que chegou a nossa terra chamava-se Diogo Cão, foi mandado pelo Rei João II. Portanto, digo-vos que somos verdadeiramente portugueses. Tanto que a gente tiver isto sobre estes inimigos que entraram nesta nossa terra, não podem continuar a viver nesta terra, nem andar a estragar esta nossa terra, não podem continuar a estragar as nossas casas, porque eles se querem estragar, estraguem a terra deles e não a nossa terra. Portanto, eu falo a todos os meus amigos nativos desta terra portuguesa do Congo Português, temos de andar a procurar e ajudar o Exército português para expulsar para a rua essa corja de malfeitores que estão estragando a nossa terra. Viva Portugal!»

Seguidamente, Simão Toco dirigiu a sua vibrante mensagem de patriotismo em dialecto «kicongo».

Anexo N.º 04: Correspondências Tocoístas em Kikongo (1973)

Cf. AHD/PIDE-DGS: 001-1825-1: Carta de Simão Toco aos Membros da Igreja Tocoísta, 23.03.1973, fl. 13.

Monsieur SIMÃO CONCALVES TOCO  
Parol da Ferreira Gomes  
Ilha S. Miguel - Insular  
Açores - Portugal

43

Kwa Se dieto, dia nzolwa boni kikilu muna Klisto Yesu wa Itwuluzi eto tata SIMÃO CONCALVES TOCO wina vo i tocoísta dia ntete omu bundu dia ifumu eto Yesu Klisto, se tambula mavimpi maku matuka kwa yeto an'aku tuzungilanga oku mbanza ipumbu; tusidi evuvu vo nkanda wau ukuluwana yo mavimpi matwana.

Owau se tufioki omu mbokena za salu kie bundu.

E nkanda una wayizila mu nzila Taia ye una wayizila mu nzila ya kwaku Kinshasa tuatambula mio ye tuato a yangala. Taia ye, kansi se dimosi muna kuma ki'abangiki atwa bangika ebundu muna kuma kie nkanda una wafila muna kuma kia nzengo za mbuta mutu Talakeka Sebastian.

Venanga ye poste zole : poste Sul ye poste Ouest yikawisanene zau mpasi vo atubarikanga kwaku Nord ekuma eto atukwikidi mpova zaku, ozevo wau vo yeto katunanga ku sambu dia mutu ko yidau di tubabangikilwa ekuma yeto mambu maku mena kutusonekenanga na tuwanga kadi una yeto entemo aku una kutulonganga utuzeye yi kuma tutua bangikilu.

Kina nkutu kiekala kie tatu kia le 30/5/1973 akala ye nkutakani asoneki mpova zina bavovelenge ye yeto tuayimbidi ye oyu tuzymbidila diaka nkutu muna kuma kie ntatani akala zab muna nkutakani. Avo yi mambu makala muna abokela mbuta mutu Talakeka Sebastian muna kunsadisa inventaire ye fidisa convocation kwa mama Tietie ekuma yani wafidisa nkanda oko kwa ngeye papa SIMÃO una wafika mbuta mutu Talakeka konda kwa zayisa yau ambuta za bundu die Kinshasa.

Ozevo yau kani dian die vundisa mama Tietie, ozazi yi mpova za tata Dilu Mathieu, Kileke Jean usanga vo insoneki ambuta una vo mpe yi koto kwani kwa kunene kwa yani mfumu Talakeka - Kimeni Albert - Kianeso Jean - Antonio Gracia - Zozo Simon unanga vo insoneki ambuta kuma Matadi, oyani diaka oye kamene cin sambu diau. O mama imazina ma wentu aya benansa oku kabatumanga kwa nkutakani, yau vo salu kieni kasala kinene - bosi mpe yau a Taia; ozevo wau vo yeto Taia kutufidisa mambu muna kutubukilanga kadi ana vana ku Taia oyau ba fidiisi ozevo oyote dituvovele vo kutulendi vukana diaka ko yau ko muna nkutakani kadi yeto Taia kutubumapa. Yani muna tukanga kafwete mio swaki ambuta venanga ye nkanda ni nkaka mu vundu kena kansi yani nsoneki ambuta kafwete kutubukilanga yote tuzeye ozevo diadi Papa aweyi dine ? kadi avilakene ngeye okwa wina, yau vo nzengo zaku vane kabawene zo betela ko eyau dieke akibukidi nze hama tavanga mambu mau, ku naku diaka ko; kansi yeto tuvovele vo: ve kadilenda-kani ko, kadi ngeye yi kuvugudi eto yituzeye;

Katuna ye mayingi ko yi momo kaka muna mambu a Se ye mwana ye wand'avelela Amen.

Yeto an'aku

Handwritten text in Kikongo, dated 23 de Maio de 1973. The text is written in a cursive script and contains several paragraphs of correspondence. It includes names like 'Simão Toco', 'Dilu Mathieu', and 'Kianeso Jean'. There are some corrections and additions in the text, such as 'Simão Toco' being written over 'Simão Toco' and 'Simão Toco' being written over 'Simão Toco'. The text ends with 'Sabula ma' and a signature.



Anexo n.º 05: Sobre a Paz Entre os Irmãos (1974)

Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Diário de Luanda*, 02.09.1974, fl. 20.

DIÁRIO DE LUANDA  
2/9/74

REG. N.º 54-009

## SIMÃO TOCO AO «DIÁRIO DE LUANDA» «NÃO ME POUparei A ESFORÇOS PARA CONSEGUIR QUE A PAZ VOLTE A TODOS OS IRMÃOS ANGOLANOS»

O líder religioso Simão Gonçalves Toco, logo no dia do seu regresso a Luanda, foi recebido, em audiência, pelo Almirante Rosa Coutinho, Presidente da Junta Governativa de Angola, com quem conversou demoradamente. Com Simão Toco iam, além de alguns dos seus mais importantes colaboradores, elementos do Partido Cristão Democrático de Angola, entre os quais o secretário-geral daquele partido, Dr. António Joaquim Ferronha, que referiu a necessidade de serem restituídos aos «tocoístas» os seus bens de cultos que tinham sido confiscados pelo regime deposto, em 25 de Abril.

À fim da tarde de sábado, Simão Toco visitou, demoradamente, as instalações daquele partido, à Mutamba, onde foi recebido pelos principais dirigentes. Na oportunidade, um repórter do nosso jornal trocou breves impressões com Simão Toco, principalmente sobre os seus planos para o futuro.

Simão Toco começou por nos dizer que não havia, no as-

sim dizer, uma igreja tocoísta. O termo tocoísta foi arranjado por pessoas ligadas ao anterior regime, como que a identificar um pensamento religioso com a pessoa que divulgava uma interpretação da Bíblia.

«Não existe o tocoísmo. O que existe é uma Igreja Africana, com base da Bíblia, igual a todas as outras, pois a verdade de Deus é única» — disse-nos Simão Toco, para admitir, no entanto, que o que diferenciava as diversas religiões cristãs era a interpretação do Livro Sagrado, «A base delas todas é a mesma. Todas as religiões cristãs se baseiam na

antigo Bairro de São Paulo, no dia do seu regresso:

**NEM TUDO ESTÁ PERDIDO EM ANGOLA**

«Tinha de percorrer a cidade a pé. Tanto em Lisboa, à minha partida, como depois a bordo, muitas pessoas me tinham avisado de que em Luanda, os brancos, me iriam matar mal eu desembarcasse. Eles estariam armados. Abater-me-iam logo. Como a missão da minha vida é de paz, pois já que me queriam abater, eu estaria ali, desarmado, como sempre, à mercê de quem quer que fosse. Mas o que vi en-

mais tarde, os cristãos daquela cidade, esteve em Benguela, na Catumbela e na Baía Farta, levando-lhes uma mensagem de fraternidade e de fé. Adiantou-nos, ainda, que dentro em breve irá percorrer todo o Estado, do Norte a Sul, pregar a Bíblia e contactar com os fiéis que tem espalhados por todo o lado. Confidenciou-nos que contava, mesmo, ir ao Zaire, onde tem alguns milhares de seguidores, que esperam ouvir as suas palavras. Disse-nos que esperava, então, contactar, não só com o presidente Mobutu, como com o líder político Holden Roberto.



*Simão Toco, à sua chegada a Luanda, ao ser saudado por dirigentes do Partido Cristão Democrático de Angola*

mesma Bíblia. Elas, no fundo, terão de ser iguais. São iguais. Somos todos cristãos. Pode haver — e há — discordâncias de interpretação. Apenas isso. Nada mais. Nós interpretamos a Bíblia de acordo com as realidades africanas. O tocoísmo, assim, não existe. Existe, isto sim, é uma Igreja Cristã africana ou angolana. Esta é a verdade».

Simão Toco explicou-nos depois o que o levou a ir a pé, do porto de Luanda, atravessando toda a cidade, até ao

tão: os que me diziam que me iam matar, em vez de me darem tiros, acenavam para mim, das janelas, da rua, por onde eu passava, com amizade. Era preciso fazer o que fiz para provar às pessoas que me tinham avisado que nem tudo está perdido em Angola. É preciso provar que pode haver harmonia, que pode haver paz

Simão Toco recordou-nos, depois a entusiástica recepção que teve no porto do Lobito, com milhares de pessoas à sua espera. Além de ter visitado

«Não me pouparei a esforços para conseguir que a paz volte a todos os irmãos angolanos. Eles hão-de ouvir» garantiu.

Finalmente, Simão Toco falou-nos dos seus planos para a construção, em Luanda, de um templo grande, amplo, para conter todos os que quiserem ouvir a mensagem de Deus. O templo actual, no antigo Bairro de São Paulo, torna-se pequeno. Terá de se encerrar, desde já, a construção de outro.







Anexo n.º 07: Reunificar os Cristãos (1974)

Cf. ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Informação n.º 1825/74-CI.: *Província de Angola*, 01.09.1974, fl. 34.

PROVINCIA DE ANGOLA  
1/9/74  
PROC. N.º 54/009

16

## REGRESSOU SIMÃO TOCO: REUNIFICAR OS CRISTÃOS PELA CONCÓRDIA RACIAL É RAZÃO DE LUTA DO LÍDER RELIGIOSO ANGOLANO

Durante aquele período de "tratamento de choque", que veio a sofrer a população de Luanda, com os incidentes sangrentos e de preocupação geral pela orientação que a Junta Governativa daria à solução de restabelecer a tranquilidade dos cidadãos de Angola, era objecto de descrença a protelação da data de chegada do "líder" pacifista Simão Gonçalves Toco, cuja liberdade tinha sido anunciada logo depois do 25 de Abril, motivo que levou os numerosos adeptos do chamado "tocoísmo" a esperar em vão a sua chegada ao aeroporto Craveiro Lopes, onde compareceu uma verdadeira multidão, pacífica e ordeira, sem contudo lhe ter sido dada uma satisfação cabal à inutilidade dessa frustrada espera.



Mil conjecturas foram feitas, inclusive a de que Simão Toco ainda estaria retido nas ilhas dos Açores por medidas de segurança — quem sabe se para evitar qualquer reacção dos amotinados seguidores da violência sectária dos grupos "emancipacionistas", na irracionalidade da tomada do poder e sua transferência a uma minoria contrária aos designios angolanos de uma paz desarmada de espíritos e retaliações.

Simão Toco, como é do domínio público, foi também um dos mártires do arbitrio e do pacto ominoso da corrupção e do poder colonialista, justamente

A indumentária com que se apresentam os seguidores de Simão Toco, documenta a autenticidade da alma e do carácter pacifista que os orienta, na pureza das suas convicções e do anseio puro, desinteressado e esperançoso por uma Angola fraternal e altruísta, onde caibam todos os que são despidos de complexos raciais e de ressentimentos do passado.

porque o seu comportamento moral era afronta para quantos dominavam a vontade de quantos desejavam poder exercer os direitos da sua cidadania, embora com opiniões divergentes. Foi, na verdade, uma maneira de servir ao inimigo, vendo implicações políticas onde só existia a solidariedade que animasse um povo inteiro e preso da descrença da sua emancipação como criaturas humanas, perante o erro repressivo de uma posição parcial de Governo para os

angolanos — sem excepção para todos eles (brancos ou de cor) e inspirado na mesma minorização dos direitos civis de cada um — como foram alvo, directa e indirectamente, das agressões impostas por pressões de toda a espécie, na tentativa de lhes ser subjugada a vontade que os desvinculasse do interesse nacional e dos direitos civis das gentes de Angola.

Mas Simão Toco chegou, por fim, ainda mais aureolado

com o dever cristão para com o seu semelhante, não apenas no dever de dignificá-lo na sua condição humana, como fazer que se lhe respeitasse a cor da pele que Deus lhe deu. Desse modo, não apenas a maioria dos angolanos natos, como o homem com fé angolana por adopção (seja o mesmo que dizer, sem preconceitos) pode e deve colaborar na construção de uma Angola próspera, onde uma sociedade organizada deve ser constituída por homens e mulheres amantes da justiça cristã, defensores da liberdade de pensamento caritativos para com os necessitados de amparo na vida — sermos irmãos tanto na felicidade como nos azares da vida.

A alegria, o entusiasmo e o fervor cívico com que Simão Toco foi recebido ao desembarque do "Infante D. Henrique", só é demonstração de que os homens que se sacrificam por um ideal, que beneficiam e protegem o ser humano dos vícios, da concupiscência e do egoísmo, são esses os mais dignos de ser amados.

Simão Toco chega justamente numa hora em que assume a responsabilidade para com os seus concidadãos de orientá-los no sentido de se protegerem dos oportunistas. E não há casta de homens mais ferozes do que a dos aproveitadores da boa fé alheia, como a dos oportunistas!




Simão Toco, horas depois do seu desembarque, teve a atenção de fazer uma visita a "a província de Angola", de cuja ocasião a foto documenta

PASSOS GUIMARAES



Anexo n.º 08 : Autorização do Culto em Todo Território Nacional (1974)

Fonte: ANTT/SCCIM: C-9-149 A, P. 90215: Nota n.º 3163-94/72/1º, 24.09.1974.

S.  R.  
REPÚBLICA PORTUGUESA  
ESTADO DE ANGOLA  
REPARTIÇÃO DE GABINETE DO GOVERNO-GERAL

N.º 3163 94/72/1.º

Exmo. Senhor  
SIMÃO GONÇALVES TOCO

LUANDA

*Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que o requerimento de 23 de Setembro em curso, em que se pedia fosse autorizada a liberdade total dos cultos religiosos, em todo o espaço de Angola, a levar a efeito pela «Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo», mercê de Sua Excelência o Presidente da Junta Governativa o seguinte despacho :*

« Autoriz-

24.9.74


As) A. Coutinho »


A BEM DA NAÇÃO

Repartição de Gabinete do Governo Geral de Angola, em Luanda, aos 25 SET. 1974

O Chefe de Gabinete,  
Alvaro de Sousa Cardoso

Visto pelo Dirigente dos Tocóistas da mesma Igreja





## 1. GUIÃO DE ENTREVISTA

1. Como se chama, idade e local de nascimento?
2. Como se chamam (vam) os seus pais e qual a naturalidade ?
3. Onde viveu entre a emergência do Tocoísmo e sua expansão em Angola? Nomeadamente no período compreendido entre 1949 e os anos 1960s?
4. O que representava a figura de Simon Kimbangu para os tocoístas daquela época?
5. Refere que viveu no Congo Léopoldville (ou noutra local). Quando é que foi viver para lá e qual foi a causa?
6. Em que ano começou a ser membro ou adepto do movimento Tocoísta?
7. Como caracteriza o movimento tocoísta?
8. Simão Toco defendia a liberdade religiosa? A esta defesa Toco associou uma componente política?
9. O que tem a dizer sobre os acontecimentos de março de 1961 levados a cabo pela UPA?
10. Existiu uma cumplicidade entre os membros tocoístas com a UPA?
11. Quais os acontecimentos que marcaram a criação do Povo N'taia? Que significa N'taia?
12. Porque é chamada de “Terra Santa”?
13. Para além do N'taia falou de Mfuesse em Angola. O que é isso?
14. Falou no refúgio dos Tocoístas: Aldeia Lumueno. Porque a considera Refúgio dos Tocoístas?
15. Qual foi o trajeto de Simão Toco em 1962, nas famosas viagens às matas do Norte de Angola?
16. Lembra-se dos hinos entoados por Simão Toco para que fosse reconhecido ou identificado pelos seus que se encontravam fugidos nas matas?
17. Que parábolas usou Simão Toco durante as viagens nas matas e o que significavam naquela época?
18. Referiu que Simão Toco abandonou os Tocoístas do Vale do Loge. Quais as razões que aponta para isso ter acontecido?
19. Porque razão os tocoístas do Vale consideraram Simão Toco um traidor?
20. Tem noção de quantos Tocoístas regressaram às suas aldeias depois das viagens de Simão Toco às matas e à fronteira com o Congo Léopoldville?
21. Muitos investigadores consideram “duvidoso” (colaboracionista) o papel de Simão Toco nas matas. Esteve ou não Simão Toco em ligação com os movimentos de libertação, nomeadamente com a UPA?
22. Diz-se que Simão Toco teve um papel duplo durante as viagens nas matas. Refere-se, por exemplo, que ele montou armadilhas para que as autoridades prendessem os representantes dos movimentos do Partido Democrático e da UPA/FNLA? Viu ou sabe alguma coisa sobre isto?
23. Que mensagem Simão Toco passava em kikongo?
24. Simão Toco falava num (ou tinha um) plano para a independência de Angola?
25. Sobre as divisões da Igreja Tocoísta em Angola. Quais as razões de que tem conhecimento?
26. Porque é que as causas da morte de Simão Gonçalves Toco é assunto pouco debatido entre os tocoístas?

## 2. As entrevistas (*transcrição*)

Dados do entrevistado

Caraterísticas sociodemográficas

**Nome completo:** *Sansão Carlos Sebastião* **Naturalidade:** Maquela do Zombo/Uíge

Idade: 67 anos - 07 de fevereiro de 1952      Nacionalidade: Angola

Caraterísticas Pertinentes

Cargo/Função anterior: Pastor e Director Adjunto do Departamento de Ritos e Sacramentos

Cargo/Função atual: Diretor da Escola Bíblica “24 de Fevereiro do Uíge”

Instituição: Igreja Tocoísta - Uíge

Data da Entrevista: 13-08-2019      Hora: 10H00      Fim: 11H30      Local: Uíge

**Pergunta:** Como se chama, idade e local de nascimento?

**Resposta:** meu nome é Sansão Carlos Sebastião, de 67 anos de idade, nascido a 07 de fevereiro de 1952. (Pastor e Director Adjunto do Departamento de Ritos e Sacramentos; Responsável da Escola Bíblica 24 de Fevereiro no Uíge). Nasci Tocoísta através dos meus pais que aderiram ao Tocoísmo a partir de 1950, logo que a Igreja chegou em Angola, via Maquela do Zombo. Meu pai foi catequista da Igreja Protestante e fez bom uso dos conhecimentos adquiridos quando passou a professar o Tocoísmo.

Fui mestre de coro infantil em Maquela do Zombo e exerci as mesmas funções na actual República Democrática do Congo, onde fui parar como resultado da guerra que assolou o Norte em 1961 e regresssei em Angola em 1962 onde continuei com as funções, isto depois da passagem de Simão Toco pelas matas e nos territórios do Congo Léopoldville chamando os refugiados.

**Pergunta:** Quando e porque fugiu de Angola?

**Resposta:** Por causa da guerra de libertação de 1961.

**Pergunta:** Como caracteriza o Tocoísmo em 1961?

**Resposta:** Foi uma Igreja e não um movimento de cariz político e que pelo conhecimento que tenho, não tinha se filiado a qualquer partido político naquele período. Deixamos o território angolano porque os portugueses não estavam a escolher quem era membro da UPA ou não e nós como eramos tocoístas e tendo que a expulsão do dirigente do Congo Léopoldville para Angola proclamava a libertação de África no geral do colonialismo. Como havia aclarado que nós vamos para Angola que é a nossa terra natal, mas aqui onde fomos expulsos, depois dos 10 anos, haverá o virar da palma de mão, significando isso, que o Congo ganharia a independência dos colonizadores belgas (Isaías, 52, 2-4). Foi esse momento interpretado pelas autoridades coloniais como sendo de um movimento político que se assemelhava a UPA e não somente de carácter religioso.

**Pergunta:** Simão Toco defendia a liberdade religiosa? A esta defesa Toco associou uma componente política?

**Resposta:** Simão Toco não tinha um plano específico para a libertação de África em termos políticos, mas sim, em termos religiosos, a semelhança do que aconteceu com os povos israelitas que se encontravam cativos no Egipto, Deus não consentia com os abusos que os povos africanos passavam por parte dos colonos e por isso enviou o Profeta Simão Toco para falar em nome de toda a África e prevendo a sua libertação. Por essa razão usamos uma estrela “Igreja da Estrela”, que significa a iluminação da África que deveria ser liberta através da Luz Divina.

**Pergunta:** O que representava a figura de Simon Kimbangu para os tocoístas daquela época?

**Resposta:** Não vi Simon Kimbangu, mas as fontes dizem que o mesmo anunciou a vinda de Simão Toco e ouvi isso na boca da irmã de Simon Kimbangu, de nome Nkengue, que por sinal o seu túmulo se encontra localizado em N'taia, bairro tocoísta criado em 1962.

**Pergunta:** O que tem a dizer sobre os acontecimentos de março de 1961 levados a cabo pela UPA?

**Resposta:** na zona Norte o ano de 1961 marca o início da luta armada de libertação nacional levada a cabo pela UPA. A partir deste ano os Tocoístas sentiram os efeitos devastadores desta guerra, porque muitos foram mortos, sobretudo, os que se encontravam a trabalhar em prol das autoridades coloniais e muitos deles foram pegos no fogo cruzado. Exemplo, foi dos jovens que trabalhavam na construção do aeroporto de Maquela do Zombo e que foram mortos pelos membros da UPA acusando-os de serem traidores da pátria. Também morreram tocoístas em outras localidades como Damba, Negage, Pedreira (Uíge), Cangola (...) já nas mãos de alguns militares portugueses.

**Pergunta:** Existiu uma cumplicidade entre os membros tocoístas com a UPA?

**Resposta:** não existiu colaboração entre os dois movimentos, mas foi apenas uma desculpa encontrada para matar os pretos em função dos acontecimentos levados pela UPA. Não nego que alguns membros tocoístas não tenham aderido em algum movimento político, mas se o fizeram, foi de forma pessoal e não por orientação da Igreja ou do líder Simão Toco.

**Pergunta:** Quais os acontecimentos que marcaram a criação do Povo N'taia? Que significa N'taia?

**Resposta:** foi o resultado das viagens nas matas no Norte de Angola feito por Simão Toco. Eu sou um daqueles que foi chamado para voltar a Angola por Simão Toco. No Congo estávamos localizados numa aldeia fronteiriça, Kikochi. Foi a partir deste momento que começamos a realizar as actividades em clandestinidade, uma vez que as autoridades congolosas não permitiam a realização de cultos.

**Pergunta:** Qual foi o trajeto de Simão Toco em 1962, nas famosas viagens às matas do Norte de Angola?

**Resposta:** Em 1962 o dirigente chegou no Uíge e hospedou no Grande Hotel do Uíge. Em Carmona fez o seu primeiro apelo e saíram os primeiros populares que se encontravam nas matas de Cacehe, Nkunga e outros povos que tinham refugiado atrás da Serra do Uíge. Foram muitas populações que atenderam o seu chamado.

Como havia deixado a maior parte da população em 1950 no Vale do Loge, seguiu viagem para aquele território e foi chamar aquelas populações, mas os mesmos não obedeceram a voz do dirigente. Alguns viram Simão Toco quando foi as matas acompanhado do Administrador, a esposa do administrador e o cipaio. Mas antes da chegada do líder para a região, o primeiro que tentou persuadir os nativos foi Pedro Tumissungo Cardoso, em nome da Igreja e do dirigente para que retornassem a sanzala. Mas a população desconfiou do mesmo e lhe acusaram que estava ao serviço das autoridades coloniais portuguesas e então, em vez de o deixarem regressar a sede do colonato, o mataram, supostamente por homens da UPA que se encontrava infiltrados entre a população e deitaram o corpo numa lagoa.

Quando o dirigente chegou ao colonato, o povo teve semelhante reacção, pois que desconfiaram que estava ao serviço das autoridades coloniais e algumas pessoas que estavam armados fizeram alguns disparos e neste momento atingiram o dirigente o ferindo na perna e ainda como resultado daquela ação morreram o Administrador do Bembe e o cipaio. Foram atacados não por outras

pessoas, mas sim, pelos praticantes do Tocoísmo, que foram organizados e instigados por pessoas da UPA que haviam se infiltrado entre o povo. Eles mobilizaram os povos dizendo que Simão Toco estava ao serviço das autoridades coloniais e que o grande objetivo da chamada era para os matarem, em resposta dos ataques levados a cabo pelo movimento (o nome do organizador do ataque mantém-se em segredo por orientação do próprio líder).

Entre os Tocoístas do Vale do Loge, suspeitou-se que muitos eram de facto adeptos da UPA e oriundos da tropa colonial. Alguns pediram as armas a UPA para se defenderem dos ataques dos colonos nas matas. A Missão do líder para o Bembe, por causa dos acontecimentos que falei atrás, foi considerada como um fracasso, pois que Simão Toco não conseguiu realizar o seu objectivo, que passava pelo regresso das populações que se encontrava nas matas ao colonato. Mas ainda assim, Simão Toco pediu as autoridades para que lhe permitissem seguir para Damba, Maquela e Kimbata. Em Maquela, recebeu a reclamação dos colonos que já não tinham trabalhadores, uma vez que todos tinham ido para as matas (...). Em conversa com o colono Jacinto, este lhe confidenciou que muitos patrões haviam morto os seus domésticos, mas que ele mantinha o seu trabalhador em sua própria casa escondido.

Já em Kimbata, fronteira entre Angola e o Congo Léopoldville, Simão Toco lançou o apelo e identificou-se como tal para que fosse reconhecido pelos seus seguidores e dirigiu-se aos seus nestes termos: “temos de voltar nas aldeias, porque a casa é varrida pelo dono”. Os velhos que estavam nas aldeias mais próximas encontraram-se com ele e estes ajudaram a espalhar a mensagem para as terras mais distantes. Em outras conversas, falou aos mais velhos da necessidade de regressarem a sua terra e que lá seriam livres. Foi assim que muitos regressamos para Angola.

Neste meio houve a indagação de alguém que não era tocoísta, cujo nome já não me recordo que perguntou o seguinte: Senhor Simão Toco, vieste libertar o país ou chamar apenas os teus seguidores? Em 1950 havias levado um grupo e até hoje não sabemos o paradeiro daquelas pessoas? Será que os vendeste aos portugueses? A estas perguntas o líder Simão Toco respondeu: eu não vim buscar pessoas para os entregar ou vender aos brancos para os matar, mas a casa é varrida por quem a pertence. E foi naquele momento que se dirigiu para os membros das autoridades coloniais portuguesas que o acompanhavam e lhes disse que vós testemunhastes a reacção da população e que os mesmos estavam desejosos de alcançar a independência, mas têm medo de falar abertamente para vós.

Depois disso, muitos entramos em Angola, passamos de Kimbata para o município e fizemos o registo na administração e fomos alojados na maternidade do hospital. Neste local, o líder fez o seu primeiro culto entre os regressados. Muitos que haviam ficado para trás, pediram autorização para que seguissem viagem a pé, para irem ter com Simão Toco. Foram autorizados. Já no entardecer, chegaram a uma aldeia chamada N'taya que liga as estradas de Maquela e M'banza Congo e acamparam ali para dar continuidade da viagem no dia seguinte. As autoridades apercebendo-se da situação, orientaram os mesmos para que não continuassem e que aguardassem o recenseamento na aldeia e que os demais que se encontravam na sede do município iriam ter com eles. Assim engrandeceu o nome de N'taya, uma aldeia colonial antiga.

Depois o dirigente seguiu para Mbanza Nsosso, outra zona fronteiriça, chamando novamente as pessoas para que regressassem.

Findas as viagens naquela região, enquanto Simão Toco se preparava para partir, alguns velhos o interrogaram sobre os outros tocoístas que se encontravam no Vale do Loge sobre qual era a sua

condição. O dirigente respondeu que aqueles já não deveriam se juntar aos demais tocoístas e que eles deveriam morrer nas matas a fim de libertar as suas almas que eram precisas por Deus. O que fizeram não é lícito de ser acto de um cristão: mataram e até a mim atiraram e lhes mostrou os ferimentos (...). Mas como vocês querem que eles venham, eu considero isso como vossa exigência e então eles podem vir, mas terão de aguentar as consequências, pois que eles são malvados: “vocês terão que ser como sapo que está na lixeira (esterco)” e quando eles chegarem devem fazer uma confissão pública por causa dos seus actos que praticaram nos últimos dias.

**Pergunta:** Porque é chamada de “Terra Santa”?

**Resposta:** N'taya existiu o primeiro bairro e depois em 1962 construiu-se a nova aldeia, uma vez que os documentos fornecidos pelas autoridades vinham como designação de residência no bairro N'taya. Mas como o bairro se encontrava na via principal, o líder pediu as autoridades que pudesse deslocar a aldeia para outro sítio e de lá nasceu o N'taya Novo, que ele próprio havia apelidado como o local da construção da “Cidade Santa”. O terreno foi cedido pelo velho Kayila e que mereceu o aval das autoridades, uma vez que mesmo a distância se poderia realizar a supervisão e que as noites o farol que se encontrava no aeroporto tinha a capacidade de iluminar a zona, facilitando a visibilidade para qualquer observação no período de noite. As autoridades começaram a marcar e a construir as primeiras casas feitas pelos militares portugueses. O dirigente não deu o nome de N'taya, mas sim, “Povoação Nova de Maquela do Zombo”, mas as autoridades coloniais portuguesas não concordaram e disseram que se mantivesse o nome de N'taya.

**Pergunta:** Lembra-se dos hinos entoados por Simão Toco para que fosse reconhecido ou identificado pelos seus que se encontravam fugidos nas matas?

**Resposta:** em Kimbata, o líder Simão Toco entoou o hino “*E yayi numuene ingyienda Mose, yo wana Yisayele*”. Mas antes, no Vale do Loge havia entoado “*Ndinga yna*”.

**Pergunta:** Que parábolas usou Simão Toco durante as viagens nas matas e o que significavam naquela época?

**Resposta:** nas parábolas que ele contava, sobretudo a da viragem das mãos, uma vez que colonos portugueses, franceses e belgas estavam em constantes ligações e em todas áreas em que o dirigente se deslocava, as suas actividades estavam sob escrutínio e foram fazendo a interpretação das mesmas. Isso levou as autoridades coloniais a entenderem que ele pretendia a libertação ou a fundação de um movimento político de luta para a libertação.

**Pergunta:** Referiu que Simão Toco abandonou os Tocoístas do Vale do Loge. Quais as razões que aponta para isso ter acontecido?

**Resposta:** a partir de 05 de fevereiro de 1950 Simão Toco e outros membros chegaram no Vale do Loge para trabalhar na Junta Nacional do Povoamento, responsável pela construção de colonatos (...). Foi a primeira sede Universal da Igreja. Em 1962 a sede transferiu-se para Luanda depois do regresso de Simão Toco do Sul de Angola e o povo havia abandonado aquela localidade. O responsável máximo da Igreja e indicado por Simão Toco aquando da sua transferência para Luanda, foi Daniel Araújo Mfinda, que por sinal era seu primo e que foi morto em 1961 por alguns membros da Igreja, que na prática eram adeptos da UPA.

Apesar de Simão Toco ter permitido a entrada de pessoas vindas do Vale para o N'taya a pedido dos anciãos, as relações que existiriam não foram as mais cordiais. Tem-se o exemplo da proibição do casamento entre os jovens destas duas aldeias; ainda consta, a luta pelo controlo da liderança do movimento a nível de Maquela do Zombo, onde aqueles queriam assumir as rédeas, mesmo Simão Toco tendo indicado os responsáveis. Com o passar do tempo as desavenças



foram se acentuando e levou a divisão do grupo, combatendo o Regedor do Bairro e responsável da Igreja, João Zino, indicado pelo próprio Simão Toco.

Os do Vale do Loge queriam indicar o velho Afonso Pereira para liderar a Igreja e ser o responsável da aldeia. As confusões agravaram-se até ao ponto de alguns tocoístas organizarem o assassinato do regedor e responsável da Igreja, João Zino, não sendo bem-sucedidos, os do Vale do Loge fizeram várias informações às autoridades portuguesas, na pessoa do Comandante Soares, mas que depois acabou ignorando as queixas recebidas (...). O grupo do Vale de Loge não tendo conseguido o controlo da Igreja na região do N'taia, muitos integrantes acabaram pedindo a mudança de residência, uns para Luanda, outros para os vários cantos do Uíge, mais precisamente para a terra de origem.

As quezílias iniciadas no N'taia, entre os naturais e os recém chegados do Vale do Loge, se estenderam até Luanda, onde estes aliaram-se a alguns dirigentes naquela cidade que não queriam ver a figura de Simão Toco a continuar em frente dos destinos da Igreja, sobretudo a partir de 1963 quando o líder foi mandado para o exílio pelas autoridades coloniais. Outro motivo que levou aos desentendimentos, foi a criação de “salário” para o líder e alguns dos seus conselheiros, ideia rejeitada pelo próprio líder, facto que levou a tentativa de destituição do velho Simão Toco, movimento de destituição liderado por membros vindos do Vale de Loge e apoiados por alguns dirigentes de Luanda.

Dados do entrevistado

Caraterísticas sociodemográficas

**Nome completo:** João Daniel [*Mano João Daniel*] **Naturalidade:** Maquela do Zombo/Uíge

Idade: 66 anos

Nacionalidade: Angola

Caraterísticas Pertinentes

Cargo/Função anterior: Membro (Viveu na casa de Simão Toco em Luanda)

Cargo/Função atual: Membro da Igreja (Criador de um site em nome da Igreja)

Instituição: Igreja Tocoísta - Uíge

Data da Entrevista: 10-04-2019 Hora: 09H00 Fim: 10H30 Local: Uíge

**Pergunta:** Como se chama, idade e local de nascimento?

**Resposta:** João Daniel, [Mano João Daniel] 66 anos, Maquela do Zombo – Béu

**Pergunta:** Como se chamam (vam) os seus pais e qual a naturalidade ?

**Resposta:** Daniel Diau, nasceu em Cuilo Futa e Luisa Simba-ainda em vida, nasceu no Beu

**Pergunta:** Onde viveu entre a emergência do Tocoísmo e sua expansão em Angola? Nomeadamente no período compreendido entre 1949 e os anos 1960s?

**Resposta:** Cheguei para Luanda em Julho de 1964 – minha casa ligada a casa de Simão Toco no Bloco 6, Bairro dos Congolenses, até ao ano que vim trabalhar aqui no Uíge. Cresci em casa de meu tio Coxe Filipe, também um dos Escreventes da Igreja até a deportação dele para o Sul .

**Pergunta:** O que representava a figura de Simon Kimbangu para os tocoístas daquela época?

**Resposta:** O Espírito de Simão Kimbangu, estava repousado no Corpo de Mpululu Joseph ou seja era o Medium ou Vate Principal de Simão Kimbangu até a morte dele em Fevereiro de 1983, que Kimbangu no corpo de Mpululu Joseph foi despedir de Simão Toco, dizendo que iria levar o corpo e se ele Simão Toco aguentaria o serviço sozinho.

**Pergunta:** Refere que viveu no Congo Léopoldville (ou noutra local). Quando é que foi viver para lá e qual foi a causa?

**Resposta:** Após o início da luta da UPA no Norte, Béu, Cuilo Futa e Damba, fugimos juntos e

entramos no Congo, Kindopolo, localidade onde muitos ficaram (1961-finais de 1962).

**Pergunta:** Em que ano começou a ser membro ou adepto do movimento Tocoísta?

**Resposta:** Fui ungido em 1963 que o tocoísmo chega para comuna de Béu. Cheguei para Luanda um ano depois de exílio de Simão Toco para Portugal.

**Pergunta:** Como caracteriza o movimento tocoísta? Simão Toco defendia a liberdade religiosa? A esta defesa Toco associou uma componente política?

**Resposta:** Acho que sim, a linguagem era político-religiosa, para os atentos. Porque mandar cantar outro hino a hora da bandeira portuguesa, diante do chefe de posto Lopes Poeira, frente actual administração do Rangel dizendo: “cantem para saberem que Angola tem dono”, acho isso como algo de caráter político. De passagem para o Sul, orientou ao mestre Dituvuila Miguel, que dirigia o coro a hora da Bandeira, entoar “Pela Pátria Cantaremos” temos nós nação feliz, ao invés do hino oficial “Viva Pátria, viva povo Português”. Na época os tocoístas, estavam sempre presentes na hora de içar a hora da Bandeira para cantar o “Viva Pátria, Viva povo Português”.

**Pergunta:** O que tem a dizer sobre os acontecimentos de março de 1961 levados a cabo pela UPA?

**Resposta:** Os Tocoístas, sempre foram contra as acções de violência e Simão Toco, preferia levar-se tudo com discussões pacíficas.

**Pergunta:** Existiu uma cumplicidade entre os membros tocoístas com a UPA?

**Resposta:** No Vale do Loge, houve irmãos que se aliaram a UPA, mas não pela orientação da organização da igreja, estando ali muitos militares da UPA, tinham ligações familiares com alguns irmãos.

**Pergunta:** Quais os acontecimentos que marcaram a criação do Povo N'taia? Que significa N'taia?

**Resposta:** Não foi Simão Toco quem atribuiu o nome de Ntaya, ele pediu o espaço ao pai do actual Bispo Auxiliar Paulo Pedro, Pedro Kayila que era proprietário rústico da região. Em Março de 1977, Simão Toco, no Buraco (local onde escondia-se de Agostinho Neto 1976-1977) disse-me que o lugar Ntaya Nova, as pessoas não sabem porque a escolheu para o seu povo. No passado servia de local de permutas e fabrico de objetos pelos antepassados. Quando contei isso ao Professor de Geografia, Lufundissu, interessou-se em examinar no laboratório do ISCED as pedras de Ntaya e segundo os resultados, servem para o fabrico de tintas.

**Pergunta:** Porque é chamada de “Terra Santa”?

**Resposta:** Simão Toco, previa Ntaya para sede Espiritual, a cidade do grande Rei, dando a entender que ele o monarca.

**Pergunta:** Qual foi o trajeto de Simão Toco em 1962, nas famosas viagens às matas do Norte de Angola?

**Resposta:** Os do Beu entraram directo para o ex Congo belga, fixando-se em Kindopolo, que Beu faz fronteira, fixando aí, apenas ouvimos que Simão Toco, estavam chamando angolanos para regressarem as suas localidades.

**Pergunta:** Lembra-se dos hinos entoados por Simão Toco para que fosse reconhecido ou identificado pelos seus que se encontravam fugidos nas matas?

**Resposta:** Nessa época eu ainda encontrava-me na comuna de Béu, onde o Tocoísmo chegou em Fevereiro de 1963. Nós regressamos pelo caminho de Kindopolo, em 1962 e permanecemos ainda nas matas mas das nossas aldeias primitivas (Mabaxi).

**Pergunta:** Porque razão os Tocoístas do Vale consideraram Simão Toco um traidor?

**Resposta:** Os do Vale do Loge sempre desafiaram Simão Toco pelas suas atitudes e ele manifestou neles muitos milagres, chegaram a levitarem acreditando que era chegado o tempo, e muito mais, os levava a pensarem que eram superiores aos demais. Foi no Vale onde Simão Toco, levou um certo número de anciãos, as matas e os mostrou a sepultura de Moisés e outros milagres. Isso depois de cantarem um hino que dizia que a sepultura de Moisés nunca apareceu.

O hino só os do vale do Loge podem conhecer, Simão Toco, revelou-lhes que o Vale da Sentença estaria no Vale do Loge.

**Pergunta:** Tem noção de quantos Tocoístas regressaram às suas aldeias depois das viagens de Simão Toco às matas e à fronteira com o Congo Léopoldville?

**Resposta:** isso conhecemos nesse tempo depois da abertura do arquivo da PIDE no IANTT.

**Pergunta:** Muitos investigadores consideram “duvidoso” (colaboracionista) o papel de Simão Toco nas matas. Esteve ou não Simão Toco em ligação com os movimentos de libertação, nomeadamente com a UPA?

**Resposta:** ele nunca teve nenhuma ligação com às acções, mas dirigiu uma carta ao Holden Roberto, para que deixasse o povo regressar. Por outra, Simão Toco, vai às matas psicologicamente com moral muito baixa, porque a partir da Ponta Albina, teve conhecimento do massacre dos tocoístas, na Pedreira, Damba e outros lugares, pelos soldados, que também massacraram o povo do Vale do Loge. Entenda-se que ele era um homem preso, teve que colaborar no sentido de fazer voltar o povo, mas nunca revelou que ele tinha também ideias de independência mas sem o derramamento de sangue. Com a ida nas matas, ele ganhou muito, porque instalou o seu povo no local escolhido.

**Pergunta:** Diz-se que Simão Toco teve um papel duplo durante as viagens nas matas. Refere-se, por exemplo, que ele montou armadilhas para que as autoridades prendessem os representantes dos movimentos do Partido Democrático e da UPA/FNLA? Viu ou sabe alguma coisa sobre isto?

**Resposta:** Simão Toco não tinha nenhum outro plano simplesmente queria demonstrar a inocência dos Tocoístas nas acções de terrores, quando regressou do exílio no dia 31 de Agosto de 1974, o Presidente Ferronha e seu secretário Dongala Garcia do Partido Democrático, o receberam no Porto de Luanda e chegaram até ao Tabernáculo Central no Bloco 5, penso que eles tinham qualquer interesse com Simão Toco, porque depois do Golpe em Portugal foram os primeiros a visitarem no Açores Simão Toco, e mesmo no dia 8 de Agosto de 1974, quando corria boatos de regresso dele, foram no Aeroporto, espera-lo.

**Pergunta:** Que mensagem Simão Toco passava em kikongo?

**Resposta:** Ele dava esperança que seria alguém, que levava muitos pensarem que seria o presidente.

**Pergunta:** Simão Toco falava num (ou tinha um) plano para a independência de Angola?

**Resposta:** Quando regressou do exílio, em conversa com seu amigo o Reverendo Pedro Mokumbi da Igreja Metodista, ele disse-lhe: Regressei, mas a minha missão ainda não terminou porque está ligada também a Terra. Em 15 de Agosto de 1977, aprovou um ante-projecto para um governo monárquico africano, que começaria de Angola para o Norte. O verdadeiro EU Africanos como a OUA. Os documentos eu os engoli, quando ele foi preso pela ODP. Estavam comigo no bolso, já a caminho para 5ª Avenida onde passou noite de interrogatórios, lembrava-me que estava comigo documentos que podiam prejudicar a igreja, como sempre nunca iria trair nem a igreja nem Simão Toco, então frente a FRESCANGOL comecei os mastigando como pastilha, mesmo no jeep militar e depois os engoli, imagine agora os anciãos ficaram depois dessa prisão, com medo de os documentos serem levados.

**Pergunta:** Sobre as divisões da Igreja Tocoísta em Angola. Quais as razões de que tem conhecimento?

**Resposta:** Até 1974, Simão Toco, organizou a direcção da Igreja (Representantes das 18 classes e 16 Tribos), com a destruição da igreja no dia 22 de Junho de 1976, que Agostinho Neto mandou grupo de jovens, pioneiros para apanharem Simão Toco, e ele escapa-se, os trabalhos públicos ficaram paralisados, e não havia mais reuniões, o estado montou muitos espias, até Tocoístas no Bairro dos Congolenses, para denunciarem. Muitos dos responsáveis dos grupos referidos, com medo de serem presos, deixaram de aparecerem no bairro dos congolenses, os poucos que conheciam onde estava escondido Simão Toco, começaram reunindo com ele a partir do Buraco

(local em que se escondia 1976-1977, durante 14 meses.), nesse grupo estavam: Escrevente geral e seu Adjuntos, os Vates principais, Pastores principais e anciãos principais da Igreja Central, que constituíram a direcção restrita. Durante o período as orientações de Simão Toco, saíam e em nome destes, os demais não lhes passava pela mente de quem eram as orientações para a Igreja. Com a saída da prisão, muda-se para Terra Nova, esse grupo continuou reunindo com ele. Isso começava a criar ressentimentos internos aos demais irmãos, porque o grupo estava constituído apenas por pessoas de kikongo, logo para os demais isso era tribalismo. Em 1980. Começou a engrossar o grupo da nova direcção ao invés de restabelecer a direcção dos Representes das 18 classes e 16 Tribos, porque para ele a igreja ainda não estava autorizada a trabalhar publicamente-

**Pergunta:** Porque é que as causas da morte de Simão Gonçalves Toco é assunto pouco debatido entre os Tocoístas?

**Resposta:** A essa pergunta posso dizer, que muitos Tocoístas sentem o peso de consciência de terem interrompido o retiro espiritual de Simão Toco, porque em Janeiro de 1983, através de um ofício da igreja, Simão Toco anunciou o inicio de uma longa viagem e não queria ser interrompido. E, em pleno retiro espiritual dele, em meados do ano eclodem os conflitos que dividem os Tocoístas até aos dias de hoje. Nos meses que seguiram notava-se certa debilidade, já escrever a tremer e em 21 de Dezembro foi atacado por uma crise cardiovascular, que o deixou com as sequelas que conhecemos de quem apanha trombose. Nesse dia em que os grupos que lutavam a cúpula reuniam na Terra Nova, local da Tribo de Malange. Mas que pelo fanatismo dos Tocoístas, a direcção não o convenceu tratar-se num dos hospitais com Mendes de Carvalho e sua filha Esperança tentaram. Em suma, o tratamento que tinha era medíocre, de pessoas não especializados, uma das vezes perguntei alguém que tratava, que doença ele tinha, respondeu-me que não sabia, e eu voltei a perguntar, como lhe aplicavam injeções e não sabe que doença tinha? Em Outubro fechou-se na casa de banho durante muito tempo, acompanhando nós o estado de saúde, arrombei a porta e entrei, pegou-me na mão como fazem os quiromantes ciganos, durante muito tempo, as irmãs, fora perguntavam se aconteceu alguma coisa e eu as acalmava, quando Simão toco, me falou: está para morrer um padre, a igreja de maquela estará cheia a partir da damba, como falava de padre eu estava muito distante, que referia-se a ele mesmo. As 15 de Dezembro de 1983, morreu na sua residência. Nós os filhos da residência, sem alarmarmos a situação, procuramos contactar os anciãos da cúpula, que apareceram na residência e amanheceram até 01 de janeiro de 1984. Durante a noite, oraram pensando que fosse repetição do que aconteceu na missão metodista em Luanda (1935/36) ou Nsona Mbata em Kinshasa, quando as pessoas pensavam que estivesse morto. Isso, levou os anciãos da cúpula a esconderem o dia e a hora da morte. Mesmo as irmãs na residência em festa da passagem do ano não dominavam do que se passava. As 5 horas de manhã de 01 de janeiro de 1984, os anciãos depois de perderem esperança de retorno, mandaram-me avisar o publico, e recomendando não revelar a hora e o dia, que disse apenas morreu nesta manhã de 1 de janeiro de 1984, comuniquei assim o publico começando pelas irmãs da residência em festa, imagine a hora do candando da passagem do ano, eu sentado não podia fazer transparecer nada do que se passava, uma vez a outra lagrimava. A verdadeira data da morte 31 de dezembro, fica conhecida quando o irmão Afonso Nunes chega para Luanda, quando falou sobre a data foi desmentido em publico, então ele disse chamem o João Daniel, ao que me encontrava fora, quando entregaram o micro para dizer que dia e horas morreu Simão Toco, depois de eu revelar o porque anunciei o dia 1 e não o 31, as pessoas diziam: como é o mano João Daniel que está falar é verdade, não se pode duvidar. Por outra, se a cúpula explicasse que morreu dia anterior, da maneira que a situação efervescia, os grupos podiam castigá-los, porque a ODP Organização da Defesa Popular, a partir dos irmãos Tocoístas conotados a eles já prometiam muita coisa. Por isso, é considerado até hoje, sensível falar-se como estou respondendo essa questão. Penso tentar responder.

**Pergunta:** Referiu a Lagoa Lunzamba: que significado teve ou tem para os Tocoístas?

**Resposta:** Parece Janeiro ou Fevereiro de 1974, numa das cartas circulares, aos Tocoístas em Angola, Simão Toco contou a pequena historia popular sobre a Lagoa Lunzamba, que começa no Zulumongo vai até Vale do Loge. A tradição oral diz que houve um tempo, em que apareceu nas aldeias submersas hoje lagoa “Lunzamba”, um velho cheio de feridas crônicas e seguido por moscas pedindo de comer e beber. Nas aldeias que passou ninguém aceitava dar de comer e beber, mas que chegou outra aldeia onde encontrou uma criança, ao perguntar pelos pais, ela respondeu que estão na lavra, então pediu-a água para beber, ela mandou-o sentar cozinhou para ele depois deu-o a água. Quando se levantou recomendou-a: quando seu pai vierem da lavra, diga-lhes para mudarem deste lugar e vão no topo da montanha (Zulumongo). Com o regresso dos pais da lavra, a filha transmitiu a recomendação e os pais transferiram-se dali. Depois dessa transferência, começou a chover torrencialmente, até deixar as aldeias submersas, e o surgimento da lagoa LUNZAMBA.

Dados do entrevistado  
Caraterísticas sociodemográficas

**Nome completo. Domingos Vienga**                      **Naturalidade: Maquela do Zombo/Uíge**

Idade: 73 anos

Nacionalidade: Angola

Caraterísticas Pertinentes

Cargo/Função anterior: Membro da Igreja desde os anos de 1950 e Ancião Conselheiro

Cargo/Função atual: Membro da Igreja (ancião)

Instituição:

Data da Entrevista: 26-01-2016

Hora: 09H00

Fim: 11H15

Local: Luanda

**Pergunta:** Como se chama, idade e local de nascimento?

**Resposta:** Domingos Vienga, 73 anos de idade, natural de Damba, província do Uíge.

**Pergunta:** Em que ano começou a ser membro ou adepto do movimento Tocoísta?

**Resposta:** comecei a ser membro desde a fundação em 1949, quando Simão Toco disse: “Os profetas e anjos, hão-de apoiar-me e a vocês também. Leiam o capítulo bíblico de Jeremias 1:4-10”. Prossigui: o serviço que nos foi entregue é grande, vamos “libertar primeiro essa terra (Congo Léopoldville) e depois Angola”. Não me esconderei de vós, aquele que perseverar e aquele que desistir que desista, porque o governo do Congo Belga é comparado com leopardo e o português como leão, ou seja, o governo do Congo belga tem força de leopardo e o do governo português tem força de leão”.

**Pergunta:** Onde viveu entre a emergência do Tocoísmo e sua expansão em Angola? Nomeadamente no período compreendido entre 1949 e os anos 1960s?

**Resposta:** me encontrava na República do Congo Kinshasa, onde havia emigrado a procura de melhores condições de vida. Fiz parte do coro de Kibocolo.

**Pergunta:** qual foi o itinerário depois da expulsão dos Tocoístas do Congo Léopoldville em 1950?

**Resposta:** Partimos de Léopoldville de comboio até Matadi e chegamos a Noqui, onde permanecemos trinta dias porque esperávamos transportes e, a partir daí, de carro alcançamos Mbanza Kongo, onde fomos recenseados e era também o momento em que cada um devia renunciar ou não ao Tocoísmo. Todos nós levantamos às mãos e respondemos: queremos

continuar a trabalhar para Cristo.

As autoridades disseram: para isso devem abandonar o hábito da vadiagem sem trabalhar, porque cá em Angola trabalha-se. Aquele que não trabalhar, será deportado para outros distritos, pois que já nos entendemos com o vosso dirigente e ele garantiu que vocês gostam de trabalhar e orar.

Depois as autoridades separaram-nos em dois grupos:

1 - Afonso Botaz e outros foram transferidos para Luanda,

2- eu Domingos Vienga, Afonso Pereira e Nzila Pedro e outros para o Colonato do Vale do Loge.

Sáímos de Mbanza Kongo até ao Toto de carro e descemos das viaturas porque os motoristas não queriam chegar até ao Colonato. Chamamos o dirigente que já se encontrava no Vale do Loge, o chefe de posto do Bembe disponibilizou transporte que nos levou para o local onde estava o dirigente e chegamos no dia 15 do mês de Julho de 1950.

No Colonato do Vale do Loge, sofremos duramente com os serviços e por isso o Dirigente Simão Toco o apelidou de N'dimba Nzengo "Vale da Sentença", quando nas suas palavras se pronunciou "*Owau i n'dimba n'zengo, i mvan mva svekwa e ulolo wa kimmvwa, kuna se ntu yibosi lusinga mona "wolo-ouro, ye mambanga ma nkaka"*", são as afirmações que o Dirigente Simão Toco fez no Colonato do Vale do Loge. Interpretado em português "agora este é o vale da sentença ou lugar da decisão, onde está ocultada muita riqueza e doravante, podereis viver com ouro e outros diferentes minerais".

Prosseguindo, dizia: eu não vos menti no que vos falei. As riquezas todas da Igreja de Cristo estão guardadas neste "Vale" Isaías 65:17.

**Pergunta:** quais os motivos que levaram as autoridades portuguesas a transferirem Simão Toco do Norte para o Sul de Angola?

**Resposta:** é um assunto muito longo, mas resumindo, posso dizer que tudo foi inveja dos padres e também dos chefes do Colonato, por causa do sucesso que o Profeta teve entre as populações (...). De facto, as pregações do líder fez muitos dos pretos abandonarem a sua religião, como católica e protestante para entrarem na nossa Igreja. Este é o grande motivo que temos como estando na base para a sua transferência. Já na despedida do Colonato do Vale do Loge para seguir para o Sul de Angola, o Dirigente Simão Toco fez a apresentação da comitiva que o acompanharia: Domingos Manuel, Isabel Mansanga, Paulina Malongi, João Sivi e Maria Rosa Toco.

Na mesma ocasião adiantou que os portugueses não queriam que ele continuasse no Vale do Loge, no nosso meio, por isso estavam a transferi-lo para o Sul de Angola e acrescentou: "*Eu vou, mas, se procurarem milagres vou mostrar-lhes*". Seguidamente, chamou os irmãos que compunham a comitiva e começou a decifrar o significado de cada um dos nomes dos membros:

1. Domingos Manuel, (porque estamos pedindo o reino de Jesus, de Emanuel);
2. Isabel Mansanga (tu lombanga kwa ntinu mpasi ka kunguna o mansanga meto; em

português: vamos pedindo ao Rei para que enxugue as nossas lágrimas);

3. João Sivi (avo masivi bevava, mona mpe bemona mo; em português: se estão a procura de maravilhas, irão ver também);
4. Paulina Malongi (owana bevava o malongi basiwa longwa koko nsi za Sul tukwenda; em português: as crianças que precisam de conselhos, lhes serão dados a partir das terras do Sul onde iremos);
5. Maria Rosa Toco (i ntinu a n'keto; é a principal responsável pelas mulheres);
6. Simão Toco (vo imono e Mvungudi'a ma meme, Avo nlambula o koko mvola awonsono oku ngina; já eu sou o apascentador das ovelhas, se eu estender a minha mão vou puxar todos até mim);

Estas palavras do Dirigente provocaram uma grande comoção entre todos os presentes e alguns que não conseguiram conter-se, chegaram a tirar lágrimas.

**Pergunta:** o que tem a dizer sobre a liderança da Igreja depois da partida de Simão Toco para a zona Sul?

**Resposta:** Depois da sua partida para Caconda, ficaram a frente da Igreja três anciãos conselheiros que tinham sido indicados pelo próprio Profeta, nomeadamente, Daniel Mfinda, Tumissungu Cardoso e Toko Manuel Diakenga.

Vivemos momentos de alguma turbulência organizativa e tivemos crises de liderança, isso depois da saída do Dirigente Simão Toco do Colonato do Vale do Loge. Foi assim que passado algum tempo, o irmão Tumissungu Cardoso, ficou possuído do “Espírito de Mikayele ou Mbasi’Ambuta” (Arcanjo Miguel ) e começou trocando as mulheres dos casais nos lares, foi a partir daí que começaram os problemas no Colonato do Vale do Loge.

Mais tarde, o ancião Daniel Mfinda que havia sido escolhido para o ser o primeiro responsável entre os três, não concordou com o “Espírito” e espalhou o povo com os seus pronunciamentos e desacreditou o espírito, que ele considerava de maligno e não divino. Quando alguém se levantasse e que se sentisse inspirado, ele o mandava sentar, já não acreditava nos que se diziam tomados pelo espírito, por causa das práticas comportamentais do irmão Tumissungu Cardoso. Ao mandar parar aquelas pessoas se pronunciava nos seguintes termos: “eu para acreditar terá que dizer-me primeiro que tipo de comida “comeu” o dirigente lá no Sul; adiantou mais: para todos vós aqui no Vale do Loge, é graças ao povo de Sadi que apareceu com o Profeta, porque do outro modo seria muita pena para vocês, pois que nunca iriam conhecer a palavra de Deus e continuaria a ser dominados pelos brancos.

Os Tocoístas que eram naturais do Bembe quando ouviram essas palavras interpretaram-nas como humilhação, ofensas e insultos, muitas pessoas emocionadas, choravam, lamentavam e diziam que aquele que não era o modo como dirigente queria que a Igreja fosse orientada. E o mais velho Daniel Mfinda quando se apercebeu da tristeza, dos lamentos, das reclamações e do descontentamento gerado pela sua posição, ao invés de reconsiderar a sua posição, tornou-se mais agressivo contra o povo presente aos mandar calar e para que ficassem quietos. Insistia: "Se

vão ser salvos, graças a uma pessoa do Sadi, por isso não têm direito de reclamar".

Mesmo assim, o povo ficou revoltado e não estando satisfeitos com o comportamento do ancião "Daniel Mfinda", foram ter com ele algumas pessoas que exigiram o pagamento pelo trabalho que prestaram para a Igreja e para ele ficar com o serviço sozinho, uma vez que se achava na condição de líder máximo da Igreja. Ainda assim, o ancião não mudou de ideias e endureceu o seu discurso: estejais calados, porque de outro jeito vou entregar-vos aos brancos para vos matar.

Eu entendo que foram aquelas ofensas todas e humilhações que os membros do Vale do Loge passaram e o mau comportamento demonstrado pelo ancião responsável que fez com que os profetas e anjos deixassem de descer sobre o povo no Colonato, e, isso fez com que os membros começassem a desviar-se do caminho que o Profeta Simão Toco tinha começado.

Por essa razão, o irmão António Sequatro, uma pessoa de muito respeito entre os Tocoístas começou chorar e por fim escreveu uma carta ao dirigente Simão Toco que se encontrava na Ponta Albina, Sul de Angola, relatando todo o procedimento do ancião Daniel Mfinda e às consequências da obra do Senhor no Colonato do Vale do Loge.

Uma semana depois, eu Domingos Vienga fui chamado pelas autoridades, e entregaram-me uma carta do dirigente em meu nome para que fosse lida publicamente.

A carta orientava-me para uma leitura pública, levei a carta, nela constava a seguinte ordem: antes da leitura pública, Domingos Vienga, leia ao ancião Daniel Mfinda o seguinte capítulo bíblico: Mateus 21, 40.

A chamada de atenção do dirigente contida na carta era: "Daniel Mfinda, keba omu salu kiaku, esalu ntete kitondwa kuna mfoko, kwa ngeye Daniel Mfinda, ye ta zayisa mama mambu".

Oyenu'ambuta kayilubuikidid kadi luyambwele salu kwa Daniel Mfinda, kuzeye Nzambi ko, isiavo esalu kia Nzambi ofwasidi kio, tuna omu wunu kiaki, luzayisa Daniele Mfinda vo: ka kena diaka oku ntuala salu kia mambu ma N'zambi ko, ka twidi e wisa kiandi, mono yalomba wo omwanda, oyandi kalendi fidisa o mwanda m'paka ko. N'kanda u nsonekene Sequatro, mbakidi wo e mvutu yeno awonso, Domingos Vienga kalutangila zo.

Mu owu kavovele oyandi kakieleka ko vo: "ndinga Nzambi ya wa ya Vuluzza Nza, kansi ka Sadi kaka ko". prosseguindo, "avo i mwanda, kafidisi m'paka, lutangila e nsasa mwanda, kana nki Yoani 4,23-25", lutoma tanga mpasi vo katoma bakisa. Prosseguindo: e Daniel Mfinda, ana zola vuluka, fukama ye mpe, lombamba ndoloki, kadi Nzambi kena diaka oku sambu diaku ko.

Em português pode ser entendido: "Daniel Mfinda, toma cuidado com o seu trabalho, para que o mesmo seja aceite, depende do seu final. É para Daniel Mfinda que eu falo estas coisas".

Vocês os mais velhos sereis capacitados porque deixaram o trabalho ao Daniel Mfinda, não conheceu Deus, por isso estragaram o trabalho de Deus. Hoje em dia, estamos frente trabalho de Deus até aos dias vindouros. Informem ao Daniel Mfinda de que não está mais em frente ao trabalho de Deus, retiro o poder que eu havia lhe dado e também o Espírito. Ele não pode enviar um espírito duvidoso. Esta é a quarta missiva que eu escrevo, é uma resposta da carta que me



enviaram. Façam uma leitura conjunta e entreguem-na ao Domingos Vienga para que ele leia para vós.

Tudo que ele disse aos demais irmãos tocoístas do Bembe, não condiz com a verdade. Eu ouvi a voz de Deus para salvar o mundo, mas não somente os de Sadi. Prosseguindo, quanto a dúvida que teve sobre o Espírito que desceu ao irmão Tumissungo. Digo que duvidaste com o Espírito e para entenderem o significado, leiam o livro de João, 4, 23-25; leiam bem, para que percebam bem. Óh Daniel Mfinda, se quiseres salvar, ajoelhe-se e peça misericórdia, porque Deus não está mais do teu lado.

Domingos Vienga: va kazola fukama, aki tata Simão Vuvu ye zaka mbuta ba nfinamanga, oyau oku vo: ku fukami ko, kadi oyo nsonekene nkanda wowo, mwana fioti kwandi, prosseguindo: oyeto ambuta i tulenda ku ntwikila nkanda, ka tuvana mvutu", kansi ka mwana fiote ko”.

Domingos Vienga informou-me que quando tomou a decisão de querer ajoelhar-se para a sua misericórdia por causa dos seus pecados, teve a oposição dos papás Simão Vuvu e outros mais velhos que se aproximaram dele e lhe diziam: não se ajoelhe, porque quem escreveu essa carta é uma criança; nós os mais velhos é que temos de te enviar carta para nos dar uma resposta, mas não uma criança. Essas são as palavras dos anciãos que concordavam com às ideias do irmão Daniel Mfinda.

Passado alguns dias chegou do Bembe um papelinho do Dirigente Simão Toco onde dizia: como não há entendimentos entre eles lá no Colonato, vou os espalhar, porque Deus, retirou os profetas e anjos, que protegia o Colonato. Apocalipse 3:1-4.

**Pergunta:** Como caracteriza os acontecimentos de 15 de Março de 1961 Colonato do Vale do Loge levados a cabo pela UPA?

**Resposta:** Quando eclodiu a guerra da UPA no Norte de Angola, em 15 de Março de 1961, apareceram no Colonato do Vale do Loge soldados da UPA, fortemente armados, e obrigaram todo povo a abandonar a localidade, dizendo que os brancos pretendiam matá-los e por isso fugimos todos para as matas.

O ancião Tumisungu Cardoso, foi o último a fugir, ele hesitava, dizia essa é a terra da nossa promessa, fugir daqui, significa negar Deus, contrariava a opinião de Toko Manuel Dikenga, que dizia: são anjos que Deus mandou para nos comunicar o perigo, por isso, acho que devemos fugir e abandonar o Colonato. Todo povo fugiu e ficou apenas o ancião Tumisungu Cardoso.

Quando os soldados brancos chegaram ao Colonato, apanharam-lhe, e o interrogavam sobre onde se encontrava o povo e se vós sois tocoístas e inocentes porquê fugiram? Foi quando respondeu que apareceram militares da UPA que os obrigaram a fugir.

E por seu turno, os militares portugueses responderam dizendo que nós não viemos para matar o povo, por isso, tu como és Tocoísta, vá chamar os seus irmãos, porque és o sucessor de Simão Toco aqui no Colonato.

Vava kayenda mu mfinda yo bokela owantu ba tina, wabakwa kwa masoda ma UPA, banyula okweyi kwendanga, okweyi otuka, yandi vo: o wantu ya kwendi landi mpasi bavutuka mu vata,

UPA kayangalala ko, oyau vo: avo tuyambwidi lenda kutu funda kwa mindele. Ba akutama a mbuta za UPA, yo baka nzengo vo kafwete vondwa, vava ba nvonda ba ntuba vana yanga dia maza.

Va UPA kalwaka mu mfinda oku twakala oyeto, oyau bayika vo "Tumisungu", bavondele kwa mindele, oyeto esi Colonato katwayangalala ko, twa samba esambu kwa Nzambi, mpasi vo katusonga wuna tulenda vaikila mu zi mfinda.

Twa kala ngonde tatu mu zi mfinda, tata Nzambi wa wakio esambu kieto, ye mpe o Mfidi'eto wayiza katuka ku Sul yo ko Luanda, se ka kolo ko, wayiza oku Norte, mu ngonde sambwadi.

**Pergunta:** falou de um sinal que viram. Qual foi o sinal? E de que se tratava?

**Pergunta:** E sisu twa mona isiavo avioneta, wayiza mwangingi nkanda, omu zimfinda baswaminanga owantu.: Bembe, Songo, Lukunga, Nova Caipemba, Toto e S. Salvador, Serra do Kanda, Damba, Kibokolo, Mbanza Nkusu, Maquela do Zombo. Owu mambu makadila: Yeno awonso esi Colonato, luvaika, kalu lendi zingila diaka mu zimfinda ko, kadi mono Simão Toco, ngizidi, luvaiki mu zimfinda, ka nuzingidi ko.

Vava ya tanga wa nkanda ya kanina ambuta ba nsindika mu kwenda ya ku Makela muna zaya kana nki mpila n'kangu wawonso ulenda vaikila muna zimfinda. Yayenda kansu se dimosi, e nkoko miau kulu mivwidi fuluka yo maza.

Yasawkilanga mu mu lulalu [forme espécie de jangada com palmas de palmeiras], yavaikila kuna Songololo, lumbu ya (4) ya kuna Songololo, yaleka lumbu (2) yole, yabaka lukalu ya kuna Kinshasa, ya tambulwa kwa Bundu, oyau ibosi bazayisa Mfidi'eto kuna Makela vo Domingos Vienga olweke oko Kinsahasa. Tata Simão Simão Toco, wasoneka nkanda oku vo:lu nfindika keza nswalu oku Makela. WAntu bayiza yo Mfidi yaku Makela, twakala twatatu (3): Domingos Vienga, Simão Mputu ou Mpu Simão e André Kidoda

Va twalwaka ku Makela, papa Simão Toco, wayangalala kikilu, wa nkusa mazi, twasamba, seto koko Zulu.

Yandi vo u nzayisa , kana aweyi luzingilanga muna zimfinda? Mfumu Tumisungu wavondwa kwa UPA e ndonga mu fwa ina mu zimfinda, mun'owu wazingu kiaki kia mpasi yo kondwa kwa nlongo ye nzala mpe.

Yandi vo: ngeye Domingos Vienga, kubama se tu kwenda yaku yakuna Kimpangu muna Zeep, vana Kimbata, wabaka Megafone, wavova: yeno awonso esi Angola, luvutuki, mu mavata menu oku Angola.

O waka owantu twawana kuna Kimpangu, mpaka mpasi, oyau oku vo:nga twavutuka, e kimpwanza kia bakamena kala e? Yandi papa Simão Toco vo: lu wa yavana mvutu zeno, mu kingana, yandi vo: ngumba tata kuna nti keninanga, nga uvovanga ngumba tata; nga kuna Belegi ku lubakile eki mpwanza e? mpaka zau zasaka, tata N'logi, wabonga ntoto, yandi oku vo: owana kabazolele ku ngwila mbote bandanda, owana mpe kebazolele ko endi kwau", se, vena vau owantu bayantika tina; akaka ba ngwila owaka asala.

Mono Domingos Vienga, yasala vana Kimbata, tata N'longi watuma yakuna Kinshasa, oyau

bavutuka yo wantu ba ngwila oku Angola.

Yandi vo: wantu atatu (3) a tutambula: Domingos Videira, Sebastião Talakaka e Ndiekeno Manuel

**Pergunta:** sabe de alguma troca de correspondência entre Simão Toco e HOLDEN ROBERTO?

**Resposta:** Yandi vo: ngeye Domingos Vienga, tuka mu owunu kiaki, salu kia nene i vene kia kiyembe: okiya konso kuna yaku fila, owau kubama wenda ku Kinshasa, vana owau nkanda kwa n'kangu omu zimfinda, bavaika balanda nzila ina landidi o ngeye, prosseguindo: owau nkanda, vana kwa Holden Roberto, ya nata mio.

Kuna nima, o wantu bayantika vaika mu zimfinda. Yalwaka yakuna Songololo, yo Kuna Kinsasa, owaka nkanda yayenda wo vana kwa Holden Roberto, mono oku vo, papa Simão Toco, u ntumini, mono mosi yatambika wo, kimona kwame konso wonga ko.

Ibosi kavana nsiku kwa masoladi mandi, mu kuma kia nkangu ukalanga mu zimmfind.

Dados do entrevistado  
Caraterísticas sociodemográficas

**Nome completo:** Afonso Luzito                      **Naturalidade:** Maquela do Zombo/Uíge

Idade: 69 anos – 14 de agosto de 1951              Nacionalidade: Angola

Caraterísticas Pertinentes

Cargo/Função anterior: Dirigente e compositor

Cargo/Função atual: Membro da Igreja (ancião)

Instituição: Igreja Tocoísta - Uíge

Data da Entrevista: 10-05-2019              Hora: 09H00    Fim: 10H30    Local: Uíge

### **Partida para o Congo Léopoldville**

Chegando lá o Mano não queria me deixar, não queria me deixar voltar, isto quer dizer que mobilizou muito bem outras pessoas e conseguiu mobilizar um o senhor do Sul. Quando eu voltei no bairro me considerava muito esperto porque estava a controlar o velho e ele conseguiu ler os meus pensamentos e explicou tudo aquilo que passava na minha mente e aos poucos eu fui acompanhando aquilo que ele dizia, por isso eu digo, que foi muito esperto, porque a partir de lá controlei o velho e comecei a aprender muita coisa.

**Pergunta:** Em que ano começou a ser membro ou adepto do movimento Tocoísta?

**Resposta:** eu praticamente nasci na igreja pois que fui dedicado nela tão logo ao meu nascimento, isto é, em 1951.

**Pergunta:** Onde viveu entre a emergência do Tocoísmo e sua expansão em Angola? Nomeadamente no período compreendido entre 1949 e os anos 1960s?

**Resposta:** Nasci em Angola, dentro de uma família de tocoístas. Depois dos conflitos de 1961 fomos para o Congo Léopoldville, por causa das perseguições que os colonos moveram contra nós, nos acusando que eramos da UPA. Embora da pouca idade na época, ainda me recordo do caminho que utilizamos e das dificuldades que nós passamos. Foi um momento muito triste da minha vida.

**Pergunta:** O que representava a figura de Simon Kimbangu para os tocoístas daquela época?

**Resposta:** para nós, Simon Kimbangu foi como o João Baptista da Bíblia. Ele veio preparar o nascimento de Simão Toco. Eu vivi com a irmã dele, agora o nome me passa, mas sei que a sua sepultura se encontra no N'taia, o famoso bairro dos tocoístas. Isso ajuda a entender o papel que Kimbangu teve na preparação da vinda do líder Toco.

**Pergunta:** Refere que viveu no Congo Léopoldville. Quando é que foi viver para lá e qual foi a causa?

**Resposta:** fui lá em 1961, em virtude dos ataques da UPA e das tropas do colono. Eles não escolhiam ninguém. Matavam tudo que encontrava numa aldeia. Para sobreviver, os meus pais decidiram seguir viagem para o Congo.

**Pergunta:** Fez parte de algum couro ou foi membro da direcção da igreja?

**Resposta:** eu sou dirigente e compositor ....

**Pergunta:** Como caracteriza o movimento tocoísta?

**Resposta:** o movimento é religioso de base cristã e desde a sua fundação que o líder e nós os seguidores estávamos voltados para a leitura da Bíblia e a divulgação da palavra do Senhor. Nós não concordávamos com alguns ensinamentos dados quer por Padres e alguns Pastores Protestantes e por isso, depois da descida do Espírito Santo em África, tivemos a oportunidade de interpretar a Bíblia.

**Pergunta:** Simão Toco defendia a liberdade religiosa? A esta defesa Toco associou uma componente política?

**Resposta:** A nossa política era uma política religiosa e depois desse momento do regresso dos tocoístas em Angola, só assim os políticos verdadeiramente ditos, começaram a reagir para o combate ao colonialismo português.

**Pergunta:** Existiu uma cumplicidade entre os membros tocoístas com a UPA?

**Resposta:** segundo o pensamento das pessoas podemos considerar isso como verdadeiro até ao ano de 1961, pois que na altura combateu-se as igrejas espirituais e nós sentimos isso porque aquilo que os políticos desejavam nós fomos obrigados a fazer, ou seja, a obedecer a orientação dada pelos mesmos, porque havia no nosso grupo mais velhos em idade que na altura falavam da Independência mas que na verdade não sabiam o que era Independência. Digo que os nossos velhos quando entraram em Angola em 1950, entraram com a política de Deus e era a nossa defesa e tudo aquilo que nós falávamos tinha a sua base na Bíblia, ou seja, era o nosso livro, o nosso guia... Naquela época quando regressamos para Angola nos comparamos ao povo de Israel, ou seja, o regresso a nossa terra. Embora isso, nunca estive no intuito dos organizadores do Tocoísmo a libertação de Angola em si, pois que eles nunca pensaram em transformar o movimento religioso em um movimento político e que mais tarde pudesse evoluir ou transformar-se em um governo angolano. Eles defendiam sim, a libertação de Angola, mas em termos religiosos uma vez que considerávamos os colonizadores como sendo diabos na terra pelos actos que praticavam e que por esta razão e com base aos ideais do nosso movimento poderíamos libertar Angola, mas sem nenhuma pretensão de âmbito político.

**Pergunta:** Quais os acontecimentos que marcaram a criação do Povo N'taya? Que significa N'taya?

**Resposta:** Naquele tempo, lá na nossa zona entre Maquela e Damba muitos haviam aderido na "Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo no Mundo", devido as perseguições dos colonos e os regedores e sobas das aldeias aproveitavam-se da nossa igreja, porque nós éramos como ovelhas que seguíamos o pastor, porque aceitávamos ir para qualquer lugar onde nos mandassem e nos tornarmos como escravos destes sobas/régulos. Assim sendo, sempre que os colonos precisassem de pessoas para trabalhar nos contratos, os sobas recrutavam estas pessoas no seio dos membros da igreja tocoísta porque nós aceitávamos, porque fomos orientados pelo Profeta a sermos obedientes e a cumprir com a solicitação das autoridades. E o que acontecia era muito engraçado. Em algumas aldeias vizinhas e até mesmo aquelas que ficavam distantes da localização

onde estivessem os membros da igreja tocoísta, tão logo que se apercebessem sobre a prisão de algumas pessoas ou membros para trabalharem nos contratos, eles se preparavam para qualquer momento também seguirem para estes trabalhos por intermédio dos sipaios que eram os responsáveis pelo alistamento. Por esta razão, os mais velhos entendiam que estes povos deveriam ficar todos numa única aldeia para evitar o sofrimento de ver uns partirem e outros ficarem. Estando na mesma aldeia todos iríamos de uma só vez e acho que muita gente seguia por ver o seu amigo ou familiar ser preso ou ser indicado para trabalhar, então, também por solidariedade e aquela emoção, muitos acabavam se voluntariando para este mesmo trabalho indicado (...).

Em 1961 quando começou a guerra nós fugimos para os primeiros povos ou para as primeiras aldeias que estavam na entrada do Kimbata. Os povos que se encontravam precisamente na área entre Kimbata e Maquela foram os primeiros que fugiram e seguiram para a fronteira e construíram uma aldeia a qual atribuíram um nome com origem angolana que se chamava Fuefue. Este nome foi o que mais velhos do grupo atribuíram a nova aldeia criada na fronteira entre o Congo e Angola, mais para o interior daquele país e assim todo angolano que fugisse para aquele país tinha um lugar para o repouso, lugar de acolhimento. Ficamos naquela aldeia, mas os congolezes depois de verem o crescimento da mesma criaram um conflito e vieram destruir as casas, o espaço organizado para o culto (Igreja) e queimaram tudo e ficamos sem horário e local para orar e cada um passou a fazê-lo na sua casa. Os congolezes descobriram que nós orávamos nas casas, voltaram a fazer confusão nos obrigando a espalhar e abandonar a aldeia e aquele todo mundo que se encontrava nos arredores chegaram até a nossa aldeia e começaram a saquear lá a trazendo pessoas do Congo Léopoldville para ocupar aquele território que estava sob o nosso controle.

No final apareceu um velho angolano que veio buscar o grupo onde estava o meu pai e fomos num kimbo (bairro) chamado Lumueno, situado numa baixa que para chegar lá era muito difícil e nem sequer um avião poderíamos ver passar no ar, pois que praticamente não passavam naquelas áreas, era difícil podíamos ficar mesmo 3 a 4 meses sem vermos um avião. Foi lá a onde ficamos como refugiados e eu notei uma coisa no meu pai e em todos os mais velhos, é que eles fizeram as casas numa rampa/lado só e cada velho assim que fosse para a lavra, no seu regresso, tinha que trazer um monte de lenha, que era dividido entre a sua casa e a fogueira comum, lugar onde fazíamos as refeições, onde todos nos juntávamos e cada dona de casa trazia a comida para o local comum onde estavam sentados os mais velhos e os rapazes que normalmente acompanhavam os pais (...).

Quando fossemos dormir, os velhos às vezes só o faziam a partir duas da manhã, reservando boa parte do tempo para as conversas. Não eram quaisquer conversas, ou seja, no fundo não era só conversa que estavam a fazer, mas aproveitavam aquele período para orar. Vendo o sofrimento pelo qual passavam naquele território do Congo Léopoldville, conversaram e decidiram regressar para as matas da nossa terra (Angola) onde estaríamos a sofrer, mas de preferência morrer lá na nossa terra e não ficar aqui no território do Congo e isso aconteceu entre 08 a 10 meses depois dos ataques.

E coincidentemente, foi neste momento que apareceu o velho Simão Toco entre nós. Quando chegou no Uíge se hospedou no Grande Hotel e só depois seguiu viagem em busca da população nas zonas de Maquela. Foi a nossa procura e quando chegou lá, infelizmente, nós já estávamos no Congo Léopoldville e sendo informado que estávamos nas matas escondidos, dirigiu-se para as mesmas e começou a chamar. Os primeiros se organizaram entre os mais velhos que depois decidiram encontrar-se com ele. E então, foi neste momento em que ele começou a entoar um

cântico “*E yayi numuene ingyienda Mose, yo wana Yisayele*” diante de todos que estiveram presentes e não só para tocoístas, mas para todos os povos que se encontravam aí, angolanos e congolezes, que se mostraram interessados em ouvir o seu sermão, porque ele fazia tipo um comício. Eu admirei uma coisa e foi a partir daí que comecei a ver que este homem tem poder. Depois saiu de Angola e entrou lá no Congo Léopoldville e todo mundo que ouviu falar dele praticamente foi ter com ele e se mostravam admirados e começaram a compará-lo: aqui no Congo Léopoldville tivemos Simon Kimbangu e agora em Angola têm Simão Toco, afinal de contas não morreu.

Mas eu como não lhe conhecia direito, porque era miúdo naquele momento quando foi enviado do Congo para Angola e nem fotografia do velho Simão Toco tive contacto naquele momento. Notei algumas coisas e comecei a perguntar se ele era mesmo e me explicaram que sim e que falava kikongo e tudo. Então, muitos dos que ainda duvidávamos acabamos aceitando. O primeiro grupo que regressou para a aldeia de N'taia (primeira aldeia que se encontrava na via principal) entrou cantando aquele hino “*E yayi numuene ingyienda Mose, yo wana Yisayele*”, apesar de que hoje este hino já não é o mesmo, sobretudo a forma que é cantado, pois que sofreu alteração, porque eu fui um dos primeiros que comecei a cantar este hino. Na aldeia onde estávamos só tinham ficado dois senhores, meu pai e um dos meus tios, porque o filho dele estudava distante e naquele momento não se fazia presente, por esta razão nós ficamos lá e todo mundo subiu para aldeia onde estava Simão Toco e nós ficamos apenas duas famílias e saímos mais tarde, depois de cerca de 10 dias. Aquando da nossa saída seguimos pela via de Kimpangu até alcançar Kimbata e a partir daqui subimos em dois jeeps até Maquela do Zombo. Nesta viagem passamos pelo povo N'taia antigo, que por sinal já albergava os primeiros regressados e fomos diretamente para Administração de Maquela onde fomos registados e nos deram os cartões de residência e lá vinha escrito que o local de residência seria no “N'taia”. O velho Simão continuava a visitar a aldeia e fazer a exploração da área, andando de um canto para o outro e eu pensava que estava abençoando os rios, mas afinal de contas estava em busca de um novo terreno onde poderia construir o novo bairro e só depois de quatro dias é que eu entrei dentro do assunto.

Um dia apareceu e vinha de um carro atribuído pelos colonos brancos e se reuniu com os mais velhos e lhes disse: “Deus mostrou-me um terreno onde vão construir o novo bairro (...) o terreno me foi dado pelo senhor Pedro Kayla, que quer dizer dar oferta”. De facto, o nome da nova aldeia continuou a ser “N'taia” em referência a aldeia antiga, nome que havia sido atribuído pelos colonos e não foi na verdade Simão Toco. Porque depois saberem que estávamos na aldeia antiga onde se localizava a nossa Igreja, onde nós orávamos no domingo, a Administração colocou nos nossos documentos aquele nome e muitos mesmo afastados, mas por causa da ligação que se tinha com os tocoístas, acabaram tendo o mesmo nome nos seus cartões de residência. E quando chegamos lá o povo/aldeia já estava traçada e bem alinhada com as respetivas ruas e quarteirões e cada velho foi ocupando a sua parcela e começaram a construir. Não me recordo do dia em que Simão Toco deixou Maquela, dando findo a digressão (me encontrava doente e não tive conhecimento da sua partida).

Durante a fase das viagens as matas, Simão Toco congregou muita gente, mas não sei precisar o número exacto, é possível encontrar estes dados nas fontes da PIDE ou nos arquivos da Administração dos colonos.

**Pergunta:** Porque é chamada de “Terra Santa”?

**Resposta:** é chamada de “Terra Santa”, porque primeiro foi indicado por Deus, através das orações do velho Simão Toco e segundo, porque se tornou no grande Centro da Igreja e foi maioritariamente constituído por pessoas da nossa Igreja.

**Pergunta:** Os colonialistas portugueses assassinaram alguns membros do Tocoísmo que form associados à UPA?

**Resposta:** Sim. Eu me recordo porque na nossa zona há um povo que sofreu muito, mas talvez havias razões, porque o velho falava e o nosso cartão vinha escrito “não filiar-se a UPA ou a outro qualquer movimento político, que não seja cristão”. Cada casa tinha que ter aquele cartão e serviu praticamente como a identidade de todos os angolanos regressados e que eram adeptos do Tocoísmo. Nas deslocações era muito importante, pois que a sua apresentação permitia a livre circulação, mesmo sabendo o português ou não, mas o cartão simbolizava alguém regressado das matas depois de 1961. Eu senti um pouco sobre a morte de nossos irmãos da parte do Béu (Maquela do Zombo), na verdade morreram e incluindo inocentes, morreram na água quando procuravam fugir para o outro lado do rio, até os que sobreviveram, alguns eram atirados ao rio pelos militares, mas o que ajudou era o contacto que tinham em viver juntos dos grandes rios e muitos criaram aptidões de nadar e muitos conseguiram encontrar refúgio na aldeia N’taia, onde se encontrava o grosso da população. O que aconteceu no Béu foi doloroso, porque o capitão Ramalho que estava em frente tinha o espírito sanguinário, mas Deus ajudou, porque muita gente salvou, exemplo do mais velho Manuel Nsadila, Filipe Timóteo (este foi lançado na água, mas sobreviveu) e estes assistiram a morte dos outros e não entendemos como safou para a outra margem.

**Pergunta:** Simão Toco falava num (ou tinha um) plano para a independência de Angola?

**Resposta:** abertamente não tenho conhecimento, a não ser que seja espiritualmente (...) não nos ensinou sobre isso, mas no desenrolar dos acontecimentos, ele demonstrou apoio aos políticos, pois que depois do seu regresso em Angola, 1974, chegou de visitar a sede dos movimentos políticos em Luanda. Mas nunca se posicionou como verdadeiro político.

**Pergunta:** Sobre as divisões da Igreja Tocoísta em Angola. Quais as razões de que tem conhecimento?

**Resposta:** posso dizer que começou em 1982, abertamente, isso depois da sua morte, depois do seu enterro. Os do N’taia pensavam que haveria uma formalidade para as decisões do rumo da Igreja e tinham em mente em ficar a cumprir o luto do fundador em Luanda, pelo menos 30 dias, consoante aquilo que os filhos de Israel fizeram aquando da morte de Moisés. Mas depois do funeral, as pessoas espalharam em direcção ao seu local de residência, indiciando alguma confusão entre aqueles que se encontravam a frente da Igreja. Ninguém chamou o outro para uma conversa de consenso. Mas a grande confusão começou quando em 1961 abandonou os Tocoístas do Vale do Loge.

No N’taia, onde estive presente, acompanhei o evoluir da situação sobre a divisão, dizer que era antiga (... risos), a divisão começou por confusões de liderança entre os provenientes do Vale do Loge e daqueles que se encontravam no N’taia. Aquando do trabalho de chamamento das pessoas que se encontravam nas matas, Simão Toco havia indicado dois sacerdotes e orientou que toda a gente devia cumprir com aquilo que eles poderiam dizer, seriam os responsáveis, por exemplo, pela confissão e pelo enquadramento de novos membros que quisessem aderir a Igreja. Os indicados foram os senhores António João Teresa e o mais velho Teca, este natural da Damba (...), mas essa nomeação não foi consensual e criou logo o mal-estar, pois que muitos alegavam que já existiam algumas pessoas indicadas para exercer tais funções (...), nas reuniões não havia entendimento. Um dia, por volta das 09h00 (não me lembro bem qual o dia), um destes conselheiros apareceu morto (...) e o segundo ao ver o outro, também morreu, não se sabe por que causa.

No N’taia Novo as guerras intensificaram, e tudo ficou a dever-se as divergências entre os

provenientes do Congo Léopoldville e aqueles oriundos do Vale do Loge, chegando até ao ponto de proibirem os cruzamentos por meio de casamentos dos jovens dos dois lados. Na realidade, as confusões começaram entre aqueles primeiros regressados com Simão Toco em 1950 que se tinham fixado no Vale do Loge. Tenho que confessar que estes foram os primeiros grandes aprendizes de Simão Toco e aprenderam muita coisa, tendo como base os conhecimentos trazidos do Congo Léopoldville. No colonato, não sei bem o que aconteceu, mas posso dizer que nós que nos encontrávamos em Maquela, cantávamos um hino (*Colonato Vale do Loge, Mbanza a tu songele, vo tu komba a ntima se tua luaka ko: em português*). Enquanto estavam lá no Colonato Vale de Loge, a nossa intenção, nós de Maquela, sobretudo, os mais velhos que se encontravam no N'taia, tinham esperança de serem capturados pelas autoridades coloniais e enviados para o Vale do Loge, mas a guerra quando veio não aconteceu. Depois da guerra, Simão Toco havia orientado que os que deviam permanecer no Vale do Loge deviam ser os nativos e todos os outros que não pudessem regressar para lá, mesmo os provenientes do Congo Léopoldville. Então, aqueles que haviam fugido do Colonato e que mais tarde se juntaram a nós no N'taia, tinham ar de serem confucionistas, como foi do caso das mortes misteriosas dos conselheiros indicados por Simão Toco, António João Teresa e velho Teca.

**Pergunta:** Referiu que Simão Toco abandonou os Tocoístas do Vale do Loge. Quais as razões que aponta para isso ter acontecido?

**Resposta:** Não existia entendimento entre os do N'taia e dos Colonato do Vale do Loge. Tomei conhecimento, em uma das reuniões com os do N'taia, que Simão Toco havia dito que abandonou os Tocoístas do Vale do Loge e que eles ficariam a sua sorte até que a morte os encontrasse (...), mas depois mudou de ideias e aceitou o pedido dos demais velhos e permitiu a entrada dos mesmos em N'taia. A base de abandono dos tocoístas por Simão Toco, prende-se com a morte de Daniel Araújo Nfinda, até ao ano de 1961, líder da comunidade dos Tocoístas do Vale de Loge, supostamente por traição por parte de alguns membros que queriam ser chefes e isso deu início a confusão dentro da Igreja. Alguns Tocoístas do Vale do Loge foram mortos pelos colonialistas durante a fase de 1961 e foram considerados como membros da UPA.

**Pergunta:** Embora das confusões mencionadas atrás, existiu ou não relação entre os membros do N'taia, Vale do Loge, Luanda e outros centros Tocoístas?

**Resposta:** Sim. Existia uma relação entre os membros, pois que no princípio o Centro da Igreja se encontrava no Vale do Loge e só mais tarde passou para N'taia e Luanda. Existiam os *mayembe* (carteiro) que tinham facilidade de viajar de um canto para o outro, supostamente, eram pessoas que estiveram ao serviço da PIDE e levavam as cartas de um lado para o outro, estavam distribuídos entre os vários pontos onde se encontravam os tocoístas. Depois dos levantamentos da UPA em 1961, no ano seguinte, muitos tocoístas do Vale do Loge foram transferidos para Luanda e por mais incrível que pareça, com eles se instalou também a crise de liderança da Igreja em Luanda. Começou a existir a deturpação da informação, mais precisamente a partir de 1963 quando Simão Toco começou a escrever e dirigir a Igreja por meio das cartas que ele mandava a partir dos Açores onde tinha sido exilado. Os do Vale do Loge sempre que tivessem contacto com uma carta proveniente dos Açores, antes de as enviar para outras localidades, como N'taia, transcreviam-na, sem o consentimento da Direcção Central e trocavam as informações contidas na original e isso foi descoberto e começou a provocar muita crise.

Aqui devo dizer que a organização assentava nas 16 tribos e 18 classes. A função da tribo era resolver os problemas e/ou assumir a liderança da Igreja por área de origem, mas não poderiam interferir na direcção central da Igreja. Os do Vale quando tomassem conhecimento de uma situação, não analisavam e directamente faziam queixa ao velho Simão Toco, isso deixou os demais aborrecidos e cada um procurou assumir o controlo da Igreja.



Dados do entrevistado  
Caraterísticas sociodemográficas

**Nome completo:** Almeida Ima

**Naturalidade:** Maquela do Zombo/Uíge

Idade: 75 anos

Nacionalidade: Angola

Caraterísticas Pertinentes

Cargo/Função anterior: Membro

Cargo/Função atual: Membro da Igreja (ancião)

Instituição: Igreja Tocoísta - Uíge

Data da Entrevista: 23-05-2016 Hora: 14H00 Fim: 14H45 Local: Uíge

**Pergunta:** Como se chama, idade e local de nascimento?

**Resposta:** Almeida Ima, natural do Uíge, aldeia M'banza Luanda

**Pergunta:** Onde viveu entre a emergência do Tocoísmo e sua expansão em Angola? Nomeadamente no periodo compreendido entre 1949 e os anos 1960s?

**Resposta:** durante o surgimento do Tocoísmo eu me encontrava no Songo, zona fronteiriça com o Bembe. Conheci Simão Toco em 1942, numa viagem que fez do Bembe para o Uíge.

**Pergunta:** Refere que viveu no Congo Léopoldville (ou noutro local). Quando é que foi viver para lá e qual foi a causa?

**Resposta:** Sim. Emigrei para o Congo por volta de 1945 permanecemos até finais dos anos 1960 quando em Angola se iniciou a guerra de libertação levada a cabo pela UPA em 1961. Entrei em Angola como membro do Tocoísmo, daqueles grupos que foram expulsos pelo Governo belga.

**Pergunta:** Em que ano começou a ser membro ou adepto do movimento Tocoísta?

**Resposta:** comecei a ser adepto praticamente desde a sua fundação em 1949. Fiz parte dos primeiros membros que abraçaram o Tocoísmo depois da descida do Espírito Santo em África.

**Pergunta:** Como caracteriza o movimento tocoísta? Simão Toco defendia a liberdade religiosa? A esta defesa Toco associou uma componente política?

**Resposta:** bem, para ser sincero, digo que o que esteve na base da fundação era mesmo a religião. Nós queríamos entender a Bíblia e já tínhamos algumas aulas com o Profeta antes da descida do Espírito Santo. Relativamente ao aspecto político, tenho que dizer, que apenas a mensagem era de libertação do jugo colonial, não tinha um fim político definido. Mas existem alguns cânticos que levam a entender que o Tocoísmo se parecia com um movimento político. Naquela época ele gostava cantar, juntava crianças e as ensinava a cantar nas quatro vozes. Um cântico que me lembro que nos ensinou foi: “Mfingi tatu, mfingi tatu, mesu mefwa; kadi mumona luna kansi bakisa nkatu”, que em português posso traduzir: “três ratinhos cegos; porque estão vendo, mas não entendem”. Ele próprio foi o compositor e depois nós aprendemos e começamos a cantar.

Entrevista cortada, pois que o ancião já não quis prestar mais informações, emocionou-se ao recordar de alguns momentos vividos.